

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**A INVENÇÃO DE CAICÓ CARNAVALESCA NAS BATALHAS DA MEMÓRIA
(1980-2009)**

Lydiane Batista de Vasconcelos

**RECIFE
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

A INVENÇÃO DE CAICÓ CARNAVALESCA NAS BATALHAS DA MEMÓRIA
(1980-2009)

Lydiane Batista de Vasconcelos

Trabalho de Dissertação apresentado
ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção de título de
Mestre em História Regional do Brasil
na Linha Cultura e Memória, sob
orientação da Professora Dra. Isabel
Cristina Martins Guillen.

RECIFE
2010

Vasconcelos, Lydiane Batista de

A invenção de Caicó carnavalesca nas batalhas da memória (1980-2009) / Lydiane Batista de Vasconcelos. -- Recife: O Autor, 2010.

207 folhas, il., fotos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2010.

Inclui bibliografia.

1. História. 2. Caicó (RN) – História social. 3. Carnaval. 4. Memória. 5. Análise do discurso. I. Título.

981.31

981

ed.)

CDU (2.

CDD (22. ed.)

UFPE

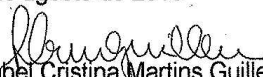
BCFCH2010/144



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA LYDIANE BATISTA DE VASCONCELOS

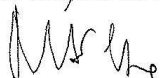
Às 9h do dia 31 (trinta e um) de agosto de 2010 (dois mil e dez), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Lydiane Batista de Vasconcelos** intitulada "**A INVENÇÃO DE CAICÓ CARNAVALESCA NAS BATALHAS DA MEMÓRIA (1980-2009)**", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito "**APROVADA**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Isabel Cristina Martins Guillen (orientadora), Antonio Paulo de Moraes Rezende e Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega. A validade deste grau de Mestre está condicionada à entrega da versão final da dissertação no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar a partir da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam, a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 31 de agosto de 2010


Profª. Drª. Isabel Cristina Martins Guillen


Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende


Profª. Drª. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega


Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho


Sandra Regina Albuquerque

AGRADECIMENTOS

As dificuldades que uma pesquisa acadêmica impõe a quem se propõem realizá-la, apenas se tornam transponíveis com a ajuda, compreensão e paciência das pessoas com quem o pesquisador convive. Assim, após árdua, porém prazerosa tarefa, gostaria de agradecer a todos aqueles que indireta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa pesquisa. É certo que no decorrer do tempo que estive envolvida com este trabalho, tive a colaboração de muitas pessoas, o que torna impossível mencionar aqui todos os nomes. A esses, minhas desculpas e meus agradecimentos.

Começo agradecendo a minha família pelo apoio e incentivo de toda a vida, a meu pai primeiro historiador que tive contato, a minha mãe por sua calma em repetir sempre que apesar de tudo que passamos tudo daria certo. A minha irmã Julyana pelo amor as manifestações carnavalescas e a minha irmã Polyana que ajudou nas transcrições das fitas. A minha tia Graça que me abrigou na casa dela em Recife até o período de concessão da bolsa, meu muito obrigada.

Agradeço profundamente a minha querida orientadora Isabel Cristina Martins Guillen que com toda paciência, me apoiou desde o início. Em meio a tantas tormentas pessoais, Isabel esteve presente de alguma forma.

Agradeço a Elisa Mariana Medeiros pelo carinho e amizade durante os anos da minha graduação, pelos ensinamentos e conselhos sobre a academia mais, sobretudo sobre a vida. E a todos os amigos que conheci durante longas viagens até chegar no Campus.

Agradeço imensamente a Erivan Ribeiro por me acolher em sua casa na cidade de Caicó todas as vezes que fui a campo, muito obrigada meu amigo. Meu carinho ao meu amigo e historiador Laércio Teodoro que esteve sempre comigo, me acompanhou na pesquisa e que simboliza em seus gestos o sinônimo da palavra amizade.

Agradeço aos amigos do Mestrado, especialmente a amiga Patrícia Alcântara, que surgiu como um presente, com a qual dividi o apartamento, segredos, lágrimas, sorrisos e sonhos muitos sonhos e com a convivência tornou a solidão de viver em Recife mais agradável. A Íris Melo, amiga que propiciou conversas leves construídas sempre com alegorias cinematográficas ou literárias, a convivência com Íris foi acima de tudo um carinho diário. A Rogério França amigo que me fez rir muito ao gosto de cervejas e ao som de várias músicas desconstruídas nos bares Bigode e Cavanhaque, com Rogério vieram a Lela e o Jairo, pessoas as quais tenho um carinho enorme.

Agradeço a João conterrâneo das bandas da Paraíba, pelo carinho expressos nos abraços e conversas, sobretudo quando pegávamos o Rio Doce CDU juntos.

Agradeço a professora da UFRPE Ângela Grillo pelas indicações e orientações ao trabalho durante as arguições na banca de qualificação.

Agradeço aos professores do Programa de Pós Graduação em História, em especial a Antonio Paulo Rezende pelas aulas prazerosas, pelas leituras indicadas e pelas arguições na qualificação e a Antonio Torres Montenegro pelas leituras intensas nas aulas, por criar o hábito constante de escrita. Aos Antonios nas suas diferenças meu muito obrigado.

Agradeço a todos os funcionários dos arquivos da Tribuna do Norte que me atenderam com tanto carinho, a Zezé da Rádio Rural que conseguiu uma parte do arquivo na rádio. Agradeço aos secretários da Pós Graduação em especial a Carmen e Sandra Regina que se fizeram presentes pessoalmente e via email, nos ajudando sobre os prazos. Agradeço ao CNPQ por ter incentivado este trabalho, fomentando-o financeiramente com a concessão de bolsa para que me mantivesse durante alguns meses de minha pesquisa.

RESUMO

O presente estudo objetiva historicizar um problema, qual seja: como foi possível que Caicó passa se a ser nomeada como Cidade Carnavalesca num curto período de tempo que compreende dos anos finais da década de 80 do século passado ao ano 2009 deste século? Neste sentido, o presente trabalho busca apresentar quais foram as condições históricas de possibilidade deste deslocamento. Os festejos carnavalescos da cidade, a partir de um determinado momento da história de Caicó passam a ser apresentadas como acontecimentos espetaculares da e na história da cidade, ou pelo menos é isto que alguns discursos querem fazer crer. Buscamos, portanto, historicizar a invenção desta festa, tentando mostrar as relações de e entre poder e saber que se encontram na sua fundação. Buscando mostrar que são produtos de interesses políticos, econômicos, sociais e culturais de variadas instituições e segmentos da sociedade local, que são efeitos de relações de forças que põe em jogo e movimentam estratégias que tentam articulá-las ao nome e a imagem da própria cidade. E que para se instituírem tentam a todo custo silenciar, mascarar, embotar ou até mesmo “matar” aqueles que se colocam como o outro nas correlações de força com que se defrontam. Analisamos os discursos, os agentes e as instituições que disputam a produção de uma memória hegemônica sobre os festejos da cidade.

Palavras-chaves: carnaval, invenção, Caicó, memória.

ABSTRACT

This study aims to historicize a problem, which is: how could Caicó going to be named as Carnival City in a short period of time that covers the final years of the 80s of last century to the year 2009 this century? In this sense, this paper aims to show what were the historical conditions of possibility of this shift. The Carnival festivities in the city, from a certain moment of history Caicó become presented as spectacular events and history of the city, or at least that is what some of the speeches would have you believe. We seek, therefore, historicizing the invention of this party, trying to show the relationships of and between power and knowledge that lie at its foundation. Seeking to show that they are products of political, economic, social and cultural institutions and various segments of local society, which are effects of relations of power that brings into play and move strategies that attempt to articulate them to the name and image of the city itself. And that to establish attempt to silence at all costs, masking, dull or even kill those who stand as the other in the correlation of forces faced. We analyzed the speeches, the actors and institutions vying for the production of a hegemonic memory about the celebrations of the city.

Keywords: Carnival, invention, Caicó, memory.

SUMÁRIO

Introdução ou Concentração	10
Cap.1. <i>Fazer chover com confetes</i> : os discursos sobre os festejos carnavalescos nos clubes e na rua	24
1.1. Costurando retalhos : as produções locais sobre os Clubes Carnavalescos	24
1.1.2. “Abram alas para os clubes de carnaval” : as narrativas sobre os clubes caicoenses	33
1.1.3. “Máscaras não! : as proibições carnavalescas	43
1.1.4. Do alto de seus carros ”: os cursos carnavalescos	52
Cap.2. “Nódoas de Imagens” : carnaval, espaços e memórias	67
2.1. A institucionalização do Carnaval de Rua em Caicó: o QG da folia	72
2.1.1. (Re)vivendo carnavais : a Ala Ursa do Poço de Sant’ Anna	77
2.1.2. -Re(afirmando) um bloco popular para a cidade : outras narrativas sobre a Ala Ursa do Poço de Sant’ Anna	93
2.2. A invenção de um carnavalesco : nasce Magão	105
2.2.1. “Eu tenho fotografias de tudo sobre o carnaval” : arquivo pessoal uma “evidência” de si	120
Cap.3. “Salve o Samba!” : As escolas de samba entre passos e(des)compassos	132
3.1. Entre sambas e enredos: a trajetória da escola Vila do Príncipe	134
3.1.1. A população se amontoava nas calçadas para ver os desfiles : as narrativas sobre os desfiles da Escola de Samba	149
3.1.2. Entre tramas e sensibilidades : a trajetória da Unidos da Vila do Príncipe nas vozes dos mais velhos	160
3.2. Remexo nessa caixa de bagunças, bagunças das minhas memórias : as narrativas sobre a Escola de Samba Nova Portela	169
3.2.1. Eu quero muito ver, antes de eu morrer minha Escola de Samba na Avenida	184
Apoteose? ou Considerações Finais?	194
Arquivos	199
Referencias Bibliográficas	200

Introdução ou Concentração

Reinado de Momo, carnaval do interior, burrinhas, “assaltos”, clubes, corso, escolas de samba, loucos, Ala Ursa, folia do “povão”...Tantos nomes adjetivaram nas narrativas, fossem elas orais ou escritas, os festejos carnavalescos de uma cidade do Seridó. O visitante, que porventura viesse a assistir a um desfile de um bloco carnavalesco nesta cidade, estranharia a quase ausência de música durante o cortejo, pois há apenas dois carros improvisados um que conduz a orquestra de metais e outro que serve de amplificador deste primeiro carro. A marcha carnavalesca que está sendo tocada, geralmente é ecoada através dos foliões que cantarolam as músicas durante o percurso.

A frente do bloco, bonecos gigantes de papel machê marcam a imagem de andarilhos que povoaram as ruas da cidade durante as décadas de 1960 a 1980. Os carros quebram com frequência, os foliões os empurram, o frevo não para. Tudo parece fazer parte de um grande improviso dos organizadores e dos foliões. O estranhamento deste visitante fictício pode ser comparado ao que eu mesma experimentei como turista, em visita a cidade ouvindo as marchas cantadas por foliões que se espremiavam na Avenida para brincar o carnaval. Naquele ano de 2005 comecei a me interessar por uma pesquisa sobre festas populares. Queria saber um pouco mais sobre a cultura daquela cidade, afinal me impressionava um carnaval no sertão. Ao iniciar a pesquisa minha surpresa foi me deparar não só com a própria existência de um carnaval, mas principalmente com uma quantidade de práticas e significados muito diferentes das formas mais conhecidas da folia na atualidade.

Existiam clubes carnavalescos da “elite caicoense” que realizavam bailes carnavalescos mediante pagamento e que desfilavam em seus carros fantasiados para serem vistos por outros foliões. Que mundo era aquele? Afinal era uma festa “popular” ou não? De início mera curiosidade de uma turista-foliã que freqüentava o carnaval daquela cidade, posteriormente, estas perguntas acabaram me levando a presente pesquisa sobre os discursos que agenciaram Caicó como uma cidade promotora de um carnaval de rua.

Fiz-me uma viajante nesses caminhos traçados por passos e palavras, que vão formando e (de)formando o carnaval da cidade. E de tanto buscar um caminho, querendo dar conta de sua verdade, deparei-me não com uma história sobre o festejo, mas com um

mosaico de poses, um mosaico de gestos, com múltiplas personagens que se imprimem naquele espaço.

E tal como o escritor Biá¹, que para salvar a vila de Javé das águas, tinha que por em papel, as narrativas de origem da cidade, contadas e recontadas inúmeras vezes, *“juntar as palavras espalhadas nas cabeças e botar as letras no papel”*. Também esta historiadora quis falar com alguns narradores, saber de suas histórias, para tecer nas minhas páginas em branco; histórias carnavalescas.

Ao perceber o peso de escrever uma história científica para Javé, Biá folheia as páginas em branco, do livro posto a sua frente. Páginas brancas que teriam que ser coloridas com palavras que contassem uma única versão sobre a “grande história de Javé”.

A cidade que povoa as minhas páginas, colorindo-as é outra, assim como os narradores e as histórias que me foram contadas. No entanto, há algo no fazer dessa narrativa que me aproxima de Biá. Esta aproximação estaria no processo de cruzar as diferentes versões e fabricar um texto.

Restando tanto a mim, quanto a personagem apenas os rastros destas histórias, que postas no texto não pretende dar voz em sua totalidade aos depoentes. Os textos das entrevistas não habitarão em sua completude as minhas linhas, visto que para compor a minha narrativa me utilizei de cortes, desfiz as falas, para compor este escrito.²

Uma vez seguindo estes traçados, alguns escritos por jornalistas que procuraram contar essas histórias carnavalescas, outros desenhados pelas narrativas orais, múltiplas impossibilidades eram colocadas diante desta historiadora, que ouvindo as narrativas alheias, passageira do campo dos outros, encontrava em meio a essa pesquisa labiríntica, inúmeras falas. Não um discurso único sobre o carnaval de Caicó, mas tecidos discursivos roídos, carcomidos pelas traças do tempo.

E assim como Biá, que vivia atormentado por não encontrar uma única versão que desse conta da diversidade de personagens narradas pela comunidade de Javé, também essa historiadora fez com esse emaranhado de versões a escritura deste texto. Foi

¹ Refiro me aqui a personagem Antonio Biá, presente no filme: *Narradores de Javé*, da cineasta brasileira Eliane Café. Biá funciona no filme como uma espécie de historiador que a partir das narrativas orais da comunidade, tenta escrever a história da fundação da cidade.

² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.

assim que esta cartógrafa³ de versões se fez presente, unindo essas falas desordenadas, fazendo-as vibrar no texto. A exemplo desta série de discursos destacamos:

É carnaval para ninguém botar defeito. Claro que nada se compara as megafestas de Salvador, Recife ou Rio de Janeiro. Mas guardadas as proporções, ninguém pode reclamar da falta de opções de carnavais bastante animados no interior do Rio Grande do Norte. Mas do que isso, até. Há muito tempo o carnaval potiguar vem sendo marcado mais pela “Festa no interior”, do que pelos agitos momescos da capital. Cada vez mais Natal vem aumentando suas opções de carnaval – este ano, a prefeitura instalou seis pólos- na tentativa de segurar os natalenses em casa e impedir que eles fujam em busca das cidades que se localizam Estado a dentro. Mas ainda vai levar tempo para se concretizar. Mais uma vez, os maiores eventos e preferidos pelo povo, são realizados longe da capital. Até porque as prefeituras do interior não tem ficado atrás em investimento. Altas quantias são investidas em estruturas gigantescas e inúmeras opções de estilos de carnaval são algumas das características das festas. E é interessante notar que, apesar da invasão inexorável do “estilo baiano de pular carnaval”, a folia de outros tempos não foi esquecida e o frevo rola solto nos quatro cantos do RN. Resta ao folião escolher a cidade, botar o carro na estrada e ser feliz por quatro dias e quatro noites.⁴

O artigo acima é indicativo da imagem e dos enunciados que a mídia, políticos, memorialistas e demais segmentos de Caicó tentaram construir, se colocando nos lugares de sujeito deste tipo de discurso para a cidade e sua sociedade ao longo da década de 1990. O discurso acima resume e aponta também para o enunciado constituído e articulado sobre a cidade, qual seja: o de Caicó como carnavalesca em todos os aspectos. Enunciado que tenta produzir a cidade e a região do Seridó⁵ onde esta se localiza como

³ Uso os conceitos de cartógrafa e cartografia neste texto no sentido em que trabalham Felix Guatarri e Suely Rolnik, cartografia como algo oposto a mapa: cartografia como movimento Ver: Guatarri e Suely Rolnik, “*Micropolítica : a cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁴ Revista: *Alegria também é arte... Ala-Ursa do Poço de Sant’Ana*. Digitek Acessórios. Edição nº01, Caicó-RN, 2003.

⁵ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (BRASIL, 1989) a microrregião do Seridó situa-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte e, atualmente, é representado pelos territórios de 17 (dezesete) municípios que são: Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, Serra Negra do Norte e Timbaúba dos Batistas. Além da configuração espacial produzida pelo IBGE para o Seridó norte-rio-grandense, pode-se considerar uma outra configuração que seria a do Seridó historicamente construído. Este, atualmente, é composto pelo território de 23 (vinte e três) municípios que, de forma direta ou indireta, se desmembraram de Caicó, primeira municipalidade a se constituir no referido recorte espacial. A reestruturação do Seridó, em sua fase recente, foi marcada pelo recrudescimento das manifestações identitárias. Foi o conteúdo simbólico/objetivo que a sociedade converteu em argamassa da estrutura regional, ao transformar o seu patrimônio cultural – objetos, símbolos, crenças e manifestações – em âncora do processo de reavivamento de sua identidade. A identificação e valorização simbólica do espaço seridoense pelos seus habitantes projetam-se sobre uma base material que lhe serve de referente. Em decorrência, as pessoas não só se denominam seridoenses, como os outros as reconhecem como tal. Na esteira da valorização da cultura e do fortalecimento do discurso-imagético regional, o Seridó foi sendo reinventado e um novo texto,

um espaço atrativo e em desenvolvimento na produção de festejos carnavalescos. Lugar de “fuga” para boa parte da população que não encontra em sua cidade atrativos carnavalescos.

Uma série de discursos passa a ser agenciados e passa a apresentar a cidade de Caicó, para aqueles que a habita(va)m e principalmente para os que a visita(va)m, não como uma cidade qualquer, mas como a cidade que produz o maior carnaval de rua do Rio Grande do Norte, e que, apesar de ser uma cidade do interior, se destaca pelo seu carnaval, alegria, hospitalidade, blocos carnavalescos, tradição e, como resultado de tudo isto, grandiosidade. Contudo, ao que nos parece, estas imagens e discursos articulados pelo enunciado que busca constituir Caicó como carnavalesca é produto de inúmeras batalhas e estratégias⁶, de uma guerra de sentido, de significados postos, repostos, reproduzidos e atualizados que envolveram as diversas pessoas que vieram ocupar os lugares de sujeito daqueles discursos e as instituições que lhes deram respaldo e sustentação ao longo da década de 1990 até os dias atuais. Uma batalha que envolve inúmeras disputas de interesses, de espaços e desfiles carnavalescos que se instituem como campos de combate foram (e ainda são) agenciados pelos beligerantes em luta, na defesa de seus projetos e interesses, que dependendo do período vivido gravitavam em torno de objetivos diversos.

Neste sentido, o presente trabalho busca apresentar quais foram as condições históricas de possibilidade da cidade de Caicó localizada na região do Seridó do Rio Grande do Norte passasse a ser nomeada como Cidade Carnavalesca no período de 1980 a 2009. O período escolhido para análise constituiu um momento de transição, onde o carnaval da cidade passa de um evento a ser festejado por poucos a uma festa que passa a ser associada a “folia de todos”. Assim, nestas décadas, inúmeros agentes reinterpretaram

entremeados às escritas anteriores foi sendo impresso, com especial realce para o avultamento da dimensão cultural e, neste, o poder da identidade. A consistência e a eficácia desse poder podem ser avaliadas pela forma como se introjetou nas diversas instâncias da sociedade regional. Neste processo, é possível que os dispositivos da resistência tenham adquirido maior visibilidade no cenário da economia, através da projeção da identidade seridoense nos produtos da terra como carne-de-sol, manteiga da terra ou do sertão, queijo de coalho, queijo de manteiga, bordados, entre outros. O diferencial qualitativo destes produtos se define nas entrelinhas de um saber-fazer que mescla arte, tradição e inovação, evidenciando que a carga histórica não foi consumida pelo tempo e nem pelas adversidades. Nas entrelinhas das relações sociais que impulsionaram a reestruturação regional, também a instância política serviu de cenário de resistência, o que pode ser percebido através das manifestações identitárias que fluíram dos discursos e símbolos da representação política seridoense.

⁶ Estou pensando o termo estratégia como o pensa Michel de Certeau, ou seja, como o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças. CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995. _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 2003.. p 99.

os sentidos dos festejos na cidade, passando de um espaço privado da elite, para uma festa onde todos pudessem brincar juntos na rua.

Tal construção, porém, não se deu “*espontaneamente*”, nem “*naturalmente*”. Da mesma forma, ela não foi uma obra realizada por todos os foliões indistintamente; foi sim um produto de um intenso trabalho político, principalmente, pelos poderes públicos e pela imprensa. A partir da década de 1990 com os investimentos públicos em carnavais de rua, foi sendo convenciona e cristalizada uma história sobre o carnaval de rua de Caicó. Uma história constantemente capitalizada pelas falas das pessoas que viveram os carnavais populares, e que através de seus relatos, de sua memória oral, transformou-se em livros memorialistas.

Ao optar por estudar o carnaval é necessário entender o conceito de cultura popular na atualidade. Se este ainda é válido para os estudos históricos, e ainda, como equacioná-lo num mundo em constante transformação, em que a indústria cultural se apropria dos festejos.

As afirmações de Roger Chartier⁷ e Michel de Certeau corroboram para pensarmos que o conceito de cultura popular ainda é válido na medida em que marca o lugar social onde é produzida e permite um revelar das diferenças e dos significados que as práticas culturais adquirem no seu fazer.

Ao analisar a história dos blocos carnavalescos deste período, percebemos que esta questão é o resultado de um longo processo de disputa entre diferentes atores sociais, não podendo ser imputada apenas ao recente processo de globalização e mercantilização da cultura. É preciso considerar a dinâmica da disputa local para se entender minimamente estes problemas. Em torno desta questão, pretende-se discutir as estratégias de alguns integrantes de blocos diante das ações de instituições públicas que financiam e divulgam o carnaval, bem como dessas próprias instituições e do processo de massificação da cultura popular e de sua espetacularização.

Trata-se de um momento histórico em que o erudito e o popular aliados aos veículos de massa ganham novas feições se interpenetrando, e não é mais possível perceber o carnaval popular sem perceber as influências da cultura erudita e da indústria cultural. O carnaval pode ser entendido como um campo de disputa e subversão

⁷ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

simbólica de poder, onde os blocos, desde a sua emergência, passaram por uma fase de ressurgimento, marcados pelo surgimento de novos elementos e pela extinção de outros. As narrativas sobre o carnaval estão repletas de historicidades, possíveis de serem problematizadas para dimensionar a (re)invenção dessa tradição.

Uma história de histórias que, buscando os vários fragmentos arranjados em torno da trama do carnaval, tentaremos entender o porquê do seu surgimento como “popular”. A partir de que práticas e de que discursos se construíram e instituíram historicamente a “invenção do carnaval do povo”?

As interpretações apresentadas nesta dissertação foram construídas majoritariamente a partir de textos publicados nos seguintes periódicos: A Tribuna do Norte, O Diário de Natal, A Folha do Seridó e o Jornal de Caicó.

As notas acerca das festas carnavalescas analisadas sobre a década de 1980, da presente dissertação, não foram predominantemente produzidas pelos jornalistas. Em sua maioria, eram bilhetes, cartas e informações fornecidas pelos integrantes dos próprios grupos de foliões, indicando o local das festas e o trajeto das apresentações públicas, convidando clubes vizinhos, anunciando as novas fantasias e concursos, combinando horários de ensaios e reuniões. Os jornais da cidade eram abertos a divulgação de informações fornecidas pelos próprios festeiros. O Diário de Natal e a Tribuna do Norte eram os periódicos mais procurados por foliões que buscavam publicidade para seus festejos.

Além dos textos publicados na imprensa diária, também foram utilizadas como fontes algumas memórias escritas por membros da comunidade de Caicó. Em seus escritos, eles fizeram referência aos festejos carnavalescos. Essas narrativas são importantes porque evidenciam as significações atribuídas pelos moradores da cidade ao carnaval e aos foliões.

No entanto, foi a partir dos relatos orais que pude tecer uma história sobre os blocos carnavalescos de rua na cidade de Caicó, pois a documentação escrita sobre esses blocos é quase inexistente, visto que os jornais não costumavam publicar essas “outras formas de brincar carnaval”.

Nesse sentido, tenho por objetivo central compreender os significados da tradição oral destes grupos carnavalescos, o que pode nos revelar como os narradores compreendem e (re)constroem o acontecimento do passado, dando relevância ao

processo de transmissão oral das memórias, ao contexto em que emergem e ao imaginário festivo que constroem e reproduzem, inerentes aos mecanismos que possibilitam a rememoração. Dessa forma, as narrativas orais da tradição possibilitam compreender como o passado é construído, processado e integrado à vida social.⁸

Assim, refletir sobre os festejos e articulá-lo ao processo da narração oral pelos foliões de um espaço que rememora aquelas práticas carnavalescas, leva-nos ao alcance de um olhar para as subjetividades presentes nas narrativas, entendendo estas como práticas sociais. Desse modo, revelam expressões da experiência vivida, praticada ou ouvida. Assim sendo, são processadas no cerne do cotidiano social, marcadas pela dinamicidade vivida. Logo, aquilo que é narrado se torna também um fato, rememorado e reinventado em cada narratividade, pois tanto os fatos como as narrativas se engendram e se processam nas redes de relações em que estão imersas.⁹

Michel de Certeau nos lembra que todo relato é uma prática de espaço e são as narrativas que vão “*precisar as formas elementares das práticas organizadoras do espaço: a bipolaridade mapa e percurso, os processos de delimitação ou de limitação e as focalizações enunciativas*”. Nesse sentido, procuramos perceber como essas práticas de espaço historicamente instituídas pode-nos dar acesso aos trajetos cotidianos e aos desfiles carnavalescos dos diversos grupos sociais na cidade de Caicó, pois os moradores, apre[en]dem o espaço a partir de sua experiência cotidiana, das suas narrativas. Parafraseando Certeau, os espaços são plurais porque são plurais as experiências de seus praticantes.¹⁰

Ao produzir seus mapas cotidianos, os moradores expressam a compreensão, o uso e a leitura que fazem do território. Os mapas cotidianos do carnaval representam tanto os percursos do festejo, quanto os lugares permitidos para alguns grupos e interditos para outros. Pois ao caminhar, “*O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, por um lado, ele torna efetivas somente algumas das possibilidades fixadas pela ordem construída, por outro aumenta o número dos possíveis interditos*”¹¹

⁸ CRUIKSHANK, Julie. *Tradição oral e história oral: revendo algumas questões*. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Tradução Luiz Alberto Monjardim et al. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 156.

⁹ KHUORY, Yara Aun. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Orgs.). *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 123.

¹⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.178-201.

¹¹ Ibidem.

As pesquisas sobre carnaval no Brasil são majoritariamente voltadas a análise do carnaval carioca. Por, esse motivo, boa parte da bibliografia a respeito do tema acabou reafirmando o processo de invenção do carnaval da “cidade maravilhosa” como algo representativo de toda a nação.

No Brasil, duas obras clássicas sobre o carnaval foram construídas por cientistas sociais. Roberto da Matta, antropólogo, autor de *Carnavais, malandros e heróis*.¹² Ao analisar o “carnaval brasileiro” (mas baseado exclusivamente no carnaval carioca), Da Matta defendeu que essa festa é uma “totalidade abrangente” onde “todos” os brasileiros se “reconhecem” e se “igualam”. Desta forma o autor suprime a possibilidade de diferentes identidades se constituírem a partir da festa e não se mostra atento, por exemplo, as especificidades dos carnavais em outras regiões do Brasil.¹³ A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, na obra *Carnaval Brasileiro - o vivido e o mito*.¹⁴, também atribuiu ao “carnaval brasileiro” um sentido unívoco: festa nacional, com poucas variações regionais, transformada ao longo do tempo pelas modificações estruturais da sociedade, passando de manifestação burguesa(“carnaval veneziano”) a manifestação cultural “popular” (blocos e escolas de samba), o que teria ocorrido sem muitas variações em todo o Brasil.

A referência internacional mais conhecida sobre o tema foi realizada pelo lingüista russo Mikhail Bakhtin: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.¹⁵ Nesse estudo, a “cultura popular” e o carnaval foram compreendidos através da sua oposição a “cultura oficial” (da Igreja e do Estado) – e não a “cultura das elites”, com a qual estabeleciam trocas e influências recíprocas. É de Bakhtin a noção de “circularidade cultural”, que permite o entendimento de Rabelais como um intermediário entre essas duas culturas (popular e de elite). As interpretações do autor sugerem a existência de uma “essência” ou uma “inerência” que supostamente caracterizaria a cultura popular e o carnaval de qualquer época, em qualquer contexto

¹²DA MATTa,Roberto.*Carnavais, malandros e heróis:para uma sociologia do dilema brasileiro*.Rio de Janeiro:Zarar,1989.

¹³ Com algumas variações seguiram as abordagens e interpretações de Roberto da Matta as seguintes obras:GOLDWASSER,Maria Júlia.*O Palácio do Samba*.Rio de Janeiro: Zahar,1975;LEOPOLDI,José Sávio.*Escola de Samba, Ritual e Sociedade*.Rio de Janeiro:Zahar,1978;CAVALCANTI,Maria Laura Viveiro de Castro.*Carnaval Carioca:dos bastidores ao desfile*.Rio de Janeiro:Funarte-UFRJ,1994;Idem.*O rito e o tempo:ensaio sobre o carnaval*.Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1999.

¹⁴ QUEIRÓZ,Maria Isaura Pereira de.*Carnaval Brasileiro- o vivido e o mito*.São Paulo:Brasiliense,1992.

¹⁵ BAKHTIN,Mikhail.*A cultura popular na Idade Media e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.Brasília, São Paulo:HUCITEC,1993.

histórico: o caráter subversivo da festa, sua capacidade de suspensão de valores e normas sociais dominantes.

José Carlos Sebe em *Carnaval, carnavais*¹⁶ se propõe a desvelar os primórdios do carnaval brasileiro. Traçando uma espécie de linha evolutiva, que liga os desfiles das escolas de samba às saturnais gregas e as bacanaís romanas, passando pelos festejos populares na Europa renascentistas e pela animação das ruas no Rio de Janeiro na virada do século, que é constantemente afirmada pelo autor.

As obras citadas acima (incluindo as referidas em notas) tratam, em maior ou menor medida, o carnaval como uma festa portadora de uma “essência”, caracterizada normalmente pela inversão da ordem e dos valores morais, marcada pela continuidade de certos resquícios de tempos “imemoriais” (como a Idade Média ou a Antiguidade Clássica) e capaz de sintetizar coletividades inteiras; por vezes, o abordam como uma prática atemporal, como algo “inerente” ao ser humano e, portanto, a-histórico, pois independe do contexto no qual se realiza.

Na presente dissertação, pretende-se um distanciamento dessas leituras marcadas por essencialismos, inerências, permanências e generalizações, bem como se evitou as interpretações que buscam em um “passado perdido” as explicações, os sentidos da festa.

No estudo intitulado *A subversão pelo riso*, a historiadora Raquel Soihet não rompe radicalmente com alguns desses pressupostos (como a identificação de certos resquícios de “tempos imemoriais”), mas busca compreender os folguedos em seus contextos específicos, o que lhes confere novos significados. A autora tratou os foliões populares cariocas como sujeitos históricos, que usaram o riso para resistir a situações opressivas, mas também percebeu a “convergência de interesses” entre esses carnavalescos, dispostos à conquista de reconhecimento público, e a proposta do Estado Novo de valorização da cultura popular, com o intuito de realizar a “integração nacional”. A obra está centrada em dois pressupostos: a resistência da cultura popular diante de reformas e pressões externas e a circularidade cultural a que está submetida.¹⁷

Um estudo recente sobre o carnaval no Brasil foi realizado por outra historiadora: Maria Clementina Pereira Cunha: *Ecos da Folia*¹⁸. A autora defende que, se o carnaval

¹⁶ No seu ensaio o historiador José Carlos Sebe, afirma que, “pensando o fio da história como uma longa serpentina jogada no tempo, um dos extremos do carnaval pode estar na antiguidade egípcia e outro em nossos dias”. SEBE, José Carlos. *Carnaval, carnavais*, São Paulo: Ática, 1986, p.9.

¹⁷ SOIHET, Rachel. *Subversão pelo riso*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

¹⁸ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

foi transformado em um dos “símbolos de nacionalidade”, convém recuperar o processo histórico de invenção dessa tradição. A contextualização dos festejos foi levada ao limite pela historiadora, não sendo possível compreendê-los como “resquícios de tempos imemoriais”. Os múltiplos sujeitos envolvidos no carnaval, através de suas tensões e diálogos, atribuíam uma diversidade de sentidos simultâneos a festa: o carnaval, nessa perspectiva, é um campo de conflitos. Assim, Cunha rompe com as formas unívocas e abrangentes de construir outros significados para os folguedos, mostrando-se altamente crítica a interpretação que trata a festa como “expressão da nacionalidade” – e nisso reside uma das maiores contribuições para a renovação historiográfica sobre esse tema.

Outro autor que também se mostra crítico a interpretação que toma o carnaval como “expressão nacional” é Leonardo Pereira em *O carnaval das letras*¹⁹. Este chama a atenção para o que ele denomina de familiarização com a loucura carnavalesca. Tal interpretação para o autor costuma fazer com que a festa seja percebida como um elemento quase natural do país. Essa naturalização sobre as definições dos festejos, não pode para Pereira esconder que assim como todo ritual, o carnaval tem história.

As pesquisas acadêmicas sobre carnaval no Rio Grande do Norte detêm-se, praticamente, ao caso de Natal. Para o carnaval potiguar, merece destaque o estudo : *Chiclete eu misturo com banana*, da historiadora Flávia de Sá.²⁰ Neste estudo a autora faz uma abordagem sobre os embates entre os defensores dos ideários modernistas e regional-tradicionalista, que marcaram os anos de 1920-1930, incorporando-se as diferentes formas de manifestações culturais, especialmente as comemorações carnavalescas. Através das tentativas de se “modernizar” a festa “tradicional” e as saídas apontadas pelos foliões de todas as classes para driblar a sua normatização pelos poderes públicos, pode-se delinear algumas das diferenças identitárias, que não se deram exclusivamente em nível de distinção de nacionalidades.

É importante considerar ainda a produção historiográfica local sobre a experiência carnavalesca da cidade de Caicó: duas monografias da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).²¹

¹⁹ PEREIRA, Leonardo. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

²⁰ PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal*. Natal, RN: EDUFRN- Editora da UFRN, 2005.

²¹ Sobre as produções locais ver: SALES, R. B. de. *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*. Caicó, Monografia (Graduação em História). UFRN, 2000 e LEITE, Elizabeth Maria. *Reinado da Alegria: O carnaval caicoense no período de 1990 a 2000*. Caicó. Monografia. (Licenciatura em História). UFRN, 2000.

Esse balanço das pesquisas sobre o carnaval da cidade vem elucidar, entre outras coisas, as semelhanças nas escritas que percebem o carnaval como uma festa linear, tradição quase que imutável, em que as suas rupturas estão localizadas nas datas e mudança dos organizadores dos blocos. Que visam, sobretudo monumentalizar o Bloco Ala Ursa do Poço de Sant'Ana, como única possibilidade de instauração de um carnaval popular na cidade. No entanto, apesar da pequena produção acadêmica existente sobre essa temática, pretendemos buscar as intercessões nos textos, produzidos por diferentes autores. A historiografia local ao produzir esse passado apropriado e originário, explica a experiência desse carnaval a partir de uma leitura personalista da história, como se ao demonstrar os organizadores dos blocos fosse o suficiente para compreender os discursos carnavalescos sobre a cidade. Desta forma, os trabalhos participam de um projeto de silenciamento de outras práticas carnavalescas consideradas populares a exemplo das Escolas de Samba.

As autoras destas pesquisas, concluem afirmando que seus estudos podem não ter contemplado tudo que se ouve, lê ou se vê no carnaval, ainda partindo do pressuposto que haveria uma história ou um fazer historiográfico que abarcaria a totalidade do festejo, apontando como empecilho a mutabilidade da tradição.

A presente dissertação aponta para a diversidade de relações sociais estabelecidas por ocasião dos festejos. Assim, evitou-se ver no carnaval um momento de “suspensão das diferenças”, distanciou-se das abordagens que tomam as festas como “resquícios de tempos imemoriais” ou que vêem na “subversão da ordem social” uma “essência” capaz de qualificar a festa em qualquer época ou contexto. Desta forma, algumas produções serão utilizadas como apoio teórico-metodológico para a escrita deste trabalho, a escolha destas pesquisas que transitam entre a história e a antropologia não se deu de forma desinteressada, visto que são trabalhos cujo objeto são festejos sejam eles carnavalescos ou não, que possuem uma singularidade em relação ao nosso: o recorte temporal. Por serem trabalhos que problematizam os festejos imersos no tempo presente, estes trabalhos nos auxiliam, sobretudo nas abordagens a serem feitas com as fontes.²²

²² Estes trabalhos a qual me refiro são os de: LIMA, Elisabeth Cristina de Andrade. *A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano João Pessoa: Idéia*, 2002. SANTOS, Nilton Silva dos. *“Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!” :carnavalesco, individualidade e mediação cultural*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Antropologia). UFRJ, 2006. GOLOVATY, Ricardo Vidal. *Cultura Popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945-2002* Dissertação (mestrado em História), Uberlândia/MG: UFU, 2005. RUBIÃO, Fernanda Pires. *Os negros do Rosário: memórias, identidades e tradições no congado de Oliveira (1950-2009)*. Niterói, Dissertação (Mestrado em História). UFF, 2010.

Acreditamos que não há um real para ser desvelado, muito menos um sujeito a ser desvendado. Na prática do nosso ofício, compartilhamos a concepção epistemológica de Michel Foucault e consideramos que:

A história mudou de posição acerca do documento: ela considera sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é o seu valor expressivo, mas sim trabalhar no seu interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e repete em vários níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações”.²³

Decidimos estruturar a nossa narrativa em três capítulos. Cada capítulo será estruturado em torno de um objetivo específico que se relaciona com o objetivo central do estudo. Desta forma, o primeiro capítulo será urdido tomando por base o seguinte objetivo: apresentar as tessituras e as relações de práticas discursivas e não discursivas que se colocaram como condição histórica de possibilidade para as mudanças que redimensionaram e deslocaram, a partir de meados da década de 80, para outros territórios as formas como as elites e boa parte da sociedade local significavam, imaginavam e adjetivavam a cidade. Realçaram-se os discursos produzidos na década de 1980 pelos periódicos sobre os festejos carnavalescos da “elite” caicoense e a constante busca de representar o carnaval praticado pelos populares como o estranho, o “outro” que deveria ser mantido distante dos carnavais de clube e de curso e a redefinição destes discursos na década de 1990, que passavam a exaltar estas formas populares de brincar carnaval. Tal abordagem permitiu detectar a existência de fronteiras materiais e simbólicas nada desprezíveis, mas que não seriam percebidas se os festeiros dos clubes “elegantes” estivessem ausentes desse estudo. A segunda parte enfoca os chamados “cursos”, a importância dos cursos reside no fato de ser um costume festivo que colocava em contato direto diferentes grupos sociais. Para dar conta deste artesanato elegemos como fontes básicas deste capítulo os jornais escritos, especificamente o Diário de Natal e a Tribuna do Norte, depoimentos orais e as produções de historiadores e memorialistas locais.

O segundo capítulo terá como objetivo central fazer uma descrição/análise do Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana entre os anos de 1990 a 2009. Pois, acreditamos que este festejo se constituiu como um evento fundamental e emblemático daquelas mudanças, deslocamentos e disputas em torno e sobre os significados, sentidos e imagens

²³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.p.07.

que se queriam inerentes e constitutivos de Caicó como cidade carnavalesca. Buscamos também, neste capítulo, descrever/analisar a emergência, a partir da década de 90, de um discurso que construiu uma memória idealizada para as festas de carnaval da cidade o que possibilitou a gestação de uma estratégia que visava silenciar os festejos de décadas anteriores e buscava forjar as condições de possibilidade para a invenção e emergência de novas “tradições”, a exemplo do Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Anna e o carnavalesco Magão. Esmiuçamos ainda o trabalho de produção autobiográfica realizado por Magão, tanto na escrita de si quanto nos depoimentos veiculados pela mídia. Investigamos as estratégias utilizadas pelo carnavalesco para enquadrar o passado e instituir determinada versão para a sua vida, entrelaçando os marcos biográficos da sua vida. Para a construção deste capítulo elegemos como fontes: jornais escritos e o televisivo, os vídeos produzidos por amadores e membros dos blocos, atas de reuniões, leis orçamentárias, depoimentos orais, revistas, folders, planos e guias de divulgação do carnaval e da Secretária de Turismo que circulavam na cidade e região no período que antecedia o evento; a fim de problematizar a possibilidade de gestação do carnaval de rua na cidade, mostrando como este evento foi sendo produzido por mecanismos e procedimentos que o constitui e institui como um novo espaço de investimento social, político, econômico, cultural e discursivo, e as vinculações políticas que constituem a invenção desta festa, assim como as relações de poder, os interesses que se encontram na fundação deste novo festejo e da imagem e dos discursos que se querem produzidos sobre e para a cidade.

Problematizamos, no terceiro capítulo, as diferentes formas de festejar o carnaval, por grupos de foliões que tomavam outras ruas da cidade. Sobretudo, as Escolas de Samba, que edificaram historicamente outros festejos e a partir de suas “caças não autorizadas” produziram novos lugares, novas formas de vivência com o carnaval. Desta forma, a fabricação destes festejos não pode ser entendida como edificação de um carnaval imóvel ou homogêneo, pois eles foram resultado de pequenos sucessos, arte de dar golpes, astúcias de caçadores, mobilidades de mão de obra, simulações poliformas, achados que provocam euforia, tanto poéticos como bélicos.²⁴ As narrativas orais são tomadas aqui como possibilidade de emergência de uma memória subterrânea que emerge na cidade de Caicó e produz outras falas sobre a Ala Ursa do Poço de Sant’Ana e o carnavalesco Magão.

²⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 47.

As práticas das escolas de samba não podem ser nomeadas, facilmente, como algo referente simplesmente ao universo popular, visto que estes festejos foram vivenciados por diferentes sujeitos sociais e por várias instituições políticas, implodindo com a possibilidade de circunscrevê-la como símbolo de uma festa popular, marginalizando-a assim e legitimando-a como uma esfera específica de um universo marcado pela pobreza, pelo misticismo, e ainda que todas essas dimensões estejam presentes nessa história, não se resumem nelas.

A ampliação desse passado histórico só foi possível pelo agenciamento das várias tramas experimentadas pelos diferentes sujeitos que a compuseram, pois os seus eventos não foram criados isoladamente por algum grupo social, possível de ser nomeado alegoricamente como “povo”.

Capítulo 1

“Fazer chover com confetes”: as narrativas sobre os clubes carnavalescos caicoenses.

1.1. Costurando retalhos: as produções locais sobre os Clubes Carnavalescos.

*“Às 21 horas, já se podia ouvir os frevos que estavam sendo tocados dentro do Clube. As moças bem vestidas e recatadas sentavam-se em torno do salão, a espera dos seus pares para a dança. O salão sempre bem iluminado diferia da imagem escura, a meia luz do bloco carnavalesco que se aglomerava na rua. O rapaz ou a moça que desejasse dançar ou fazer chover colorido através dos confetes no salão precisavam apresentar a sua “procedência”, deveria ficar claro para o porteiro a família a qual pertencia. Logo, não bastava para ingressar no baile, possuir uma boa quantia em dinheiro, mas pertencer a uma “boa família”. A organização do baile cabia as senhoras da sociedade, tudo era controlado por elas inclusive o volume do som, para que a cada pausa que a banda dava, as pessoas presentes no salão pudessem conversar, a bebida era regradada: a embriaguez era repudiada nesse ambiente, a mulher não era permitida a aproximação de nenhuma bebida alcoólica.”*²⁵

O caso que mereceu destaque nas páginas de um dos mais importantes livros de memórias da cidade de Caicó foi escrito em 1987 tendo como autor o professor Pedro Diniz. Nesta memória, as narrativas sobre os clubes carnavalescos e blocos de rua povoam a maioria das páginas. Lidiane Araújo, organizadora e escritora, anuncia no prefácio algumas das motivações que a levaram a investir na produção de um livro voltado para a comunidade de Caicó. Associando a história da criação do livro com a sua própria trajetória de vida, onde estavam presentes os loucos, os pedintes, a política local, as festas de Nossa Senhora de Sant’Anna e o carnaval. Araújo vai remontando uma postura em relação ao investimento nessa produção literária, colocando que se trata de

²⁵DINIZ, Pedro. *Os bailes do Caicó Antigo*. In: ARAÚJO, L. Rastros Caicoenses. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado da ESAM, 1987.

um livro composto coletivamente que tende a comportar fluxos diferentes de narração, a organizadora, no entanto, não procura contrapô-los, mas trabalha por uma idéia comum, que move esses textos: a de uma vontade do passado.

Para realizar tal empreitada, Araújo elege alguns moradores que tiveram uma maior aproximação com estes espaços enquanto foliões ou espectadores no reinado de momo.

Nas edições posteriores, os festejos quase não povoam as páginas desta literatura memorialista. Outras narrativas são escritas nas memórias, outros relatos vão se delineando, outras personagens vêm à tona nestes escritos. De qualquer forma, o episódio do baile da “boa família” do clube caicoense pode servir como pretexto para iniciar uma análise sobre as práticas festivas vivenciadas pelos foliões que figuravam nestes salões.

Sobre o carnaval de Caicó, até meados da década de 1980, os jornais costumavam noticiar os festejos que ocorriam nos clubes carnavalescos. Em recintos fechados foi praticado o carnaval denominado da “sociedade”, com forte cunho privado. As notas que anunciavam os bailes daquela região deixavam claro o objetivo de estabelecer um distanciamento entre os “de dentro” e os “de fora”. A principal oposição se constituía em relação à massa de foliões das ruas, e a preocupação com a lista de convidados. As notas apontam a rígida preocupação com a exclusividade, estabelecendo uma segregação: entre a “sociedade” e o “povo”. Nesse sentido a nota escrita por um jornalista do Diário de Natal em 1983²⁶. Dizia o seguinte:

A capital do Seridó abre o seu carnaval hoje, com o tradicional Baile Preto e Branco, no clube Corinthians reunindo a sociedade com mais de 40 blocos que fazem o agito da cidade nesta temporada de momo. O Corinthians será o único clube a abrir suas portas nesta temporada, mas o Caicó Iate Clube promoverá duas manhãs de sol, domingo e terça-feira, reunindo blocos de várias cidades da região, com direito a um mergulho nas Águas do Açude Itans. A sociedade prefere os clubes, pois atrás de nossos portões não há aqueles foliões suspeitos, que ocultos por uma máscara fazem a desordem nas ruas.

Ao referir-se a “degeneração” de uma festa que teria perdido seu caráter “familiar”, esse jornalista encontrou um modo metafórico de dizer que as elites não aceitavam dividir as ruas com outros atores sociais. Uma das saídas era fazer festas em recintos privados. A análise do carnaval caicoense revelou elites segregacionistas, cujas práticas festivas vislumbradas através dos anúncios da imprensa deixam clara uma

²⁶ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 17 de Fevereiro de 1983 intitulada: “A Capital do Seridó abre o seu carnaval hoje!”.

tendência a encarar a vida em termos de oposições binárias, tais como “alta” e “baixa” sociedade.

As festas são capazes de estabelecer relativas unificações, mas também de instituir diferenciações tanto internas quanto externamente. A distinção fundamental ocorre entre “incluídos” e “excluídos”, pois sempre são traçadas fronteiras entre os “aptos a participar” e os “estranhos” a elas. Assim, as festas podem estar associadas à produção de identidades. Nesse sentido, os foliões das agremiações do centro da cidade atribuíram a si mesmos o caráter das “elites”. A “identidade das elites” fica nítida através das suas formas de autoclassificação e dos meios empregados para privar as “massas” de suas festas carnavalescas, ou seja, mantê-las longe de seus clubes.²⁷

As próprias páginas dos jornais posicionavam, de um lado, os clubes do centro e, de outro, os foliões das ruas. Entretanto, os mesmos periódicos permitem constatar que o povo também ocupava esses espaços (como se verá adiante). Ainda assim, a concepção que associava salão as elites e rua aos populares predominaram na imprensa. Tal visão carrega a pretensão das elites de manter um distanciamento e uma diferenciação rígida entre o “carnaval de salão” e o “carnaval de rua”. Ela deriva da preocupação de garantir a presença exclusiva de “pessoas distintas” nas festas em recintos fechados.²⁸

Nos periódicos pesquisados, como *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*, *Tribuna do Seridó*, *Folha de Caicó* e *Jornal do Seridó*, o termo “elite” geralmente aparece nos periódicos fazendo referência aos festejos nos clubes privados do centro de Caicó. Queremos destacar que não estamos pensando o termo “elites” tão somente como grupos ou sujeitos sociais e muito menos como uma classe social, dominante ou não, que se constituem enquanto tais; mas sim como um lugar ou lugares de enquadramento a ser(em) ocupado(s), exercido(s) e praticado(s) por sujeitos nomeados, identificados e classificados, por determinados discursos como pertencentes a estes lugares. São lugares estratégicos, um poder se exerce neles, sobre eles e a partir deles.

É antes uma atribuição do que uma investidura. Então, neste sentido, elites, como estamos pensando, são todos os sujeitos ou agentes a quem os discursos atribuem e enquadram, em meio ao jogo das relações de força, nestes lugares discursivamente

²⁷ Ao analisar o carnaval carioca no final do século XIX, a historiadora Maria Clementina Pereira da Cunha, aponta o esforço de diferenciação por parte das elites, indicando o quanto era complicada a convivência social nos dias de festa. Os anúncios que as Grandes Sociedades faziam para publicar para divulgar seus bailes evidenciam um esforço explícito de diferenciação e distanciamento em relação aos festejos dos bairros populares. CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

²⁸ Notícia divulgada no Jornal *Tribuna do Norte*. Natal em 03 de Fevereiro de 1980 intitulada “Carnaval nos Clubes”.

produzidos e socialmente instituídos e colocados como privilegiados nas redes de poder, predominantes em cada período. É antes de tudo, um exercício atravessado por relações de força, poder, saber e desejo. Nestas relações não existe passividade, todos são ativos, agindo estratégica ou taticamente nas lutas, disputas e exercícios de força e poder. É uma batalha, um combate, um jogo com avanços, recuos, acomodações e deslocamentos de todos os lados. Neste sentido, estar no lugar de elite hoje não significa ser elite amanhã, o(s) sujeito(s) não se enquadra(m) mais nestes lugares; estar num lugar de elite hoje e amanhã também não significa continuar sendo elite, estes lugares se evanescem, deixam de ser privilegiados e estratégicos em detrimento de outros e a partir de determinadas condições históricas. Em ambos os casos, os sujeitos são desterritorializados. Assim, elite é um lugar produzido discursivamente nos campos de batalha da história e colocado como estratégico e privilegiado socialmente, portanto, são históricos, são lugares deslocáveis, substancial (quanto a seus ocupantes) e espacialmente quanto a fixidez dos pontos onde se encontravam).²⁹

Mas, antes de iniciarmos a análise dos discursos produzidos nos periódicos e na oralidade sobre os Clubes Carnavalescos de Caicó e sua “elite foliã” faz-se necessário uma incursão as narrativas produzidas por historiadores locais e memorialistas sobre estes espaços para que assim possamos visualizar quais práticas e discursos constituem ,no presente, o carnaval dos clubes como um carnaval para a “elite” e qual o sentido que o termo adquire nestas produções.

Essas produções gestadas no interstício de acontecimentos como a institucionalização do carnaval de rua, e da multiplicidade de discursos que dizem Caicó como cidade do melhor carnaval do Rio Grande do Norte, terminam por participar, mesmo que inconscientemente, da instituição e construção deste regime de verdade para a cidade. Essas estão coladas ao efeito de real e de verdade produzido por aquela formação discursiva, ou melhor, ela faz parte desta mesma formação discursiva que busca instituir a cidade como carnavalesca. Pois ela busca produzir a reterritorialização e o recentramento histórico e temporal da cidade ao inventar um passado para a cidade que, não por coincidência, vai ser praticamente o mesmo que o apresentado pelo senso comum e pela maioria dos discursos institucionalizados pela sociedade local. Portanto, na sua maioria, esta literatura orbita em torno dos mesmos temas, acontecimentos,

²⁹ Pensamos este conceito com e a partir de: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987. _____. *Microfísica do poder*. Petrópolis: Vozes. 1989. _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.1996. CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995. _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 2003.

épocas, datas e objetos trabalhados e encampados pela “História Oficial” da cidade. Neste sentido, esta literatura é unânime em reafirmar este discurso, à medida que coloca as décadas 1990 e 2000 como marcos da afirmação dos festejos de rua. Esta literatura está assim condicionada pelo arquivo que institui a cidade como objeto de saber e articulada pela mesma rede de poder que a toma como espaço estratégico para consecução de seus projetos e interesses. E isto se explicita na construção que tal literatura faz da década de 1980, mais especificamente dos carnavais de Clube. Vejamos:

Segundo a historiadora Elizabeth Leite é exatamente na década de 1980 que os clubes produzem grandes carnavais:

O Atlético Clube Corinthians, situado no bairro Barra Nova, mais precisamente na zona Oeste da cidade, passou a organizar a festa momesca. O clube entrava em clima carnavalesco já no baile do Reveillon, momento em que se dava o “primeiro grito” de carnaval, prenúncio dos festejos. Desde então, em todos os sábados antecedentes ao período momesco realizavam-se encontros festivos, denominados “prévias carnavalescas”. Nessas prévias escolhiam-se garotas dotadas de beleza física para representarem a “garota sexy”, a “garota molhada”, a “garota bumbum”, como também a “Rainha do Carnaval e o Rei Momo”.³⁰

Este cenário festivo, vivido no clube desde o Reveillon e as suas “prévias carnavalescas” que esta historiadora constrói e apresenta como constitutivo da cidade na década de 80, e início da de 90 se apresentaram a época como a condição de possibilidade para que *um “carnaval deste porte e tamanho luxo se apresentasse na cidade”*, a historiadora continua a sua narrativa:

O Clube Corinthians tinha como presidente o sr. João Bosco de Medeiros, sendo, no final dos anos 80, o responsável pela realização de grandes carnavais de clube em Caicó, com atrações vindas de outros estados brasileiros como o cantor Capilé de Campina Grande (PB), e a banda de frevo “Scorpions” de Recife (PE). O grande baile mesmo acontecia na primeira noite de carnaval, sexta-feira, com a “Noite do Preto e Branco”. Inclusive, esse baile foi implementado por seu João “quando ele ativou (...) o lado do esporte, criou a noite do preto e branco e ficou tradicional no carnaval de Caicó...”, ostentando as cores do clube. A indumentária dos foliões seguia, à rigor, as mesmas.³¹

³⁰ LEITE, Elizabeth Maria. *Reinado da Alegria: O carnaval caicoense no período de 1990 a 2000*. Caicó. Monografia. (Licenciatura em História). UFRN, 2000. p.03.

³¹ LEITE, Elizabeth Maria. *Reinado da Alegria: O carnaval caicoense no período de 1990 a 2000*. Caicó. Monografia. (Licenciatura em História). UFRN, 2000. p.04.

Segundo a historiadora, a partir de “arranjos políticos” João Bosco tornava-se à época uma das figuras carnavalescas de maior proeminência da cidade. Desta maneira, Caicó despontava no centro das atenções dos jornais que noticiavam o carnaval da cidade:

A partir de 1990, o Atlético Clube Corinthians tornou-se o “carro-chefe” do carnaval de clube em Caicó. O Iate Clube passou a organizar o carnaval diurno, quando o balneário ainda comportava água suficiente para banhos, ocorrendo as chamadas “Manhãs de Sol”. Segundo Cláudio Sandegi, “o tradicional mesmo era a terça-feira (...), no domingo também era bastante participativo, mas a terça-feira, mesmo, pela manhã era marcante no Caicó Iate Clube”. Nos anos 90, há um aumento significativo no número de blocos carnavalescos na cidade de Caicó. Esse número já era bastante elevado; entre eles, os mais tradicionais eram: “Badalo”, “Gatorianos”, “Massa Dura”, “Baderna”, “Massa Real”, “As Cassulas”, “Os Metralhas”, “Doce Veneno”, “Todo Cheiro”, “Sigilo”, “Kuxixo”, “Nu Capricho”, “Arraso”, “Alteração”, “Menina Flor”, “Pegaki”, “100 Comentários”, “Movidos a Álcool”, “Os Manicacas”, “Doce Obsessão”, “Sabor de Mel”, “Ki auê”, “Kade Você”, “Kalifas”, “Censura Livre”, “Sedução”.³²

Neste discurso, o Atlético Clube Corinthians e o Iate Clube eram apresentados como lugares onde eram realizados os festejos tradicionais e o aumento no número de blocos que freqüentavam estes espaços se apresenta na narrativa de Leite como uma crescente. No entanto, a autora ressalta sempre que era um espaço onde a “elite” caicoense exercia as suas práticas carnavalescas. A historiadora faz uma espécie de história do carnaval caicoense por etapas, desta forma até meados da década de 1980, o carnaval caicoense é visto como um carnaval apenas praticado pela elite caicoense, tornando-se popular apenas com a instituição do carnaval de rua na década de 1990.

No entanto, a invenção desta memória para a cidade de Caicó movida por Leite não era a única. Outras memórias vão sendo tecidas sobre a década de 1980 neste período. O livro *Caicó* escrito pelo Centro de Pesquisas “Juvenal Lamartine”, historiciza a partir de alguns depoimentos com pessoas mais idosas de Caicó as atividades de lazer praticadas na cidade no início do século XX. Este depoimentos colhidos pelo centro apontam como atividade de lazer os bailes nas casas de família, nos quais eram convidados os casais amigos dos anfitriões. Para os jovens, as opções de lazer se constituíam nas serestas, quadrilhas, banhos em açudes ou lagoas, e outros, como

³² Ibidem.

casamento oculto, brincadeira do anel que eram realizados ao anoitecer, normalmente nas calçadas. No período do Carnaval, os foliões saíam às ruas e as casas das famílias onde realizavam sua festa carnavalesca. As mudanças destas formas de lazer se dão segundo a narrativa tecida pelo Centro a partir do crescimento urbano e a ampliação e expansão dos meios de comunicação, que geraram novas formas de lazer na cidade. Estes acontecimentos se colocavam também como condição de possibilidade para a emergência de outros tipos de espaços e práticas carnavalescas como, por exemplo, as que levaram a inauguração de alguns clubes carnavalescos. Como sugere o texto do centro:

O Atlético Clube Coríntians é o clube de maior projeção de Caicó, graças a boa atuação do seu atual presidente João Bosco de Medeiros. Resultou da fusão do antigo Atlético Clube Caicó, com o Esporte Clube Coríntians, em 25 de janeiro de 1968.³³

Soma-se o crescimento urbano a emergência de uma realidade de tantos rostos novos pelas ruas da cidade o que provocava uma crescente indiferenciação social, principalmente aos olhos de uma “elite” que ao longo dos anos praticava seus festejos carnavalescos dentro das casas dos amigos. Diante disto, tornava-se urgente e necessário, aos olhos destas elites, operarem uma mudança e uma redefinição nas práticas carnavalescas, instituindo assim espaços para as festas, no entanto, os populares também começaram a utilizar de estratégias para povoar os espaços dos salões. Segundo esta literatura, além da presença do Atlético Clube Coríntians, Caicó adentrava a década de 80 contando ainda com outro clube carnavalesco que possibilitou outro espaço de lazer para a cidade. Estes implementos, aos olhos e nos discursos de suas elites da época, credenciavam a cidade e lhe dava as condições materiais e objetivas para “o grande momento do carnaval de clubes”, uma vez que Caicó já tinha inaugurado outro clube: O Caicó Iate Clube, sendo este apresentado como um espaço a ser frequentado principalmente por jovens, na sua maioria, estudantes.

Além destes aspectos já citados, os Clubes Carnavalescos se constituíam, segundo a historiadora Ione Diniz, como espaço de sociabilidade em outros momentos festivos a exemplo da Festa de Sant’Ana:

³³ Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine. *Caicó*. Fundação José Augusto, Natal-RN. 1999. p.59.

Durante esses dias, os clubes da cidade promoviam festas dançantes com a presença de bandas dos mais variados estilos. O Baile dos Coroas, realizado no Clube Corinthians, na sexta-feira, tornou-se um marco no cenário social do estado. Neste baile, o mais elitizado, a classe política estadual e regional tem presença assegurada. No sábado é a vez do Iate Clube de Caicó assinalar presença no calendário festivo com a realização de duas grandes festas simultaneamente.³⁴

Na fala da historiadora, Caicó dispunha das condições objetivas e estruturais para tal feito. Uma vez que nas décadas anteriores os clubes já existiam na cidade, só que não tinham uma organização forte, além de ter adquirido e acumulado capital necessário para a inauguração de outros espaços festivos. Além disso, como exposto na citação acima, “o mais elitizado” e os políticos locais frequentavam os festejos realizados nos clubes. Desta forma, a historiadora auxilia na invenção deste passado sobre os clubes carnavalescos, marcando os espaços dos salões como um espaço de “uma elite”, onde outros foliões não estavam autorizados a participar.

Estas imagens foram pintadas e grafadas na e pela historiadora, emitida como signos de industrialização e modernidade que a cidade alcançava, imagem reiterada por Rodrigues em outro livro publicado no ano de 1999, intitulado *Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*, neste a historiadora descreve a cidade de Caicó a partir de suas transformações espaciais. No capítulo sobre os serviços pessoais a autora:

Nesse campo, as mudanças foram de grandes dimensões. No que concerne as atividades desportivas-recreativas, os clubes-associações existentes em 1980 continuam a funcionar, com funções ligadas a área de diversão: O Atlético Clube Corinthians e o Caicó Iate Clube.³⁵

Alguns relatos memorialistas presente no livro de memórias *Rastros Caicoenses*, a exemplo do texto citado no início deste capítulo, fazem menção aos Clubes carnavalescos da cidade de Caicó. Em um deles, o Corinthians aparece como um espaço no qual existe um celeiro de artistas que são responsáveis por levarem “a cultura com bandeiras de cores bem vivas... que uma vez desfraldadas diante das multidões, haja coração!”³⁶ Desta forma, Arizela Cunha acredita que apenas através deste tipo de

³⁴ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência*. Caicó: Edição do Autor, 2005.p.328.

³⁵ _____. *Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1999.p.259.

³⁶ CUNHA, Arizela. *Quem me dera ser poeta ou...como se constrói cultura*. In: ARAÚJO, L. Rastros Caicoenses. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado da ESAM, 1987. pp.14-15.

produção memorialista pode-se levar o povo a conhecer alguns fatos da cidade, seriam os autores do livro: “os interpretes saudáveis da minha língua, pois traçam o perfil do caicoense do jeito que observo: doador acima de tudo e hospitaleiro” seriam estes escritores no dizer de Cunha os responsáveis por reavivar as memórias da cidade, sobretudo as memórias festivas.

Em outro texto, tecido também por Cunha, presente no primeiro volume de *Rastros Caicoense*, a escritora traça um pequeno histórico de um clube anterior ao surgimento do Iate Clube que seria mais popular, chamado de Caicó Esporte Clube, como se explicita no discurso construído a seguir:

“O Caicó foi criado por necessidade, mas necessidade maior tiveram os maldosos de acabar com ele”. Agora o Caicó Esporte Clube, dado a uma decadência financeira, a queda, em parte, do preconceito racial, a evolução e outros tipos de mudanças, foi extinto. Decaiu, tombou, morreu. Enganados ou não, os poucos representantes vivos que faziam o Caicó venderam seus títulos de sócios proprietários por quantias irrisórias, cedendo lugar ao Caicó Iate Clube. Os menos favorecidos, os mais carentes, não fazem mais parte do Caicó, embora quizessem convencê-los de que “não houve uma extinção, e sim uma fusão”. Que tipo de fusão? “Se eu não tenho carro, não pertenço as rodas dos chamados homens ricos, o que vou fazer, se pra ir até lá, mais ou menos uma légua, eu vou precisar de transporte. E se eu chegar lá e só tiver rico, aonde eu vou me encostar?”³⁷

Ao se colocar num curso contrário ao escrito anterior, Cunha estava procurando construir um passado elitista para os clubes carnavalescos, só que tentando constituir e forjar outra trincheira de combate, assim como articular outros meios para compor o conceito de “elite” para estes espaços. Para executar tal tarefa, a escritora contribui para uma série de enunciados que anuncia o carnaval do passado de Caicó como um carnaval para poucos, no entanto, busca na década de 1960, uma possibilidade de um clube onde em suas festas abrigava-se foliões que não compunha uma “elite”, mas que, no entanto, foi vencida por ela no seu fechamento e compra do mesmo estabelecimento e mudança do nome e do local das festas. A própria localização geográfica da nova sede do Iate Clube na década de 1980, impossibilitaria ao “povo” de participar dos seus festejos.

Todas estas falas sobre os carnavais de clube fazem parte de um projeto de dizer o carnaval de Caicó de décadas anteriores como um festejo para poucos, veremos como a documentação presente nos periódicos norte rio grandenses ajudam a legitimar esse

³⁷ CUNHA, Arizela. *Caicó Esporte Clube, a sede dos morenos*. In: ARAÚJO, L. *Rastros Caicoenses*. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado da ESAM, 1987.p.113.

projeto, visto que em seus discursos apontam o caráter elitista dos mesmos e lançaremos mão de outras documentações para observarmos outras manifestações existentes na cidade, que não faziam parte destes espaços.

1.1.2. *“Abram alas para os clubes de carnaval”*: as narrativas sobre os clubes caicoenses.

Corria o ano de 1983 em Caicó. A euforia e o entusiasmo das elites locais e dos jornalistas eram patentes em seus discursos e nas imagens que eles produziam sobre a Capital Seridoense, como uma cidade acolhedora e festiva. Este sentimento parecia se estender também à produção do carnaval nos clubes, que naquele período ainda era visto por suas elites como a principal manifestação carnavalesca da cidade. E naquela data tornava-se premente, aos seus olhos, promover uma festa que espelhasse o “desenvolvimento” e a “grandeza” de Caicó, como aponta o discurso produzido pelo Diário de Natal: “o carnaval é a festa de todos, onde todos são iguais”, fez uma rápida ressalva: “mas a sociedade também se diverte”. E tratou de esclarecer como ela realiza essa diversão: “leva o carnaval para os clubes, fazendo festas elegantes”. Este discurso enunciado pelo Diário de Natal é emblemático, pois reproduz todos os dispositivos da estratégia dos clubes carnavalescos, desde o agenciamento da alteridade Clubes/Rua, passando pelo acionamento do dispositivo da identidade da sociedade e da oposição entre os tipos de foliões que figuravam nestes espaços. De acordo com o que observou na festa burlesca de um dos clubes da cidade, O Clube Corinthians, o jornalista concluiu que “estiveram presentes a grande sociedade caicoense com seus políticos, médicos e advogados”. Com este discurso, o Diário de Natal buscava legitimar os carnavais realizados em clubes apontando argumentos que se direcionavam para a construção deste como algo frequentado pelas elites locais.³⁸

Nas páginas do Diário de Natal - mas também em outros periódicos - foi possível encontrar notas que anunciavam festas bastante seletas. Um desses anúncios, para um baile no Clube Corinthians, segundo este: *“É nos clubes que se reúnem os blocos da elite: Aroma, Bafo da Onça, Realce e outros”*. Assim como nos periódicos, os nomes das agremiações da elite, também aparecem nos relatos memorialistas sobre a cidade de Caicó, estas após efetuarem suas inscrições participariam dos carnavais nos clubes.

³⁸Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 09 de Fevereiro de 1983 intitulada “Festa Elegante”.

Serão efetuadas inscrições de agremiações para o carnaval (...), citaremos algumas delas: Os Tupinambás, As Columbinas, Bafo de onça, Os Psicodélicos, Zig-Zag, Os Fugitivos, Irmãos Metralhas, Topa Tudo, Apaga Fogo, Os Impossíveis, Papo Firme, Beatnicks, Garotos da Rural, O Bola Prega, AMC (Associação Mista Caicoense), Caiacós, Os Carrascos, Carcará, Pilantras..³⁹

Com estas ações as elites da cidade, queriam marcar e deixar bem claro para o restante da população e, principalmente, para aqueles que visitassem a cidade durante aquele carnaval quem eram os responsáveis diretos pelos festejos realizados nos clubes. Os festejos carnavalescos eram vistos pelas elites locais como o momento e o lugar mais oportuno para marcarem as diferenças sociais, tanto no que diz respeito ao uso dos espaços, como na apresentação de suas práticas diversionais dos demais segmentos que compunham a sociedade local. Os nomes das agremiações elegantes se repetiram ao longo do periódico pesquisado e dos relatos memorialistas, fazendo pressupor que os participantes daquelas festas não variavam muito: eram clubes que constituíam um grupo fechado.

As matérias deixavam claro o objetivo de estabelecer um distanciamento dos blocos que se aglomeravam nas ruas. Uma dessas formas de distinção era o pagamento de vultosas entradas, o que restringia a participação aos que pudessem desembolsar a quantia, os clubes, além disso, exigem a apresentação de um ou mais sócios para a permissão da entrada de um não-sócio. Desta forma, os organizadores dos bailes estabeleciam listas dos participantes autorizados a frequentar o salão. Figurar nesta lista é algo, que muitos membros almejavam, pois simbolizava que o sujeito pertencia a uma elite e conseqüentemente, após os dias de Momo, seria lembrado, por fazer parte de um evento social tão importante.⁴⁰

As preocupações com custos giravam em torno de dois elementos principais: a mensalidade e os trajes festivos. Ambos denunciavam a importância que os próprios foliões atribuíam a sua auto-imagem pública e ao desempenho carnavalesco durante os desfiles. A preocupação com as verbas, nesse caso, estava associada também a auto-exigência de desfilar com belas fantasias.

³⁹ ARAÚJO, E. B. de. *Caicó ontem, como li*. Brasília: [s.n.], p.22-26, 1991.

⁴⁰ Sobre os carnavais de clubes no Rio de Janeiro ver: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. S. Paulo: editora Brasiliense.

Os bailes eram exclusivos dos sócios e suas famílias, com exceção de “pessoas políticas e influentes” que “possam abrilhantar o lugar”. Naquele momento, a condição distinta dos sócios se devia a sua separação do resto da população, que acompanhava os desfiles que davam voltas na cidade para depois se dirigirem aos salões. No entanto, os “populares” que lá chegavam acabavam ficando de fora dos portões. As notícias de como teriam sido os bailes chegariam até os “foliões populares” através da Rádio Rural, que era a responsável por informar sobre os festejos na cidade.⁴¹

Nos discursos produzidos pelo Diário de Natal, uma série de entrevistas com radialistas foram agenciadas para tematizarem sobre os clubes carnavalescos. Este depoimento dos jornalistas assumia um caráter descritivo do cotidiano dos bailes carnavalescos. Desta forma, estes construíam uma imagem de um baile ideal “um paraíso não encontrado nas ruas”. Temáticas tropicais, a exemplo das escolhidas durante os bailes do Iate Clube, eram utilizadas pelos radialistas até a exaustão. Desta forma ao narrar esses lugares desconhecidos por muito dos foliões que se aglomeravam nas ruas, os radialistas se valiam dos detalhes como o material utilizado na decoração, a exaltação da beleza das mulheres, o repertório tocado pela banda, criando um local que causava nos ouvintes que não estavam autorizados a frequentar os bailes, fascinação e desejo, para concluir os radialistas ainda lembravam que “Os bailes, hoje e nos três dias próximos, serão inúmeros!”, conforme anunciou o Diário de Natal.⁴²

No carnaval de 1982, segundo as matérias publicadas no Diário de Natal o Iate Clube abriu seus salões para a realização de um baile intitulado “Bal Masque” para o evento, estavam convidados a Rainha do carnaval: Sheila Costa e o Rei Momo Jocenildo. Os organizadores do baile organizaram um desfile com “15 fantasias de luxo e originalidade vindas de varias partes do Nordeste, especialmente de Natal, Campina Grande e Mossoró.”, conforme a nota de divulgação do evento no Diário de Natal. Para o baile Bal Masque, foi contratada a banda Show Scala, além do show principal, o baile contaria com a presença de um grupo de passistas e uma bateria para “animar os foliões, que preferem sambas ao frevo”.⁴³, conforme anunciado na Tribuna do Norte.⁴⁴ Diante disto, outro discurso vai sendo gestado sobre o carnaval do mesmo ano, tratava-se do anuncio do baile a fantasia realizado pelo Iate Clube.

⁴¹ Noticia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 12 de fevereiro de 1983. ”intitulada Os grandes bailes”.

⁴² Noticia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 10 de fevereiro de 1983.” intitulada As festas se aproximam”.

⁴³ Noticia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 11 de fevereiro de 1982, intitulada “Programação”.

⁴⁴ Noticia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 17 de fevereiro de 1982, intitulada ”Animação para os foliões”.

Os discursos veiculados pelos jornais, buscavam, através destas matérias, divulgar as festas ocorridas de acordo com a “moral e os bons costumes”, não sendo frequentadas por “baderneiros” ou “desordeiros” e, justamente por isso, constituíam ambientes familiares. Para aquele mesmo baile, no Iate Clube, outra nota reiterou: “Não será permitida a entrada sem apresentação do convite”.⁴⁵

Por conta de uma concepção fomentada, sobretudo pelos periódicos, que associava o ato de beber ao de produzir desordens, afirmar que os blocos possuíam integrantes bêbados era certamente uma forma de classificação pejorativa evitada por muitos diretores de clubes carnavalescos e foliões. O enquadramento como “ébrios” estava a um passo da classificação como “desordeiros” ou “brigões”.

Os integrantes dos blocos mostravam-se, pois, muito preocupados em dizer publicamente que sua conduta estava de acordo com a ordem social que ocupavam; eles afirmavam ainda estar conscientes de seus deveres. Além disso, os diretores dos clubes, através das notas enviadas a imprensa, buscavam visibilizar, como a presença feminina nos bailes exigia dos integrantes masculinos uma conduta consoante com a moralidade e a respeitabilidade. Eles não queriam, de modo algum, ser enquadrados nem como bêbados, nem como brigões, pois conheciam muito bem como era a ação desses “foliões que faziam desordens nas ruas”.⁴⁶

Em 1983, como publicou a Tribuna do Norte, o Atlético Clube Corinthians realizaria um baile no seu salão intitulado: Preto e Branco remetendo as cores do time que nomeavam o clube. Para fazer jus aquele “ambiente selete”, os seus sócios se apresentariam vestindo “uma finíssima fantasia”. A nota que anunciou o evento deixou claro: “não serão permitidas fantasias de outras cores, apenas pretas e brancas”. Os mesmos cuidados aparecem na organização do baile à fantasia do Caicó Iate Clube. Para que a festa ocorresse num “ambiente de verdadeira elegância”, ficou estabelecido que o traje devesse conter motivos hawaianos, visto que o baile temático se chamava “A Noite do Hawai”. Por último, a mesma nota deixou claro: “haverá rigorosa seleção na

⁴⁵ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 21 de fevereiro de 1982, intitulada “Bons costumes e tradição”.

⁴⁶ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 23 de fevereiro de 1982, intitulada “Os foliões de clubes”.

freqüência e será verificado os trajes”. Após a referência a temática dos clubes, o jornalista insiste na descrição das atividades dos bailes:⁴⁷

A banda pernambucana “Scorpion” cuidará da animação no Corinthians durante as cinco noites da folia e a banda Circuito Musical fará a alegria nas manhãs de sol no Iate Clube. Segundo João Bosco de Medeiros, presidente do Corinthians “este será o mais animado carnaval de Caicó, apesar da crise que atinge o bolso da população”. “Mesmo assim, já foram vendidas todas as mesas” e quem quiser brincar o carnaval do Corinthians agora vai ter que esperar para o próximo ano”.

Nas páginas do jornal Tribuna do Norte – mas também em outros periódicos - foi possível encontrar notas que anunciavam festas bastante seletas. Um desses anúncios sobre os bailes carnavalescos na cidade de Caicó tem como título: “*Carnaval no interior*”, e faz uma propaganda apresentando as opções de clubes:⁴⁸

Quem preferir, contudo, um carnaval, interiorano, tem duas ótimas opções: Caicó e Macau. Na primeira dois clubes programaram bailes para todos os dias: O Caicó Esporte Clube terá festas durante o dia, ao passo que o Atlético Clube Corinthians organizou bailes noturnos.

Desta forma, existiam na cidade, dois carnavais que tinham seus festejos ocorrendo em espaços diferentes, entretanto, o Jornal Tribuna do Norte ao anunciar os possíveis carnavais do interior potiguar e fazendo assim uma espécie de propaganda desses carnavais, indicava a cidade de Caicó para os seus leitores, especificamente os carnavais que ocorriam nos clubes, espaço onde figuravam os representantes da elite caicoense.

Fosse nos anúncios de seus festejos ou nas colunas a eles destinados pelos jornais de grande circulação no estado do Rio Grande do Norte, ressaltava-se a primeira vista a força que os bailes vinham ganhando entre os habitantes de Caicó. Formados por grupos de classe média, estas associações eram alvos de constantes cuidados e permanente vigilância, fosse por parte da polícia local ou dos foliões que tratavam de policiar a conduta de outros foliões.

Desta maneira, o Diário de Natal vai construindo uma imagem e um discurso que tentam representar e nomear o carnaval dos clubes naquele período como uma festa de

⁴⁷ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 11 de fevereiro de 1983, intitulada “A Noite do Hawái”.

⁴⁸ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 15 de fevereiro de 1983, intitulada “Carnaval no interior”.

elite, que deveriam representar a sua classe com o uso de trajes “elegantes”, “distintos” e custosos. Isso justificava a proibição de fantasias de suposta falsa elegância ou quaisquer outras que aquelas elites associassem aos “inferiores” foliões da rua. As especificações e exigências quanto aos trajes indicavam a preocupação com a exclusividade, com a restrição e com a diferenciação. Do ponto de vista dos grupos sociais mais privilegiados, a vestimenta manifestava uma simbolização da posição social. Além disso, a fantasia utilizada era um instrumento de seleção dos convidados. Vestimentas de baixo valor ou trajes que pudessem ser usados por qualquer bloco poderiam facilitar a “invasão” de pessoas indesejadas. O que se percebe, mais uma vez, é o compartilhamento da preocupação em evitar as misturas com outras classes sociais.

Os sócios daqueles tão seletos clubes, entretanto, não eram os únicos responsáveis pelo caráter restrito de suas festas. Em 1985, um grupo de jornalistas da imprensa local “tomou a si” a tarefa de organizar os festejos carnavalescos – os das “elites” através de bailes; os dos “populares”, através de um concurso. Obviamente, diferentes espaços e recintos foram destinados à realização dessas atividades, cujo programa foi sancionado pelo prefeito. Os indícios das estritas relações existentes entre os blocos das elites locais, a imprensa e as autoridades públicas são facilmente encontrados nos periódicos pesquisados.⁴⁹

Desta forma, nesse ano, todas as diretorias de clubes, blocos ou quaisquer outras agremiações foram convidados por uma “comissão carnavalesca” - composta majoritariamente por jornalistas e funcionários da prefeitura a formar um cortejo na Avenida Coronel Martiniano, a fim de esperar a chegada de Momo. Após percorrerem as ruas centrais da cidade, seria realizada uma batalha de maisena, em que poderia tomar parte “toda a população de Caicó”, como registrou a Folha do Seridó.⁵⁰

A imagem de uma festa com participação irrestrita, entretanto, tinha profundos matizes. O baile de gala previsto pelo programa elaborado por jornalistas e funcionários públicos que seria realizado no Atlético Clube Corinthians, só seria permitida a entrada de sócios. Se, naquele cortejo, foliões de diferentes grupos poderiam entrar em contato – indicando que o carnaval era compartilhado por distintos festeiros – havia também um distanciamento propiciado pelo evento em um salão privado.

⁴⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 11 de fevereiro de 1985, intitulada “Bailes carnavalescos”.

⁵⁰ Notícia divulgada no Jornal Folha do Seridó. Natal em 13 de fevereiro de 1985, intitulada “Comissão carnavalesca”.

No carnaval anterior, conforme registrou a Tribuna do Norte, os jornalistas estavam reunidos com os diretores dos blocos no Iate Clube. Neste os diretores solicitavam “o apoio moral dos jornalistas”, além de sugestões para a elaboração do programa oficial de atividades burlescas. O objetivo era fazer com que os festejos fossem “a legítima expressão do espírito carnavalesco da elite caicoense”.⁵¹

No mesmo ano, um jornalista do Diário de Natal refletiu longamente sobre os principais responsáveis pela boa atuação dos clubes carnavalescos. Diretores, músicos, a qualidade das fantasias nos bailes e aparições públicas, eram descritos pelo jornalista como fatores que propiciavam a realização de “bailes da melhor sociedade”. Em suas palavras, os dias que antecederiam o carnaval constituíam uma “fase de intenso trabalho”. Tratava-se de um momento de agitação, que preocupava aqueles que tinham a “responsabilidade de promover festas luxuosas nos salões”⁵². Enquanto os integrantes dos blocos esperavam os dias de carnaval dormindo em suas casas, esses esforçados indivíduos estavam insones e preocupados com diversos “detalhes” da apresentação do espaço ao folião, argumentou o jornalista. Porém a recompensa por “essas noites mal dormidas” situava-se “nos aplausos dos foliões”. Desta forma, os diretores dos clubes para serem noticiados, elogiados e bem vistos, tinham que se preocupar com os “detalhes” dos clubes carnavalescos.⁵³

Faltava pouco mais de uma semana para o início do período momesco do ano de 1986, mas os foliões caicoenses já preparavam o carnaval. Entusiasmado, o jornalista narrava a partir dos programas de festejos como seria o carnaval na cidade:⁵⁴

O carnaval deste ano em Caicó será aberto oficialmente no sábado, 13 quando o prefeito Vivaldo Costa entregará as chaves da cidade ao rei momo e rainha do carnaval. Na sexta-feira dia 12, haverá o tradicional o baile “preto e branco, nos salões do atlético clube Corinthians, que promoverá mais de quatro bailes e três matinês infantis, que contaram com a animação das orquestras Embalo (Recife) e Phobus(Caicó).

Na matéria publicada na Tribuna do Norte, havia uma entrevista com o presidente do Corinthians João Bosco de Medeiros, para o carnaval daquele ano segundo o carnavalesco cerca de 50 blocos haviam reservado mesas, devido a grande procura pelos bailes daquele clube carnavalesco o limite de mesas foi aumentado de 50 para 70. Os

⁵¹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 12 de fevereiro de 1984, intitulada “Iate Clube”.

⁵² Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 17 de fevereiro de 1984, intitulada “Bailes da sociedade”.

⁵³ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 03 de fevereiro de 1984, intitulada “Preparativos”.

⁵⁴ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 03 de fevereiro de 1985, intitulada “Carnaval em Caicó”.

preços, por mesa eram de “oito mil cruzados para os blocos de 16 componentes” que reservavam as mesas para os cinco dias de bailes carnavalescos. O balneário do Iate Clube, localizado as margens do açude Itans, promoveriam três manhãs de sol, denominadas pelos foliões como “tira ressaca”.⁵⁵

A exaltação do carnaval pelo jornalista do Diário de Natal – e a conseqüente valorização daquele espaço do clube – ficou evidente quando ele narrou que “O carnaval de rua será aberto sábado quando haverá o desfile do rei momo e a rainha do carnaval pela Av. Coronel Martiniano, onde no palanque central receberão as chaves da Cidade, seguindo-se do primeiro baile carnavalesco”. O jornalista continua a narrativa apontando mais detalhes sobre os festejos na cidade “Ainda no sábado, no clube Atlético Corinthians o tradicional Bal Masque, vai reunir na passarela cerca de 20 fantasias de luxo e originalidade. Muita gente colunável vai estar na comissão julgadora”.⁵⁶

Além disto, emerge neste período uma estratégia gestada a partir dos aparelhos de Estado e suas instituições disciplinares e punitivas que tinham como principal objetivo disciplinar e normatizar o carnaval da cidade. A partir deste período, a cidade passa a presenciar a tentativa de institucionalização e modernização do carnaval local. É neste sentido que se intensificam a produção de leis, regras e normas para se brincar o carnaval. Conjunto de normas estas que insidiam principalmente sobre as práticas ditas “populares”, com o objetivo de barrar ou impedir a participação dos mesmos nos festejos de rua. As proibições eram tantas que ficava difícil até de saber o que não era proibido. Contudo, os ditos “populares”, a revelia das elites locais, continuavam a tomar conta das ruas durante o período carnavalesco, como poderemos observar no discurso de Getúlio:

O Ala Ursa de antigamente era chamado de bloco do lixo, porque bloco do lixo? Bloco do lixo porque comumente aquelas alegorias tudo aquilo eram feito com peças, velhas que até muitas vezes iam buscar no lixão mesmo, iam no lixão buscar uma roda de um carro, um pneu de um carro, cortava para fazer uma burrinha que a gente chama né? A burra e outras coisas mas, eram praticamente coisas pegava o lixo, e transformava no nosso carnaval, e fazia o bloco do lixo com o pessoal mascarado, que era o Ala Ursa hoje né? Agora com o tempo esse carnaval foi se transformando, foram acabando.

Posturas municipais e estaduais penalizavam, com ênfase crescente desde 1980, os “indivíduos mascarados, que dificultem o reconhecimento imediato por parte dos

⁵⁵ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 13 de fevereiro de 1986, intitulada “Preparativos”.

⁵⁶ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 16 de fevereiro de 1986, intitulada “Fantasias”.

policiais que fazem a segurança da sociedade”. Havia um crescente sentimento de ameaça que envolvia a convivência com os mascarados, causando repressões intensas aos foliões que ousassem cobrir a face durante os festejos, inclusive, dentro de clubes privados.⁵⁷

Mascarados que freqüentavam as ruas nos dias de carnaval apareciam então colados a noção de crime e de violência. O folião que se escondesse por trás da máscara tornava-se o ponto central das preocupações das autoridades e da imprensa.

O mesmo jornal retoma a questão dias depois para revelar que os clubes que fizeram as suas inscrições para os bailes, recebiam portarias contendo listas de proibições publicadas pela Secretaria de Segurança Pública. Essas portarias se repetiam durante toda a década, quase sem alterações em seus artigos. Não que em anos anteriores não tivesse existido tentativas de disciplinar e normatizar os festejos realizados em clubes e nas ruas. Mas, no início da década de 1980 este processo se acentua e passa a ser investido de um caráter político institucional que não se encontravam presentes anteriormente.

Meticulosamente, a polícia tratava de inventar novas formas de controlar esses foliões, intensificando a produção de leis, regras e normas para se brincar o carnaval.⁵⁸

O que preocupa as autoridades de Caicó no momento é o trânsito, pois com o aumento de ingestão de bebidas alcoólicas, aumenta também o número de acidentes. No momento a população reclama da desorganização do estacionamento preferido por todos que vão para a Avenida Coronel Martiniano e onde todos preferem estacionar, já que é a rua onde fica todo o setor comercial da cidade.

Contingentes numerosos de policiais eram deslocados para Caicó, perdendo em número apenas para a cidade de Natal. Segundo as indicações da Secretaria de Segurança, publicadas nesse ano, onde constavam as seguintes instruções a serem cumpridas por e foliões durante os festejos carnavalescos⁵⁹:

Artigo 1º Ao folião é proibido:

⁵⁷ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 09 de fevereiro de 1980, intitulada "Mascarados".

⁵⁸ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 14 de fevereiro de 1980, intitulada "Ordem no carnaval".

⁵⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 05 de fevereiro de 1985, intitulada "Secretária de Segurança".

I- Usar fantasias que imitem indumentárias religiosas ou que contenham peças de uniformes das forças armadas, bem como as que façam quaisquer alusão ultrajante a atividade profissional.

II- Usar máscaras que impeçam a imediata identificação dos portadores quer na via pública, quer em recintos fechados.

III- Usar ou conduzir substâncias tóxicas de qualquer natureza, lança-perfume e seus similares.

Sobre os carnavais em clubes a portaria:

Art. 2º.-Aos promotores de festejos carnavalescos, clubes, entidades, associações e casas de diversões é vetado:

I- Uso de aparas, confetes e qualquer tipo de ornamento confeccionado de ISOPOR.

II- Durante a realização de bailes infantis, o uso e venda de bebidas alcoólicas.

III- Permitir o acesso ou a venda de lança-perfume e seus similares, seringa e quaisquer outros recipientes que contenham líquidos corantes.

É desta forma que no início da década de 1980 em diante o carnaval passou a ser objeto de discurso de praticamente todas as instituições ligadas aos aparelhos de Estado na cidade. Do Juizado de Menores que tentava disciplinar “a participação de crianças nos festejos de momo” em Caicó. Da Secretaria de Segurança Pública e da Polícia que tentavam “coibir e reprimir a violência, a roubalheira e os atentados a moral e os bons costumes” durante o carnaval. Da Ciretran que buscava “organizar o trânsito no período carnavalesco”. Dos jornais locais que tentavam produzir “o brilhantismo da festa”. E do prefeito e seus prepostos, responsáveis pela liberação das verbas para o carnaval.⁶⁰

Além disto, estas estratégias disciplinares apontam para aquilo que é o seu outro, a sua condição de possibilidade, ou seja, o que é considerado pelos seus discursos como anormal, desviante, negativo; enfim, o outro a partir do qual elas se constituem. No entanto, o desvio não deixa de ser também a insinuação de outras práticas, sem discurso é verdade, e outros usos que aquelas pessoas faziam ou tentavam fazer da cidade e do carnaval. O anormal aponta para uma ruptura com a continuidade dos padrões de

⁶⁰ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 05 de fevereiro de 1985 intitulada “Bons costumes no carnaval”.

civilidade, de educação e comportamento estabelecidos. O negativo se constitui como uma prática do fora, fora das linhas de poder que constituíam a cidade e sua sociedade e que só conseguem capturar estas práticas sem discurso pelo negativo, por aquilo que não é, ou melhor, em contraste com aquilo que deveria ser.

1.1.3. *Máscaras não!* : as proibições carnavalescas.

Foi depois do carnaval de 1983 que o senhor João José Pinheiro de Veiga, secretário de segurança pública, concedeu uma entrevista a Tribuna do Norte. Naquele ano, ele fora o responsável pelos serviços policiais de fiscalização dos festejos carnavalescos no Estado do Rio Grande do Norte. Em suas palavras, os festejos ocorreram com “muito entusiasmo e muita ordem”, o que lhe trazia satisfação por ver que a “população soube se divertir com elegância (...), até nas Avenidas em que é mais intensa a concentração de populares”. Nas palavras do jornalista através das medidas empreendidas pelo secretário e “em razão de sua competência e autoridade”, foi “reduzida a zero a atividade perniciosa de certos indivíduos aproveitadores, que se vale de tais festejos para dar expansão condenável a sua maneira de se divertir”, declarou.⁶¹

O secretário deixou claro que houve “ordem” até mesmo onde existia “concentração de populares”. Suas declarações expressam uma concepção segundo a qual um grupo de pessoas que possam ser qualificadas de “populares” tendem a prática de desordens quando reunidas em um mesmo local, devendo, por isso, ser policiadas. O conceito de populares emerge com frequência nos periódicos pesquisados, este conceito atrelado a outros não se comportam historicamente apenas como palavras, em seu sentido mais corriqueiro; na medida em que funciona numa relação inextrincável com as intervenções nos espaços carnavalescos, estes nomes foram centrais para a invenção de um espaço onde deveria ser festejado no dizer do secretário e de outros órgãos apenas por uma “elite”.⁶²

Nesse sentido, por exemplo, no ano anterior, um jornalista do Diário de Natal, entre descontente e saudosista, elaborou significativas reflexões sobre os carnavais de

⁶¹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 08 de fevereiro de 1983, intitulada “Fiscalização”.

⁶² A definição dessa história dos conceitos está em KOSELLECK, Reinhart. *História dos conceitos e história social*. In: Futuro e Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, Contraponto; PUC-Rio, 2006. p.97-118.

Caicó. Tendo como modelo ideal os festejos do “passado”, estabelecendo comparações com festejos de décadas anteriores⁶³.

Entretanto, os desfiles já não ocorriam como antigamente. A tentativa de reviver velhas tradições festivas gerava atitudes segundo os jornais: “inesperadas e pouco civilizadas” por parte daqueles que deveriam ser espectadores passivos do carnaval. Em vez de oferecer confetes, aplausos e aclamações para os exibidos (e abastados) praticantes dos corsos, uma legião de foliões praticavam “outras formas de carnaval”.⁶⁴

Alguns dias depois da publicação desta matéria, o secretário de segurança, tomou providências tão eficientes a cerca do tráfego e do policiamento para a realização dos corsos na cidade, que acabaram merecendo “fartos elogios”, de acordo com um jornalista.⁶⁵

Mas, afinal, o que fazia estes outros carnavalescos para que fossem visto de forma tão depreciativa pelos foliões dos clubes e corsos? Porque era necessária a presença policial para que eles se comportassem de forma “decente”?

Como se pode perceber, os desfiles nos quais as elites desejavam exhibir-se, reservando às massas a posição de “espectadoras”, não ocorria sempre de forma harmônica. Havia um conflito entre a pretensão e a distinção social por parte das elites, e uma postura “inconveniente”, por parte das “massas”.⁶⁶

Apesar de uma multidão se fazer presente para assistir aos desfiles no centro da cidade, como foi relatado nos depoimentos orais e publicado nas matérias dos jornais, seria possível afirmar que nem todos os “espectadores” se enquadravam no perfil passivo deles esperados: visto que muitos caicoenses participavam de outras manifestações carnavalescas a exemplo das Escolas de Samba (como será visto no terceiro capítulo) e do Bloco do Lixo.⁶⁷

Na mesma data em que tal evento foi descrito na Tribuna do Norte, o Diário de Natal publicava uma nota, onde denunciava a falta que a moralidade, naqueles dias, como em outros, “onde as pessoas esperavam temerosas por aquele desfile, onde uma multidão maltrapilha desfilava nas ruas”.⁶⁸

⁶³ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte.Natal em 08 de fevereiro de 1983, intitulada “Fiscalização”.

⁶⁴ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte.Natal em 13 de fevereiro de 1982, intitulada “Carnaval de outrora”.

⁶⁵ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte.Natal em 15 de fevereiro de 1984, intitulada “Outros blocos”.

⁶⁶ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 10 de fevereiro de 1985, intitulada “Policiamento”.

⁶⁷ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 10 de fevereiro de 1983, intitulada “Bloco do lixo”.

⁶⁸Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 10 de fevereiro de 1983..”Multidão maltrapilha”.

Mesmo escrevendo matérias sobre as outras formas de festejos na cidade, os jornais estavam longe de ter uma postura menos preconceituosa com os foliões das Escolas de Samba e do Bloco do Lixo. Os periódicos faziam questão de publicar o nome dos recolhidos ao posto policial por “andarem festejando indignamente o carnaval”. Estes foliões eram vistos como “assustadores”, por fazerem provocações e a multidão que se aglomerava servia de “disfarce aos degenerados de todos os tipos”. A Tribuna do Norte escandalizava-se com a “imoralidade de suas pesadíssimas caçadas” e clamava por “enérgicas medidas”, já que as várias prisões efetuadas pela polícia não pareciam capazes de detê-los.⁶⁹

Breves notas noticiavam algumas prisões por desordem e imoralidades no carnaval, mas a persistência das reclamações sugere que não havia formas eficazes de repressão aos “foliões atrevidos”.

Por volta das 7 horas da noite, do dia 13 de fevereiro de 1984, a Avenida Coronel Martiniano foi palco de “uma cena pouco agradável” que acarretou a “prisão de um malfeitor”, conforme registrou a Tribuna do Norte. Um pouco antes do início dos festejos para aquela data, um folião agrediu fisicamente outro folião, produzindo grave ferimento neste, durante o desfile; o agressor acabou preso por um guarda civil, o que não seria difícil em uma avenida onde vários policiais faziam a vigilância. Acontecido em um dos territórios do “carnaval popular”, o trágico episódio dificilmente deixaria de ser noticiado pela imprensa. Conflitos como esse, que poderiam justificar a classificação dos foliões que não praticavam os cursos como “brigões” ou “desordeiros”, representavam tudo aquilo que muitos organizadores festeiros daquela rua buscavam evitar, embora nem sempre conseguissem.⁷⁰

Os enunciados jornalísticos sobre o carnaval de Caicó, no início da década de 1980 até meados da mesma, mostram-se repletos dos conceitos de “carnaval popular” “brigões” e “sujos”. Conceitos como estes, na busca por definir e compreender o carnaval de rua caicoense, denunciando as práticas destes festejos, inventam, na linguagem a situação de um carnaval degradante, contribuindo, para a fixação da identidade de um carnaval pobre e perigoso, a fim de justificar a enorme quantidade de

⁶⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 13 de fevereiro de 1984, intitulada “Imoralidade”.

⁷⁰ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 05 de fevereiro de 1983, intitulada “Desordeiros”.

leis que eram promulgadas para conte-los.⁷¹ São conceitos que procuram alcançar efeitos políticos concretos: “os sujos”, em particular, institui a imagem de um carnaval mal-administrado, empobrecido e abandonado, definindo uma forma de ver e dizer o carnaval dos populares, a fim de que o carnaval do Bloco do Lixo fosse incorporado as novas práticas punitivas e que não tivesse a aceitação dos caicoenses. Ainda que os jornalistas não tivessem pessoalmente relações diretas com as estratégias punitivas que incidiam sobre estes festejos, o carnaval dos “sujos” vem a tona em virtude de condições e interesses específicos, como sinal da inauguração da dizibilidade e da vizibilidade sobre o carnaval de rua através da denúncia destas manifestações.

À medida que corria o tempo, as ameaças subiam de tom e a prática da repressão se aperfeiçoava. Operações policiais eram descritas constantemente nos periódicos natalenses, uma destas intitulada *Operação Pierrot*, era narrada com uma das mais atuantes contra as “dezenas de marginais que foram presos” devido a ação intensiva da polícia local que “limpou” a cidade de Caicó dos indivíduos “nocivos” a sociedade e tranqüilizou os foliões durante os dias de carnaval.⁷²

As rondas policiais propostas para manter a “ordem” da cidade, foram distribuídas em quatro zonas de Caicó, sendo duas delas na periferia e duas nas Avenidas onde circulam a “gente da sociedade”. Esta divisão segundo o Major Maurílio Pinto de Medeiros, permitiu a partir das investigações nas zonas de maior contingente de pessoas de “toda a espécie”, havendo um maior aproveitamento do trabalho de buscas e apreensão de “marginais”. Desta forma na entrevista cedida ao periódico, o Major não revela o numero de policiais civis e militares que estão envolvidos na operação, por medida de segurança.

Durante o carnaval haveria fiscalizações nas ruas e clubes, procurando “foliões desordeiros e embriagados”, que perturbassem “homens e mulheres de bem”, visando sempre apreender lança-perfumes e prender os portadores e consumidores de substâncias tóxicas. Em 1982, a imprensa noticiava que “o descumprimento das medidas por parte de donos de clubes e sócios levaria ao fechamento dos clubes.” “haverá severa vigilância sobre os elementos suspeitos, exigindo-lhes sempre identificação”.⁷³

⁷¹ Sobre a abordagem dos conceitos presentes nas fontes e o questionamento histórico do seu uso político, ver KOSELLECK, Reinhart. *História dos conceitos e história social*. In: Futuro e Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, Contraponto; PUC-Rio, 2006. p.103.

⁷² Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 06 de fevereiro de 1983, intitulada “Operação Pierrot”.

⁷³ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 12 de fevereiro de 1982, intitulada “Vigilância”.

Outras matérias em páginas policiais tratavam da fiscalização policial durante o reinado de Momo. Tendo como título: *Máscaras proibidas*, a nota teria sido publicada a partir de um pedido da Secretária de Segurança Pública, que decidiu proibir o uso de máscaras que dificultassem a imediata identificação das pessoas, seja em vias públicas ou em clubes.

No entanto, a matéria causou polêmica, pois para os foliões a máscara seria um “*adereço inseparável de muitos foliões nos bailes e folias do carnaval*”. Desta forma, sabendo da insatisfação popular causada pela medida, o secretário justifica a proibição alegando que⁷⁴

A intenção não é complicar a vida dos carnavalescos, nem dar motivos para conflitos entre a polícia e a população. A medida tem por objetivo dificultar que assaltantes usem o carnaval para cometer assaltos em locais de grande concentração e fugirem impunes.

Segundo o discurso do Diário de Natal, a recomendação aos policiais era agir com prudência, onde as máscaras só seriam confiscadas em casos suspeitos, como no caso de “grupos de homens transitando juntos e a pé”. As crianças poderiam permanecer de máscaras caso estivessem acompanhadas dos pais, caso contrário, dever-se-ia também “arrancar-lhes as máscaras”. A proibição teve início no dia 22 de fevereiro vigorando até as 12h do dia 1º de março. A proibição das máscaras durante o carnaval fazia parte das medidas restritivas do período carnavalesco.

Ao longo dos periódicos aqui analisados, foi comum encontrar notas que continham opiniões que se opunham a determinados costumes festivos. Na maioria das vezes, esses pontos de vista foram manifestados por jornalistas e despontaram em ocasiões nas quais os valores culturais dos homens da imprensa serviam de parâmetro para a avaliação das práticas carnavalescas daqueles que desfilavam nas vias públicas. Nesse sentido, as concepções morais e estéticas dos jornalistas entravam em conflito com as tradições burlescas das ruas. Ainda que muitos jornalistas “permitissem” as diversões carnavalescas “populares”, isso não podia ocorrer de qualquer maneira.⁷⁵

O jornal Tribuna do Norte, em matéria publicada em 1984, manifestou seu ponto de vista em relação à festa. De acordo com a matéria, era “necessário” deixar o “povo se divertir”; concessão como essa, porém não poderia ser feita sem ressalvas: “mas que se

⁷⁴ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 11 de fevereiro de 1982, intitulada “Máscaras”.

⁷⁵ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 12 de fevereiro de 1982, intitulada “Diversões populares”.

divirta de uma forma coerente”, acrescentou em seguida. Um comportamento de acordo com esses valores significava que nem tudo era permitido. “Em nome do carnaval”, argumentou, não é lícito que “se façam todas as maldades, que se cometam todos os disparates”. Em sua opinião o carnaval precisava de limites bem precisos. Para tanto, “a polícia com as suas leis” deveriam impedir a “realização de atos contrários à moralidade”.⁷⁶

Conforme tal jornalista, o carnaval não deveria ser uma festa de “inversão” das “hierarquias” ou “liberação” dos costumes. Talvez, justamente por tais características estarem presentes na festa, o autor reagiu a elas através de uma postura de defesa da manutenção das regras e valores morais dominantes.⁷⁷ Afinal, não foi por outro motivo que ele enfatizou a necessidade de definir limites para as diversões do “povo”: suas práticas festivas deveriam ser “civilizadas” e “policiadas”.⁷⁸

Embora não faça menção explícita a algum grupo “popular” em específico, o jornalista parece estar se referindo aos “blocos do lixo” ou de “sujos” como era conhecido a maioria dos blocos de rua que não participavam de bailes carnavalescos.

Tais grupos tinham um modo extremamente peculiar de render homenagens ao Momo, ironizando os costumes e os valores morais, e debochando de acontecimentos diversos da vida social e política. Quase sempre, usavam máscaras confeccionadas por eles que, sob o olhar das pessoas como o referido jornalista, dificilmente poderiam ser descritas como sendo elaboradas com “arte”.⁷⁹

No carnaval de 1987, 18 foliões “populares” resolveram render suas homenagens ao Momo: recolheram alguns instrumentos de percussão e saíram às ruas. Suas fantasias eram simples: um deles ostentava um paletó e portava um pandeiro; uma parte deles estava mascarado e com tambores de latas. Todos tocavam e cantavam nas ruas. Acabaram mal sucedidos, pois a polícia os prendeu de acordo com a portaria baixada pela Secretaria de Segurança Pública que não permitia “conduzir qualquer instrumento

⁷⁶ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 07 de fevereiro de 1984.”, intitulada” Em nome do carnaval”.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 09 de fevereiro de 1984, intitulada ”Máscaras?”.

contundente mesmo como indumentária, ressaltado, quando em desfile oficial dos Blocos e Escolas de Samba”, conforme a descrição do Diário de Natal.⁸⁰

Naquele mesmo carnaval, outra nota afirmou: “Que criaturas são essas que saem as ruas todos uns maltrapilhos!”. Estes foliões sofreram duras repressões policiais naquele mesmo ano de 1987: na terça-feira dezenas de fantasiados deste tipo foram detidos. “Fantasiados assim, eles saíram da delegacia na quarta-feira de cinzas”, registrou o Diário de Natal.⁸¹

No carnaval seguinte, o desfile do curso não terminou bem, o que constitui um motivo para que o evento figurasse nas páginas policiais. Uma “discussão entre um casal”, afirmou o jornalista, foi se “acalorando” e acabou em enfrentamento corporal. Ambos eram foliões “populares”. O homem chamava-se Abdias, a mulher não foi revelado o nome. O desentendimento entre eles começara devido a um esbarrão enquanto dançavam. A fim de evitar a intensificação do conflito, fez-se necessária a intervenção de terceiros e, logo em seguida, dos próprios membros dos cursos, que desceram de seus carros a fim de “evitar uma tragédia”. Assim, os dois “brigões” foram levados a rua. “Quando a mulher chegava à calçada, foi agredida novamente por Abdias, que sacando de uma navalha, investiu contra ela, desferindo golpes a torto e a direito”, como registrou o periódico. Ferida, a mulher estava deitada no chão quando chegaram os policiais, momento em que Abdias havia fugido. Os presentes foram unânimes em dizer à polícia que o culpado pela briga fora Abdias.⁸²

O episódio é altamente significativo para ilustrar tudo aquilo que os “foliões populares” queriam evitar: aparecer na imprensa associados à marginalidade, a brigas e desordem. Os participantes do curso, não só tentaram evitar o conflito, como expulsaram ambos os brigões para fora da Avenida, não importando quem iniciou a briga. Quando os policiais chegaram, houve unanimidade em apontar quem fora o culpado: aquele que usara a navalha e desferia golpes. Assim, mostravam a polícia que aquele tipo de comportamento não estava de acordo com os foliões “civilizados” como eles, pois não se tratava de uma conduta correta.⁸³

A Avenida Coronel Martiniano era um espaço de sociabilidade para diversos grupos e eventos como aquele – que terminou em briga – não parecia ser exatamente o que eles desejavam. Nesse sentido, os membros dos blocos que desfilavam no curso

⁸⁰Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 08 de fevereiro de 1987, intitulada “Populares”.

⁸¹Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 10 de fevereiro de 1987. “Maltrapilhos”.

⁸²Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 01 de março de 1988, intitulada “O curso”.

⁸³Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 02 de março de 1988, intitulada “Brigas no carnaval”.

encontravam diferentes formas de combater a fama de marginais naquele espaço – e para isso contavam com o auxílio da imprensa que, ajudava a estigmatizar os “populares”.⁸⁴

Durante toda a década de 1980, os poderes públicos e a imprensa buscavam controlar os grupos de foliões “populares”, atitude, de certa forma já perceptível, quando os jornalistas publicavam as portarias da Secretaria de Segurança do Estado, diariamente, sendo alternada apenas a portaria, por notícias de desordens e brigas, nas quais se grifavam as razões as quais aqueles indivíduos foram detidos. Ou seja, os artigos das portarias, por proibirem quase toda forma de uso carnavalesco, serviam como modelo de punição constante.

Durante o carnaval de 1986, foi tarefa do Diário de Natal anunciar que eram permitidas manifestações públicas de comemoração ao carnaval, embora isso tivesse que ocorrer de forma controlada. A Chefia de Polícia anunciou que a “orientação geral” era a de permitir “a manifestação popular”. Entretanto, cabia a polícia evitar o “entusiasmo de uns e a orientação oportunista de outros”, bom como controlar todos os excessos que pudessem “desvirtuar e deturpar o sentido das manifestações”. Em resumo, a polícia estaria nas ruas para garantir que “as manifestações populares” não tivessem outros significados que diferissem do esperado por “foliões de bem”.⁸⁵

Outra nota, lançada na mesma semana da citada acima, descreve uma prisão carnavalesca. Era segunda-feira de carnaval, os carros se dispunham uns nas frentes dos outros, quando um folião, rouba uma carteira de “um folião digno, um membro do corso”. Na fuga uma multidão corria para alcançá-lo, e logo foi preso pelo guarda e levado a delegacia do centro, seguido pelo ajuntamento popular. Foi aberto um inquérito, e as testemunhas iniciais arroladas no mesmo dia. A primeira, afirmou que vira o “mascarado” rondando os “homens de bem”, até a hora que decidiu atacar a sua “vítima”. A outra testemunha, disse que estava mais próxima do “malfeitor” e viu que ele tinha acabado de chegar a Avenida e foi rapidamente cometendo o assalto. O autor foi posteriormente preso e liberado no dia seguinte.⁸⁶

“Esperamos que não aconteça excessos e apelamos para a moderação dos foliões, que brinquem respeitando o direito de cada um.” Com esta frase teve início a fala do secretário de segurança João José Pinheiro da Veiga, que anunciava as instruções e ações da polícia a serem executadas durante o carnaval. Segundo o secretário, a polícia teria

⁸⁴ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 02 de março. 1985, intitulada “Marginais”.

⁸⁵ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 02 de março de 1986, intitulada “Policiamento”.

⁸⁶ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 05 de março de 1986, intitulada “Prisões”.

condições de atender a qualquer chamado e ainda acrescenta que “as pessoas devem ver no policial uma pessoa amiga sempre em condições de ajudar”.⁸⁷

Após a declaração do Secretário, ele reuniu a imprensa para divulgar a portaria de nº 159, no dia 16 de fevereiro, que estabelecia as proibições a serem observadas durante os festejos carnavalescos naquele ano, no município, e que segundo a matéria objetivava garantir a segurança de todos os foliões caicoenses e dos visitantes.

Desta forma, havia sido montado um esquema de segurança, visando o cumprimento da portaria. Os contingentes de policiais que se deslocavam para a cidade diariamente foram ampliados. Viaturas da Polícia Militar foram distribuídas em diversos bairros da cidade “principalmente na periferia, onde o índice de violência é crescente”. A nota aponta uma preocupação das autoridades para as outras formas de carnavais praticadas na periferia da cidade, e o possível deslocamento destes foliões “o povo inquieto” para as partes mais nobres da cidade.⁸⁸

Apesar de ter sido publicado dias antes dos festejos, a portaria foi repetida todos os dias nos periódicos de grande circulação do Rio Grande do Norte e locais. Além disso, cópias da mesma foram anexadas nas portas de clubes, ou de “qualquer outro estabelecimento festivo”, a fim de lembrar aos foliões as regras a serem cumpridas.

A portaria seguia com as suas proibições, sobretudo, as que se referiam ao desfile do corso, onde se proibia nos desfiles em Avenidas o uso de instrumentos barulhentos que “atrapalhem a paz de outros foliões” e adverte: “os motoristas que forem surpreendidos dirigindo embriagados estarão sujeitos a passar o carnaval detidos”.⁸⁹

As normas relativas ao trânsito, diziam respeito principalmente “aos veículos adquiridos em sucatas, que não se encontrem com o emplacamento legalizado”, proibindo também o uso de descarga livre nos veículos automotores, bem ainda “silenciadores de explosão insuficientes ou defeituosos”. Dentre as proibições a que era colocada de forma mais enfática pela imprensa era o “uso de sirenes que possam ser confundidas com as utilizadas no Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Ambulâncias”, sendo este considerado pelas autoridades um “crime carnavalesco grave”.⁹⁰

O uso de sirenes motivava algumas prisões e multas. Um grupo de foliões foi multado por fazer uso de sirenes nas ruas. O hábito de usar essas sirenes se estendia por

⁸⁷ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 16 de fevereiro de 1986.” Secretário pede moderação”

⁸⁸ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 03 de fevereiro de 1984, intitulada “Portaria”.

⁸⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 10 de fevereiro de 1985, intitulada “Atenção motoristas”.

⁹⁰ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 06 de fevereiro de 1984 intitulada “Fiscalização nos veículos”.

diversos pontos da cidade. Na imprensa, mencionava-se “o barulho insuportável desses foliões desagradáveis”. Entretanto, mesmo sendo irregular, a documentação disponível sobre a repressão a este tipo de contravenção sugere que as punições aos infratores eram raras.

A própria negligência policial em relação ao uso de sirenes na cidade revela que a repressão não era ostensiva e sistemática. Esta tolerância gerava denúncias nos periódicos. O Diário de Natal, em 1984, solicitava ao secretário de segurança, em nome dos “chefes de famílias”, a adoção de medidas enérgicas contra o “povo desordeiro”, que “assusta e perturba a paz”.

O mesmo jornal elogiou, no ano seguinte, o delegado da cidade por ter interditado a saída de um “bloco de rua” na periferia e apreendido, pessoalmente “os ruidosos instrumentos”. As ofensivas como a do delegado ganhavam notoriedade nos jornais, mais não intimidavam os foliões. Em matéria publicada na mesma semana da elogiosa ao delegado, o jornal lamentava que, apesar da iniciativa de alguns membros da polícia, a cidade continuasse a ser o “paraíso desses homens da rua”. Em relatório enviado ao secretário de segurança, o próprio delegado, reconhecia a dificuldade de coibir os “barulhentos foliões”.

Mas o uso de sirenes era apenas um dos “excessos” cometidos na festa. A polícia ressaltava que exerceria durante os festejos carnavalescos a mais severa e rigorosa fiscalização, especialmente aos que pelo seu comportamento “importunarem o outrem” em lugar público ou privado de forma ofensiva ou “atentatória ao pudor”.⁹¹

Conforme narrou um jornalista do Diário de Natal, foi em uma tarde de fevereiro que um aparentemente respeitável, porém (ressabiado) homem, elegantemente fantasiado observava as movimentações para o desfile do corso. De acordo com o redator, algum dia antes ocorrera “o início das demonstrações das forças desses foliões populares”, e ele tratou de deixar claro a que estava se referindo: os desfiles de blocos de sujos que, pelas principais ruas, exibiam suas fantasias e cantavam ao som de latas e paus. Havia nisso, entretanto, “uma coisa que não estava direita”, declarou. Eram os “grupos de espertos, que em grupos, quase sem fantasias, mascarados, faziam desfiles, pedindo dinheiro, dinheiro para bebida”.⁹²

Ao final do texto, o autor declarou o constrangimento provocado por aqueles indesejáveis “foliões” que poderiam ser retirados com uma “excelente fiscalização”.

⁹¹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 15 de fevereiro de 1985, intitulada “Proibições”.

⁹² Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 17 de fevereiro de 1986, intitulada “Foliões populares”.

Jornalistas como estes construíam uma imagem altamente depreciativa acerca do que, para eles, eram os foliões pobres, bem como do seu universo social e cultural. Sobre certos foliões e seus grupos carnavalescos pesavam estigmas como o de “vagabundos”, “marginais”, “violentos”, que precisavam sofrer a ação de uma “polícia de costumes”. De outro lado, se esses duros estigmas recaíam sobre os segmentos mais pobres da cidade ao longo de todo o ano, o carnaval oferecia um momento no qual eles poderiam ser combatidos e revertidos.

Em meio aos lamentos dos jornalistas quanto à decadência dos desfiles do corso, um programa de festejos, elaborado conjuntamente pela Prefeitura e por jornalistas em 1986, estabeleceu ocasiões distintas para a realização do corso e dos “outros carnavais populares” no centro de Caicó. O primeiro ocorreria no domingo de carnaval que deveria seguir “obrigatoriamente” o “trajeto oficial”, sendo aberta a participação dos “blocos oficializados”, era denominado como o Corso Oficial. O segundo, durante a Terça-feira Gorda: era o dia do “curso livre”, onde a população poderia tomar a sua rua, e fazer as suas brincadeiras “livremente”, mas “com recato”. O estabelecimento de duas datas, uma para o “curso livre” (designado assim mesmo, em letras minúsculas) e outra para o “Corso Oficial” (mencionado assim mesmo, com iniciais maiúsculas), denuncia uma visão reforçada por um recurso gráfico entre os diferentes praticantes dos desfiles: primeiro, “os blocos”; depois, as “sociedades”. Naquele programa festivo, a segregação entre uns e outros contou com o aval dos poderes públicos e dos homens da imprensa. A semelhança das festas das elites em seus clubes privados, o distanciamento social foi buscado também em plena via pública.⁹³

Jornalistas como estes construíam uma imagem altamente depreciativa acerca do que, para eles, eram os foliões pobres, bem como do seu universo social e cultural. Sobre certos foliões e seus grupos carnavalescos pesavam estigmas como o de “vagabundos”, “marginais”, “violentos”, que precisavam sofrer a ação de uma “polícia de costumes”. De outro lado, se esses duros estigmas recaíam sobre os segmentos mais pobres da cidade ao longo de todo o ano, o carnaval oferecia um momento no qual eles poderiam ser combatidos e revertidos.

1.1.4. *Do alto de seus carros:* os cursos carnavalescos.

⁹³ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 21 de fevereiro de 1986 intitulada “Programa festivo”.

Era sábado carnavalesco do ano de 1980, e o cortejo dos blocos caicoenses dava seus primeiros passos pelas ruas da cidade. Devidamente organizado, o desfile dos sócios em carros abertos decorados teve início. A sua frente, uma orquestra de metais, conduzia os foliões fantasiados com o maior “luxo possível”, estes percorriam as principais ruas da cidade previamente enfeitadas pela prefeitura municipal. As “outras famílias se aglomeravam para saudá-los”.⁹⁴

O carnaval daquele ano prometia ser animado para alguns moradores de Caicó. Reunidos em blocos carnavalescos, eles se preparavam para comemorar com desfiles e bailes em clubes fechados o reinado de Momo. Desta forma, não houve um único jornal que em suas notas não anunciassem a exibição dos blocos como um “estrondoso e empolgante sucesso.”⁹⁵

Para a imprensa, era a tal esperada “mudança do carnaval de rua” que finalmente chegara. De sua parte, não havia faltado empenho para convocar a população a aderir ao “melhor carnaval” e abandonar de vez outras formas de brincadeiras carnavalescas. Mais uma vez, ficava expressa a intenção, tanto de jornalistas quanto dos promotores da festa, de que os blocos carnavalescos não fossem mais uma brincadeira a distinguir os jovens das boas famílias, mas servissem de instrumento para uma mudança de atitude dos “demais foliões”. Por isso, tantos apelos para que os habitantes da cidade lhes dessem atenção exclusiva e fossem assistir aos seus desfiles. Se a população demonstrasse pouco entusiasmo pelos blocos, ou mesmo alguma indiferença, a iniciativa teria sido um fracasso.⁹⁶

É o melhor carnaval do interior, que no sábado a noite abriu o carnaval nos cruzamentos das Avenidas Coronel Martiniano com a Seridó. Nestas Avenidas, lindamente decoradas a alta sociedade vai desfilhar para o *povoão ver*.

As matérias tinham como objetivo convencer toda a população de que esta se divertiria mais e ficaria mais satisfeita se aceitasse ser coadjuvante durante os desfiles. Desta forma os blocos prometiam oferecer a população um “espetáculo tão belo que ela não presenciaria em nenhuma outra oportunidade”; em troca, receberiam aplausos e aclamações. Era o momento de serem reconhecidos como “a nobre sociedade caicoense”.

⁹⁴ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte.Natal em 05 de fevereiro de 1980, intitulada “Luxo nas ruas”

⁹⁵ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte.Natal em 07 de fevereiro de 1980, intitulada “Sucesso no carnaval de Caicó”.

⁹⁶ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte.Natal em 11 de fevereiro de 1980.”Melhor carnaval de rua”

Aos habitantes da cidade caberia demonstrar seu reconhecimento por tão nobres esforços, promovendo manifestações de simpatia, integrando-se a esse festejo.⁹⁷

Os próprios membros dos blocos já mandavam publicar, junto das matérias sobre concursos de rainha daquele carnaval, apelos à participação da população. Estes pareciam surtir efeito, pois a Tribuna do Norte já noticiava a iniciativa de indivíduos que organizavam comissões de moradores de sua rua ou quadra para acolher os blocos com alegria. Sobre estas pessoas também recaía uma parte do prestígio pelo sucesso dos cursos. Estas atitudes contribuíam para dar uma forma efetiva a idéia de reciprocidade que se pretendia por em prática entre carnavalescos e moradores da cidade.⁹⁸

A estas convocatórias ao “povão”, ao que tudo indica os blocos obtiveram relativo sucesso, visto a quantidade de “público” que observava “atenciosamente” e “deslumbrada” ao desfile do curso. Em Caicó, surgiram cerca de 30 blocos, que se revezavam entre as festas em recintos fechados realizadas no: Atlético Clube Corinthians, Iate Clube de Caicó e os desfiles de automóveis. Os sócios desses clubes pretendiam se diferenciar das massas. Esse diferencial seria definido especialmente pela segregação entre aqueles que deveriam desfilar e aqueles que deveriam assistir. Para seus membros, esse era um dos principais objetivos dos desfiles.⁹⁹

O Iate Clube gabava-se da sua tradição em bailes, sendo o clube mais antigo da cidade e, portanto podendo oferecer aos foliões o melhor carnaval sempre. O clube, através da imprensa, tentava fazer crer em uma continuidade nunca interrompida. No carnaval de 1981, um jornalista decretou que “todo o luxo dos antigos cursos seriam revividos na Avenida, através dos seus blocos carnavalescos”.¹⁰⁰ Nesse sentido, é extramente significativa a presença desse clube ao longo da década de 1980: ela evidencia uma tentativa, por parte de alguns setores das elites locais de, reviver glórias passadas e de atribuir às massas uma postura festiva coadjuvante.

O clube, através da imprensa, tentava fazer crer em uma continuidade nunca interrompida. Este exaltado pelos periódicos potiguares oferecia também ao folião a oportunidade de¹⁰¹:

⁹⁷ Ibidem

⁹⁸ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 10 de fevereiro de 1981, intitulada “Blocos vão desfilar com alegria”.

⁹⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 12 de fevereiro de 1981, intitulada “Tradição nos desfiles”.

¹⁰⁰ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 06 de fevereiro de 1981, intitulada “Luxo no curso”.

¹⁰¹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 11 de fevereiro de 1981, intitulada “Iate Clube”.

(...) brincar um carnaval animado pela orquestra (...) enquanto toda a moçada se diverte no salão, muitos curtem o sol escaldante do Seridó para se bronzear e tomar banho de açude. O carnaval no Iate começa por volta das 9h da manhã e rola até as 16 h, dando um pequeno intervalo de cerca de uma hora para os foliões voltarem ao centro da cidade - distante oito quilômetros - e cair no corso, na Avenida Coronel Martiniano.

O costumeiro desfile dos blocos que brincavam carnaval no Iate Clube percorreu as ruas da cidade em 1982. As celebrações começaram logo pela manhã, com a queima de fogos. No centro, onde os festejos já haviam iniciado, as pessoas que passavam admiravam a decoração preparada pela prefeitura, “constantemente elogiadas pelos foliões que mandam suas cartas a redação”. Aos moradores cabia esperar para o espetáculo que se daria mais tarde. Como observou um jornalista “raro era um folião que não observasse entusiasmado aquela Avenida”.¹⁰²

A polícia argumentava que aglomerações como aquelas que esperavam o desfile do corso favoreciam a proliferação de brigas e “desordens de todo o tipo”. A tarde, os participantes começaram a tomar lugar no cortejo. As autoridades, a imprensa, os comerciantes, iam à frente do corso, empenhados em mostrar aos “populares” que aquele momento deveria ser de seriedade e ordem.¹⁰³

No desfile, os blocos participantes exibiam uma determinada imagem da sua sociedade, ou, pelo menos, revelavam um modelo a ser seguido. Ao estabelecer quem seriam os participantes e suas posições no cortejo, interpretava-se uma ordem social fundada em status e prestígio.

Depois de devidamente organizado, o desfile descia a Avenida Coronel Martiniano, seguido por “aplausos”, e seguia seu trajeto formando um círculo, subindo, na Avenida Coronel Martiniano, seguindo pela Avenida Senador José Bernardes, adentrando pela Avenida Otávio Lamartine, retornando a Avenida Coronel Martiniano.

O ponto alto das apresentações dos blocos, no corso, dava-se no último dia de carnaval, quando as agremiações desciam de seus automóveis e faziam o desfile a pé. A premiação era organizada pela Rádio Rural de Caicó, que se localizava na avenida Otávio Lamartine. Concluída a etapa do corso, os blocos se dirigiam aos clubes locais.

¹⁰² Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 07 de fevereiro de 1982, intitulada “Programação do Iate Clube”.

¹⁰³ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 08 de fevereiro de 1982, intitulada “Desordens de todo tipo”.

Os periódicos do Rio Grande do Norte possuem um caderno específico para tratar das notícias do interior do Estado. Desta forma, as matérias sobre o carnaval de Caicó, salvo em alguns anos se localizam na coluna intitulada: Gentes e fatos do Seridó. Nesta coluna, segundo anuncia no início de seus textos o jornalista responsável, “figuram a sociedade colunável da cidade”. São recorrentes nestes periódicos as matérias que procuram semelhanças entre as praticas carnavalescas na cidade de Caicó e em Natal¹⁰⁴.

De um modo geral o carnaval de Caicó é muito parecido com o da orla marítima em Natal. O que mais se assemelha com a piração das bandas natalenses é o corso dos blocos na Avenida. A única ressalva é que a alegria do corso é muita, mas dura pouco. Dezenas de blocos circulam pela avenida com seus foliões em cima de caminhões e outras charangas, concentrando-se todos ao final de apenas duas horas de folia no Bar do Alumínio.

O trecho citado acima, veiculado pelo jornal Tribuna do Norte em 1982, indica a prática que antecede as festas em recintos fechados, era hábito dos sócios dos clubes carnavalescos desfilarem pelas principais ruas e maiores avenidas do centro de Caicó, com a finalidade de serem vistos, aplaudidos e reconhecidos pelas “massas” que ficavam de fora dos seus bailes. Eis aí o principal objetivo dos cursos realizados pelas elites: a busca por visibilidade e reconhecimento social.

Esse era um costume compartilhado pelos blocos da “alta sociedade” caicoense. Ao longo da década de 1980, foi possível encontrar indícios de que algumas parcelas das elites locais ainda pretendiam desfilarem para o povo assistir: as massas não eram vistas por elas como sujeitos da festa.

Ao invés de ser uma festa que, ao subverter hierarquias, permitiria que todo se iguallassem, o carnaval servia de suporte para o reforço das diferenças sociais, visibilizando práticas e significações muito distintas daquelas ressaltadas por abordagens que tratam o carnaval como um símbolo de identificação nacional. Nesse sentido, as notas publicadas permitem perceber as diferenças entre os que se exibiam do alto de seus carros e os pedestres que assistiam e aplaudiam.¹⁰⁵

Essa desigualdade das “contribuições” oferecidas por aqueles que assistiam e por aqueles que se exibiam publicamente também pode ser encontradas em outras cidades. A historiadora Rita Araújo, que pesquisou os carnavaís do Recife entre as últimas décadas

¹⁰⁴ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 06 de fevereiro de 1982, intitulada “Alegria no desfile do corso”.

¹⁰⁵ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 07 de fevereiro de 1982, intitulada “O povo assistia ao desfile”.

do século XIX e as primeiras do XX, afirmou que os desfiles em forma de curso realizados pelas grandes sociedades daquela cidade exigiam altas quantias financeiras. O público, entretanto, conforme as queixas dos organizadores dos desfiles não compreendiam os duros esforços empreendidos e não recompensavam a altura aqueles que desfilavam. Isso constituía uma espécie de reciprocidade desigual.¹⁰⁶

Do ponto de vista das elites e da imprensa, a legitimidade nos desfiles do curso provinha tanto do fato de ser uma prática das próprias elites quanto da sua capacidade de representar o carnaval “civilizado”. Os carros que compunham os cursos deveriam aparecer sempre adornados com “admirável gosto artístico”, revelando um desprezo por estéticas supostamente pouco apuradas.

As notas presentes nos periódicos constroem uma imagem idealizada da apresentação pública pelas ruas centrais de Caicó. A pretensão à distinção social manifestada pelos blocos aparece intensificada pelo modo como o seu desfile foi descrito. O fato dos integrantes do “deslumbrante curso de gala”, estarem reunidos na frente da prefeitura, de onde partiu o riquíssimo cortejo” da rainha de carnaval, parece indicar proximidade com as autoridades públicas ou acesso a bens que outras associações dificilmente poderiam obter. Ou seja, a possibilidade daqueles blocos privados, poder contar com recursos públicos em seu desfile denota uma hierarquia no acesso a esses bens e, conseqüentemente, privilégios na forma que estes blocos desempenhavam seu papel social de elite durante o carnaval.

No ano de 1983, por iniciativa de diretores de clubes e jornalistas de várias cidades do Seridó, foi realizado um concurso para escolher entre as “senhoritas da sociedade” a rainha do carnaval, conforme noticiou a Tribuna do Norte. O Atlético Clube Corinthians obteve a honra de ter uma de suas ilustres sócias, Iara Maria Gadelha, representando o Bloco Destaque de Caicó, como vencedora. Aquela senhorita, porém, não estava sozinha: Ivana Rodrigues Diniz, Bloco Arroxo de Cruzeta; Lizandra Maria Dantas, Inflação de Acari; Maria Ednalda Silva, Espantalho de Cerro Cora; Rita de Cássia de Fausto, Enkrenka de Flôrania; Fábica Cristina de Araújo, Os Jegues de São Vicente; Luzia Dantas, Kome Sopa de Acari, Joseane Silva de Goiás, Akonxego de

¹⁰⁶ ARAÚJO, Rita de Cássia Barboza de. “*Carnaval do Recife: a alegria guerreira*”. Estudos Avançados, São Paulo, vol.11, nº29, pp.203-216, 1997.

Cruzeta; Ana Maria de Azevedo, Xafurdo de Florânia e Maria da Luz Azevedo dos Esculhambados de Jardim do Seridó eram as suas concorrentes.¹⁰⁷

Ao longo dos periódicos pesquisados, foi comum a constituição de “comissões organizadoras” dos festejos carnavalescos, em sua maioria compostas por jornalistas, mas que também contavam com indivíduos de profissões diversas. Tais comissões com auxílios dos poderes públicos, tinham por objetivo “administrar” os “festejos da cidade”, através da elaboração de programas de atividades, da realização de desfiles e concursos. Nessas competições os grupos eram “julgados” por indivíduos convidados por aquelas comissões, cujos membros também atuavam como jurados. Delas participavam jornalistas de importantes periódicos locais como a Tribuna do Norte e o Diário de Natal e outros. Também nelas atuava profissionais das rádios locais, como a Rádio Rural de Caicó.

As comissões atuavam elaborando programas e regulamentos para participação dos foliões nos desfiles e concursos. Por parte dos jornalistas, havia uma tendência a centralização do carnaval e, ao mesmo tempo, incentivos a festejos dispersos na cidade. Em pelo menos dois aspectos, as referidas comissões manifestaram uma característica constante: a postura normatizadora e a tendência de separar o carnaval de rua da “elite” do carnaval “dos populares”.

Entre 1980 a 1988, a imagem dos principais organizadores dos festejos recaiu sobre jornalistas, diretores de clube e membros da rádio. A partir de 1990, foi a prefeitura que passou a figurar como maior responsável pela tutela do carnaval, sem abrir mão da ajuda dos demais citados acima.

Foi em 1981 que, “a comissão carnavalesca” dos festejos da cidade, formada por uma verdadeira “comissão de colunáveis” desejou unificar o carnaval caicoense, conforme registro do Tribuna do Norte. Prefeito, jornalistas, diretores, a sociedade estavam “desenvolvendo intensa atividade para concentrar o carnaval na Coronel Martiniano”. Eles alegaram que estavam trabalhando para que os festejos tivessem uma estrutura “a altura da cidade”, embora as elites buscassem reservar especialmente o centro da cidade para a realização das suas festas, elas aconteciam em recintos privados; logo, os “populares” poderiam ocupar as ruas centrais. Mas havia um detalhe importante: para tal comissão, essa ocupação do centro não deveria ocorrer de qualquer forma, mas por meio da realização dos cursos.

¹⁰⁷ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 10 de fevereiro de 1983 intitulada “Rainhas de Carnaval”.

Naquele mesmo ano, a comissão esteve reunida nos clubes das elites locais. Uma das decisões do grupo foi “prestar auxílio aos blocos de corso” fazendo com que a população “participe assistindo ao desfile”. As notas publicadas nos periódicos, sobre as organizações dessas comissões são uma constante, uma dessas publicadas na Tribuna do Norte:

Uma comissão formada por representantes do poder municipal, impresso blocos e escolas de samba, esteve reunida e definiu todo esquema que será desenvolvido durante por período momesco. Ficou acertado que o carnaval será aberto oficialmente no sábado, dia 13, às 8:00 h da noite, Vivaldo Costa. Os desfiles oficiais dos blocos serão realizados no domingo e terça-feira, ao longo da Avenida Coronel Martiniano. Uma comissão julgadora, ainda a ser escolhida, julgará as apresentações dos blocos. Para os blocos serão obedecidos os seguintes itens: fantasia, animação e coreografia. A premiação para as classificadas será a seguinte: 1º lugar dez mil cruzados, 2º lugar cinco mil cruzados e 3º lugar três mil cruzados, além de troféus.¹⁰⁸

Os membros da comissão local atuavam em conjunto com comissões de cidades vizinhas. Em 1988, por exemplo, os jornais a Tribuna do Norte e o Diário de Natal anunciaram que a cidade de Acari, organizariam concursos carnavalescos, além de realizar a escolha da rainha do carnaval do Seridó (entre as senhoritas elegantes das sociedades de elite), fariam também uma competição para selecionar o “*bloco popular*” campeão daquele ano- e isto ocorria através de desfiles em corso. Sobre estes concursos:

Não há duvida: a principal programação carnavalesca desta temporada em nossa região, ocorrera hoje as 22 horas no Granjal Clube de Acari, numa produção dos mais jovens empresários do Seridó, Evaldo e seu irmão Evandro Cavalcanti de Medeiros. A noite que deve bater um recorde de publico e animação terá como atração a escolha da Rainha do Carnaval do Seridó-88. Na passarela estarão concorrendo o titulo, representantes de vários blocos de elite da região, entre elas: Ivana Rodrigues Diniz(Bloco Arrocho de Cruzeta), Iara Maria Gadelha(Destaque de Caicó).¹⁰⁹

Apesar de cada região do Seridó possuir sedes próprias de clubes carnavalescos, no período de carnaval os blocos realizavam exhibições públicas em passeios de automóveis nas suas cidades. Além desta prática, estes costumavam viajar para outras cidades circunvizinhas nas quais as prefeituras municipais eram as promotoras de concursos

¹⁰⁸ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 02 de fevereiro de 1981 intitulada “Comissão carnavalesca”.

¹⁰⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 10 de fevereiro de 1983, intitulada “Festa em Acari”.

carnavalescos e distribuíssem premiações em dinheiro ou em troféus para os vencedores. Em outro carnaval, de acordo com um jornalista da Tribuna do Norte, os blocos participaram de um evento na cidade de Carnaúba dos Dantas¹¹⁰:

Vários blocos estarão desfilando na segunda-feira de carnaval na Praça Caetano Dantas nesta cidade, numa promoção da prefeitura municipal, sob a coordenação do vereador Marcos Antonio Dantas. Os blocos Mocidade Independente e Arrocho de Cruzeta, Funil de Parelhas, Eletrolar na Folia de Caicó, Sassaricando de Frei Martinho na Paraíba e Satinado do Povoado de Santo Antonio, estarão se exibindo perante as autoridades, prefeitos, comissão organizadora e *o povo, que deve encher o corredor da folia* especialmente decorado para o espetáculo momesco. O bloco Aperte que será o grande anfitrião deste encontro, vai desfilar domingo em Cruzeta e São João do Seridó. A noite estará se apresentando na comunidade Ermo, e na terça-feira de carnaval *fará assalto* nas cidades paraibanas de Frei Martinho, Picuí e Nova Palmeiras. Todas as agremiações que vão desfilar em carnaúba, Troféu Participação da Comissão Organizadora.

Durante a década de 1980, fosse ao centro de Caicó, ou nas cidades vizinhas, os cursos colocavam, de um lado, os “carros elegantes da sociedade” e, de outro, “o povo”, anônimo das ruas. Essa proximidade entre “desiguais”, todavia, não era nenhuma novidade. Maria Clementina ao examinar os desfiles de cursos cariocas na segunda metade do século XIX, aponta que o sentido mais geral dos desfiles residia na intenção de ostentar a condição social elevada de seus participantes, diferenciando-os das massas que se divertiam pelas ruas. Entretanto, “o esforço diferenciador exigia a presença do outro- o inferior e desigual- como condição de sua auto-afirmação”.¹¹¹ A importância das exibições públicas em automóveis residia no fato de colocar em contato nas vias públicas os grupos sociais que, nas festas privadas, ficavam separados.

Foi na tarde do dia 13 de fevereiro de 1983 que o aguardado curso desfilou pela Avenida Coronel Martiniano, no centro da cidade. Manifestando, do ponto de vista do jornalista que narrou o evento “grandiosidade”, “imponência”, constituiu, por esses motivos, uma “agradável surpresa para o povo que esperava ansioso”. “Aberto por um estandarte e por um veículo com membros da “política local”, vinha em seguida com os

¹¹⁰ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 10 de fevereiro de 1984, intitulada “Programação carnavalesca”.

¹¹¹ CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, pp.101,2001.

clubes “em cima de seus carros, devidamente fantasiados”. Depois o carro da rainha do carnaval, que cumprimentava “os seus súditos”.¹¹²

O jornalista da Tribuna do Norte realizou reflexões bastante significativas a cerca do festejo carnavalesco na cidade de Caicó. Na matéria o carnaval de Caicó é enfatizado como o melhor do interior do Estado. Um dos motivos elencados na matéria se deve a grande quantidade de bloco que desfilariam no curso naquele ano. “Aproximadamente 100 blocos da cidade fazem carnaval de rua e de clube”. Do ponto de vista das elites e da imprensa, a sua legitimidade provinha tanto do fato de ser uma prática das próprias elites quanto da sua capacidade de representar temas aparentemente “elegantes”.¹¹³

Os carros que compunham os cursos deveriam aparecer sempre adornados com “fino trato”, revelando um desprezo por estéticas supostamente pouco apuradas. Além disso, ser homenageado pelo carro de um curso consistia em privilégios para poucos – geralmente políticos ou membros da imprensa - faziam parte de tais homenagens.¹¹⁴

No carnaval de 1987, um curso em homenagem a imprensa local, organizado por quase todos os membros de clubes carnavalescos contou com cerca de 40 carros “pomposamente” adornados. Embora não tenha sido possível identificar aqueles exibidos foliões, foi possível perceber alguns significados nada desprezíveis associados a sua atuação. O articulista que narrou o evento estabeleceu, mais uma vez, uma distinção entre os que deveriam assistir e quem deveria desfilar como normalmente acontecia nas descrições feitas pela imprensa dos desfiles da elite.¹¹⁵

Ao representar o carnaval, a imprensa construía aos poucos uma imagem do festejo carnavalesco na cidade atrelado apenas aos carnavais de curso e de clubes, o Diário de Natal, faz uma descrição do curso praticado por crianças¹¹⁶:

Durante o curso, muitas crianças estão participando. Existem até os Gatões, um bloco de crianças da *sociedade*, que fantasiados e mascarados, distribuem alegria por toda a cidade. Tem até crianças de seis anos! Carnaval aqui é pra valer. Mesmo que você seja muito reservado, durante todo o ano, dono dos seus afazeres, concentrados nas suas atividades, pensando na inflação, não há quem segure.

¹¹² Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 13 de fevereiro de 1983, intitulada “Desfile carnavalesco”.

¹¹³ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 11 de fevereiro de 1984, intitulada “Melhor carnaval do interior”.

¹¹⁴ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 12 de fevereiro de 1984, intitulada “Blocos desfilam nas ruas”.

¹¹⁵ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 11 de fevereiro de 1987, intitulada “Carros luxuosos no desfile de carnaval”.

¹¹⁶ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 13 de fevereiro de 1987, intitulada “Desfile do curso”.

Conforme o relato do jornalista do Diário de Natal: “Na Avenida Coronel Martiniano tem o curso dos blocos que é um dos momentos mais animados na cidade, que possibilita ao povão observar um desfile da mais alta sociedade”, o curso ainda é descrito como um espaço onde há “muita alegria, mulheres jovens e lança perfume”. Mesmo com as publicações constantes de Portarias e outras regras que condenam o uso de lança-perfume e outras substâncias tóxicas, nas matérias sobre os cursos, diferentemente, das matérias sobre clubes carnavalescos, as substâncias tóxicas são na maioria das vezes associada a fantasia que o carnaval de rua se propõe ao “levar o pobre folião ao mundo de fantasias, presentes apenas em carros de curso”.¹¹⁷

A descrição deste curso deixa transparecer uma relação de reciprocidade desigual entre quem desfilou e quem assistiu: aquilo que foi oferecido às massas era superior àquilo que foi recebido pelos que desfilaram.

No período aqui analisado, as descrições feitas pela imprensa dos desfiles da maioria dos “blocos de sociedade” locais, como indicadas acima, repetiam exaustivamente os nomes dos blocos de elite, assim como os relatos memorialistas tratavam de enfatizar os blocos que uma vez de “elite” e “colunáveis” se inscreveram para participar do carnaval na cidade” Blocos como os Tupinambás, As Columbinas, Bafo de Onça, Os Psicodélicos, Zig-Zag, Os Fugitivos, Irmãos Metralhas, Topa Tudo, Apaga Fogo, Eletrolar na Folia de Caicó, Os Impossíveis, Papo Firme, Beatiniks, Garotos da Rural, Os Carrascos, Carcará, Pilantras.¹¹⁸

O período momesco na cidade é um momento privilegiado para a análise das relações sociais justamente porque serve como palco para a atuação de diferentes sujeitos social. Nesse sentido, a desigualdade no desempenho de papéis se evidencia tanto na prática dos cursos quanto nas festas em clubes privados. Para as elites, as exibições em carros e os bailes exclusivos durante os dias dedicados a Momo, funcionavam no sentido de criar e reforçar hierarquias entre elas e o “resto”, intensificando desigualdades já existentes durante o ano e também presentes em outros aspectos da vida social.¹¹⁹

¹¹⁷ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 12 de fevereiro de 1987, intitulada “Fantasias de carnaval”.

¹¹⁸ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 11 de fevereiro de 1986, intitulada “Blocos de sociedade”.

¹¹⁹ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 10 de fevereiro de 1986, intitulada “Viva o carnaval”.

Nas narrativas orais, foi possível encontrar descrições de como se dava esta separação entre os que assistiam e os que desfilavam na Avenida. Jonny Costa folião presente nos desfiles da década de 80 relata¹²⁰:

No passado, quando o carnaval era de curso e de clube, a gente assistia a elite brincar o carnaval. As pessoas que tinham maior poder aquisitivo eram as, que de fato, vivia o carnaval inteiro, o dia todo. Porque é lógico que as pessoas que mesmo correndo a Avenida para assistir o desfile dos blocos, viviam em parte o carnaval porque o assistiam, mas não tinha a oportunidade de viver todo o carnaval, de integrar-se a todas as partes do evento.

Em cada um dos cursos analisados acima, a presença do povo que “se acotovela” para assistir ao desfile é uma constante. Djalma Mota radialista da rádio rural, quando interpelado sobre os carnavais da cidade de Caicó na década de 80, inicia sua narrativa a partir dos desfiles do curso¹²¹:

Eu me lembro que nos tínhamos um carnaval (...) o carnaval de rua de Caicó era o curso que dava a volta em algumas ruas, da cidade passando pela avenida principal, que era a Coronel Martiniano e de modo que os blocos naquela época preparavam as suas fantasias para os cinco dias de carnaval, os blocos eles faziam as fantasias, preparavam as fantasias e iam desfilando em cima de veículo, ou seja, de carros, caminhões.

Para Djalma, as fantasias são lembradas por ele, porque havia uma disputa devido aos concursos presentes na cidade. As fantasias mais bonitas seriam vencedoras desses concursos, e os integrantes dos blocos seriam lembrados após o carnaval “existia todo aquele estímulo do poder público em premiar os blocos que tivessem a melhor fantasia, o bloco mais animado, então eram os blocos como eu falei do curso”. Para participar destes concursos os foliões menos abastados passavam o ano se preparando para o desfile do curso¹²²:

(...) eles, juntavam dinheiro para quando chegasse o período de carnaval ele pagava aquela mensalidade. Todo mês, eu era pequeno, mas me lembro, isso lá para as bandas de 80. Todo mês ele pagava aquela mensalidade pra quando chegasse o final do ano, ele estava quito, ele não ia ter uma despesa única, de uma única vez.

¹²⁰ Narrativa de Jonny Araújo da Costa entrevista concedida em 27 de junho de 2002, presente em: SALES, Rúbia Batista de. *Folia Momesca: O ala ursa no carnaval de Caicó*. UFRN-Caicó, 2002.

¹²¹ Narrativa de Djalma Alves da Mota. Músico e radialista. 42 anos. Entrevista cedida em 13 de junho de 2007.

¹²² Narrativa de Djalma Alves da Mota. Músico e radialista. 42 anos. Entrevista cedida em 13 de junho de 2007.

Segundo o relato, o folião deveria na maioria das vezes pagar aos poucos para poder comprar a fantasia, mas sobretudo para pagar a mensalidade do clube¹²³:

Além do corso durante o dia, a noite os blocos iam para os clubes, era exatamente o clube com os seus bailes de fantasias e seu frevo e tudo mais, então os blocos a noite iam para o clube durante o dia e de manhã cedo iam para os passeio e a tarde, geralmente o corso era feito no final da tarde, a tardinha para a noite, era que tinha esse percurso do corso.

Os blocos tinham uma programação prolongada, pois fazia parte das suas praticas carnavalescas frequentar fazendas de amigos. Além da visitação em propriedades rurais, existia também o banho de açudes e balneários. Após esta maratona, os blocos concluíam o carnaval diurno no desfile do corso. Nestes trajetos, ocorria a exibição das fantasias, ao som de batucadas e de marchinhas carnavalescas pelas principais avenidas da cidade.¹²⁴

O desfile dos carros se estendia por alguns quilômetros, com seus carros abertos, ou com pessoas que se equilibravam em suas capotas, os carros geralmente abrigavam famílias inteiras. A capota arriada desses carros permitia que a visão da avenida fosse ampla, mas também possibilitava a aproximação física de quem assistia ao corso. Os “populares” ficavam dispostos na Avenida, esgueiravam-se para encontrar uma posição de onde pudessem ver melhor a passagem dos automóveis.

A Avenida Coronel Martiniano começou a ser alvo de olhares preocupados com a divisão dos espaços carnavalescos. Numa atitude vigilante, a Tribuna do Norte, alertava, em 1985, para as mudanças necessárias na avenida visando acabar com a feição “desagradável desse povo que se aglomera, e não fica em seu lugar”, pois, mais do que qualquer via pública, a Coronel Martiniano deveria favorecer o trânsito dos cidadãos.¹²⁵

Mas que noticiar a programação e ocorrências da festa, as notas publicadas pelos jornais sintetizava as opiniões desfavoráveis ao cortejo, pois “os carros já não são vistos com elegância, e sim com gritos e risos irônico”.

Um jornalista da Tribuna do Norte observou algumas atitudes “atrevidas” da parte de certos moços em relação às mulheres durante os dias de carnaval. Escreveu ele: “os ataques começaram na Coronel Martiniano. Ataques sem defesa. Moços maldosos

¹²³ Narrativa de Djalma Alves da Mota. Músico e radialista. 42 anos. Entrevista cedida em 13 de junho de 2007.

¹²⁴ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 10 de fevereiro de 1985, intitulada “Programação dos blocos”.

¹²⁵ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 07 de fevereiro de 1985 intitulada “Trânsito nas ruas”.

agredindo as senhoras e senhoritas que passeavam em carros” estes moços “não conheceram a decência dos carnavais de outros tempos” .Em oposição aos comportamentos observados em seu próprio presente, o saudoso redator evocou os carnavais de “outros tempos” , como se, em festas mais antigas, todos os foliões tivessem se comportado educadamente com senhoras e senhoritas.¹²⁶

No mesmo sentido, após o carnaval de 1985, um jornalista de A Tribuna do Norte refletiu longamente, perguntando-se, afinal, o que os folguedos daquele ano haviam deixado de bom. E a resposta foi bastante negativa “fica de tudo apenas a recordação de grupos mal educados que, pretendendo fazer graça a passagem dos veículos, batem fortemente a socos, tapas e pontapés nos carros, dizendo ao mesmo tempo frases grosseiras para os passageiros.” Ao que parece as elites tinham lá seus motivos para fecharem os clubes privados. E o autor concluiu: “Momo não deve estar muito satisfeito”.¹²⁷

Como se observou antes, as elites investiram-se na pedagógica missão de civilizar as massas através dos corsos. Porém essa postura gerava efeitos muito variados entre o “povilêu inculto e atrasado”. Em meados da década de 1980 este “povilêu” podia agir agressivamente a tais esforços civilizadores, dizendo “gracinhas”, pronunciando insultos, dando socos, tapas e pontapés nos carros das distintas famílias. Entretanto, também podia se apropriar da prática dos desfiles públicos, buscando o mesmo conhecimento, respeitabilidade, visibilidade e legitimidade que as classes abastadas pretendiam reservar para si. Não havia uma forma consensual de reagir as práticas dos corsos, principalmente à medida que vários grupos sociais dela se apropriaram.

No entanto, na década de 1990, uma série de outros discursos começou a ser agenciados, visando uma nova configuração dos espaços carnavalescos e das práticas carnavalescas, o bloco dos sujos e os festejos de rua começaram a ser exaltados com a inauguração de um novo espaço carnavalesco, criado pela Prefeitura Municipal.

¹²⁶ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 08 de fevereiro de 1985. ”Carnavais de outrora”.

¹²⁷ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 23 de fevereiro de 1985, intitulada ”Reinado de carnaval”.

Capítulo 2

***“Nódoas de Imagens”*: carnaval, espaço e memórias**

Homens que vivem, corações que amam, espíritos solitários, profissões anônimas. São características que definem o grupo do tradicional “Ala Ursa”. Chega o carnaval. No Bloco do Lixo a alegria não encontra barreiras; os entraves e as exigências sociais nele não habitam. O grupo é decididamente anônimo. Aqui se esquece a angústia, a necessidade existencial, as classificações destruidoras, impostas pelas tangentes circunstanciais da vida de cada indivíduo. O Bloco do Lixo é a representação autêntica e sadia de uma classe que só durante três dias no ano lidera a alegria que contagia as ruas da cidade sem a necessidade de adquirir o bilhete de sua manifestação, do seu desabafo, da sua volta por cima. De formas variadas e humildes a exaltação dessas criaturas se manifestam interpretadas pela Burrinha do Lixo, valente e teimosa, que sem nenhum sinal de cansaço, corre para dar o seu recado, amedrontando, as vezes, outras, divertindo a criançada que, na inocência da sua idade, se deleita diante do espetáculo de rua; o Urso, humilde e cabisbaixo, mais iluminado pela esperança de transmitir, “apesar de tudo”, seu ato selvagem de participação¹²⁸.

Essa passagem trata de lembranças, recordações de um passado distante e quase esquecido. Curiosamente, é assim que Maria Augusta Vale, escritora-colaboradora do livro *Rastos Caicoenses*, publicado na cidade de Caicó no ano de 1982, refere-se às suas experiências vividas no carnaval de rua. A autora descreve na parte inicial da sua fala as características que definem o Carnaval de Rua de Caicó. Vale utiliza um arquivo de

¹²⁸ ARAUJO, Lidianne ou Maria Augusta (org). “O bloco do lixo” In: *Rastos Caicoenses*. Caicó: Coleção Mossoroense, 1982.

imagens que a antecede e a induz a (re) criar fatos que pudessem ser encarados como verdadeiros, pois segundo a autora foram vividos pelos caicoenses que participaram desta produção literária.

Em entrevistas¹²⁹, a organizadora do livro, Lidianie Araújo, reconhece que há certos discursos que são cristalizados, são como “*nódoas de imagens*” que a organizadora “*recupera*” através de cada linha escrita em Rastos Caicoenses. Por possuir um estilo memorialista desde a escolha dos seus escritores até as formas de narração que enfatizam as experiências vividas, Rastos desde os seus prefácios até os seus textos, afirmam-se como uma publicação que “*traz a tona o passado de Caicó*”.¹³⁰

Nas narrativas memorialistas, jornalísticas e, na oralidade, a cidade de Caicó é constituída por relatos realizados por observadores que procuravam preservar a sua memória esperando que, através destas, o passado pudesse ser conservado em sua essência. Esse esforço contribuiu intensamente para a caracterização de Caicó como cidade carnavalesca. Os relatos memorialistas narram a história da cidade seridoense desde a década de 1920 até os dias atuais, mas fixam, sobretudo, nos anos de 1980 e 1990.

Nesse período demarcado, a cidade aparece nas narrativas transfigurando-se em um ritmo acelerado, de modo que, suas características interioranas articulam-se com outras formas de viver a cidade. Torna-se presente nestas narrativas a imagem do novo sobrepondo-se ao velho na tessitura de tramas inéditas, que recriam constantemente a paisagem citadina. Aliado a estas narrativas, os periódicos rio-grandenses a partir da década de 1990 começam a lançar novos olhares sobre a cidade; neste período de transição tão revisitado pelos memorialistas. Caicó começa a ser anunciada na imprensa e dita nos relatos orais como a cidade do *melhor e maior carnaval seridoense*. Por isso, fazem-se necessário encontrar as causas desse processo, as linhas de articulação que permitissem situar nesse novo terreno, bem como, justificar os novos rumos dos festejos carnavalescos. Desse modo, o eixo central que orienta estas narrativas sobre a cidade é a preocupação em dar conta das múltiplas mudanças que os festejos carnavalescos passavam. Pode-se dizer que esses relatos investiram intensamente na caracterização e descrição de Caicó, entre estas duas décadas, inventando e reinventando continuamente as festas, dotando-a de símbolos, marcos e identidade.

¹²⁹ Entrevistas cedidas a autora em 12-06-2008 e em 19-06-2008.

¹³⁰ ARAUJO, Lidianie ou Maria Augusta (org). *Prefácio* In: Rastos Caicoenses. Caicó: Coleção Mossoroense, 1982.

O carnaval de Caicó, enquanto ponto de convergência de múltiplas intervenções e apropriações materiais e simbólicas, é o lugar de investimento de vários discursos e práticas – sociais, culturais, políticas, etc - que ao se voltarem para ela produzem diversificadas imagens, muitas vezes contrastantes. A narrativa memorialista perpassa a maioria das produções sobre Caicó; inclusive em matérias jornalísticas recorre-se a esse tipo de narração; por isso a escolha do texto para abrir esse capítulo. A invenção da cidade de Caicó carnavalesca no – e pelo - discurso memorialista faz-se através da construção da memória. Ao tecer sua teia narrativa, esta enfatiza lugares e pessoas que melhor possam defini-la como local carnavalesco. É importante salientar que o documento não é tomado, aqui, como um vestígio ou como um mero reflexo do real, ou mesmo como fala que resgata o passado e possibilita reconstruí-lo fielmente. Ele é tecido a ser recortado, ordenado e elaborado pelo trabalho do historiador¹³¹. Desse modo, é fundamental destacar que as fontes são pensadas, nesse trabalho, tantos nos aspectos que expõem, repetem, enfatizam, quanto problematizados nos seus profundos silêncios e lacunas, já que esses também fazem parte da invenção e reinvenção desta¹³² cidade.

É preciso deixar claro que os relatos utilizados neste capítulo foram publicados em diferentes momentos: no período que compreendem os anos de 1980 e 2000, além de terem sido publicados em épocas distintas, variam estilisticamente de um autor para outro, pois cada um deles tem uma maneira própria de narrar os festejos carnavalescos e uma determinada experiência em relação ao passado; observa-se também que cada memorialista prioriza certos aspectos da festa.

Entretanto, o que torna estes memorialistas caicoenses semelhantes é o fato de participarem de um mesmo registro, compartilhar de uma mesma visão dos festejos e fazerem um mesmo uso da memória. Para todos eles a memória preserva, guarda, registra; pois é, deste modo, que eles buscam colocar em estado de suspensão as imagens dos carnavais de outrora.

¹³¹ Roger Chartier observa que os vários escritos literários- buscam repensar a idéia de social identificado com o real e de representações como um reflexo ou desvio deste. Segundo ele , é preciso atentar para o fato de que “ as estruturas do mundo social não são as categorias intelectuais e psicológicas : todas elas são historicamente produzidas pelas praticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Difel , 1990, página.27.

¹³² Como bem lembra Paul Veyne, os documentos são uma forma indireta, incompleta e lateral de se observar o passado. Este é um conhecimento que só pode ser construído a partir daquilo que os documentos nos oferecem e também através das profundas lacunas que ele abre.” A familiaridade que nós temos com o passado é aquela que nós temos com o passado é como aquela que temos com os nossos avós: eles existem em carne e osso, de modo que os dias passam e não pensamos nunca que a sua biografia, que ignoramos quase inteiramente, é povoada de acontecimentos tão apaixonantes como a nossa e não se reconstrói a risca”. VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Lisboa, Edições 70, 1983. pág 30.

Assim, os autores de Rastos Caicoenses e de outras publicações de caráter memorialista pareciam ter consciência da construção de um passado carnavalesco vinculado aos carnavais de rua, e, sobretudo, ao bloco do lixo. Para manter uma coesão nas narrativas sobre os festejos carnavalescos na cidade era necessário repetir, associar-se e ser fiel a uma forma de dizer e ver um passado longínquo para o carnaval de rua de Caicó, pois se fugissem disso os autores poderiam correr o risco de suas narrativas não serem consideradas verossímeis.

Ora, a questão é: de onde se originou essas condições de enunciado no dizer e ver Caicó como uma cidade carnavalesca? Deste questionamento, surgem outros que pretendem ser respondidas no decorrer deste capítulo: como a comunidade percebeu as mudanças identitárias? Quais as imagens construídas para legitimar Caicó como uma cidade que tem o “melhor carnaval do Seridó”? Quais os investimentos políticos para construir essa identidade carnavalesca? Qual identidade espacial se estabeleceu para a cidade?

Diante desta elaboração identitária, propomo-nos, então, rastrear os instantes da emergência de Caicó enquanto espaço carnavalesco a partir do final da década de 1987 até 2009. Para acompanhar os contornos, significados e usos que foram dados socialmente a este novo espaço carnavalesco atentamos para um determinado conjunto de práticas a que chamamos de *práticas de regionalização ou identitárias*, porque operam no sentido da produção de espaços caicoenses. São práticas entrecruzadas ainda que situadas em duas direções distintas: no campo discursivo, da dizibilidade dos enunciados e da produção de sentido da linguagem de que é exemplo o aparecimento de uma literatura específica sobre as manifestações carnavalescas que pretendem contar e abarcar a totalidade da história do carnaval na cidade; e no campo não-discursivo: da visibilidade, das atividades econômicas, das decisões políticas, das transformações e intervenções materiais - como no caso da criação do Complexo Turístico Ilha de Sant’Anna.¹³³

O espaço carnavalesco, na cidade de Caicó, é parte constitutiva das relações sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por determinadas representações¹³⁴, revestindo-se de simbologias e participando da construção de certas identidades. É possível pensar o espaço de Caicó como um relato e, como diz Certeau, os relatos

¹³³ Acerca das práticas discursivas e não-discursivas ver CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre, EDUFRGS, 2002, p. 61-79.

¹³⁴ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

*“atravessam e organizam lugares; eles o selecionam e os reúne num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços”.*¹³⁵

Os relatos orais nessa relação entre memória e espaço vão surgindo como fonte de análise, por ser uma forma de linguagem que não apenas representa o real, mas institui reais. Como diz Albuquerque Júnior, *“os discursos não se enunciam, a partir de um espaço objetivamente determinado do exterior, são eles próprios que inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõe para legitimarem”.*¹³⁶

Desta forma, analisaremos a construção da cidade de Caicó como cidade carnavalesca, a partir de sua “invenção”. A utilização deste conceito parte da idéia de que o homem não concebe e nem tem acesso ao puramente natural. Todas as percepções humanas sobre o mundo são eventos construídos espacial e temporalmente. Nesse sentido, a palavra “invenção” é empregada na sua remissão a: *“dimensão genética das práticas humanas, independente do que considerem ser ações determinantes ou fundantes da realidade ou de suas representações”.*¹³⁷ Isto é, esta expressão remete a uma temporalização dos eventos, dos objetos e dos sujeitos, podendo se referir tanto a busca de um dado momento de fundação ou de origem, como a um momento de emergência, fabricação ou instituição de algo que surge como novo, como é o caso de nossa análise, a inauguração dos temas e enunciados que definem o espaço de Caicó como carnavalesco.¹³⁸

Assim, o termo invenção remete-nos a uma dada ruptura, a uma dada cesura ou a um momento inaugural, de alguma prática, de algum costume, de alguma concepção, de algum evento humano. Nesse sentido, o momento da invenção de Caicó enquanto cidade carnavalesca e, como própria de um passado, visa dar conta dos agentes dessa invenção, definindo quais práticas, que relações sociais, que atividades produziram esse evento. Os memorialistas, as revistas carnavalescas, os relatos orais, sites, fotografias, músicas, atas de reunião e os periódicos são tomados como documentos históricos, capazes de possibilitar um rastreamento do momento desta invenção e dos interesses que se encontram na raiz de dado acontecimento, os conflitos e as contradições que levaram a sua emergência.¹³⁹

¹³⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*, p.199.

¹³⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar passado*. Bauru, SP. Edusc, 2007. (Coleção História). p.19.

¹³⁷ Ibidem., p.19.

¹³⁸ Ibidem., p.20.

¹³⁹ Ibidem., p.24.

As interpretações apresentadas neste capítulo foram construídas majoritariamente a partir de textos publicados nos seguintes periódicos: “A Tribuna do Norte, O Diário de Natal, A Folha do Seridó e o Jornal de Caicó”.

As notas acerca das festas carnavalescas analisadas ao longo do capítulo não foram predominantemente produzidas pelos jornalistas. Em sua maioria, eram bilhetes, cartas e informações fornecidas pelos integrantes dos próprios grupos de foliões indicando o local das festas e o trajeto das apresentações públicas, convidando clubes vizinhos, anunciando as novas fantasias e concursos, combinando horários de ensaios e reuniões. Os jornais da cidade eram abertos à divulgação de informações fornecidas pelos próprios festeiros. O “Diário de Natal e a Tribuna do Norte” eram os periódicos mais procurados por foliões que buscavam publicidade para seus festejos

Alem dos textos publicados na imprensa diária também foram utilizadas, como fontes, algumas memórias escritas por membros da comunidade de Caicó. Em seus escritos eles fizeram referência aos festejos carnavalescos. Essas narrativas são importantes, porque nos possibilitam pensar sobre as significações atribuídas pelos moradores da cidade ao carnaval e aos foliões.

2.1. A institucionalização do Carnaval de Rua em Caicó: o QG da folia.

O Jornal “Tribuna do Norte” publica, no ano de 1987, a programação completa do carnaval de Caicó com o nome das agremiações, horários e locais de desfile, e também a participação de um bloco estreante:

O carnaval na capital do Seridó, só termina na quarta-feira, com a passeata de Quarta-feira ingrata pelas ruas e avenidas da cidade, encerrando em frente ao Hotel Villa do Príncipe, Quartel General da Folia desde sexta-feira. Entre os blocos que vêm colorindo e animando a temporada de Momo da cidade de Caicó, a grande atração fica por conta do *estreante bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana, com mais de 1.200 participantes*.¹⁴⁰

É, nesse momento, que as reportagens publicadas reconstroem de forma diferenciada a história do carnaval de rua inclusive procuram os próprios participantes dos festejos e as autoridades para contarem suas memórias sobre as festas e as transformações na organização dos festejos. A própria organização das matérias sobre o

¹⁴⁰ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 02 de fevereiro de 1987 intitulada “Carnaval na Capital do Seridó”.

carnaval das regiões do Seridó sofrem alterações em seu formato. Se as matérias que noticiavam o carnaval de Caicó, nas décadas de 1970 a 1980, figuravam timidamente em pequenas notas, em colunas específicas para a região do Seridó, a exemplo, da presente no Jornal “Tribuna do Norte”¹⁴¹. No início do ano de 1987, as notícias sobre o carnaval de Caicó figuram em páginas inteiras e em matérias de capa.

Desta forma, é importante voltarmos um pouco no tempo para analisarmos como as matérias de a “Tribuna do Norte” representavam o Carnaval de Rua em Caicó. As manifestações de rua, nas matérias da década de 1970 e meados de 1980, descrevem os blocos de rua, pelo conceito genérico de “Ala Ursa”, desta forma a “Tribuna”: *“A festa do momo este ano em Caicó, será abrilhantada por 50 blocos de elite, 3 Ala Ursa e O Iate Clube começa sua movimentação no dia 23, com o baile verde e amarelo.”*¹⁴²

Todos os jornais pesquisados durante as décadas de 1970 a 1980 utilizam o conceito de “Ala Ursa” para descrever as agremiações de rua. No final da década de 1980 e início de 1990, houve um agenciamento de outros discursos que buscavam dizer a cidade de Caicó a partir do seu carnaval de rua. O jornal “Tribuna do Norte” publicava em 05 de março de 1987 a matéria: “Caicó mostra a melhor folia do interior” no texto o jornalista utiliza-se da transcrição de algumas entrevistas para enfatizar as mudanças dos festejos:

Segundo o professor de Tecnologia Têxtil da UFRN, Nicodemus Fernandes, dos irmãos metralhas, na década de 60, o quente do carnaval daquela cidade era na ASSEC- Associação dos sargentos e subtenentes de Caicó, que até hoje tem carnaval. Relembrou ainda outros blocos da época, como o Bafo de onça, AMC, Impossíveis, Os Fugitivos. Antes havia também desfiles e concursos dos blocos. Atualmente, a prefeitura investe mais no *carnaval do povão*.¹⁴³

“É o melhor carnaval do interior”, disse o prefeito Vivaldo Costa, que no sábado a noite abriu o carnaval do povão nos cruzamentos das avenidas Coronel Martiniano e Seridó. A prefeitura tem investido mais é *no carnaval do povão*.

Os enunciados jornalísticos sobre Caicó no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 mostram-se repletos dos conceitos como “povo”, “povão”, “massa”; conceitos esses, utilizados na busca por definir e compreender Caicó, apresentando um carnaval

¹⁴¹ Refiro-me a coluna intitulada Fatos e Gente do Seridó, presente no Jornal Tribuna do Norte.

¹⁴² Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 10 de fevereiro de 1986 intitulada “Festa em Caicó”.

¹⁴³ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 05 de março de 1987 intitulada “Carnaval do povão”.

sem hierarquias; inventam, na linguagem, um novo espaço carnavalesco, contribuindo, assim, para a fixação da identidade de uma Caicó carnavalesca, a fim de, justificar a atração dos investimentos que pudessem levar o município a se desenvolver.

Durante os anos de 1990, o tema das festas populares era o mais recorrente nos enunciados e nas práticas de produção da cultura popular na cidade de Caicó. A busca por enunciar a identidade caicoense instituía a cultura popular e estendia-se, inclusive, na valorização dos espaços por meio do mercado e do turismo. Conforme esta ressignificação ocorrida durante as mudanças espaciais na cidade na década de 1990, pela qual os espaços e a cultura caicoense eram vistos e ditos naquilo que poderiam alcançar o interesse dos turistas, acreditava-se que as matérias de expressão popular poderiam ser deslocadas de seus contextos de produção para atenderem a outros objetivos e demandas, para ajudarem a elaborar o *pitoresco* que se tornava “o típico” feito para ser admirado e ser vendido.

O surgimento e a institucionalização do Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’ana e das produções materiais, por exemplo, eram significativos, pois, a sua arte, ao ser exposta na rua, ser comercializada e receber o apoio do governo, foi tomada como ícone identitário de uma cultura popular local. Consciente da dimensão mercadológica que seu bloco alcançava, o carnavalesco Ronaldo Batista Sales, conhecido como Magão, dizia que seu bloco era “*do povo de Caicó*”, uma forma de divulgação de sua terra, pelo mundo através do carnaval.¹⁴⁴

Para instituir-se como cidade de carnaval popular na década de 1990, a prefeitura de Caicó cria um espaço específico para o desfile das agremiações, intitulado como QG da Folia, o espaço possibilitaria um carnaval “seguro” e sem “riscos” para a população:

A edição do carnaval “Folia do Povo”, realizado pela prefeitura de Caicó, promete maior brilhantismo e participação. Essa é a expectativa da comissão organizadora. Toda uma estrutura foi montada no QG da folia, em frente ao Hotel Vila do Príncipe, na Avenida Coronel Martiniano, principal artéria da cidade. Ontem a noite aconteceu o tradicional “esquentar turbinas” dando a senha, de como será o reinado momesco em Caicó. Hoje o prefeito Vivaldo Costa abrirá oficialmente a festa, entregando simbolicamente a chave da cidade ao rei momo, Djanir Alves.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 13 de fevereiro de 1992 intitulada “Carnaval para o povo”.

¹⁴⁵ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 05 de fevereiro de 1990 intitulada “Folia do Povo”.

Os populares estavam “autorizados” a realizar seus desfiles no centro da cidade, *locus* espacial destas elites, no período de carnaval nas décadas anteriores. De forma que a diferenciação social que as elites tentavam marcar a cada festa de carnaval, com a manutenção da nítida separação entre atores e espectadores, estava se desfazendo. A cada ano que passava os ditos “populares” estavam presentes em maior número nas ruas centrais de Caicó “fazendo o seu carnaval”. O que nos anos que se seguiram a 1990 provocou uma inversão entre atores e espectadores mesmo que ainda para marcar as distinções sociais. Esta inversão passou a se tornar mais sensível e visível aos olhos destas elites quando as mesmas foram encasteladas pelos produtores da festa em grandes palanques, destinados para as autoridades enxergarem os desfiles.

Toda uma estrutura foi montada no QG da folia, em frente ao Hotel Vila do Príncipe, na avenida Coronel Martiniano, principal artéria da cidade. Foram comercializados vinte e três camarotes, sendo nove improvisadas na parte térrea e quatorze nos apartamentos. As quatro suítes foram vendidas a 1.200. Os dez apartamentos a 1.000, enquanto os camarotes térreos custaram 630.¹⁴⁶

Desfiles estes que não eram mais produzidos por e para elas. Estas haviam perdido esta condição e a possibilidade de continuar mantendo o controle simbólico e efetivo da festa. O QG da Folia emerge na década de 1990 como uma estratégia gestada a partir dos aparelhos de Estado e suas instituições disciplinares que tinha como principal objetivo disciplinar e normatizar o carnaval da cidade. Não que em anos anteriores as tentativas de disciplinar e normatizar o carnaval da cidade não tivesse ocorrido. Mas, a partir da segunda metade da década de 1990 este processo acentua-se e passa a ser investido de um caráter político-institucional que não se encontrava presente anteriormente. A partir, então, deste período, a cidade passa a presenciar a tentativa de institucionalização e modernização do carnaval local como o melhor e mais popular do interior:

O carnaval de Caicó é o melhor do interior do Estado. Aproximadamente 100 blocos da cidade fazem carnaval de rua. Dezenas de blocos das cidades vizinhas do Estado da Paraíba e até de Pernambuco visitam a cidade e caem na folia. O povão da cidade brinca seu carnaval no cruzamento da Avenida Coronel Martiniano. O carnaval do povão é um

¹⁴⁶ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 02 de fevereiro de 1991 intitulada “QG da folia”.

dos momentos mais animados da cidade. Muita alegria, mulheres jovens e bonitas, lança perfume e loló.¹⁴⁷

O carnaval passava a ser visto, pelos segmentos políticos da sociedade local, não mais como um momento de marcar diferenças sociais ou de reafirmação de *status*, mas como um momento e espaço propício a construção de sua representatividade política e de suas imagens de políticos comprometidos e preocupados com o bem estar de “seu povo” junto aos segmentos sociais menos privilegiados da sociedade local.

Rubia Sales, historiadora caicoense, pesquisou as manifestações carnavalescas de rua e de clube na cidade de Caicó e destaca:

O carnaval estacionário que ocorria fora dos clubes surgiu também na cidade, no final dos anos 80, quando o poder público local colocou no cruzamento da Avenida Coronel Martiniano com a avenida Seridó, próximo ao mercado público, um palanque da prefeitura, com uma banda musical de pequeno porte. Foi a primeira iniciativa, apesar de tímida, de fazer com que os municípios de menor poder aquisitivo participassem do carnaval. Até então, a população menos favorecida estava praticamente de fora da folia momesca.¹⁴⁸

Com este discurso, Rubia Sales construía a imagem de uma cidade pioneira, em relação às outras cidades seridoenses. Discurso este que formaria e comporia com alguns outros o enunciado de que Caicó é carnavalesca em todos os espaços. A produção da historiadora é construída majoritariamente por relatos orais que afirmam que, antes da inserção do QG da Folia, os festejos de rua eram realizados ao lado do mercado público municipal e tinham que ser encerrados à meia-noite. A partir das entrevistas realizadas por Rubia, entre os anos de 1999 a 2000, havia uma divisão no carnaval de rua, entre as entrevistas citadas está a de Cláudio Sandegi:

Nós chegamos a ter duas bandas tocando, dois pontos. Geralmente, o ponto chave mesmo era o central, e numa dessas gestões (...), a Secretária de Ação Social estava assumindo o Vila do Príncipe, resolveu também bancar um carnaval lá em frente ao hotel. E ficamos divididos assim, entre aspas, podemos dizer: o carnaval bem popular mesmo, bem povão mesmo, que era centralizado lá no centro da cidade, até meia

¹⁴⁷ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 01 de março de 1995 intitulada “Melhor carnaval do interior”.

¹⁴⁸ SALES, R. B. de. *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*. Caicó. Monografia (Licenciatura em História), Departamento de Estudos Sociais e Educacionais da UFRN, 2000.

noite; e um carnaval de blocos, digamos assim, lá no Hotel Vila do Príncipe.¹⁴⁹

No entanto, na década de 1990, a prefeitura de Caicó, institui um único espaço para o carnaval estacionário e este deveria acontecer apenas em frente ao Hotel Vila do Príncipe. Rubia ressalta que mesmo com o investimento e produção de um novo espaço para o carnaval de rua, a prefeitura não se propôs a patrociná-lo. A medida teria sido tomada segundo a autora devido ao horário do carnaval estacionário estender-se pela madrugada prejudicando, portanto, o “Atlético Clube Corinthians”. Os blocos, no entanto, não estavam mais dispostos a participar dos bailes no clube, pois apenas o “Clube Corinthians” realizava o festejo e as despesas, para os blocos, estavam bastante elevadas. Pagava-se o ingresso para entrada e outras despesas extras surgiam. Os gastos excessivos gerados para a participação em clube provocaram insatisfação e os blocos perceberam que seria mais vantajoso fazer o carnaval na rua. Houve, então, no ano de 1992, uma reunião com os presidentes de blocos reuniram-se e decidiram segundo um depoente:

Os blocos já empolgados resolveram então dizer o seguinte: Então a gente paga a banda (...) porque saíria bem mais acessível para os blocos (...) quer dizer, só para você tá ali dançando, você ia pagar a bebida, pagar a entrada, tudo (...), o carnaval de rua saíria muito mais barato, mesmo os blocos pagando as bandas, nós tínhamos mais de cem blocos (...) aí quando os blocos disseram que iam bancar a festa, então o poder público, pra não ficar atrás, como sempre, resolveu dizer assim: a gente vai ver o que é que pode fazer: contratar outras bandas, aí dá certo, a gente banca.¹⁵⁰

Com o posicionamento dos blocos, os clubes começaram a perder os seus sócios, diminuindo a realização dos bailes carnavalescos. No entanto, estas mudanças implicariam também numa sensível redefinição dos discursos, os periódicos norte-rio-grandenses que cada vez mais passam a noticiar um bloco carnavalesco de rua: A Ala Ursa do Poço de Sant’Ana.

¹⁴⁹ Entrevista de Cláudio Sandegi presente em SALES, R. B. de. *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*. Caicó. Monografia (Licenciatura em História), Departamento de Estudos Sociais e Educacionais da UFRN, 2000.

¹⁵⁰ Entrevista de Cláudio Sandegi presente em SALES, R. B. de. *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*. Caicó. Monografia (Licenciatura em História), Departamento de Estudos Sociais e Educacionais da UFRN, 2000.

2.1.1. (Re)vivendo carnavais: a Ala Ursa do Poço de Sant'Anna .

*“A prefeitura de Caicó, com seus investimentos criou o carnaval do povo e parabeniza o Ala Ursa do Poço de Sant'Ana, por ajudar no resgate do carnaval de rua.”*¹⁵¹ Com estas palavras o jornalista de o “Tribuna do Norte” começava a narrar o cenário das mudanças estruturais das manifestações carnavalescas na cidade de Caicó. Boa parte dos periódicos apresentavam em seus discursos o Bloco Ala Ursa, o qual estaria nas palavras do jornalista: *“Sendo montado e distendido aos olhos dos foliões no alvorecer da década de 90, o que permitia a ocupação ou a perpetuação do povo nas ruas durante os festejos”*¹⁵². Neste período, boa parte dos jornais norte-rio-grandenses passam a produzir matérias que atrelavam a imagem da Ala Ursa a Prefeitura de Caicó, segundo estes discursos o bloco emergiria como a possibilidade de “*preservação*” de algumas “*tradições e costumes*” da “*Caicó de antigamente*”, isto é, como lugar de Memória no processo de re-atualização de determinadas sociabilidades de outrora.

Nas narrativas produzidas por esses jornais, a cidade e, praticamente, toda a sua população, estavam esquecendo suas “*raízes e tradições*”, desta forma, o bloco “Ala Ursa” surge nesses discursos como a possibilidade de “*resgate*” de um carnaval do “*povo*”, no sentido em que era agregado ao mesmo valores históricos e memorialísticos imprescindíveis para os propósitos então empreendidos. Um carnaval de rua, que segundo os jornais e as narrativas orais analisadas, só havia sido vivenciado plenamente por todos os habitantes de Caicó nos carnavais das décadas de 1930 a 1960. Nesse ínterim, o período que compreende as décadas de 1970 e 1980 surge nessas narrativas como uma época de “*morte*” dos carnavais populares. Indo por esse caminho, o jornal “Diário de Natal” divulga no ano de 1991 a seguinte matéria:

Em anos passados, o nosso carnaval de rua era uma alegria. Desta forma constantemente, procuramos em nossas reportagens, reavivar na lembrança dos caicoenses aqueles tempos em que os períodos carnavalescos sacudiam a nossa cidade com a pureza e diversão que é “recuperada hoje a partir da iniciativa da Prefeitura Municipal e a Ala Ursa do Poço de Sant'Ana. Jamais devemos deixar de, alimentados pelo passado, incentivar para que se processe uma reestruturação desta monumental festa popular”.¹⁵³

¹⁵¹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 12 de março de 1994 intitulada “Carnaval em Caicó”.

¹⁵² Ibidem.

¹⁵³ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 03 de fevereiro de 1994 intitulada “Prefeitura realiza Carnaval de Rua”.

A emergência destes discursos folclóricos na cidade articulado, ou melhor, ancorado nos jornais locais buscavam cristalizar e “*reavivar na memória, os carnavais de rua que marcaram a história dos caicoenses*”. Certamente o carnaval foi o principal evento sobre o qual incidiu este agenciamento discursivo e folclórico subjetivado e reproduzido nos jornais. Pois, com esta intervenção, o mesmo termina por contribuir para a construção da decadência dos festejos carnavalescos nas décadas de 1970 e 1980 e na idéia de emergência de um bloco carnavalesco que é recorrentemente intitulado como “salvador” destes carnavais perdidos.

Para tanto, a Prefeitura subjetiva um lugar autorizado, o discurso jornalístico e o lugar da mídia, para produzir ou reproduzir uma narrativa que se apresenta como apaziguadora, homogênea e salvacionista sobre os carnavais de Caicó. Carnavais que nos discursos da Prefeitura reproduzidos na mídia aparecem mais no singular do que no plural, procurando desta forma, retirar-lhe o perigo transgressor e o descontrole que suscitavam as várias falas e imagens que viam, diziam e instituíam os outros carnavais da década de 1970 e 1980. Esses outros carnavais eram apropriados por alguns foliões que terminavam por produzir suas próprias versões dos “*fatós*” e dos momentos de diversão transformando os espaços e momentos de viver e fazer, muitas vezes contrárias as formas aceitas como normais, e as estes discursos homogeneizantes.

Estes agenciamentos feitos pela Prefeitura materializam-se através de procedimentos como, por exemplo, a composição das entrevistas veiculadas pelo “Diário de Natal, Tribuna do Norte e Jornal do Seridó”, onde a Prefeitura busca ocupar um lugar estratégico para a divulgação do discurso que a apresenta como agente propiciadora de um resgate do carnaval de rua. Nestas matérias não há menção aos membros de outras formas de festejo carnavalesco na cidade a exemplo das Escolas de Samba¹⁵⁴. O que aponta para um procedimento latente de controle da produção do passado da cidade, ou melhor, para os procedimentos que possibilitaram a uma dada época a sociedade constituir o arquivo daquilo que ela deve lembrar e esquecer. Sobre as entrevistas cedidas por políticos ligados à Prefeitura destacamos a matéria publicada no “Jornal Correio do Seridó”:

¹⁵⁴ Analisarei com mais atenção os silenciamentos em torno das Escolas de Samba da cidade de Caicó no terceiro capítulo.

Durante o carnaval de Caicó o prefeito da cidade recebeu várias autoridades e pessoas da comunidade, no camarote da Prefeitura Municipal. Em entrevista ao jornal o Prefeito descreve com animação o carnaval. "Eu acho que o carnaval de Caicó é atualmente, o maior carnaval do Rio Grande do Norte". O carnaval do RN é no interior e quando se fala em interior não tem nenhuma cidade do interior que faça um carnaval maior do que o nosso. Nós já tínhamos carnaval do povo em Caicó nos só estamos resgatando isso. Agora temos os turistas, que querem ver uma grande festa, nós vamos fazer sempre o maior carnaval do Estado e daqui a alguns anos, nós vamos competir com Olinda, Aracati e outras cidades, como o maior carnaval do Nordeste. Caicó é diferente, pois ela sabe ser uma cidade acolhedora.¹⁵⁵

A busca das pretensas origens da festa carnavalesca por parte da Prefeitura de Caicó faz parte da necessidade latente de se "inventar" uma tradição enquanto discurso justificador e objeto de propaganda do evento que, objetiva criar, por exemplo, a legitimidade da festa carnavalesca em Caicó. Com tal construção, espera-se incorporar uma substância à festa, torná-la cada vez mais real, como se tivesse sempre existido no cotidiano da cidade e do seu povo. É como se a tradição de um *"carnaval de rua"* estivesse presente, mas esquecida em algum lugar, bastando apenas *"resgatá-la"*, colocando-a na rua novamente.

A Prefeitura de Caicó, através da Secretária de Turismo, agencia uma serie de enunciados desde, pelo menos, o início da década de 1990. Enunciados estes que procuram apresentar Caicó (como) carnavalesca, articulando-a e costurando-a de forma precisa às práticas e discursos que se veiculavam sobre a cidade de Caicó no período que compreende a década de 1990 até os dias atuais. Desta forma, a Prefeitura se apropria não apenas do espaço da mídia para dotar Caicó de um passado carnavalesco, mas busca vincular nas suas falas outras narrativas construídas na cidade, a exemplo, dos relatos memorialistas.

Em fevereiro de 2007, os memorialistas da cidade de Caicó reúnem-se para a elaboração da revista carnavalesca "Diga X". Nesta revista a emergência do Bloco Ala Ursa dá-se na forma de matéria, veiculada dias antes do carnaval daquele ano, com o título: *"Ala Ursa do Poço de Santana, a festa popular nas ruas"*:

Por volta de 1990, o carnaval de Caicó ganhou um novo reforço, naquela época, um grupo de pessoas criou o Ala Ursa do Poço de Sant'Ana, uma homenagem a mitologia em torno da origem de Caicó que envolve

¹⁵⁵ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 03 de fevereiro de 1994 intitulada "Caicó: cidade acolhedora".

dentre outros aspectos, o nascimento da cidade a partir do Poço de Santana, localizado nas proximidades do rio Seridó. O objetivo inicial do grupo foi chamar a atenção para aquele manancial de água que estava ameaçado pela poluição, além da necessidade de fortalecer os blocos de rua que estavam sob riscos de desaparecimento. Os integrantes confeccionavam as fantasias, bonecos gigantes e demais adereços de forma artesanal. Isso permitiu a criação de oficinas de reciclagem, já que o material é totalmente reaproveitado. No início os horários de saída da agremiação eram improvisados, mais tinham o objetivo de tira-la do anonimato. Um dos bonecos mais importantes era o Zé Pereira, que fazia uma alusão aos antigos carnavais de Caicó. A partir de 1993, os empresários começaram a patrocinar o bloco para, posteriormente, agregar uma orquestra de frevo. Apesar das suas características originais estarem a cada ano saindo de cena, como a figura do urso, personagem interpretado por um figurino que se vestia a caráter e era preso simbolicamente a uma corrente, as burrinhas do padre que eram representadas por personagens utilizando uma armação de borracha presa a cintura tendo a cabeça de um animal com chifre a sua frente, e os bonecos gigantes, utilizados para homenagear personalidades da cidade, o bloco continua sendo atração importante do nosso carnaval de rua.¹⁵⁶

Segundo o relato de alguns dos nossos depoentes¹⁵⁷, no início do século XX, o vigário da Freguesia de Caicó, era considerado um homem “santo”, tamanha era a sua devoção à igreja e aos fieis. No entanto, o voto de castidade do vigário viu-se fortemente ameaçado por uma gentil e sensual mulata que apesar de casada, percebeu que seus deveres de esposa não lhe proibiam de ter um envolvimento amoroso com o referido padre. Essa trama chegou a tal ponto que o marido ao saber do envolvimento da sua mulher com o vigário não se scandalizou, pelo contrário, julgou-se honrado, tal era o respeito que ele tinha pela Igreja e seu representante eclesial. Para evitar um escândalo na cidade, o marido preparou uma estratégia para manter este amor proibido em segredo e decidiu que nos dias que a sua mulher fosse à igreja dar ao padre “o conforto da carne” o mesmo se fantasiaria de burrinha, para evitar que alguém saísse às ruas durante o encontro amoroso. Assim, o marido fantasiado de burrinha corria atrás de qualquer caicoense que se atrevesse a sair de casa no período da noite durante alguns dias da semana. Esse homem-burrinha que virou lenda na cidade de Caicó começou segundo a historiadora Elizabeth Leite a povoar o carnaval de Caicó durante os desfiles do “Bloco do Lixo” na década de 1930:

¹⁵⁶ Revista carnavalesca *Diga X*. Ano I. Caicó-RN, 2007.

¹⁵⁷ Narrativa de Ronaldo Batista Sales (Magão). Artesão e carnavalesco. 42 anos. Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008; Narrativa de Djalma Alves da Mota. Músico e radialista. 42 anos. Entrevista cedida em 13 de junho de 2007; Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

Em 1936 o carnaval de Caico surge muito forte e ao mesmo tempo agressivo, aqueles que não temiam os castigos de Deus participavam do bloco do lixo. Era um bloco apenas de homens principalmente de classe pobre, que saíam as ruas batendo em latas e com burrinhas confeccionadas com balaio e tábuas que chegaram a assustar principalmente mulheres e crianças ou até homens adultos em muitos casos. Isto era uma maneira de criticar os namoros do Vigário. A saída do bloco do lixo era no Rio Seridó, debaixo de um pé de oiticica onde hoje fica a ponte sobre o Rio Seridó. O criador do bloco foi Manoel de Elias, a formação desse bloco se dava da seguinte maneira: quinze burrinhas, duas almas, uma vaca e alguns papangus (homens mascarados ou travestidos de mulheres). As burrinhas, também conhecidas como burrinhas do padre, tinham o direito de espancar as pessoas que atravessassem o seu caminho como assim fazia o marido da mulata do Vigário. Criou-se uma lenda pela cidade que, toda mulher que namorava com o padre virava burra de padre.

Essa narrativa elaborada por Leite nos permite repensar como a lenda foi apropriada nos festejos carnavalescos. Se na década de 1930 a burrinha é apresentada como uma figura violenta que agride os foliões nas ruas, a burrinha presente no “Bloco do Magão” é pacífica e dirigida apenas por crianças, desta forma, mesmo remetendo a burrinha do “Bloco do Lixo”, no “Ala Ursa” ela apenas corre atrás dos foliões, não possui máscaras e não assusta a ninguém. Essa nova imagem da lenda faz parte do processo de higienização pelo qual o bloco passou, como foi visto no tópico anterior. A outra personagem presente na “Ala Ursa do Poço de Sant’Ana” é o Urso, que emerge nos festejos carnavalescos de Caicó

Uma série de imagens são utilizadas para exaltar a *peculiaridade e tradição* das manifestações carnavalescas de Caicó, a exemplo, da Burrinha do Padre e do Urso. Esta figura carnavalesca é enfatizada nas reportagens sobre o carnaval de Caicó e utilizada nos desfiles carnavalescos por fazer parte de uma lenda da cidade. A figura do Urso carnavalesco utilizado nos desfiles da “Ala Ursa do Poço de Sant’Ana” remete a outra história e a outro bloco carnavalesco da cidade. Na narrativa construída por Magão, a “Ala Ursa” teria surgido na cidade:

O nosso urso é mais Italiano então você vê que a gente tem um urso e porque aqui era um urso que foi crescendo. A entrada dos Italianos pra aqui pra gente eles trouxeram certas coisas e os blocos do lixo era um urso então eles chamavam alaursa. Aqui na cidade existem duas versões: a primeira é que os italianos achavam que urso trazia sorte pra eles, era como se fosse outra conversa que tem é que o filho de Floriano Peixoto tinha desafiado no carnaval um urso para uma briga.

Tanto na narrativa construída por Magão, como a produzida por Leite, à imagem do Urso emerge no carnaval de Caicó a partir da década de 1940. Segundo a historiadora, durante o período carnavalesco, em Caicó, o “Ala Ursa” passou a se apresentar todos os dias, aglomerando as pessoas mais humildes. O bloco fazia o percurso pelos bairros existentes na cidade, a multidão sempre caminhava a pé fazendo batucada. Já não se usavam mais instrumentos rústicos; as latas cederam lugar aos tamborins, pandeiros, sanfona e até instrumentos de sopro. Ao sair às ruas, o principal destaque do bloco era o Urso que caminhava amarrado pela cintura sempre segurado por um homem.

Além de fazer uma alusão aos antigos carnavais e, fortalecer os carnavais de rua que estavam sob o risco de desaparecimento, a invenção desta memória a partir do início da década de 1990 apontava para a emergência de outra tradição para a cidade. Tradição diversa do que pretendia produzir a modernidade/modernização da e na cidade como acontecia no mesmo período em outras cidades norte-rio-grandenses¹⁵⁸, a exemplo, da capital Natal, onde o signo da modernidade emergia no carnaval com a inserção de trios elétricos e bandas de axé *music* e com a folia nas praias intitulada de: “Carnaval do Sol”¹⁵⁹.

A expressão “invenção das tradições” tem sido amplamente utilizada na produção historiográfica contemporânea e foi apresentada pelo historiador Eric Hobsbawm em livro homônimo¹⁶⁰. Na operacionalização que fizemos deste conceito, consideramos importante estabelecer aproximações e distanciamentos teóricos. Por um lado, compartilhamos a idéia de que a “tradição inventada” compreende a instituição com pretensões nitidamente político-ideológicas, de um conjunto de práticas, de natureza simbólica e baseadas na invariabilidade e repetição, implicando a busca de uma continuidade das mesmas em relação ao passado bucólico ao qual elas se “referem”, discursivamente. Por outro, distanciamo-nos da concepção teórica de Hobsbawm que define esse passado como “real ou forjado”, diferenciando as “tradições genuínas” daquelas “tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas”. Discordamos dessas dicotomias, pois acreditamos que as práticas discursivas constroem narrativas que atribuem sentido a determinados acontecimentos e

¹⁵⁸ Refiro-me os festejos carnavalescos realizados em outras cidades do Seridó a exemplo de: Macau, Assu, Mossoró, Alexandria e Areia Branca que também produzem carnavais de rua.

¹⁵⁹ Carnaval do Sol foi a denominação utilizada a partir da década de 80, para nomear os festejos que ocorriam nas praias da cidade de Natal, os periódicos pesquisados fazem muita referência a esse tipo de festejo atrelando as matérias a imagens de mulheres trajando biquínis.

¹⁶⁰ HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

os articulam para forjar o passado e construir a ficção do resgate de um real pré-existente¹⁶¹.

Encontramos essa invenção de uma tradição carnavalesca em Caicó veiculada, principalmente, nos jornais a/o “Tribuna do Norte e Diário de Natal”, onde uma série de fotografias de políticos do Rio Grande do Norte aparecem junto às matérias que exaltam o carnaval na cidade, numa tentativa de que, os leitores ao lerem tais matérias, façam ligações entre os políticos e o crescimento do carnaval. Assim como acontece na matéria intitulada *A consagração do carnaval de Caicó*:

Nossa Caicó fez jus a fama de realizar o maior carnaval do Estado. E não foi apenas a quantidade de foliões, tivemos sim um impressionante clima de animação, a festa acontece na maior paz e sem nenhum incidente. *É um carnaval tradicional, um carnaval de rua, recuperado* pelo Ala Ursa do Poço de Sant’Ana.¹⁶² (Fotografia de políticos locais apontando para alguns foliões, outra apontando para a orquestra do Bloco Ala Ursa).

Desde a quarta feira que a folia se instalou em Caicó, teremos o desfile do Bloco do Magão(Ala Ursa do Poço de Sant’Ana) que é sem dúvida a grande atração do carnaval caicoense, arrastando milhares de foliões pelas principais ruas da Capital do Seridó.¹⁶³ (Fotografia dos bonecos gigantes de Magão em close a imagem do Boneco que representa o pedinte Juju).¹⁶⁴

¹⁶¹ Jeanne Marie Gagnebin cita a famosa frase de Walter Benjamin – “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “tal como ele propriamente foi”. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” e a interpreta: “essa afirmação é uma recusa clara ao ideal da ciência histórica que Benjamin, pejorativamente, qualifica de historicista e burguesa, ciência esta que pretende fornecer uma descrição a mais exata possível do passado”. As reflexões de Gagnebin nos auxiliam a compreender o ofício do historiador. Benjamin “denuncia primeiro a impossibilidade epistemológica de tal correspondência entre discurso científico e “fatos” históricos, já que estes últimos adquirem seu status de “fatos” apenas por meio de um discurso que os constitui enquanto tais, nomeando-os, discernindo-os, distinguindo-os nesse magma bruto e não lingüístico “que na falta de algo melhor, chamamos de real”, como diz o grande historiador Pierre Vidal de Naquet. Nós articulamos o passado, diz Benjamin, nós não o descrevemos”. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Verdade e memória do passado*. Projeto História. São Paulo, nº17 p.214-215.

¹⁶² Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 11 de fevereiro de 1997 intitulada “A consagração do carnaval de Caicó”.

¹⁶³ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 13 de fevereiro de 1997 intitulada “A Folia se instalou em Caicó”.

¹⁶⁴ O boneco apresentado na matéria é o do mendigo e artista popular Juju. O carnavalesco Magão faz em entrevista realizada em 2007, traçar um pequeno histórico sobre Juju; “*Toda a minha infância foi isso, eu convivendo com muitos loucos que ficavam nas ruas de Caicó, o povo chamava ele de doido, mais eu achava ele muito inteligente, ele tinha duas filhas pequenas para sustentar e ele fabricava e vendia corrente para prender cachorro, aí como ele vendia pouca corrente ele se vestia com um monte de roupa em cima da outra, ele tinha uma roupa também de Coronel do Exército, vestia essas roupas, pegava uma carroça e tocava uma música na boca, uma música junto com um boneco ia de porta em porta se apresentando e pedindo uma ajuda para comprar comida, todo mundo ria dele, eu ria também, quando eu completei 15 anos parei de rir dele, porque comecei a achar que ele era um herói.*” Narrativa de Ronaldo Batista Sales (Magão). Artesão e carnavalesco. 42 anos. Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008.

Desta forma, a Prefeitura de Caicó, nos discursos veiculados pela mídia apontava em uma direção contrária aos instalados nas cidades litorâneas. A prefeitura de Caicó buscava visibilizar a invenção de uma tradição que faria com que Caicó diferenciase-se das demais cidades do Rio Grande do Norte. Tendo em vista que nestes discursos veiculados pelos sujeitos desta rede de poder, Caicó como carnavalesca não estava por ser realizada no presente ou num futuro próximo através das ações de algum carnavalesco/ou governante da cidade. A Caicó que as matérias jornalísticas e os políticos tentavam reconstruir já havia se realizado no passado. Era a este passado que a memória inventada por aquela rede de poder tentava remeter no intuito de restabelecer os laços de continuidade entre ele e o presente. Seu objetivo é não só relembrar este passado, mas acima de tudo, tentar revivê-lo, reinventá-lo no e para o presente.

Contudo, sua reinvenção num espaço de memória vai ser tecida e movida por outras estratégias e com interesses diversos dos do tempo a que ela remete. Neste sentido, esta memória vai ser usada como maquinaria para cavar trincheiras e abrir *fronts* nas novas configurações sociais e relações de poder que engendravam a sociedade local na década de 1990 até os dias atuais. E, com isto, possibilitar a reinserção de carnavalescos antigos que viriam a se colocar nos lugares de sujeito produtores desta memória nos novos lugares sociais nomeados e tidos como privilegiados pela sociedade local neste período. Os lugares de gestores culturais, de políticos, de promotores de eventos, vide o exemplo de Ronaldo Batista Sales (Magão), que busca apresentar-se como “*o grande produtor do carnaval de rua*”. E, neste sentido, uma afirmação de Certeau torna-se possível de ser relacionada a esta configuração histórica que se desenhava em Caicó no início da década de 1990 e as relações de ordem discursiva e não discursivas que passariam a estabelecer-se daí por diante para a constituição desta memória:

A [cidade] festeja as grandezas e as celebridades que constituíam, até pouco tempo, signos de conagração, mas que não mais o são e dos quais se tem necessidade apenas para se reassegurar, para se distrair ou para acrescentar à prosa dos dias a relíquia de antigas galas. Os mortos são incessantemente celebrados. Essa acumulação de lembranças não fala de valores senão no passado, como se a enorme expansão de uma sociedade, tal como essa árvores luxuriantes cujo coração já está morto, não tivesse para se justificar senão um centro inerte: o túmulo do passado.¹⁶⁵

¹⁶⁵ CERTEAU, Michel de. “*A beleza do morto*”. In: A Cultura no Plural. Campinas – SP: Papirus, 1995. p 29.

No entanto, a invenção desta memória para a cidade por uma determinada rede de poder não se constituía na única estratégia movida ou no único projeto montado para a cidade que circulavam e mediavam forças nas teias de poder distendidas em Caicó na década de 1990 até os dias atuais. Outros projetos para a cidade e as estratégias que tentavam movê-los e executá-los, estavam emergindo neste período. Contudo, estas novas estratégias, mesmo gestadas em e por diferentes redes de poder, pareciam estar articuladas e atravessadas em pontos diversos por um mesmo enunciado, qual seja: o que diz Caicó como carnavalesca em todos os aspectos. Além disto, estavam a agenciar dispositivos semelhantes como, por exemplo, a identidade caicoense. Nas matérias do Jornal Correio do Seridó, a Prefeitura anuncia constantemente os Projetos de realização do carnaval caicoense, a exemplo, da matéria publicada em 19 de janeiro de 2008:

Na próxima terça-feira, dia 22, a Prefeitura Municipal de Caicó, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, estará reunindo representantes da Polícia, Imprensa e de outros segmentos envolvidos na realização do carnaval. O Carnaval de Caicó irá ocorrer no período de 29 de janeiro a 05 de fevereiro e é esperado que seja um dos melhores carnavais do interior do Nordeste; visto que, a cada ano esta momesca vem crescendo em Caicó. O itinerário do Bloco do Magão que arrasta uma multidão pelas ruas de Caicó, irá neste ano, sair da Ilha de Sant'Ana percorrendo a Av. Seridó, Rua Renato Dantas, Rua Pedro Velho e novamente a Av. Seridó, retornando para o Complexo Turístico da Ilha de Sant'Ana.¹⁶⁶

Desta forma, a Prefeitura de Caicó, seria a responsável segundo a matéria, pela organização dos festejos carnavalescos na cidade, mesmo considerando a participação de outros segmentos, a reunião funcionaria como uma espécie de exposição das propostas da Prefeitura Municipal. Apresentando o carnaval de Caicó constantemente como “*um dos melhores carnavais do interior do Nordeste*”, outras matérias do Correio do Seridó apresentam a grandiosidade do carnaval de Caicó, onde em sua maioria a Prefeitura é narrada como a principal responsável pelo sucesso da festa, mais especificamente através figura do prefeito Bibi Costa:

No domingo de carnaval, dia 18, o prefeito municipal de Caicó, esteve com outras autoridades de Caicó e Natal, prestigiando a folia. “Sabemos que não foi apenas o prefeito Bibi Costa, a gente reconhece o trabalho dos meus antecessores, mas na nossa administração, houve um impulso

¹⁶⁶ Notícia divulgada no Jornal Correio do Seridó. Caicó em 13 de fevereiro de 1997 intitulada “Prefeitura Municipal lança o plano para o carnaval de Caicó.”

significativo para esta realização turística de Caicó’, disse o prefeito Bibi Costa. Indagado sobre as expectativas para o carnaval 2007, o prefeito não esconde que foi surpreendido pelo número de visitantes na cidade.” Esperávamos que tivesse mais gente que nos outros carnavais, mais não esperávamos que tivesse tanta gente. Estou muito satisfeito, muito feliz em acolher tantos caicoenses e visitantes. Quero nesta oportunidade pedir a Deus e a Sant’Ana, bênçãos para todas as pessoas que vieram e estão em Caicó, com o intuito de ter lazer, de ter divertimento e paz no coração”, concluiu Bibi Costa.¹⁶⁷

Outra observação a ser destacada nos enunciados da década de 1990, foram as primeiras divulgações da imprensa falada e escrita sobre o grande número de “visitantes” ou “turistas”. O prefeito, na entrevista acima, no entanto, não atribui o sucesso do carnaval caicoense apenas à grande quantidade de turistas que estiveram na cidade de Caicó para brincar o carnaval, na sua fala ele pluraliza as causas do sucesso do carnaval caicoense a uma série de prefeitos que o antecederam e a população de Caicó. Assim, como ocorreu em outra matéria publicada no ano de 2006, pelo mesmo jornal. O jornalista Paulo Junior, a partir de uma entrevista realizada com o prefeito Bibi Costa:

É uma alegria contagiante o carnaval de Caicó. É com satisfação que recebemos os caicoenses ausentes. A gente constata que o carnaval de Caicó, já é uma festa consolidada. Estamos promovendo o carnaval do povo do Seridó. Nosso carnaval é o maior da região e vai ser um dos maiores do Nordeste, disse Bibi Costa em entrevista.¹⁶⁸

A princípio o agenciamento deste dispositivo nos discursos veiculados por parte da mídia, políticos e carnavalescos locais buscava instaurar um combate em duas frentes distintas, ou melhor, abrindo duas trincheiras de combate em campos diversos, mas que se articulava para a sua formação e invenção; a invenção da identidade “caicoense”, ou melhor, do que era ser “caicoense” naquele período. Dispositivo este que, a partir da década de 1990, vai ser acionado sempre que algum sujeito se colocar contrário ou a atacar e por em dúvida Caicó como carnavalesca:

O carnaval do Seridó foi um dos mais animados do Estado. Em Caicó, as margens do açude itans ou pelas ruas da cidade, os foliões resgataram o carnaval do passado, das fantasias e das máscaras. Pelos cálculos das emissoras de rádio locais, 15 mil pessoas saíam as ruas diariamente acompanhando blocos como o Ala Ursa do Poço de Sant’Anna, que sai todas as tardes da Praça da Liberdade, arrastando milhares de

¹⁶⁷ Notícia divulgada no Jornal Correio do Seridó. Caicó em 06 de fevereiro de 2007 intitulada “Carnaval de Caicó supera as expectativas da Prefeitura.”

¹⁶⁸ Notícia divulgada no Jornal Correio do Seridó. Caicó em 10 de fevereiro de 2006 intitulada “Bibi Costa diz que o carnaval de Caicó é uma alegria contagiante.”

foliões. Esse bloco de nome estranho foi batizado para homenagear seu antecessor o Bloco do Lixo, destaque do carnaval caicoense em 1938, e também a primeira fonte de água da cidade: O Poço de Sant'Anna. Por causa do nome esquisito, alguns caicoenses, preferem chamar o Ala Ursa simplesmente de Bloco do Magão. Magão é o apelido do marceneiro Ronaldo Batista Sales, presidente do bloco. O banho de maisena e farinha de trigo é uma tradição do bloco.¹⁶⁹

Com este discurso, o jornal “Tribuna do Norte” buscava costurar os enunciados que constituíam a festa carnavalesca de rua como um espetáculo grandioso e tradicional onde o uso de máscaras e fantasias eram permitidos e faziam parte da realização do desfile desse “*bloco de nome estranho*”. Na matéria, o bloco carnavalesco “Ala Ursa” seria o responsável por este espetáculo, enfim, para explicitar tal afirmativa, o jornal coloca que uma festa como a da “Ala Ursa” só poderia ser produzida por uma cidade como Caicó, uma cidade atrevida, de um *povo agoniado e tradicional*, capaz até mesmo de revolucionar e modificar a história dos festejos no Estado, uma cidade que ousava lançar-se aos mesmos desafios das grandes metrópoles, criativa ao ponto de produzir no interior do Rio Grande do Norte o melhor carnaval popular do estado.

Matérias como a exposta acima buscavam apresentar estes feitos como produto da cidade e de seu povo, como efeito do somatório dos esforços de todos os segmentos da sociedade local. Da Prefeitura, por meio dos setores organizadores de suas festas, dos comerciantes e empresários locais que não mediam esforços para incrementar a festa e receber os turistas, dos patrocinadores, que contribuíam para o sucesso do evento e, principalmente, do “*povo de Caicó*” que, além de demonstrar hospitalidade para com o turista, era o principal responsável pelo brilhantismo da festa. Apresentar a festa como resultado da ação de todos os caicoenses tinha um objetivo político específico, qual seja: produzir a sensação na população da cidade de que era ela a responsável pela grandiosidade do evento da própria cidade e, com isto camuflar, escamotear os interesses investidos e o jogo político que envolvia a produção da festa e aquela imagem para a cidade.¹⁷⁰

Foi sustentado por este tipo de enunciado e amparado nas instituições que os reproduziam e atualizavam que o carnavalesco Magão criou e instituiu a “Ala Ursa” em 1990. A criação da “Ala Ursa” por Magão buscava representar também a tradição que o

¹⁶⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 15 de fevereiro de 1993 intitulada “Carnaval no Seridó”.

¹⁷⁰ Ibidem.

carnavalesco buscava personificar. E tal tradição da festa expressava-se na orquestra de frevo, nos bonecos gigantes, no mela-mela e na simbologia que permeia o nome do bloco, isto é, em todo um aparato de significados/significantes que atravessando também outros espaços e temporalidades davam visibilidade e legitimidade ao que Magão pretendia implementar, discursivamente, e que passava de por meio de sua própria experiência pessoal. A idéia de patrimonialização dessas práticas culturais toma intensidade a partir de tais medidas institucionalizantes. É, neste sentido, que se acentuam e se intensificam a produção de discursos pelos veículos de comunicação da cidade¹⁷¹, que dizem e tentam instituir Caicó como uma cidade propícia ao turismo de eventos. Desta forma, a construção da imagem da cidade passa a ser enredada pelos fios que articulam a política cultural gerida por Magão. E assim, a cultura se torna o principal campo de batalha para a produção da cidade. A cidade deixa de ser a “Capital da Fé” para se tornar a “Capital do Carnaval Popular”, esta redefinição possibilita discursos como o vinculado no Diário de Natal:

O ponto de convergência era o bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana, arrastando num percurso de 3km, em média 10 mil pessoas, desde crianças e adultos com muita irreverência, contando com burrinhas e papangus e bonecos gigantes representando vários personagens da cidade, puxado por uma orquestra de frevo. Na estação da folia, na praça Dom José Delgado, segundo cálculos do comandante do 6º batalhão de polícia militar, major Eliezer Rodrigues, em média por noite, se concentram em torno de 15 mil foliões, entre eles, de diversas cidades de outros estados do País. “O carnaval já ultrapassou a festa de Sant’Ana em muito”, comemora Sebastião Tavares Cavalcante, 60 anos, proprietário de um restaurante na rua. Otávio Lamartine, no centro da cidade. “Vai ser o maior carnaval dos últimos cinquenta anos. O povo está nas ruas e com uma vontade fantástica para festejar. Bibi Costa está de parabéns, pois o carnaval de Caicó é um verdadeiro festival, disse o secretário estadual de desenvolvimento econômico João Maria. O deputado estadual Vivaldo Costa demonstrou muita alegria pelo carnaval organizado pela prefeitura de Caicó, com o apoio do Governo do Estado. “Que a nossa terra possa ser reconhecida em todo o nordeste como uma cidade hospitaleira, que sabe brincar carnaval e que recebe bem, todos os turistas que aqui chegam”. narrou Vivaldo Costa.¹⁷²

¹⁷¹ Refiro-me principalmente as emissoras de rádio que são na cidade o principal meio de comunicação em Caicó. O município possui 6 emissoras de rádio, sendo elas o principal meio de comunicação das notícias locais: Rural de Caicó AM-830KHz; A voz do Seridó AM-1100KHz; Rádio Caicó AM-1290KHz; Liberdade FM-88 MHz; Rural FM-95 MHz; Solidariedade FM-106 MHz.

¹⁷² Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal em 02 de março de 1995 intitulada “O carnaval já ultrapassou a festa de Sant’Ana em muito”

Desta forma, as estratégias da prefeitura de Caicó consistiam em redefinir a imagem da cidade de acordo com o projeto de poder que tentava pôr em prática. A cidade passava a ser dita, então, como capital cultural em decorrência de um projeto que os políticos locais tinham estabelecido para si e para a cidade. Depoimentos de comerciantes locais começam a se tornar recorrentes nas páginas dos jornais que noticiam o carnaval caicoense, a exemplo, da matéria intitulada: “Empresários de Caicó lucram com o carnaval”.

A participação popular do carnaval em Caicó, tornou-se semelhante a festa de Sant’Ana, padroeira do município que ocorre em julho, A avaliação foi feita pelos próprios comerciantes “A movimentação intensa”, comemora Damião Gomes de Araújo, proprietário de restaurantes, destacando que a cidade tem duas grandes festas no calendário de eventos.¹⁷³

Conceitos como maior e melhor carnaval do Seridó ou do Rio Grande do Norte, começam a tornarem-se recorrente no início do ano de 2000. Tomando por base o discurso acima, podemos dizer que, para o mesmo, a consolidação da “Ala Ursa” significava a consolidação de um novo projeto turístico para a cidade e a consolidação da nova imagem e da identidade que este queria imprimir-lhe. E aquele discurso buscava construir esta nova imagem como algo natural, como produto da vontade do povo de Caicó, da trajetória histórica da cidade que estaria, desde sempre, destinada a este *telos*. Buscando com isto mascarar todos os interesses de ordem política, econômica, social que estavam envolvidos na produção destes eventos e por consequência desta nova imagem para a cidade.

Desta forma, os discursos produzidos pelo “Diário de Natal” procuravam veicular e redefinir um novo conceito para Caicó e apontar as características qualificativas que deveriam ser-lhes inerentes. Portanto, para estes discursos e nas estratégias que o moviam a prefeitura deveria aparecer como produtora dos festejos e a cidade de Caicó como cidade propícia a realização do Carnaval de Rua:

“Carnaval de Caicó, cada vez melhor”. Com esse lema, a prefeitura conseguiu mais uma vez organizar um evento a altura de disputar com outras cidades, o título de melhor carnaval do interior e do Estado. O bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana, mais uma vez vem se tornado desde a última quarta-feira, quando saiu pela primeira vez as ruas,

¹⁷³ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 12 de fevereiro de 1996 intitulada “Participação popular do carnaval em Caicó”.

abrindo extra-oficialmente o carnaval, a grande atração do reinado de momo em Caicó, arrastando no final da tarde e início da noite num percurso de 3km, milhares de pessoas. O grande diferencial da agremiação carnavalesca, é o ritmo de frevo, puxado por uma orquestra, com os bonecos gigantes, lembrando o carnaval de Olinda. Segundo o dirigente do Ala Ursa, Ronaldo Sales (Magão), a tendência é cada vez mais resgatar os antigos carnavais, com os papangus e burrinhas principalmente. É um carnaval que não exclui, mais um carnaval que inclui as pessoas que não tem dinheiro, que querem participar.¹⁷⁴

O Prefeito de Caicó, em entrevista falou que o carnaval da cidade superou as expectativas. No Bloco do Magão, a festa não fugiu a regra: blocos inteiros, muitos turistas de todos os Estados do Brasil, e até do Exterior, usaram e abusaram da farinha e muita espuma, remetendo a festa de hoje ao “entrudo”. A animação da orquestra do Bloco do Magão, levanta o pé do chão até dos mais tímidos, nos desfiles pelas ruas de Caicó; e todos que já acompanharam o Bloco do Magão, ou o viram passar, assistindo de sua varanda ou da calçada, tem uma só opinião: “No Bloco do Magão, só não vai quem já morreu”.¹⁷⁵

À medida que estava inventando novos eventos para movimentar a economia local, visando atender aos interesses dos comerciantes e empresários da cidade. A prefeitura dizia-se enquanto possibilitadora da abertura de um espaço propício à reabilitação dos “grandes carnavais caicoenses de rua”. Assim, como inaugurava novas formas de fazer política institucional (uso da imagem do bloco Ala Ursa) e da mídia para divulgação através de propagandas publicitárias que divulgavam a cidade de Caicó para a região nordeste, a exemplo, do *jingle* desenvolvido no ano de 2002, no qual o carnaval é cantado:

É carnaval em Caicó, animação no Seridó/Gente bonita e diversão é alto astral e animação/Eu vou lá, eu vou lá, eu vou lá/ E com a galera dançar/Eu vou lá, eu vou lá/E quando o brilho tocar, você pode esperar que eu vou lá/Venha para o carnaval de Caicó!¹⁷⁶

Aliada a canção, quando veiculada em comerciais de TV a propaganda do carnaval de Caicó trazia em suas imagens grandes aglomerações de foliões nas ruas, numa tentativa de apresentação da grande quantidade de pessoas que desfilavam no bloco “Ala

¹⁷⁴Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 10 de fevereiro de 1997 intitulada “Carnaval de Caicó”.

¹⁷⁵Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 10 de fevereiro de 1998 intitulada “Prefeito fala sobre o carnaval de Caicó”.

¹⁷⁶ Jingle apresentadas nas propagandas publicitárias norte-riograndenses, disponível no arquivo do site www.carnavalemcaico.com.br

Ursa” durante os dias de carnaval, outra imagem presente neste comercial são a dos bonecos gigantes produzidos por Magão.

As matérias vinculadas no mês de fevereiro, durante o ano de 2009 na TV Seridó, são emblemáticas no sentido que participam do projeto implementado pela prefeitura de Caicó de instituir Caicó como cidade carnavalesca. As matérias foram produzidas por uma série intitulada: “Carnaval do Seridó”, nestas os repórteres acompanharam as manifestações carnavalescas das cidades seridoenses, com ênfase, para cidade de Caicó. A série era exibida um dia posterior a realização das filmagens, os repórteres Gláucia Lima e Rômulo Oliveira realizaram boa parte das entrevistas presentes na série, no entanto, outros repórteres faziam parte da apresentação. Na primeira parte da série vinculada no site <http://tvserido.com/noticia.php?id=487> o repórter Rômulo Oliveira inicia a sua fala apresentando o cotidiano da cidade de Caicó durante o período carnavalesco:

Quando o carnaval em Caicó começa a movimentação na rodoviária fica grande. Gente vinda de vários lugares desembarcam aqui em busca de viver o terceiro maior carnaval do nordeste. Para atender o grande público que vem da capital a empresa de ônibus da cidade coloca 14 ônibus extra durante esse período. Essa festa já é o terceiro carnaval do nordeste e vai crescer ainda mais.¹⁷⁷

Para reiterar a sua fala, o jornalista entrevista, ainda no terminal rodoviário, uma série de turistas, questionando-os sobre o motivo da decisão de brincar o carnaval em Caicó. Respostas como “Eu adorei o do ano passado”, “É o melhor carnaval do nordeste”, “Vim brincar no bloco do Magão”, são enunciados recorrentes por parte dos turistas entrevistados por Rômulo Oliveira. Em outro episódio da série, o jornalista acompanha a concentração e o desfile do “Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana”:

Início da noite e nada de descanso, é hora do maior *bloco do Seridó* ganhar as ruas caicoenses. Ao som das marchinhas tocadas por uma orquestra em um trator. O bloco do Magão reúne uma multidão. É hora de pular.¹⁷⁸

¹⁷⁷ Notícia divulgada no blog : <http://www.robsonpiresxerife.com> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

¹⁷⁸ Notícia divulgada no blog : <http://www.robsonpiresxerife.com> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

Após exibir uma série de imagens do desfile, foliões fantasiados, mela-mela e bonecos gigantes, o repórter entrevista Magão perguntando se o bloco teria começado a partir dele. Em resposta o carnavalesco diz que

Isso aqui começou com um protesto contra o fim do meu carnaval de rua, contra o fim do Poço de Sant'Ana que foi a primeira fonte de água de Caicó, isso foi um protesto e acabou virando esse grande bloco que vocês estão vendo hoje.¹⁷⁹

As autoridades políticas de Caicó são constantemente entrevistadas para relatarem a grandiosidade do evento, assim como, o carnavalesco que acaba repetindo constantemente a história da origem do bloco. No último dia de filmagens em Caicó, para a série a TV Seridó, retorna as ruas de Caicó:

Quando se fala de carnaval de Caicó, muita gente lembra logo da Ala Ursa do Poço de Sant'Ana, mais conhecido como Bloco do Magão reúne milhares de foliões todo final de tarde de carnaval. Muitos deles fantasiados: anjos, demônios, padres e noivas são algumas das fantasias utilizadas pelos foliões. Agora junte todos esses personagens em um arrastão pelas ruas de Caicó, em um grande mela-mela, esse é o bloco do Magão. Animados pela orquestra de frevo, a alegria contagia a todos. O Bloco do Magão é o principal responsável pela popularização do carnaval de Caicó, nasceu em 1985 com apenas 30 pessoas, hoje já arrasta 50 mil foliões e sempre com muito mela-mela.¹⁸⁰

A TV Seridó inventa a festa como um espaço para auferir lucros, um espaço de promoção sócio-cultural se constituía no principal enunciado articulado por este discurso. E, para este discurso, era esta dimensão da festa que promovia o nome da cidade, que a tornava exemplo para várias capitais e cidades do interior nordestino, que a tornava reconhecida nacional e internacionalmente como uma cidade vocacionada a promover grandes festas populares. Mais, todo esse investimento por parte da prefeitura e da mídia utilizada por ela ocorre em paralelo a outra série discursiva, que investe de poder o Bloco Ala Ursa, permitindo ao Bloco e a Magão uma autonomia de gerenciamento do carnaval em relação à prefeitura.

¹⁷⁹ Notícia divulgada no site: <http://tvserido.com> acessado em 09 de Fevereiro de 2009.

¹⁸⁰ Notícia divulgada no site: <http://tvserido.com> acessado em 09 de Fevereiro de 2009.

2.1.2. Reafirmando um bloco popular para a cidade: outras narrativas sobre a Ala Ursa do Poço de Sant'Anna.

Hoje eu vou pular/Hoje eu vou brincar/Só vou parar quando chegar à quarta-feira/O Ala Ursa eu vou acompanhar/Eu só vou parar quando chegar a quarta-feira/Tem os bonecos para a turma agitar/Tem as burrinhas para as crianças se alegrar/Eu quero ver toda a massa agitando/Quero ver povo pulando/Quero ver tu balançar.¹⁸¹

Esta marcha carnavalesca, presente no carnaval de Caicó desde o ano de 1997, e divulgada no site: www.carnavalemcaicó.com.br foi produzida pelos compositores Dian e Divan. A marcha apresenta um caráter fundador do bloco carnavalesco “Ala Ursa do Poço de Sant'Anna”, à medida que, busca sintetizar o cotidiano do bloco, apresentando seus principais personagens, busca instituir uma verdade histórica para o mesmo, um passado para o carnaval. Passado a partir do qual, o “Bloco Ala Ursa” tenta se constituir no presente. Passado que Magão tenta restituir, estabelecendo laços de continuidade com o presente através das figuras das burrinhas e dos bonecos gigantes.

Esta marchinha constitui-se, portanto, numa parte dos enunciados que buscam a legitimação institucional do projeto do carnavalesco Ronaldo Batista Sales (Magão). Projeto este que se materializa no desfile do Bloco no ano de 1997, quando a música é composta e apresentada aos foliões. Sobre a marcha o músico Silvino Guerra Filho (Guerreiro) relata:

No começo era só eu de músico, os batedores e eu. No ano de 96, o meu irmão ligou pra mim e disse: “Eu vou fazer uma música para você, para você tocar, vou fazer uma música que vai ser sucesso”, então ele mandou para a gente a letra. Quando estávamos com a letra Totó, eu e Rogério que era um menino que morava na casa de estudante passamos três dias ensaiando essa música na minha casa. Em 97 surgiu a orquestra com 5 componentes, só que a orquestra era de meio de rua, de carro de som, de microfone, de um fio e um carrinho de som. A gente lançou essa música em 97, em frente aquele cruzamento por trás do Banco do Brasil, eu já tinha distribuído 100 cópias, com as pessoas que gostavam de cantar junto com a gente, então a gente tocou a primeira vez, chegou lá na frente onde é o cruzamento e Magão perguntou: “Tem como tocar a música dinovo? A gente começou a tocar e cantar novamente, eu vi o povão, todo mundo cantando, você acredita que eu tremi? A emoção que eu não acreditava que era a nossa música na boca do povo, a Ala Ursa na forma de música estava sendo cantada por todos.”¹⁸²

¹⁸¹ Marcha carnavalesca intitulada : “O Ala Ursa”, composta pelos músicos Dian e Divan no ano de 1996.

¹⁸² Narrativa de Silvino Guerra Filho. Músico. 50 anos. Entrevista cedida a autora em 10 de fevereiro de 2009.

Emerge também neste mesmo período a construção de outro discurso fundador para o Bloco. E este discurso vai ser revestido não só de um caráter institucional, mas também oficial, pois é gestado dentro dos aparelhos de governo do Município. É a Lei Nº 3.702 que “*Reconhece de Utilidade Pública Municipal a ASSOCIAÇÃO ALA URSA DO POÇO DE SANT’ANA em Caicó-RN e dá outras providências*”, aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada pelo Secretário José Maria Salviano de Souza Carvalho em 16 de Outubro de 1997.¹⁸³

Com a oficialização da “Ala Ursa” os dirigentes do bloco buscavam definir de uma vez por todas tal festejo. Definir suas práticas, regulamentar sua produção e montagem, enfim, apontar o que realmente era a festa carnavalesca de rua, o que poderia ser nomeado como tal. A Lei se colocava desta forma como um parâmetro de regulamentação dos discursos e das práticas que instituíam a festa na cidade e para os turistas que a visitavam. Além disso, ao atribuir a responsabilidade de tal evento aos carnavalescos, tal lei abria uma fresta para que Magão se apresentasse como o principal responsável pela montagem do evento, como o seu idealizador e promotor a cada ano. Pelo seu crescimento e melhoramento.

No ano de 2009, a Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, aprova a lei que reconhece o “Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana” de utilidade pública para o estado. O texto elaborado pelo prefeito Vivaldo Costa expõe os objetivos do Bloco:

A ASSOCIAÇÃO ALA URSA DO POÇO DE SANT’ANA, busca o desenvolvimento de ações para a defesa, elevação e manutenção da qualidade de vida do ser humano, promovendo a cultura e o folclore do município de Caicó, através das atividades de educação profissional esportiva e lazer, tais como a execução de programas de qualificação profissional do trabalhador, promoção da geração de trabalho e renda comunitária, fomento de ações para a perpetuação da memória cultural popular, relacionada com os usos, costumes e tradições da diversidade cultural. Assim sendo, e acreditando que a proposta não necessite de maiores justificativas, espero o beneplácito dos nobres pares.¹⁸⁴

Este discurso aponta para a construção de um discurso de forte teor folclorístico à medida que este veicula certo saudosismo para com “*os carnavais de antigamente*” – esta espécie de tempo sem tempo – os “*saudosos carnavais caicoenses*”. Buscando colocá-los como os maiores e os melhores, como superiores aos carnavais produzidos no

¹⁸³ Prefeitura Municipal de Caicó, Lei Nº 3.702. de Outubro de 1997.

¹⁸⁴ Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte. Natal, 6 de maio de 2009.

presente, mas acima de tudo insinuando e alimentando um amor por aqueles carnavais do passado, apresentando-os como uma espécie de “*mito de origem perdida*” do carnaval e da cultura de Caicó. Fazendo emergir desta forma, um discurso que tenta instituir um sentimento nostálgico para com um passado determinado, discurso semelhante àqueles a que Certeau dizia estar atravessados pela veneração “*a beleza do morto*”, ou seja, o morto que se torna belo e venerável, o encontro nos mortos e moribundos de um valor que jamais se pode encontrar nos vivos.¹⁸⁵

Mas, além de investir na idealização de uma cultura que julgavam em franco desaparecimento, este discurso na forma de lei, permite que seus carnavalescos possam ser apresentados a partir da sua missão profícua a preservação, a salvaguarda, senão, o resgate daquela cultura como forma de sobrevivência de um mundo idílico corrompido pelos usos e “*hábitos malcriados*” dos foliões do presente.

O bloco “Ala Ursa”, segundo as entrevistas cedidas por seu presidente e sócios, é a tentativa de reviver antigos carnavais, de ver materializado e efetivado o que era lembrado apenas por foliões de outrora. É a tentativa de materializar um espaço de memória no presente, de reconstituir territórios existenciais de uma determinada parcela da sociedade local que vinha perdendo espaço nas manifestações carnavalescas da cidade. É a tentativa de restaurar os espaços de movimentação remarcando os seus lugares de outrora com a representação “*do carnaval do povo caicoense*” através “*da Ala Ursa do Poço de Sant’Anna*”, da espacialidade da cidade que o mesmo tentava ocupar. Mas também é a composição de um espaço de poder, espaço que se queria efetivo, materializado e articulado as redes de poder que permeavam a sociedade da época. É nesse sentido, que a “Ala Ursa” vai compor a partir do ano de 2001 uma política cultural bem definida com a gestação do estatuto do bloco de autoria dos seus fundadores¹⁸⁶. Este estatuto apresenta a seguinte justificativa: “*Art.4º- A ALA URSA DO POÇO DE SANT’ANA tem por finalidade apoiar e desenvolver ações de defesa, elevação e manutenção da qualidade de vida do ser humano, promovendo a cultura e o folclore do nosso município*”¹⁸⁷.

¹⁸⁵ CERTEAU, Michel “*A beleza do morto*” In: A cultura no plural. Tradução Enid Abreu Dobránszky. 2ª. ed. Campinas: Papirus, 1995.

¹⁸⁶ São reconhecidos como fundadores os senhores: Jacob Batista, Mário Ferreira, Pedro Dias, Babi, Paraná, Tião, Inácio, Nego de Lolô, Irenaldo, Joca Pipiu, Bobó, Nego Alberto, Marco Antônio, Laércio Batista e Gilberto Anísio.

¹⁸⁷ Estatuto Social da Ala Ursa do Poço de Sant’Ana, Caicó-RN, 2001.

Não por coincidência, o discurso acima reproduz os mesmos enunciados dos discursos veiculados por Magão nas entrevistas que concede a mídia. O folclore e a cultura como uma vocação da cidade e o seu Bloco como promotor dessa cultura. Reproduzindo este discurso, os gestores do Bloco Ala Ursa tentavam se articular à rede de poder movida pela prefeitura de nomear Caicó enquanto carnavalesca. E, para tanto, vão tentar ocupar o lugar do “*carnaval tradicional*”, vão se colocar em substituição ao carnaval supostamente morto e decadente, buscando reviver os antigos carnavais, resgatar a sua identidade, só que com uma particularidade, o Bloco seria o único promotor deste carnaval popular. Nos depoimentos cedidos pelo carnavalesco e nas reportagens escritas sobre o Bloco nos jornais de circulação em Caicó, Magão narra constantemente sobre a falta de investimentos públicos para a manutenção do seu bloco e em contrapartida a essa “denúncia”, acaba nomeando as estratégias utilizadas por ele, para driblar a falta de recursos financeiros, assumindo com o seu Bloco “*o lugar da festa de Momo na cidade*”.¹⁸⁸

No ano de 2009, uma série de reportagens nos programas veiculados pela Rádio Rural, problematizavam a cerca do orçamento destinado pela prefeitura municipal de Caicó ao Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana, nestas o carnavalesco Magão era acusado de receber uma quantia considerada pelos jornalistas como “exorbitante”, Magão em resposta cede uma série de entrevistas aos *blogs* informativos da cidade, bem como a própria Rádio Rural na entrevista o carnavalesco coloca que os preparativos para a saída do bloco Ala Ursa de Santana estavam sendo ultimados. Magão na entrevista também nega ter solicitado o valor de 100 mil reais à Prefeitura de Caicó para que seu bloco saísse as ruas durante o carnaval, segundo o carnavalesco:

No dia que eu quiser sair de Caicó, pego meus troços e vou embora. Estou aqui porque gosto da minha cidade, e nunca usei meu povo ou o bloco para me servir. Isso não tem fundamento. Nunca pedi essa quantia ao prefeito, pode perguntar a ele. Se a prefeitura quiser ajudar o bloco, tudo bem, se não, vamos sair do mesmo jeito.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 09 de fevereiro de 2005 intitulada “Festa de Momo em Caicó”.

¹⁸⁹ Notícia divulgada no blog : www.marcosdantas.com acessado em 06 de Fevereiro de 2009.

A ameaça de deixar a cidade é uma constante nas entrevistas cedidas pelo carnavalesco, em outra entrevista o carnavalesco relata as outras cidades seridoenses que o convidaram para iniciar um carnaval do “povo”:

O Ala Ursa do Poço de Sant’Ana está continuando por causa *da minha figura*, porque eu deixo de trabalhar no meu serviço para fazer isso , mais nós temos um apoio muito pequeno, as pessoas conhecem a Ala Ursa no dia dos festejos, por exemplo eu não tenho lugar para estar, eu tou aqui nesse barracão até o mês de junho, depois eu não sei para onde eu vou. a coisa do ala ursa é incerta, não tenho um apoio maciço da prefeitura, o nosso comércio é muito fraco, então ele sobrevive de doações e do trabalho da população e dos componentes. O povo só sente o *poder* da Ala Ursa quando a gente ameaça parar, por exemplo esse ano não ia ter carnaval, eu ia para Parelhas que é uma cidade vizinha porque o prefeito me bancava, tive a oportunidade também de ir para Assu que é um carnaval grande mais não tem um bloco como o nosso e Areia Branca também tem um carnaval no litoral grande, mais que não tem isso que a gente faz aqui, esse carnaval quase inocente. Ano passado teve dia do meu bloco quase não saia, porque ele não tinha um apoio as coisas cresceram e os meus carros de som não suporta mais, esse ano quando viram que a coisa ia se acabar, até mesmo porque eu não viso muito dinheiro, mais tem um ponto que você tem que visar, porque não é para mim, ele tem uma função dentro da sociedade.¹⁹⁰

O colaborador do Jornal de Caicó, Francisco de Assis Medeiros, produz uma longa narrativa sobre o “Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana”. No início da sua matéria, Francisco ataca os jornalistas que, segundo ele, produzem matérias sobre o carnaval da cidade mediante pagamento da Prefeitura de Caicó: “... *certas colunas de jornais, pagas por alguns prefeitos com o dinheiro público, para a divulgação do carnaval de rua das suas cidades, quase sempre noticiados como o melhor do interior do estado, justificando o auto-elogio das respectivas administrações municipais, quase sempre proclamadas nessas publicações como o melhor de todos os tempos*”. Para Francisco, durante o carnaval de 2004, estes jornais não haviam publicado matérias sobre a “Ala Ursa” devido: “*O fracasso da investida, não publicaram uma só linha, nada noticiaram nem registraram sobre o fabuloso carnaval de Caicó.*”¹⁹¹

Ao iniciar a matéria com esta crítica aos outros jornais locais, o colaborador busca colocar-se no lugar de jornalista que ama a sua terra e o carnaval produzido nela. Na

190 Narrativa de Ronaldo Batista Sales (Magão). Artesão e carnavalesco. 42 anos. Entrevista cedida em 19 de janeiro de 2009.

191 Notícia divulgada no Jornal de Caicó. Caicó em 05 de abril de 2004 intitulada “O Ala Ursa do Poço de Sant’Ana”.

matéria, Francisco busca comparar o carnaval vivenciado no Estado e o de outras regiões do Estado, afirmando que *“Em Caicó se realiza o mais animado e autêntico do carnaval de rua do Rio Grande do Norte. Carnaval tranqüilo, barato, animadíssimo e cheio de criatividade. Caicó nesse período não é só a capital do Seridó, mas, sim, a capital potiguar da folia”*. Para o jornalista em parte alguma do Estado poderia se encontrar um bloco *tão grande, organizado, aberto e querido* pela comunidade como o “Ala Ursa”, cuja presença tornaria admirável o carnaval de qualquer capital do Brasil, seja pelo realce do carnaval tradicional que adota, seja pela participação popular que congrega. O “Ala Ursa” na matéria produzida por Francisco é apresentado por adjetivos como *alegre e despojado* e o grande responsável por essa alegria no carnaval de rua seria o seu criador e diretor: Ronaldo Batista Sales (Magão), nome este que para o jornalista representaria:

A salvaguarda das tradições não só carnavalescas mas da cultura popular seridoense em geral, é um bloco completamente aberto ao público, que nada cobra de quem dele participa. É o maior espetáculo carnavalesco de rua do Rio Grande do Norte. A cidade toda e outro tanto de gente vindo de fora, enchem as principais avenidas de Caicó, dançando e marcando passo, ao estilo dos melhores e mais animados antigos carnavais que muitos julgavam sepultados no passado, até que a quinze anos Magão resolveu restabelecer a tradição. O carnaval do Ala Ursa é a melhor expressão do renascimento das reais tradições carnavalescas de Caicó, do carnaval clássico, histórico, memorável, saudoso. Do que restou dos carnavais das serpentinas, dos confetes e dos lança-perfumes, que se foram para nunca mais voltar. O Ala Ursa, por isso, com simplicidade, pouquíssimo dinheiro e muita espontaneidade, move multidões em Caico, produzindo o maior e melhor carnaval de rua do Rio Grande do Norte. Quem ainda não viu, que venha ver no ano vindouro para tirar a limpo o que escrevo. Diversos outros importantes blocos animam o carnaval caicoense, mas nenhum deles alcançou ainda as dimensões conquistadas pelo Ala Ursa na preferência dos foliões e folionas de rua.¹⁹²

Assim como na narrativa produzida por Francisco, outras matérias publicadas na cidade durante os anos de 2000 a 2009, buscam dar visibilidade a Ronaldo Batista Sales, como produtor carnavalesco dos festejos de rua na cidade de Caicó. Apresentando nestas matérias, sobretudo, os projetos carnavalescos e as estratégias de realização do desfile empreendida por ele. A partir de uma entrevista cedida pelo carnavalesco, o repórter Paulo Junior constrói a seguinte narrativa:

¹⁹² Ibidem.

Há duas semanas para o início do carnaval de rua de Caicó, o bloco Ala Ursa do Poço de Santana, intensifica os trabalhos, para colocar nas ruas de Caicó, o maior bloco de rua do Rio Grande do Norte, aumentando cada vez mais, o número de foliões, provenientes de várias localidades do Brasil. Ronaldo Batista Sales, o popular Magão, disse que este ano, os trabalhos estão bem melhores, faltando apenas pequenos detalhes para o bloco concluir a sua meta para a maior festa popular do Brasil. Magão adianta que as burrinhas já estão confeccionadas e que vai fazer também uma exposição na Casa da Cultura para que as pessoas vejam o que o bloco já preparou para o carnaval. O itinerário do Bloco do Magão foi modificado e este ano, vai sair da Ilha de Sant'Ana, percorrendo a Av. Seridó, Rua Renato Dantas, Rua Celso Dantas, Rua Pedro Velho e novamente a Av. Seridó, retornando para o Complexo Turístico da Ilha de Sant'Ana. Segundo Magão, a multidão será maior este ano e pretende sair com cerca de 12 bonecos gigantes, mas dependendo do andamento do bloco, poderá ser reduzido para 9. "A minha orquestra está ensaiando há 3 meses e está praticamente pronta para sair nas ruas da cidade. Eu acho que a Prefeitura deu uma ajuda significativa para fazer o carnaval da cidade e os blocos tem que ajudar a gente, pois devemos manter a tradição do carnaval de rua", Declarou Magão. Ele relata que a estrutura de som e do seu bloco ainda não é a ideal, mas este ano melhorou muito. Será montada uma FM no carro de som da orquestra do Ala Ursa e o áudio será reproduzido por outros carros de som ao longo do percurso. Ele afirmou que as camisas do Bloco Ala Ursa estão a venda na Casa da Cultura e na sua residência, no SESC Seridó e no bairro Itans. No carnaval de rua, o bloco do Magão vai apresentar várias alas, com pessoas fantasiadas, entre bruxas, palhaços, papangus. "Para competir com o carnaval de fora, a gente tem que fazer as coisas da nossa terra e temos que preservar as nossas tradições, com as burrinhas, os papangus e queremos a adesão dos foliões que eles venham fantasiados para o nosso bloco", Enfatizou Magão.¹⁹³

Assim, como nos jornais locais, o Jornal Diário de Natal em suas matérias busca apresentar o carnavalesco como produtor dos festejos na cidade:

O carnaval de Caicó 2005 já está sendo projetado para a alegria dos foliões. O Bloco Ala Ursa de Sant'Ana está com o projeto pronto para o período momesco. São equipamentos de transmissão e carros de som de ótima qualidade. Ao promover um carnaval igualitário e inclusivo há 13 anos, o Ala Ursa do Poço de Sant'Ana proporciona a comunidade momentos de prazer, alegria, união e descontração através da valorização e reconhecimento dos costumes e tradições, desenvolvendo uma conscientização de respeito pela cultura de Caicó, através da arte momesca do povo caicoense. O objetivo agora é de ressaltar, a cada ano, a cultura momesca do município de Caicó, através da arte momesca do povo caicoense. O Ala Ursa vai resgatar os grandes encontros culturais carnavalescos da cidade de Caicó.¹⁹⁴

¹⁹³ Notícia divulgada no Jornal de Caicó. Caicó em 05 de fevereiro de 2004 intitulada "O maior bloco de rua do Rio Grande do Norte".

¹⁹⁴ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 05 de fevereiro de 2005 intitulada "O Bloco Ala Ursa de Sant'Ana está com o projeto pronto para o período momesco".

Conceitos como *costumes, tradição e resgate* são recorrentes nas matérias sobre a “Ala Ursa do Poço de Sant’Ana” no sentido que singularizam o bloco carnavalesco e o seu fundador. Nas entrevistas que concede, o carnavalesco produz sentidos e significados singulares para sua produção carnavalesca, o Bloco Ala Ursa, tornando-se artífice da fundação dos marcos hegemônicos do processo de inserção do bloco como possibilidade de “*reviver carnavais*”. Neste sentido, a partir do ano de 2000, uma série de enunciados presentes no jornal Folha do Seridó vai re-contar a história do Bloco, a exemplo, da matéria intitulada: “Ala Ursa faz sucesso”:

Bloco carnavalesco foi criado para inibir descaso contra o poço de Sant’Ana- Carnaval e religião garantem folia a população caicoense. A afirmação acima, embora se pareça com título de material informativo, traduz bem a origem do “Bloco Ala Ursa”, também conhecido como “Bloco do Lixo”. É que a história do bloco está ligada a fundação de Caicó. Em 1990, um grupo de moradores, observando que o poço de Sant’Ana, marco da fundação do município, estava sofrendo descaso da administração municipal e caindo no esquecimento do povo, resolveu formar um bloco carnavalesco. O objetivo era de resgatar a importância do poço a história religiosa e cultural de uma das cidades mais importantes do Rio Grande do Norte. Reunido o pessoal que seria responsável a realização do desfile do bloco para chamar a atenção das autoridades sobre a importância do poço de Sant’Ana, os preparativos a confecção de bonecos foi a segunda providência tomada. Com material recolhido a base de lixo reciclável, jornais velhos e pedaços de arame, o grupo confeccionou os primeiros bonecos, que a época eram caricaturas de políticos. Essa foi a maneira que os moradores achavam que podiam melhorar e valorizar o local histórico. E assim o bloco saiu pela primeira vez no carnaval de Caicó. Nasceu então o “Bloco Ala Ursa”. A tentativa de resgatar a importância do poço não obteve sucesso. Mas o bloco ganhou fama e reconhecimento, além de dezenas de componentes. Nos anos seguintes, os enredos não tinham conotação política nem mensagens de protesto. E os bonecos passaram a ser caricaturas de personagens populares do município, que continuam sendo homenageadas pelo carnavalesco.¹⁹⁵

Certamente o carnaval foi o principal evento sobre o qual incidiu este agenciamento discursivo e folclorístico subjetivado e reproduzido pela Folha do Seridó. Pois, com esta intervenção o mesmo termina por contribuir para a imagem de um novo carnaval para a cidade. Com estes agenciamentos o jornal apoiado pelos depoimentos buscava preservar, salvar e reabilitar os antigos carnavais da cidade. Outra importante série discursiva que visibiliza a “Ala Ursa” como Bloco tradicional da cidade é o Jornal

¹⁹⁵ Notícia divulgada no Jornal Folha do Seridó. Caicó em 23 de março de 2000 intitulada “Bloco carnavalesco foi criado para inibir descaso contra o poço de Sant’Ana”.

do Seridó, em suas matérias sobre o carnaval, geralmente denuncia a falta de investimentos públicos a exemplo das matérias publicadas no ano de 2004:

Indefinição-Reunião para o carnaval frustra foliões e blocos: A primeira reunião para discutir o carnaval 2005 em Caicó frustrou as expectativas dos blocos e foliões. Com a presença do prefeito Roberto Germano, do prefeito eleito Bibi Costa e do produtor Goldofredo Fernandes, o resultado das discussões foi nulo: não ficaram definidas quais as atrações e questões como a segurança e a estrutura do evento. Ficou evidente que não há um projeto definido sobre o carnaval 2005 em Caicó. Os foliões e dirigentes de blocos esperavam exatamente o contrário. A expectativa era grande já que nos últimos dias havia informações circulando na cidade de que o carnaval voltaria a ser realizado na Vila do Príncipe e o temor que houvesse um retrocesso no projeto do carnaval em Caicó era grande entre os foliões. Durante a reunião, a única informação concreta dada ao público presente foi a que o carnaval continuaria a ser realizado na praça Dom Delgado. Os prefeitos eleitos Roberto Germano e Bibi Costa, lacônicos, disseram que não há ainda definição alguma com relação as atrações que animarão o carnaval, sobre a estrutura do palco, luz e som, sobre a quantidade ou o preço de camarotes, e nem mesmo sobre os recursos destinados a realização do evento. Segundo Bibi Costa, “a Prefeitura entrará com o menor número possível”. “A reunião foi convocada para nada, ou melhor, para que fosse dito que não há nada definido para o carnaval 2005”, disse Juscelindo Medeiros, dirigente de um bloco.¹⁹⁶

Em resposta a falta de incentivos por parte da prefeitura o Jornal publica outra matéria:

Troça do Magão já tem plano e orçamento para o Carnaval- Ao contrário da Prefeitura, a Troça do Magão já tem todo o planejamento para o carnaval de 2005. A grande novidade para 2005: o Ala Ursa sairá durante oito dias ininterruptos, começando na quarta-feira, dia dois de fevereiro de 2005, até o dia nove. Com o título de “ Projeto Carnaval 2005- Diversão, Alegria, União e Descontração”, o Ala Ursa do Poço de Sant’ Ana (nome oficial da troça) traçou os objetivos e detalhou o orçamento para fazer, inegavelmente o melhor carnaval de rua do Rio Grande do Norte. “Nosso objetivo é ressaltar, a cada ano, a cultura momesca de Caicó com a participação ativa da comunidade”, diz Ronaldo Batista Sales, o Magão, presidente da troça. O projeto do bloco do Magão aparenta ser o mais moderno em execução no momento. Terá até exposição no telão, no dia 16 de janeiro de 2005, com o lançamento do CDR, camisetas para o carnaval e Souvernies. No projeto, ele diz que em 2005, “mais do que nunca, vamos resgatar os grandes encontros culturais e carnavalescos de nossa cidade”. O Ala Ursa pretende realizar concursos de blocos, máscaras, troças, marchinhas carnavalescas e porta-bandeiras de escolas de samba, sempre depois do corso e na Praça da Liberdade

¹⁹⁶ Notícia divulgada no Jornal do Seridó. Caicó em 15 de fevereiro de 2004 intitulada “Indefinição”.

onde está localizado o “Centro Momesmo”. No Centro Momesco será montada uma estrutura de palco para os desfiles diários e concursos de papangús, fantasias, porta-bandeiras, máscaras, bonecos, blocos do lixo e marchinhas. Os foliões da terceira idade e portadores de necessidades especiais também terão espaço reservado para brincar o carnaval no Bloco do Magão.¹⁹⁷

Magão subjetiva um discurso e um lugar autorizados, o discurso jornalístico e o lugar da mídia, para produzir ou reproduzir um discurso apaziguador, homogêneo e salvacionista sobre os carnavais de Caicó. A falta de informações sobre o carnaval de Caicó é temática das matérias do jornal durante três dias. Nestas, o Jornal do Seridó busca construir sempre um paralelo entre a falta de interesse para o carnaval que os gestores públicos demonstram e por outro lado as ações realizadas por Magão para reverter esta situação. Sobre a Prefeitura o jornal diz que:

Na realidade a reunião serviu para a população se manifestasse, como ocorreu, e demonstrasse sua insatisfação em relação a queda de qualidade que o carnaval de Caicó, vem experimentando nos últimos dois anos. A prefeitura coloca em risco a reputação do carnaval caicoense, uma festa de grande potencial turístico e econômico que merece ser tratada com seriedade e competência. A população tem plena consciência da importância de um projeto sólido para o carnaval em nossa cidade e mostrou-se preocupada diante do quadro apresentado pelos prefeitos Roberto Germano e Bibi Costa. Roberto Germano mostrou que não dá importância ao Carnaval quando afirmou “O carnaval de Caicó não precisa de propaganda”. Não disseram ao prefeito ou ele fingiu não saber que a propaganda é o meio mais eficaz de se atrair investimentos e patrocínios para um evento desse porte. Ficou bem claro a todos os presentes que essa situação é preocupante e que a instalação de uma competente comissão organizadora para o carnaval 2005 se faz urgente.¹⁹⁸

A fala do prefeito Roberto Germano é atacada constantemente pelos jornalistas do “Jornal do Seridó”. Segundo a matéria, a divulgação do carnaval de rua era um clamor da população de Caicó tendo em vista os investimentos que os turistas oferecem ao comércio local. Em resposta a fala do prefeito é publicada outra matéria com a narrativa elaborada a partir do depoimento de Magão:

¹⁹⁷ Notícia divulgada no Jornal do Seridó. Caicó em 16 de fevereiro de 2004 intitulada “Troça do Magão já tem plano e orçamento para o Carnaval”.

¹⁹⁸ Ibidem.

Magão afirma que haverá uma central de distribuição de bebidas, com vendedores cadastrados e iluminação de pontos que a organização considera essenciais para a maior segurança dos foliões no percurso. Além dos marmanjos, o bloco também pensou nos foliões mirins: em 2005, haverá novamente um trenzinho para transportar os membros do bloco Ala Ursinha, para crianças de até 10 anos, com instrutores para maior comodidade dos pequenos e tranqüilidades dos pais. O projeto estipula até o orçamento para a realização do carnaval :71 mil reais. As receitas virão da venda de camisetas, colaboração de empresas privadas, vendas para o Ala Ursinha, Prefeitura de Caicó e Governo do Estado. Aliais, o Governo, em 2004, não mandou a sua cota de patrocínio, segundo prestação de contas que circula com o projeto Ala Ursa. Resultado: a troça teve um prejuízo de 23 mil reais.¹⁹⁹

A escrita da memória realizada por Magão constitui um trabalho de invenção de um passado pelo arranjo de múltiplas lembranças dispersas, que são cuidadosamente dispostas numa narrativa para dar sentido ao seu bloco carnavalesco, desta forma o carnavalesco começa a escrever a história do “Ala Ursa” a história da cidade. Nas entrevistas realizadas com o carnavalesco no ano de 2007, ao narrar sobre a cidade, ele o faz a partir da importância que este atribui ao seu bloco:

Hoje Caicó depende de duas rendas: uma renda da festa de Santa’ana uma das maiores festa onde todo mundo trabalha, e a renda do carnaval. Hoje que eu consigo trazer pra Caicó duas mil pessoas pra brincar num bloco, então você imagine que toda bodeguinha vende, que os hotel é cheio, que os bar é cheio, tudo eu consigo fazer, isso, e eu chego a empregar direta ou indiretamente segundo uma pesquisa da globo, 700 pessoas por carnaval sabe? Então é um negócio muito lucrativo pra minha cidade, agora eu não tenho fins lucrativos, porque o que eu faço eu emprego as pessoas, quem leva um boneco geralmente é servente de pedreiro, e eles num tem condições de trabalhar então ele vai pular em o no carnaval e vai ganhar 300 reais, 200 reais porque eu vendo a propaganda dos bonecos.²⁰⁰

Com esta fala, Magão endossa o modelo de festa como um espaço de renda para a cidade, um espetáculo que precisa ser cuidadosamente planejado por seu bloco. E, para tanto, o carnavalesco utiliza o discurso da geração de renda, tradição e autenticidade em relação a outros carnavais do Rio Grande do Norte. Fazer uso da festa transformando-a em um espaço privilegiado para as táticas e estratégias pelo carnavalesco foi, portanto, um dado recorrente observado na construção da festa carnavalesca de Caicó. Não é a toa que há todo um processo de estruturação e planejamento do carnaval elaborado pelo

¹⁹⁹ Ibidem.

²⁰⁰ Narrativa de Ronaldo Batista Sales (Magão). Artesão e carnavalesco. 42 anos. Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008.

carnavalesco. Nas matérias veiculadas sobre o carnavalesco, as fotografias o apresentam como um homem que se faz presente na montagem e execução da festa. Um homem que constrói discursos que exaltam e convocam ao povo a “construir e participar” do evento carnavalesco construído por ele, o que propicia um processo de identificação simbólica e imaginária da festa com o carnavalesco. Sobre as estratégias de montagem da festa e divulgação do bloco “Ala Ursa”, diz Magão:

Por exemplo, quando comecei a fazer carnaval eu não tava preocupado com o dinheiro, eu tava preocupado que Magão *tivesse o poder*. Fizeram uma pesquisa e disseram que no carnaval do nordeste de Bloco eu sou o segundo de tamanho. O galo da madrugada não é um bloco só, é todo mundo, mas é o galo da madrugada, então o ala ursa do poço de Santa’anna entra muito bloco, mas é o ala ursa do poço de Santa’ana ta entendendo?Então isso me deu o que? No nordeste um poder não aquisitivo, mas a facilidade de eu arrumar as coisas, por exemplo, eu preciso aqui que a TV Globo, a venha dar um flash aqui, ai eu telefono e os negos vem de graça entendeu?Porque sabe quando chegar tem o que mostrar, tem muita gente.Eles querem é quantidade de gente. Mas financeiramente num dá retorno. Eu dou oportunidade as pessoas de serem alguém, eu não vejo ninguém dando essa oportunidade. Eu acho que o ala ursa hoje ele é o que é porque passou de ser o ala ursa de Magão, para o ala ursa da comunidade, a minha cidade depende dele entendeu? Quem é que acreditava que um bloco do lixo onde as pessoas só tomavam cachaça, onde a maioria dos meus amigos era viciado.Iria se transformar num bloco desse? ²⁰¹

No depoimento acima, o carnavalesco narra a importância de se ter *poder* na cidade, este poder teria vindo, segundo Magão, através do reconhecimento da sua imagem e do seu bloco através do uso da mídia. Quando remete ao *poder* que a sua imagem e o seu nome têm na cidade de Caicó, o carnavalesco diz que, em muitas situações, é preciso aparecer para conseguir verba para o custeio do desfile. Em outra entrevista cedida pelo carnavalesco, Magão retoma a origem do Bloco, reafirmando o tom de protesto que o moveu a levar o bloco as ruas “Surgiu para criticar o Poço de Sant’Ana que estava morrendo”, o carnavalesco enfatiza que levou o lixo para a rua, para conscientizar as pessoas que a cidade estava sendo destruída “Comecei com 30 pessoas a limpar o bloco que era só do lixo e ele passou a ser a Ala Ursa do Poço de Sant’Ana, hoje Bloco do Magão”.²⁰²

²⁰¹ Narrativa de Ronaldo Batista Sales(Magão).Artesão e carnavalesco.42 anos.Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008.

²⁰² Narrativa de Ronaldo Batista Sales(Magão).Artesão e carnavalesco.42 anos.Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008.

2.2. A invenção de um carnavalesco: nasce Magão.

Para a construção de Caicó, como cidade carnavalesca e turística, outra importante série discursiva é agenciada na cidade: a monumentalização de Magão como símbolo da cidade, entrelaçando o ofício de artesão, com o ofício de carnavalesco que inscreve determinado passado na materialidade urbana e elabora um mapa da memória²⁰³ pessoal e coletiva.

Em meados da década de 1990 e ao longo da década de 2000, no entrecruzamento do campo da oralidade com a mídia, uma teia discursiva confere visibilidade para Ronaldo Batista Sales (Magão) ao entrelaçar obra e história de vida para instituí-lo como carnavalesco e guardião da memória, socialmente investido do poder de evocar e testemunhar o passado.

A produção deste acontecimento discursivo é o gesto inicial da construção do monumento: a recepção do desfile do seu bloco carnavalesco é indissociável da composição midiática do homem que “resgatou” o carnaval de rua na cidade de Caicó, dedicando-se a tecer oralmente o passado pessoal e coletivo, deixando as portas sempre abertas para receber aqueles que o procurem para ouvir as histórias de outros carnavais.

As práticas discursivas do processo de monumentalização são acompanhadas de profusa fabricação iconográfica. Quer em jornais ou revistas, quer na televisão, a verbosidade e imagem de Magão são agenciadas na produção do fato midiático. A figura humana entrelaça-se com a produção, circulação e recepção dos seus discursos, nas entrevistas que concede. Magão produz sentidos e significados singulares para o seu bloco carnavalesco, tornando-se artífice da fundação dos marcos hegemônicos do processo de monumentalização.

Ele mesmo encarrega-se de estabelecer a conexão entre o bloco carnavalesco e as suas vivências. O carnavalesco escreve duas descrições, muito semelhantes entre si, para anunciar a diferença entre Ronaldo Batista Sales e Magão:

²⁰³ “Tais mapas não tem valor descritivo como os mapas usuais da cidade, construídos a partir de um lugar absoluto e inexistente, mas seu interesse é de outra ordem, mais vivencial e narrativo, em que os trajetos estão amarrados as histórias e não ao presente contínuo da descrição neutra absoluta”.FREIRE,Cristina.*Além dos mapas : os monumentos no imaginário urbano contemporâneo* .São Paulo,SESC,Annablume,p.70.

Quem é Magão Batista? É uma pessoa justa, simples e trabalhadora. Sua vontade de ajudar o próximo as vezes o atrapalha. Nasceu para unir as pessoas, tem a visão de uma águia, vê longe, não tem hora para trabalhar. É bairrista por natureza. Ama sempre o que faz. Tem o dom de empreendedor, e gosta de dar oportunidade aquele que nunca teve. A sua fé é maior do que a montanha mais alta. Acredita em Deus e sabe que ele sempre está ao seu lado, por isso tudo que ele faz, junto com seus amigos e colegas têm um bom resultado. Falar de Magão Batista é fácil, difícil é ser MAGÃO BATISTA.

Quem é Ronaldo Sales? É uma pessoa tímida, calada, para ele tudo está bom. Age sempre com sabedoria, só bota o barco no mar, quando o mar está pra peixe. Humilde por natureza. Gosta do diálogo. Metido a poeta. Gosta de ler livros e é colecionador de músicas, possui 6.000 LP's. Tem mais de 500 fotos de Caicó antiga, este menino não é culto, mas, tem uma cultura invejada, é um *historiador nato*. Gosta de contar fatos e contos da nossa cidade. Pesquisador cultural, não é a toa que ele tem um museu em sua sede, por esses e outros motivos. Não sei se o Magão é o mesmo Ronaldo²⁰⁴.

As narrativas de Magão entrecruzam num mesmo movimento, autobiografia e memorialismo, configurando enredos, dos quais um universo de personagens, arquivos pessoais e histórias da cidade de Caicó emergem conectados com a trajetória de vida do carnavalesco. Os gestos da memória não estão, contudo, confinados nas revistas carnavalescas, em constantes aparições na mídia. Magão não se cansa de proclamar sua missão de “*ser o historiador da cidade, de contar as histórias e de juntar o arquivo da cidade*”²⁰⁵ de sua terra para as novas gerações. O carnavalesco, ao mesmo tempo, não se furta de falar de si e do seu passado. Nesse processo de invenção de si, Magão repete incessantemente a trama de um conjunto de narrativas para circunscrever uma versão a cerca do passado que quer fixar e, por extensão, para a imagem pública que luta para conquistar. Nas reportagens acerca do carnavalesco são recorrentes as descrições do bloco carnavalesco e da produção de bonecos gigantes:

Dezesseis horas. A multidão começa a se formar nas proximidades da Praça da Liberdade. Balbúrdia, vendedores para todos os gostos. Foliões jovens, maduros e idosos, todos em busca de alegria. Magão(o mestre) trabalha apressadamente para pôr nas avenidas os “bonecos” que adornam um dos cordões do bloco e as ruas da cidade de Caicó no período momesco. Nega maluca, Lampião, Bosco Vale, Maria Preta, Seu João, Bolo Bolo e outros que desfilam, desfilarão e desfilarão. Os

²⁰⁴ Revista *Diga X*. Editora Portal do Seridó, fevereiro de 2007, Ano I, Nº01.p.25

²⁰⁵ Entrevista cedida pelo carnavalesco Ronaldo Batista Sales TV Cabugi, em 14 de maio de 2002.

bonecos de Magão estão na avenida para a contemplação de todos.Oh! quanta animação com os bonecos rodopiando²⁰⁶.

O Ala Ursa é popularmente conhecido como “Bloco do Lixo”, tendo como seu idealizador o carnavalesco “Magão”(Ronaldo Batista de Sales).Ele disse ao repórter Paulo Junior que o bloco vem se preparando há 7 meses, ressaltando o crescimento do carnaval de Caicó.A estimativa é que o bloco saia com 10 bonecos gigantes, com uma boa orquestra de frevo, que vai arrastar uma multidão de foliões pelas principais ruas e avenidas de Caicó, incluindo crianças, jovens e adultos.Magão vai homenagear alguns personagens ilustres de Caicó, através dos bonecos gigantes.Dentre os homenageados estão: Zé Dantas(da sucata),Girson da Farmácia e Chica Trem(pessoa que Magão teve mais medo na infância, uma senhora de cabelo arrepiado).”Eu vou ver se todo o ano eu trago uma pessoa da infância, uma pessoa popular”, destacou²⁰⁷.

Analisando os discursos fundadores do Homem-Monumento, percebe-se que são produzidos pela necessidade de preencher a função de historiador na cidade de Caicó. Na interseção da oralidade com a indústria cultural, Magão transforma-se em fato midiático quando é constantemente convocado a falar de si mesmo e do lugar onde vive, do seu passado e do passado carnavalesco da cidade. Partindo destas publicações, percebemos a experiência contemporânea com o passado, marcada pela escassa oportunidade de encontrar os vestígios da memória coletiva e individual, longe dos consagrados “lugares da memória”, como os museus. Os bonecos de Magão são considerados um marco que testemunha outra era, investido socialmente do poder de representar e evocar o passado, interligando-o com o presente, permitindo a transmissão da herança cultural configurada na comunidade.



²⁰⁶Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 10 de fevereiro de 2001 intitulada “Os bonecos de Magão estão na avenida para a contemplação de todos”.

²⁰⁷Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal em 02 de fevereiro de 1997 intitulada “Bonecos de Magão”.

Desta forma, algumas reportagens começam a ser produzidas sobre o carnavalesco e a produção dos seus bonecos gigantes. Nestas, o carnavalesco ao ser interpelado sobre os bonecos sempre recorre à questão da homenagem a pessoas populares que vivam nas ruas e as quais nas palavras do carnavalesco *“parecem não ter passado, eu conheci muita gente que era apontada como louca na cidade porque vivia andando, não tinha casa, nem família, só que a gente esquece as vezes que umas pessoas de rua têm uma história”*.²⁰⁸

O Ala Ursa é popularmente conhecido como Bloco do Lixo, tendo como idealizador o carnavalesco Magão (Ronaldo Batista Sales). Ele disse ao repórter Paulo Junior que o bloco vem se preparando há 7 meses, ressaltando o crescimento do carnaval de Caicó. A estimativa é que o bloco saia com 10 bonecos gigantes, com uma boa orquestra de frevo, que vai arrastar uma multidão de foliões pelas principais ruas e avenidas de Caicó, incluindo crianças, jovens e adultos. Magão vai homenagear alguns personagens ilustres de Caicó, através dos bonecos gigantes. Dentre os homenageados estão: Zé Dantas (da sucata), Girson da Farmácia e Chica Trem (pessoa que Magão teve mais medo na infância, uma pessoa popular”, destacou.²⁰⁹



Imagem 3 - Boneco de Magão e Chica Trem

Em outra narrativa, produzida sobre o carnaval de Caicó e a produção dos bonecos gigantes, a Jornalista de a “Tribuna do Norte” produz a seguinte narrativa:

²⁰⁸ Narrativa de Ronaldo Batista Sales (Magão). Artesão e carnavalesco. 42 anos. Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008.

²⁰⁹ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 05 de fevereiro de 2008 intitulada “Carnaval do Magão”.

Neste carnaval 2009 em Caicó nada fez mais 'sucesso' que o Bloco Ala Ursa. Sim, esse é o real nome do tradicional bloco de frevo do Magão. Um magnetismo pairava no ar quando as 17 baladas do relógio de Sant'ana soavam. As ruas da abençoada cidade recheavam-se de um colorido inigualável. Mais parecia uma invasão dos bárbaros da alegria. Uma alegria sem fim, contagiante. Todos sentiam a mesma euforia delirante. Ao som da primeira nota do "taranranranran" o chão tremia, o mundo parecia esquecer que havia vida sem aquilo. Mas nada que ofuscasse o brilho dos bonecos de Olinda feitos pelo próprio idealizador da grandiosa festa. Aqui esses bonecos são bem mais coloridos e vistosos. Aqui eles têm nomes próprios: são os Bonecos do Magão. Esses bem mais altos e resistentes aos pulos de quem tomba. Os bonecos do humilde Magão não desbotam nem com os dilúvios providenciais de carnaval, nem sequer com o sol fervente que irradia deste lugar. Analisando hoje, passado o êxtase do momento, acho inclusive que o sol aqui brilha mais forte para fazer-nos propositadamente ofuscar a vista, inebriar os olhos. E a chuva? A chuva nunca deixará de existir a fim de banhar tais bonecos, para apreciarmos cada curva que esses trazem pela ousadia do artista! Mas a água não acalma. E das ruas escuras desce a lama que lavou o frevo, pulos, cervejas, alegrias, e belezas.²¹⁰

Nas entrevistas concedidas por Magão, os bonecos emergem como possibilidade de materializar e homenagear membros da comunidade que viviam à “margem na sociedade caicoense, sobre a produção o carnavalesco:

Olha quando eu comecei a fazer carnaval, a gente fazia alguns bonecos, só que não tinha uma noção do que era boneco gigante não, então eu comecei a homenagear as pessoas que eu conheci quando moleque como por exemplo: João de Ananias. Ele foi uma das pessoas que ele trabalhava por um prato de comida. E eu achava ele um herói, porque você viver trabalhando no pesado só por um prato de comida? E você num compra roupa não? Ele comia por nos quatro aqui, quer dizer ele trabalhava pelo comer, pouca gente tinha coragem de dar de comer a ele, porque ele comia muito, ele vivia com fome. Ele vivia lá em vovó. Minha Avó foi uma pessoa que colecionava muito doido na cidade de Caicó, vovó tinha uma coleção de doido, vivia para dar comida a eles. Então eu homenageie João de Ananias. Eu me lembro que ele era careca e nós fizemos o boneco bem parecido com ele. Foi o primeiro boneco a sair foi João de Ananias, depois foi Maria Salvina era uma veia que jogava todo dia no bicho, todo dia ela, jogava os 24 bichos. Por toda a sua vida ela perdeu nunca que ficou rica. Eu comecei a homenagear as pessoas que na minha concepção de vida eram artistas ou heróis. Pois hoje eu acho que o artista, ou o herói, são aquelas pessoas que todo mundo acha doido, mas que elas sobrevivem, sem está roubando, matando, sendo político ou seja sem ta enganando o povo. Em Caicó teve demais desse povo, que a maioria chamava de louco. Juju comunista, Lascadinho, Barrão Setenta, Joanelinha Pecadora, que era uma velha que vivia rezando. Em Caicó, toda a minha infância foi isso, tinha Pedrinho esses milhares

²¹⁰ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte em 01 de fevereiro de 2009 intitulada “Bloco do Magão”.

de loucos que vivia por ai. Tinha também o Juju, ele tinha dupla personalidade. Esse homem vendia lamparina, corrente para amarrar cachorro, que ele mesmo fazia, só que as correntes eram fortes e ele demorava a vender outra para a mesma pessoa. Não dava pra ele manter as duas filhas dele, com essas vendas. Percebendo isso ele vestia uma roupa de coronel do exercito, um monte de corrente, chapéu de lampião, pegava uma carroça que tinha um boneco enorme dentro chamado de mergulhão e tocava umas musicas na boca, fazia umas músicas onde ele imitava a voz do boneco. Desta forma ele saia nas ruas cantando e pedindo esmolas. Quando eu era criança sempre ria dele, quando ele passava nas ruas, ai quando eu completei 15 anos eu deixei de insultar ele. Eu comecei a achar que ele não era louco não ele é muito artista então isso me trouxe na memória as minhas coisas de homenagear, ainda faço isso hoje, eu gosto muito de homenagear as pessoas a gente faz um carnaval totalmente diferente talvez o sucesso não é não seja o ala ursa, eu acho que é o povo de Caicó.²¹¹

Muitos críticos literários²¹² que analisam a escrita memorialista configuram esses textos construindo o autor a partir do paralelismo com a figura do narrador benjaminiano sem enfrentar, entretanto, o desafio de explicar como diante das condições de produção da memória na sociedade contemporânea, é possível reivindicar o estatuto de narrador tal como instituído nas sociedades tradicionais.

Conforme Jeanne Marie Gagnebin, nos diversos textos que se utilizam da teoria benjaminiana da experiência, observa-se *idêntico diagnóstico: a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna*²¹³. Compartilho de suas conclusões para declarar a impossibilidade de restaurar no memorialista o narrador benjaminiano: *o depauperamento da arte de contar parte, portanto, do declínio, de uma tradição e de uma memória comuns, que garantiria a existência de uma experiência coletiva ligada a um trabalho e um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e linguagem.*²¹⁴

Nesse momento, porém, mais importante do que questionar, é reconhecer o potencial produtivo dos discursos que atribuem a Magão a função do Narrador. O

²¹¹ Narrativa de Ronaldo Batista Sales (Magão). Artesão e carnavalesco. 42 anos. Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008.

²¹² AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1998. ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *"Móbile da memória"*, in Enigma e comentário. São Paulo, Companhia das Letras. 1987. MIRANDA, Wander Melo. *"Corpos Escritos"*: Graciliano Ramos e Silvino Santiago. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1992.

²¹³ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *"Prefácio- Walter Benjamin ou a história aberta"*, in BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, p.10. 1994.

²¹⁴ Ibidem.

Homem-Monumento constrói a si mesmo e é construído como repositório do patrimônio cultural que se formou ao longo do tempo e como responsável por suas transmissões as novas gerações; como homem-memória, cuja vida se entrelaça ao passado coletivo; como narrador das histórias carnavalescas e tradições da sua terra natal. A associação dar-se, sobretudo, nas imagens que vinculam o bloco à imagem do carnavalesco, assim, essa visibilidade da imagem de Magão faz-se presente, inclusive, nas imagens vinculadas nas camisetas do Bloco:



Imagem 4 - Camisa do Bloco Ala Ursa



Imagem 5 - do Bloco Ala Ursa

Na construção das narrativas midiáticas, as imagens combinam com os textos para a encenação do acontecimento discursivo. Nas reportagens televisivas, a câmera concentra-se em Magão, detendo-se em closes do seu rosto e das suas mãos²¹⁵. Em algumas, intercalam as imagens do carnavalesco falando com cenas da cidade de Caicó²¹⁶. Nos jornais e revistas, as reportagens são invariavelmente acompanhadas de fotografias do carnavalesco, cujas legendas, costumam trazer algumas de suas declarações. Para compor a personagem do carnavalesco-artesão, as reportagens trazem fotografias de Magão. Algumas na confecção dos bonecos para desfilarem no seu bloco carnavalesco. Considerando as fotografias como artefatos culturais, interessa inquirir quais os significados simbólicos das representações do carnavalesco que estão aí codificadas.

²¹⁵ Entrevista cedida pelo carnavalesco ao RN TV, em 24 de março de 2002.

²¹⁶ Entrevista cedida pelo carnavalesco ao RN TN, em 03 de fevereiro de 2001.



Imagem 6 – Magão fabricando bonecos.

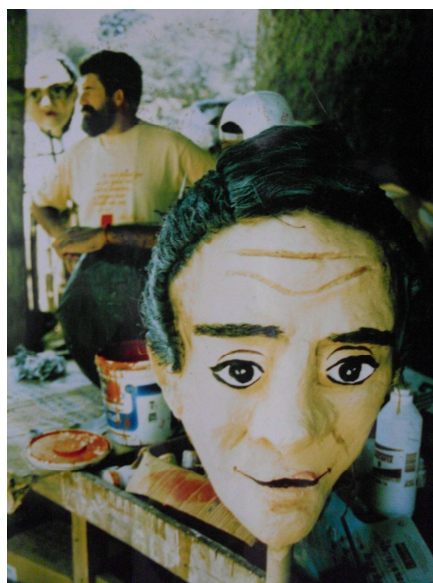


Imagem 7 - Cabeças dos bonecos no ateliê



Imagem 8 - Cabeças secando ao sol

As imagens acima, publicadas no suplemento de cultura do Jornal Diário de Natal²¹⁷, fazem parte de uma série de fotografias tiradas pelo fotógrafo caicoense Aladin. Nesta série, o fotógrafo buscou dar ênfase ao trabalho de Magão enquanto artesão, sobretudo, no que diz respeito à confecção de bonecos gigantes, a série segue uma seqüência linear de produção, desde a confecção das cabeças dos bonecos ao processo de pintura e secagem das peças, bem como, até as imagens desses bonecos desfilando no Bloco. Apesar de fazer parte de uma série que tem uma finalidade específica, essas fotografias são reutilizadas constantemente por outras publicações em periódicos e revistas que tematizam o carnaval da cidade de Caicó. Como a série de fotografias quando produzidas não possuíam legendas, quando utilizadas para outras finalidades e textos, são criadas algumas legendas, inclusive, sobre as imagens, desta forma, ao

²¹⁷Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 22 de maio de 2004. Intitulada: “Carnavalesco fabrica bonecos”.

colocarem as legendas nas fotografias, as publicações acabam lhe atribuindo outro sentido.



Imagem 9 – Magão a frente dos seus bonecos.

Ronaldo Batista Sales declara, em entrevistas, que falar sobre si e sobre o carnaval é elaborar um passado, *“das coisas que realmente aconteceram”*²¹⁸. Suas narrativas foram construídas após o surgimento do seu bloco “Ala Ursa do Poço de Santa’Anna” na década de 1980. Dedicando-se a uma intensa produção sobre o seu bloco e as demais manifestações carnavalescas na cidade.

Multiplicada ininterruptamente pela mídia, a discursividade que tece o Monumento, tornando o carnavalesco personagem exemplar, não cessa após o surgimento do bloco. Diferentes atores e estratégias produzem e reproduzem o culto a Magão, entrelaçando seu bloco e a sua vida com uma memória visual que fixa a imagem do carnavalesco. Esse processo de monumentalização silencia memórias subterrâneas e dissidentes que questionam a existência de apenas um bloco de rua na cidade de Caicó. Nessa batalha de memórias, Magão alça-se sobre as outras narrativas e perpetua-se como provedor de um carnaval onde todos possam brincar, livremente, intitulados por ele como carnaval popular ou carnaval do povo.

Neste ponto, problematizamos a prática autobiográfica enquanto uma “técnica de si”, na acepção de Michel Foucault, por meio do qual um sujeito vai constituindo-se na relação que tem como ele mesmo, na *“reflexão sobre os modos de vida, sobre as escolhas da existência, sobre o modo regular de conduta, de se fixar a si mesmo fins e meios”*, a partir de um profundo trabalho de autoconhecimento. A invenção de si é, a um

²¹⁸ Narrativa de Ronaldo Batista Sales (Magão). Artesão e carnavalesco. 42 anos. Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008.

só tempo: prática de sujeição e exercício da liberdade²¹⁹, pois significa produzir e reativar para consigo e para com os outros as verdades das quais se tem necessidade.

Nesse processo, as narrativas constituem-se em prática de si, gesto de mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto junto ao outro e, simultaneamente, exercício do olhar sobre si próprio. A narrativa do indivíduo que se debruça sobre sua vida num movimento de produção de subjetividade e atua na transformação de discursos de verdades em práticas de existência, ou de governo de si por si, na “*elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação*”²²⁰.

O desejo de Magão de esmiuçar-se, entretanto, não se limitou aos seus depoimentos; também através do seu arquivo privado ele entrelaça o presente ao passado, para contar a sua vida e a do bloco, inscrevendo sua biografia como peça fundamental de recepção da sua obra e um dos alicerces que instauram o processo de monumentalização.

Não se trata de depoimentos esparsos ou relatos factuais acidentais, mas sim de um minucioso trabalho de enquadramento da memória para imprimir determinada versão acerca do carnaval de rua da cidade e da sua própria vida. A verbosidade e a escrita dos seus depoimentos em jornais, aliadas ao rememorar incessante, constituem estratégias de construção de si²²¹, profundamente influenciadas por discursos e práticas do presente.

Para historiar a si mesmo e ao bloco “Ala Ursa do Poço de Sant’Anna”, o carnavalesco criou um modo singular de produção de memórias no qual uma série de depoimentos orais gravados são transcritos em jornais e revistas ou filmados por emissoras de televisão. Para instituir e fixar os marcos da sua biografia, Magão repete de forma recorrente um núcleo de lembranças ao reproduzir oralmente a história do bloco. Alguns jornais utilizam as narrativas de Magão para historiar o carnavalesco e o seu bloco:

²¹⁹ “Em primeiro lugar, eu penso que não há sujeito soberano, fundador, uma forma universal do sujeito que se poderia reencontrar em todo lugar. Eu sou muito cético e muito hostil em relação a esta concepção de sujeito. Eu penso, ao contrário, que o sujeito se constitui através de práticas de sujeição, ou se uma forma mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade como na Antiguidade, a partir, em entendido, um certo número de regras, estilos, convenções, que se encontra no meio cultural”. FOUCAULT, Michel. “*Uma estética da existência*”, in Ditos e Escritos IV, Paris, Gallimard, p.733.

²²⁰ FOUCAULT, Michel. “*A escrita de si*”, in O que é um autor? Portugal, Veja, p.150.

²²¹ O poder das palavras na construção de si é enfatizado por Margareth Rago, ao produzir a biografia da anarquista Luce Fabbrì, e inspira a reflexão acerca do trabalho de memória operado por Magão: “é possível dizer que a principal arma de luta com que Luce opera é a palavra, sobretudo a palavra escrita pensada e praticada como exercício da liberdade. A palavra permite-lhe estabelecer pontes com o mundo e projetar-se no espaço público (...); ou então, permite-lhe suavizar a dor, nos momentos trágicos de ruptura”. RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade. Luce Fabbrì e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, p.299.2001

O caicoense é adrenalina pura,oxente!-compara Ronaldo Batista de Sales,40, o Magão (sem o erre mesmo) o maior de todos os carnavalescos da cidade.A sua troça Ala Ursa do Poço de Sant’Ana (veja matéria amanhã em o Poti), que reúne mais de 4 mil sujos, bonecos e burrinhas de padre, abre a domingada carnavalesca com o tradicional Zé Pereira.”Ninguém vai dormir de sábado apara domingo, porque a cidade tem que amanhecer acordada saudando o Zé-Pereira”-avisa Magão.Então, só resta mesmo esperar pela trupe da rua da Cadeia Velha.²²²

Caicó- Carnaval e religião garantem a folia a população caicoense.A afirmativa acima, embora se pareça com o titulo de material informativo, traduz bem a origem do “Bloco Ala –Ursa”, também conhecido como “Bloco do Lixo”.É que a história do bloco está ligada a fundação de Caicó.Em 1990, um grupo de intelectuais, observando que o poço de Sant’Ana, marco da fundação do município, estava sofrendo o descaso da administração municipal e caindo no esquecimento do povo, resolveu formar um bloco carnavalesco.O objetivo era de resgatar a importância do poço a história religiosa e cultural de uma das cidades mais importantes do Rio Grande do Norte. Reunido o pessoal que seria responsável a realização do desfile do bloco para chamar a atenção das autoridades sobre a importância do poço de Sant’Ana, os preparativos a confecção de bonecos foi a segunda providencia tomada.Com material recolhido, a base de lixo reciclável, jornais velhos e pedaços de arame, o grupo confeccionou os primeiros bonecos, que a época eram caricaturas de políticos.Essa foi a maneira que os intelectuais achavam que podiam melhorar e valorizar o local histórico.E assim o bloco saiu pela primeira vez no carnaval de Caicó.Nasceu então, o “Bloco Ala-Ursa”. A tentativa de resgatar a importância do poço não obteve sucesso.Mas o bloco ganhou fama e reconhecimento, alem de dezenas de componentes. Nos anos seguintes, os enredos não tinham conotação política nem mensagens de protesto.E os bonecos passaram a ser caricaturas de personagens populares do município, que continuam sendo homenageadas no período carnavalesco.O bloco atualmente é presidido por Ronaldo Batista de Sales, o “Magão”.Seiscentos sócios fazem parte do quadro efetivo do”Bloco Ala-ursa”.E, nos dias de folia, consegue arrastar mais de cinco mil pessoas pelas ruas de Caicó.O bloco é considerado a agremiação carnavalesca mais importante da região seridoense.²²³

²²² Noticia divulgada no Jornal do Seridó. Caicó em 16 de fevereiro de 2004 intitulada “O caicoense é adrenalina pura”.

²²³Noticia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 11 de fevereiro de 2005 intitulada “Carnaval e religião garantem a folia a população caicoense”.

Nesse processo, que Michel Pollak chama de “solidificação da memória” os jornais configuram as narrativas constituintes da sua identidade²²⁴, entretecendo a vivência do presente e o rememorar do passado aos espaços da cidade de Caicó.

O carnavalesco concebe e narra à vida como uma história, um caminho, um trajeto linear, que tem começo, etapas e fim – “*no duplo sentido, de término e de finalidade*”, assumindo assim o pressuposto básico da ilusão biográfica, apontada por Pierre Bourdieu, fundamentada na crença “*de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto*”²²⁵. A emergência do seu bloco, aliada as narrativas de infância, é recorrente nos discursos que o carnavalesco elabora sobre si: “*Magão, nascido Ronaldo Batista de Sales, filho de João de Longo, figura tão irreverente quanto o herdeiro carnavalesco de hoje. O moleque nascido na beira do Poço de Sant’Ana e criado feito batata na areia do Rio Seridó*”²²⁶. Quando transforma o passado em narrativa de si, Magão trata estes períodos a partir de diferentes estratégias de produção de memórias.

Nas narrativas que engendram a trama de uma vida, a infância e a adolescência são temas recorrentes, construídas por meio de lembranças solidificadas pelo discurso oral. A profusão de lembranças sobre o carnaval que permitem a associação da cidade e do carnavalesco Magão se contrapõem ao silêncio produzido em torno de outras manifestações carnavalescas de rua, a exemplo, das Escolas de Samba, denotando a dificuldade do carnavalesco de conviver com determinadas recordações do passado e a impossibilidade de resignificá-las.²²⁷ Ao participar da publicação no ano de 2003 da revista carnavalesca: *Alegria também é arte... Ala-Ursa do Poço de Sant’Anna*, o carnavalesco imprimiu uma versão escrita sobre as manifestações carnavalescas de rua e clube, desde a foto de capa que traz uma das fotografias tiradas da série do fotógrafo

²²⁴ “Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta um momento, que é o sentido da imagem em si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói do passado e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”. POLLAK, Michel. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 5, nº 10, p204.

²²⁵ BOURDIEU, Pierre. “*A ilusão biográfica*”, in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org), *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p.184.1996.

²²⁶ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 12 de fevereiro de 2003 intitulada “Criado feito batata na areia do Rio Seridó”.

²²⁷ Um exemplo desta forma de narração, utilizada por Magão dos carnavais da cidade, aparece na entrevista cedida pelo carnavalesco no ano de 2007 a Rádio Rural de Caicó em homenagem ao carnaval, no programa intitulado: Rural na Folia, partindo dos carnavais da década de 1920, o carnavalesco narra os blocos que não desfilam na cidade atualmente e os carnavais realizados nos clubes da cidade, jogando para a zona do esquecimento as Escolas de Samba que ainda participam do carnaval de rua.

Aladin, as quais citei anteriormente aos textos e os arquivos utilizados, mantém relação com o carnavalesco, o que nos permite problematizar a grande quantidade de matérias sobre o seu bloco carnavalesco em detrimento as poucas páginas dedicadas aos outros tipos de carnavais.

A maioria das páginas dedica-se a explicar minuciosamente o “Bloco Ala Ursa”, no entanto, nesta publicação, aparece em uma de suas páginas, um relato sobre uma das escolas de samba da cidade:

Escola de Samba Nova Portela: Firmino Paulo da Silva. Ele é natural da zona rural de Caicó, começou brincando nos Negros do Rosário de 1955 a 1957, parando em seguida. Depois participou da Escola de Manuel de neném, não de dando muito bem por lá, saiu e fundou os Vivaldinos no Samba, hoje Nova Portela. Ama a escola “que está sem sair, mas não está morta”. O instrumental está em dia, faltando apenas entusiasmo, segundo Firmino, acreditando que a Escola sairá na avenida no futuro.

²²⁸

A escola de Samba escolhida para ser narrada é a Nova Portela que, desde o ano de 1994, encerrou suas atividades na cidade; a outra escola, que realiza desfile no período momesco na atualidade, não é citada em nenhuma das entrevistas cedida por Magão, nem nos textos das revistas carnavalescas das quais ele assume o caráter de colaborador. A narrativa da revista sobre a Escola de Samba prossegue:

As apresentações da Escola eram no último dia de carnaval. Ela era uma grande agremiação, chegando a sair com 200 figurantes. Firmino sempre faz parte dos ensaios, pede que não deixem as Escolas de Samba caírem. O samba não pode morrer, a Escola de Samba é muito importante e os jovens precisam participar para deixar o carnaval mais vivo mais atuante.

²²⁹

Entrevemos, portanto, o quanto a produção autobiográfica é seletiva, elaborada por meio de um complexo processo de gestão da memória onde determinadas lembranças são muitas vezes narradas oralmente, mantendo conteúdos quase invariáveis, enquanto outras zelosamente administradas, apenas eventualmente mencionadas em depoimentos orais. O passado é enquadrado pela memória solidificada, de modo a circunscrever determinados períodos reconstruídos minuciosamente como fundamentos da trajetória de vida, ao mesmo tempo em que, outros acontecimentos, personagens e lugares são alijados da biografia. Esses conteúdos quase invariáveis se fazem presentes nas matérias

²²⁸ Revista *Alegria também é arte...Ala-Ursa do Poço de Sant'Anna*. Ano I, 2003, Caicó.

²²⁹ Revista *Alegria também é arte...Ala-Ursa do Poço de Sant'Anna*. Ano I, 2003, Caicó.

publicadas sobre o bloco por utilizarem os depoimentos orais nas composições das matérias, que recorrem às descrições do bloco “Ala Ursa e de Magão”:

Um poço quase aterrado, um louco e Sant’ana- Eu amo o Bloco do Magão, para mim e para todos da Rua da cadeia velha o bloco não é de Magão, apenas ele toma conta, o Bloco é da rua. Temos essa impressão porque vimos ele brotar do nada, a tardinha, com Burras feitas com restos de tralhas, tudo pela necessidade e o desejo de que o poço de Santana sobrevivesse! Pois é!, Nossa Senhora “butou” na cabeça de Magão dele reinvidicar, imaginem, estavam querendo na época aterrar o poço.²³⁰

Magão aparece na narrativa como o organizador do “Bloco Ala Ursa”, o bloco torna-se da rua, onde todos são os donos do bloco. A imagem da Nossa Senhora de Sant’Ana emerge no discurso para abençoar as ações de Magão. Seja na mídia ou nas conversas informais, a produção do carnavalesco é comentada a partir do discurso de quem tem a autoridade para interpretar os problemas locais, a exemplo, do aterramento do Poço de Sant’Ana e instaurar um conjunto de características que repercutem socialmente como verdades que o singularizam. Os discursos, como diria Foucault, *“enquanto práticas que formam sistematicamente os objetos que falam”*²³¹, vão objetivar o carnavalesco enquanto memorialista e defensor da cultura popular e de Caicó. A matéria sobre Magão, prossegue em sua descrição:

Magão atordoado se sentiu roubado, e exclamava:

- Tão querendo aterrar o poço!- as pessoas ouviam Magão e diziam,:

- É uma pena!O poço...vão aterrar o poço...mas nada faziam!

Magão revoltado chamou sua trupe de loucos, de desocupados. O Bloco saiu as ruas para que não aterrassem o poço de Santana, lembro como se fosse hoje, que fizemos cartazes engraçadíssimos, cheios de erros de português, tipo “sauve o poço!”...Magão hoje em Caicó é estrela e mito sem ter morrido, é presença marcante em qualquer roda de cultura, é objeto de gosto e desejo popular. Mas e o poço? Eu acredito que isso foi coisa de Sant’Ana, que olhando para a sua terra e vendo aquele mago em procissão, naquela terra quente, escaldante, correndo para que não aterrasse seu poço, jogou confetes de sucesso no bloco, mandou em sonho...baixinho...Vão meus fiéis, sigam Magão...e foi isso e isso e só. Foi Santana, e ai de quem duvidar, “num é Padre Antenor?” Se duvidar, Santana castiga!²³²

²³⁰ Revista *Alegria também é arte...Ala-Ursa do Poço de Sant’Anna*. Ano I, 2003, Caicó.

²³¹ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p.56.1987.

²³² Revista *Alegria também é arte...Ala-Ursa do Poço de Sant’Anna*. Ano I, 2003, Caicó.

Nessa explosão discursiva, para instituir a singularidade, originalidade e importância da produção carnavalesca de Magão, torna-se recorrente a referência a sua ligação com o Poço de Santana e com Nossa Senhora de Sant'Ana. Concomitantemente, ocorre a divulgação midiática da sua imagem visual, numa escala muito maior que em anos anteriores. Sobretudo, por ser esse período escolhido pelo carnavalesco para produzir a sua representação em boneco gigante.

Alistar Thomson auxilia na compreensão deste processo ao afirmar que a partir da identidade atual – da nossa percepção de quem somos no momento e do que queremos ser, “compomos nossas reminiscências para dar sentido a nossa vida passada e presente”²³³. Para refletir a respeito dos mecanismos de produção da memória, devemos atentar para os múltiplos significados do verbo “compor”: formar ou construir de diferentes partes ou de várias partes: produzir, inventar (escrevendo, pintando, esculpindo, etc); colocar ou dispor de certa ordem ou arranjo; reconciliar, harmonizar.

A escrita da memória, tanto quanto o relato oral, constitui um trabalho de invenção de um passado pelo arranjo de múltiplas lembranças dispersas, que são cuidadosamente dispostas numa narrativa que confere sentido a trajetória de vida. Nesse processo de composição do passado, conforme Thomson enfatiza, utilizam-se as “linguagens e os significados conhecidos da nossa cultura”²³⁴. Uma segunda acepção do termo “composição” abrange um sentido mais psicológico desse processo: “a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver”.

2.2-“Eu tenho fotografias de tudo sobre o carnaval”: arquivo pessoal uma “evidência” de si.

Ao longo da vida, o indivíduo coleta documentos pelos mais diferentes motivos, mas principalmente para servir de evidência de sua existência. O gosto pelos arquivos impulsionou o *fazimento*²³⁵ de arquivos por parte de Magão e a consciência de um papel que ele assume na cidade de Caicó-o guardião da memória. Para Ângela de Castro Gomes, o guardião da memória “é um profissional da memória”, no sentido emprestado

²³³ THOMSON, Alistar. *Recompondo a memória*: questões sobre a relação história oral e as memórias. Projeto História. São Paulo, nº15, p.56.(1997).

²³⁴ Ibidem.

²³⁵ Sobre o assunto, ver Heymann, Luciana. Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 36, 2005, p. 1-18. A autora chama a atenção para os diferentes personagens que podem vir a interferir na composição de um arquivo pessoal.

por Pollak . Nesse sentido, ele se constitui como o “coleccionador dos objetos materiais que encerram aquela memória”²³⁶

Na produção de uma imagem pública que o singulariza como carnavalesco, as reminiscências escolhidas para compor o passado revelam que o trabalho de enquadramento da memória busca conformar sua trajetória de vida à história carnavalesca da cidade, pois mesmo que não tenha vivenciado os períodos ao qual se propõem a narrar o carnavalesco os narra a partir dos documentos que possui em seu arquivo privado.

No entanto, quando rememora o período anterior ou contemporâneo ao surgimento do seu bloco carnavalesco, Magão altera as estratégias narrativas e não constrói enredos autobiográficos, optando por resumir a história dos outros carnavais de rua, recorrendo à cronologia para estabelecer os marcos de uma versão que corresponde aos seus desejos. Silenciando ou resignificando, assim, os acontecimentos que, talvez, considerasse ameaçadores para a memória que queria fixar e, por extensão, para a identidade que lutava por conquistar. O arquivo pessoal de Magão fica localizado na sua residência, em caixas de papelão o carnavalesco coleciona uma grande quantidade de documentos, sobretudo fotografias que tem como temáticas os blocos carnavalescos e as escolas de samba que desfilavam na cidade entre as décadas de 1940 a 1990. Essas caixas funcionam como lugares de lembrança, onde as recordações do passado estão presentes e o olhar sobre elas difere em função de quem as observa.

Por isso, posso afirmar que é inegável o fascínio que os arquivos pessoais, enquanto fontes de pesquisa, exercem sobre o historiador. As possibilidades de descoberta e pesquisa são infinitas. Ao se encontrarem diante do vasto mundo dos arquivos pessoais, os olhares e as interpretações se multiplicam.

Esse passado que permanece mudo é fundamental para a análise da construção autobiográfica, pois denota as fraturas na memória, encobrendo passagens dos festejos que se vierem à tona podem estilhaçar a coerência da personagem inventada para si. Para nossa investigação interessa que esquecer, esconder, silenciar são mecanismos de produção de si, promovido por Magão, tanto quanto a produção discursiva que produz um passado e cria uma história de vida que é peça fundamental do processo de monumentalização.

²³⁶ GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. *Acervo*. Rio de Janeiro, v. 9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez.1996. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 11 jun. 2009.

O carnaval é vivenciado por Magão enquanto reinvenção da sua própria vida. No ano de 2007, Magão é convidado para participar de um programa de rádio sobre o carnaval da cidade, onde a apresentação do radialista já se instaura enquanto um prenúncio da monumentalização do carnavalesco enquanto historiador:

No programa de hoje vamos falar dos antigos carnavais de Caicó. Para isso vamos entrevistar o nosso organizador o nosso pesquisador Ronaldo Batista, o Magão que está aqui mas uma vez junto comigo, é ele aceitou o nosso convite para falar aí, o Magão que é um pesquisador que defende bastante a cultura não só da nossa cidade mas de toda nossa região. o Magão tá aqui e vai conversar conosco falando do seu acervo em casa e lá na sede do bloco e na cabeça principalmente também muitas histórias dos antigos carnavais de Caicó. Magão bom dia muito obrigado por sua presença aqui nos estúdios²³⁷.

Esse discurso é fundamental para a construção do Homem-Monumento no qual se anuncia o carnavalesco como pesquisador, sobretudo, devido ao arquivo privado e a sua capacidade de ter na “cabeça” as histórias dos carnavais da cidade, após a apresentação do radialista, Magão explica como iniciou a sua pesquisa sobre os carnavais da cidade:

Eu já tinha feito uma pesquisa sobre de 1925, porque minha prima Rubia estava fazendo uma pesquisa na faculdade e precisava de alguma coisa sobre o carnaval, fez uma pesquisa mais ou menos dos tempos mais remotos. Em 1925 nós já ouvimos falar do carnaval de Caicó, quando numa página inteira do O Binóculo, que era o jornal da época, o Binóculo e tem uma parte lá, nós até fizemos uma revista junto com o professor Lindomar e a professora Lidiane, a gente tinha montado uma revista do Ala Ursa sobre os carnavais mais remotos. E em 1925 o Binóculo que era o jornal da época, e eu acho que você vai achar pouca coisa talvez na prefeitura, lá na sede da prefeitura, e o Binóculo já falava que a família de Acari vinha para Caicó ver o carnaval de Caicó.²³⁸

O espaço em que Magão vive, portanto, é fundamental na investigação do projeto autobiográfico no qual a escrita de si se complementa pelo incansável desejo de rememorar a vida que marcou seus depoimentos orais. Com esta técnica de si, mais do que transformar o passado das manifestações carnavalescas de Caicó, o carnavalesco promove a transformação do seu passado pela prática autobiográfica. Percebe-se que voltar ao passado para explicar o presente significa inquirir-se a partir de um conjunto de questões colocadas

²³⁷ Entrevista cedida por Ronaldo Batista Sales ao Programa Rural na Folia, 24-02-2010.

²³⁸ Entrevista cedida por Ronaldo Batista Sales ao Programa Rural na Folia, 24-02-2010.

no momento em que Magão narra os carnavais da cidade. A compreensão do passado é também a compreensão do presente, pois os tempos confluem para a invenção de si.

Aproximamo-nos, assim, da concepção de Walter Benjamin que compreende a escrita do rememorar enquanto vivência da multiplicidade temporal, instaurada no movimento pelo qual o sujeito, ao narrar-se no tempo, abre a própria vida para reconfigurações infinitas, tecendo o passado com os fios da lembrança e do esquecimento inscritos na memória.²³⁹

Diante das questões teóricas discutidas, anuncia-se a complexidade de estruturar a análise da construção autobiográfica realizada por Magão. Não há uma narrativa elaborada em conjunto; é necessário compor um mosaico com passagens das entrevistas, revistas carnavalescas, iconografias e reportagens jornalísticas.

O jornal “Folha do Seridó”, jornal de circulação na cidade de Caicó, traz em suas páginas um relato em tom memorialista confluindo passado e presente e atribuindo a Magão o retorno dos carnavais de rua:

Ninguém segurou a Ala Ursa, que resgatou os antigos carnavais. A Ala Ursa do Poço, reviveu a magia carnavalesca dos anos 30,40,50 e 60. Funcionando como um verdadeiro túnel do tempo. E toda essa retemperação nostálgica graças a Magão, nascido Ronaldo Batista Sales, filho de João do Longo, figura tão quanto o herdeiro carnavalesco de hoje. O moleque nascido na beira do Poço de Sant’Ana e criado feito batata na Areia do Rio Seridó.²⁴⁰

O conceito de resgate é recorrente no sentido de trazer à tona um passado no presente, o bloco da “Ala Ursa” serviria como uma ponte que ligaria os foliões aos carnavais de outrora. A escrita da memória nas narrativas memorialistas configura uma “textura de significados”²⁴¹ para as memórias de Magão. Nesse processo, os mecanismos de engendramento das narrativas e os núcleos recorrentes que perpassam a vida do carnavalesco e estabelecem os marcos biográficos da história que quer se perpetuar. O fazer dos textos sobre Magão e seu bloco carnavalesco mantém a repetição de núcleos fundamentais ao longo das narrativas como procedimento estilístico principal, ao lado de

²³⁹BENJAMIN, Walter. “*A imagem de Proust*”, in *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense.1994.

²⁴⁰ Notícia divulgada no Jornal Folha do Seridó. Caicó em 25 de março de 2008 intitulada “Ninguém segurou a Ala Ursa”.

²⁴¹ Essa textura de significados que se afirma e se transforma constantemente no “fluxo da vida”, é formada pela inter-relação entre os modelos de planificação e interpretação da vida “normal” existente e pré-fabricados socialmente e os acontecimentos e as experiências de maior relevância biográfica e suas sucessivas reinterpretações ROSENTHAL, Gabrielle. “*A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas conseqüências metodológicas*”. In FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Orgs), *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996.

outras estratégias de escrita que contam muito a respeito dos mecanismos da memória, não há uma encadeação cronológica ou temática das memórias; interligam-se passado e presente denotando o fluxo temporal no qual estão imersos; aquele que recorda o passado está aberto para a interpretação do sujeito rememorador que estabelece, a partir do presente, sentidos e significados para a sua vida.

Ao ser convidado a narrar a história do carnaval da cidade, Magão prenuncia o trabalho de solidificação da memória, pois contém os núcleos de significados a partir dos quais o carnavalesco vai esculpir a sua história e a do carnaval da cidade. Nesse processo, como diria Pollak, *“determinado número de elementos torna-se realidade, passa a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala”*²⁴². Em entrevista a radio rural de Caicó, no ano de 2007, ao ser interpelado sobre o seu conhecimento ser falho, visto que o tempo rememorado, em grande medida não era o tempo vivido pelo carnavalesco, ele: *“Tudo, tudo eu tenho um retrato. Isso eu digo porque eu pesquisei, procurei, escrevi procurei a foto, porque assim tem coisa que você acha que eu não posso falar, ai eu mostro a foto, quem eu pesquisei, a quem eu perguntei então eu mostro uma foto!”*²⁴³. Desta forma, Magão estabeleceu uma narrativa carnavalesca a partir das imagens que recolheu no seu acervo particular, estabelecendo uma ordem cronológica e elaborando histórias a partir da interpretação das imagens.

Os depoimentos, tecidos em torno destas fotografias, permitem divisar não só um trabalho de enquadramento da memória, mas também um trabalho da própria memória em si que, depois de estar constituída, efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade de organização.

O arquivo de Magão é instituído enquanto um espaço situado fora do tempo, um lugar heterotópico²⁴⁴ como diria Foucault, onde um arquivo geral de objetos, imagens e discursos, imune a corrosão da passagem do tempo e conservado num presente eterno,

²⁴² POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

²⁴³ Entrevista cedida por Ronaldo Batista Sales ao Programa Rural na Folia, 24-02-2010.

²⁴⁴ As heterotopias são uma espécie de contestação ao mesmo tempo mítico e real do espaço onde vivemos”, onde os homens se encontram em ruptura com o eu tempo tradicional .São “lugares que estão fora de todos outros lugares”, ainda que tenham determinadas características e sejam localizáveis, adquirindo formas variáveis de acordo com a sociedade e momento histórico.Foucault considera que os museus são exemplos de “heterotopias do tempo que se acumula ao infinito, lugares onde se constitui e se eterniza uma espécie de arquivo geral para guardar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a idéia de constituir um lugar de todos os tempos que esteja ele mesmo fora do tempo”.FOUCAULT,Michel.”*Outros espaços*” In:Ditos e Escritos III, 2 ed. Forense Universitária, 2006.

configura um projeto de organização e acumulação de todos os tempos da vida do carnavalesco e dos carnavais da cidade.

Para a montagem da história do carnaval da cidade, determinados objetos, imagens e discursos são escolhidos como vestígios da memória e estabelecidos como documentos biográficos, cujo conjunto pretende dar conta de contar sobre as manifestações carnavalescas da cidade. Em contrapartida, outros tantos objetos, discursos e imagens são descartados, ocultados, silenciados, num trabalho de produção de esquecimento. Este trabalho de enquadramento da memória material foi iniciado por Magão, quando organizou o seu arquivo pessoal que vai sendo constantemente resignificado por suas narrativas.

Seja na mídia ou na comunidade de Caicó, sua produção carnavalesca é comentada a partir do discurso de quem a autoridade para narrar e interpretar as manifestações carnavalescas da cidade e instaurar um conjunto de características que repercutem socialmente como verdades que o singularizam.

Na casa de Magão as fotografias estão guardadas em caixas, dentro de um armário localizado próximo a entrada. Quando iniciei as minhas pesquisas na cidade no ano de 2006, as fotografias ficavam dispostas nas paredes de um antigo galpão que na época tinha sido cedido pela prefeitura para que o carnavalesco produzisse os bonecos gigantes. Nas primeiras visitas que fiz a este espaço, o carnavalesco apenas permitia que eu olhasse as fotografias respeitando as posições que elas se encontravam na parede, com o decorrer da pesquisa foi me permitido o acesso as fotografias e que eu escolhesse aquilo que queria analisar.

Analisando o trabalho realizado durante os anos (2006-2008), penso que eu estava presa “nas malhas do feitiço” e dos “encantos do arquivo privado”,²⁴⁵ mas fascinadas pelas descobertas e interessada no conteúdo daqueles vestígios da intimidade do que atenta para empreender a crítica do documento enquanto monumento e tentando reconstruir os múltiplos processos responsáveis pela seleção, preservação e classificação dos documentos que encontrava. Eu, enquanto historiadora, acabei participando do processo de monumentalização de Magão, quando no ano de 2006, participei de um projeto do IPHAN, intitulado: REPIP-Rede do Patrimônio Imaterial Potiguar²⁴⁶, o projeto visava a catalogação por meio de fichas catalográficas, dos bens culturais de

²⁴⁵ CASTRO, Ângela de. “*Nas malhas do feitiço: o historiador e o feitiço dos arquivos privados*” In : Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 11, p. 121-127.

²⁴⁶ As fichas estão disponíveis no site www.fja.rn.gov.br.

natureza imaterial do Estado do Rio Grande do Norte. As fichas elaboradas e construídas por pesquisadores da REPIP constituem-se como um registro preliminar acerca da diversidade cultural do Estado. Na parte que compreendia o município de Caicó, Magão foi registrado dentro do Eixo temático de Saber-Fazer, a partir da sua arte de fazer bonecos gigantes.

Se, num primeiro momento, eu estava fascinada pelos documentos pessoais (correspondências, recortes e fotografias) de Magão e pela sua coleção de jornais e recortes onde se destacavam as críticas e opiniões sobre o seu bloco carnavalesco, agora me interessava menos o documento isolado do que a investigação das práticas de acumulação que deram origem ao arquivo privado do carnavalesco, das razões de sua sobrevivência e das manipulações múltiplas que o caracterizavam como parte de um acervo museológico.

Desta forma, proponho que as práticas de arquivamento sejam compreendidas como parte de um conjunto de outra construção de si que Magão empreendeu desde que iniciou a coleta deste arquivo de imagens. Ancorado no presente, o rememorar do carnavalesco produziu uma autobiografia, trabalhando a memória associada ao projeto de construção da sua identidade. Tanto nas entrevistas como na utilização das imagens, o carnavalesco criou uma história mantendo a coerência e a unidade, organizando suas lembranças para enquadrar o passado e imprimir uma versão específica acerca dos festejos carnavalescos. Ao mesmo tempo, silenciou ou ressignificou acontecimentos que poderiam ameaçar a memória do passado e por extensão a imagem pública que lutava para conquistar.

Considero que a acumulação sistemática de documentos pessoais possa ser considerada como uma das estratégias da autobiografia. Significa uma tentativa de manutenção dos vestígios daquilo que Magão quis preservar do esquecimento a fim de estabelecer os contornos da história de vida que construiu para si. Anunciando a premissa que a produção de um arquivo com os documentos da vida pessoal constitui uma prática de construção da memória de si, quero afastar a ilusão de que a existência do arquivo pessoal de Magão contribui para o desvendamento de fatos empíricos da sua biografia. Ao contrário, considero que o arquivamento de si é um trabalho de enquadramento da memória que mobiliza múltiplas estratégias de manipulação de lembranças e de promoção de esquecimentos visando engendrar determinado passado.

Os processos de acumulação, seleção e reordenamento dos documentos privados obedecem a critérios que são mutáveis ao longo da vida, derivados do tempo presente

que orientam os projetos a que se relacionam as práticas de memória. A prática de guardar escritos das mais variadas naturezas não foi uma atividade ocasional de Magão, mas uma prática constante e sistemática ao longo das décadas de 1980 e 1990, produziu uma “memória material”, expressão utilizada por Contardo Calligaris para designar “*desde as fotos de lembrança, até a simples acumulação de objetos e documentos. Esses conjuntos as vezes confuso, outras vezes ordenados e organizados ou não com o intuito de construir um arquivo se transformam invariavelmente em arquivos pessoais*”.²⁴⁷

O entesouramento das memórias já havia sido anunciado como uma prática do carnavalesco em entrevistas:

Achei muita coisa no lixo! O povo joga muita lembrança da cidade no lixo, outros me dão, vão lá em casa e me dão, para eu guardar, eles sabem que comigo estão bem guardados, as que o povo não me dá, eu tiro xérox e guardo também.²⁴⁸

Detalhando o lugar de encontro dessa “lembrança da cidade”, o lixo se contrapõe ao lugar de guarda na sua residência. Em outra entrevista sobre o seu arquivo e a sua produção de memórias, o carnavalesco ao descrever um bloco de rua afirma: “*O estandarte era preto. Então porque eu tou falando isso? Porque eu tenho a foto*”²⁴⁹. Percebe-se que o carnavalesco em seus depoimentos procura reiterar que seu hábito de armazenar fotografias de carnavais antigos o autoriza a falar sobre os festejos publicamente.

O desejo de Magão de colecionar papéis, objetos, fotografias, estabelecendo-os enquanto indícios de si, tem a função de atribuir significado ao tempo que se escoou. “Sobre o ato de colecionar, Upiano Meneses afirma que a coleção é um “ato autobiográfico”, onde “*mais que representações de trajetórias pessoais, os objetos funcionam como vetores de construção de subjetividades*”. Entendo, portanto, que a coleção desempenha fundamentalmente uma função de “*auto-representação*”²⁵⁰.

²⁴⁷ CALLIGARIS, Contardo. “*Verdades biográficas e diários íntimos*”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 11, p. 43-58, 1998.

²⁴⁸ Entrevista cedida por Ronaldo Batista Sales ao Programa Rural na Folia, 24-02-2010.

²⁴⁹ Entrevista cedida por Ronaldo Batista Sales ao Programa Rural na Folia, 24-02-2010.

²⁵⁰ MENESES, Upiano. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, p. 96-97, 1998.

Philippe Antieres também destaca a “*intenção autobiográfica*” que move homens e mulheres a “*arquivar a própria vida*” por meio de práticas minúsculas de arrumar, desarrumar e reclassificar que terminam por construir uma imagem para si mesmo e para os outros: “*Arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor a imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência*”.²⁵¹

Esmiuçando os papéis de Magão, percebemos indícios de um projeto de acumulação, na maioria das vezes, ele guarda apenas o caderno do jornal ou mesmo só a página com a reportagem a seu respeito, sublinhando com canetas as reportagens sobre ele. Desde a década de 1980, portanto, para o carnavalesco, a prática de arquivamento implica a intenção de deixar os vestígios e sua vida para a posteridade. O caráter de interlocução da prática de colecionar torna o destinatário uma questão central para todos aqueles que se dedicam a investigar os arquivos pessoais, visto que, embora, sua contribuição seja um processo privado, só é capturado pela história ao ser compartilhado enquanto estratégia de memória social. Nesse sentido, Renato Janine Ribeiro afirma que “*o que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos pode indicar, será esse anseio de ser, a posteriori, reconhecido por uma identidade digna de nota. O desejo de perpetuar-se, mais do que constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória*”²⁵².

Com esses objetos, acumulados e guardados durante estes anos, Magão tecia com o fio do tempo um contorno para si, prefigurando sua posteridade. Desejo de perpetuar-se, sobretudo, desejo de dirigir o processo de construção de uma memória póstuma. Quando analisamos o conteúdo dessa “coleção de si”, para usar a expressão de Renato Janine Ribeiro, podemos afirmar que Magão busca “*guardar a melhor recordação de si próprio geralmente graças a mediação socialmente aceita de objetos, que ou já se valorizam, ou que um dia irão adquirir maior estima*”²⁵³, portanto, junto com suas fotografias, o carnavalesco guardava as reportagens com suas entrevistas, aliando no acervo imagem e texto.

A prática de arquivamento dos vestígios de si constitui um mecanismo de construção de uma memória autobiográfica que autoriza a um só tempo a amnésia e a comemoração, porque o arquivo pessoal encobre e oculta, joga para a zona do

²⁵¹ ANTIÉRRRES,Philippe.*Arquivar a própria vida*.Estudos Históricos, Rio de Janeiro,v.11,nº21,p.11.1998

²⁵² RIBEIRO,Renato Janiene.”*Memórias de si,ou...*”.Estudos Históricos, Rio de Janeiro,v.11,nº21,p.35.1998

²⁵³ Op.cit,p.35.

esquecimento longos períodos, e os momentos da vida de Magão não documentados, ao mesmo tempo revela e divulga um conjunto de evidências discursivas e materiais que são peças importantes na produção do ofício de carnavalesco como eixo biográfico do processo de monumentalização.

Concordo com Antiéres quando este afirma que a “constituição pelos indivíduos de arquivos pessoais, longe de restringir e circunscrever, é formidavelmente produtiva”. O ato de colecionar ou arquivar envolve práticas de olhar para si e tentar constituir-se enquanto sujeito a partir dos fragmentos dos outros “eu’s” esculpidos no transcurso do tempo. Neste processo, o sujeito inventa a si próprio para manipular seu passado, para dar significado e consistência à narrativa autobiográfica.

Ao capturar os múltiplos discursos que o promoviam como acontecimento estratégico no campo da mídia e da produção acadêmica, transformando-se em documentos pessoais, Magão desejava perpetuar a plurivocalidade pública que produziu sua monumentalização. Guardar esses documentos configura uma prática de olhar para si e construir uma identidade selecionando e incorporando as representações que outros elaboravam. Corrobora-se, assim, a declaração de Calligaris: *“o sujeito contemporâneo encontra identidade e substancialidade no registro da celebridade”, pois, “sua vida e seu ato autobiográfico tendem a constituí-lo como uma imagem que vive no e pelo olhar do outro”*.

Em reunião extraordinária no dia 06 de Agosto de 2002, a Diretoria e os sócios efetivos do Bloco Ala Ursa se reúnem para estudar a indicação da logomarca da “Associação Ala Ursa do Poço de Sant’Ana”:

O presidente Ronaldo Batista Sales solicitou dos presentes sugestão para a logomarca da associação. Em quinze minutos, os sócios presentes estudaram e discutiram os desenhos das camisetas dos três últimos carnavais (2000, 2001 e 2002) e todos optaram pela camiseta do carnaval 2002, que apresenta um “trenzinho” e nele está sentado o carnavalesco.

²⁵⁴

A partir do ano de 2002, a logomarca começou a ser utilizada na mídia para representar o Bloco:

²⁵⁴ Ata de reunião para a diretoria e sócios efetivos realizada em 06 de agosto de 2002.



Imagem 10-Logomarca da Associação Ala Ursa do Poço de Sant'Ana.

Em contrapartida, se a memória autobiográfica conflui para estabelecer os contornos do homem-monumento, também podemos afirmar que compartilham de estratégias de promoção do esquecimento, configuradas no silêncio, omissão e ocultamento de outros marcos que poderiam, de alguma forma, abalar a imagem pública que o carnavalesco lutou para construir e que as fotografias presentes em seu acervo perpetuam. A construção biográfica dialoga com memórias dissidentes e participam ativamente da batalha das memórias que disputam a instituição dos regimes de verdade a respeito do carnavalesco.

No entanto, Magão silencia esta pluralidade e multiplicidade, buscando apresentar o carnaval no singular, em seus momentos apaziguados e controlados, retirando deles os seus aspectos tidos como desviantes e transgressores, assim como seus momentos de violência conflito e luta. Estes agenciamentos feitos por Magão se materializam através de procedimentos como, por exemplo, no texto presente no site: www.carnavalemcaico.com.br onde o carnavalesco que atua como colaborador e patrocinador do site, produz o seguinte texto:

O carnaval da cidade de Caicó, desde os tempos mais remotos, sempre foi uma grande manifestação da cultura regional. A origem do "Bloco Ala Ursa do Poço Sant'Ana", surgiu da necessidade de não deixar morrer um dos Pontos turísticos de Caicó, que é o "POÇO DE SANT'ANA", como também o carnaval de rua, popularmente conhecido como "Bloco do Lixo", tendo como seu idealizador uma das pessoas mais conhecidas da nossa cidade: "Magão" (Ronaldo Batista de Sales), juntamente com seus fundadores: Jacob Batista, Mário Ferreira, Pedro Dias, Babi, Paraná, Tião, Inácio, Nego de Lolô, Irenaldo, Joca Pipiu, Bobó, Nego Alberto, Marco Antônio, Laércio Batista e Gilberto Anísio.²⁵⁵

²⁵⁵ Notícia divulgada no site : <<http://www.carnavalemcaico.com.br>> . Acessado em 28/10/2009.

O Bloco apresentado pelo site como um movimento carnavalesco que tinha como objetivo resgatar o Poço de Sant'Ana e o Carnaval de Rua de Caicó. No texto é enfatizado também, a partir da possibilidade de arrastar multidões pelas principais avenidas da cidade, não apenas em épocas carnavalescas, mas em todas as festas folclóricas da cidade de Caicó. A descrição sobre o bloco continua:

Há 20 anos, o Bloco Ala Usa do Poço de Sant'Ana, sai pelas ruas de Caicó, com burrinhas, bonecos folclóricos, papangus, ursos e personagens diversos, confeccionados pelos artistas da própria comunidade, transformando realidade em fantasia, sonho em desejo, tristeza em alegria. Mas, para animar o povo, é necessária a música. O desfile se faz acompanhado da orquestra de frevo do Magão, com um repertório de marchinhas, que relembram os antigos carnavais, com os seus componentes com irreverência, criatividade, fazendo a alegria do nosso povo. No passado, os blocos de rua desfilavam sob a batuta dos maestros: Bedé e Manuel Paulo, hoje sob a orientação de outros maestros colaboradores que brincam, sopram e batucam, fazendo a composição musical do carnaval de rua de Caicó. Caicó é uma sociedade festiva por natureza, apreciadora das tradições culturais e religiosas. No ruflar dos bombos e sopro dos instrumentos, nos gritos estridentes do folião, no sorriso aberto dos expectadores, no espírito coletivo - o desprendimento de todos em passeata pelas ruas, você mergulhará no passado, e trará ao presente as figuras folclóricas/ culturais: Manuel de Nenê, Maria Preta, Bolo Bolo, Manga Rosa, Barrão 70, Joaquina Pecadora, entre outros. A folia é aqui!²⁵⁶

O carnavalesco ocupa um lugar estratégico para a divulgação daquele discurso. Além disto, a maioria das fotografias veiculadas no site, principalmente, as que contem referências ao carnaval de rua, exibem o “Bloco de Magão”. Materializa-se também na seleção operada por Magão, no link blocos, onde o internauta ao clicar verifica apenas dois blocos: de um lado o “Bloco do Magão” e de outro o “Treme-treme”, bloco que se apresenta em trio elétrico. Mesmo considerando a visibilidade que o bloco “Treme-treme” possui na cidade, o carnavalesco não o considera como um bloco popular visto que as músicas tocadas por ele e a organização do desfile em trio elétrico o descaracteriza de um carnaval popular.

Os discursos que falam sobre outros blocos carnavalescos de rua contemporâneos a emergência da “Ala Ursa” constituem outra cronologia e inventa outro passado para a cidade. Desta forma, quando citadas as Escolas de Samba são apresentadas sem a importância e grandiosidade que lhe imprimem a “Ala Ursa” os discursos midiáticos, de

²⁵⁶ Notícia divulgada no site : <<http://www.carnavalemcaico.com.br>> . Acessado em 28/10/2009.

seus organizadores, dos políticos e governantes envolvidos na sua produção. São discursos que destoam, que cantam e dançam num ritmo diferente dos que instituem a festa de Caicó como um evento espetacular na e para a história da cidade, como um evento que a mostra grande e confirma sua “vocação para o turismo”.

No entanto, são estes discursos, estas práticas, estas outras histórias, estes outros passados, estas outras festas e cidades que os discursos oficiais e midiáticos silenciavam. E eram, sobretudo, estes outros carnavais que estavam se constituindo no inominável, no indizível para boa parte da sociedade local   medida que deixavam de ser objeto de discurso de praticamente todas as instituições de Caicó. O carnaval produzido pelas Escolas de Samba estava sendo produzido como o fora, estava sendo colocado para fora, à margem da sociedade pelos discursos que tentavam instituir o “Ala Ursa” como a tradição de Caicó. E são estas outras festas, outros passados, outros sambas que servirão de matéria para a produção do próximo capítulo.

Capítulo 3

“Salve o Samba!”: As escolas de samba entre passos e des-compassos.

É preciso reconhecer que muitas das nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias não são originais: foram inspiradas em nas conversas com outros. Com o correr do tempo, elas passaram a ter uma história dentro da gente, acompanhando nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates.

(Ecléa Bosi)

Este capítulo se propõe a investigar a atuação dos carnavalescos das escolas de samba na cidade de Caicó, líderes ou não das mesmas, e seus desdobramentos sobre as manifestações carnavalescas experienciadas no Seridó caicoense, em meados da década de 1980 até os dias atuais.

A convivência com os moradores de Caicó tornou-se um instrumento para a construção do objeto de pesquisa que investiga o processo de instituição de Caicó como uma cidade carnavalesca. Foi conversando com homens e mulheres que descobri os indícios de uma memória subterrânea que se confronta com a memória oficial na disputa pela instituição de Mag o, como detentor do carnaval de rua da cidade.

Em canção do disco “Paratodos” de 1993, intitulada *Futuros Amantes* Chico Buarque de Holanda propõe uma interessante e sofisticada reflexão sobre as possibilidades de leitura da memória, em que pondera que:

Sábios em vão
Tentaram decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização.

Ainda que não me considere uma sábia, em vão era como durante muito tempo adjetivei meus esforços no trabalho com fontes orais. Com essa memória construída no presente, de forma quase instantânea, cuja fluidez e vitalidade são tamanhas, que tem a mudança como única certeza.

O trabalho com a história oral foi por certo a tarefa mais difícil e mais angustiante que já fiz como historiadora. Por mais que tenha sido cuidadosa e, procurado seguir a orientação de alguns teóricos, como Alessandro Portelli, Durval Muniz de Albuquerque, Antonio Montenegro, Frederico de Castro Neves, Michael Pollak e Venera Alberti uma sensação perseguiu-me até o ultimo instante: a da perda.

A transposição de uma entrevista (produzida oralmente) para o texto escrito, como bem observou Frederico de Castro Neves²⁵⁷, deixa de lado uma boa parte da experiência do narrador, expressa em sua fala, em seus gestos, em suas expressões e entonações de voz. Experiência cuja lembrança sofre ainda a interferência da relação entrevistador-entrevistado em que o primeiro possui o delicado papel de despertá-la. Nesse sentido, a ação do historiador realiza-se como que uma violação da memória²⁵⁸, baseando suas ponderações em terreno escorregadio e lacunar e de compreensão nada simples.

Foi com base nessas compreensões que os tópicos que compõem este capítulo foram escritos tendo como objetivo perscrutar um pouco da memória sobre as Escolas de Samba da cidade de Caicó e suas relações com o carnavalesco Magão.

²⁵⁷ NEVES, Frederico de Castro. *As mil e uma voltas do Seu Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar*. In: Revista Trajetos: Dossiê História, memória e oralidade. Vol. 2, nº 03, Fortaleza: UFC, 2002, P. 55.

²⁵⁸ ALBUQUERQUE, Durval Muniz. *Violar memórias e gestar a história: a abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil*. In: *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: EDUSC, 2007.

Durante as entrevistas realizadas com os membros da Escola de Samba Unidos da Vila do Príncipe e Nova Portela, seguia os mesmos procedimentos: elaborava a questão inicial e não interrompia até que o próprio depoente considerasse que tinha encerrado a sua narrativa; num segundo momento, construía perguntas partindo de elementos dessa narrativa inicial e, no final, indagava sobre aspectos que constavam no roteiro e que não haviam sido até então abordados.

Eu acredito que a prática da história oral é a arte de escutar. Atenta não só ao que as pessoas falam, mas também àquilo a que o corpo, o gesto e o olhar querem expressar. Nesse “campo de subjetividades” ²⁵⁹ desejo compartilhar o processo de recordar respeitando o fluxo de cada narrativa, pois muito mais do que informações para utilização imediata, interessa construir fontes para o estudo da memória. Assim, muitos dos documentos orais produzidos, foram parcialmente explorados nesta pesquisa, constituindo objeto para novas investigações.

A meta deste capítulo é compreender como, em meio a tantos discursos proclamadores de Magão e da Ala Ursa como símbolos do carnaval caicoense, outros carnavalescos construíram para si um lugar na sociedade caicoense através dos seus sócios, mas também sendo transformados pelas práticas culturais que traziam consigo.

Para levar a bom termo o intento proposto, foi privilegiado o trabalho com as fontes que mais aproximaram a pesquisa do cotidiano dos carnavalescos envolvidos com as Escolas de Samba: os relatos orais, as fotografias, sambas-enredo, as atas de reunião bem como seus estatutos.

3.1. *Entre sambas e enredos:* a trajetória da escola Vila do Príncipe

Caicó, véspera da segunda-feira momesca: o prefeito entrega as chaves da cidade ao Rei Momo e a rainha do carnaval. As batucadas ressoam pela avenida, as ruas do centro cintilam com inúmeras cores, mela-mela e confetes. Os jornais, revistas eletrônicas, a TV, as emissoras de rádios locais e os turistas se aglomeram nas ruas e calçadas procurando os melhores ângulos e entrevistados para narrarem sobre o festejo. Quatro horas da tarde. Carnaval de 2008. A população, que se localiza na concentração do Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana, começa a estranhar, no entanto, a entrada de alguns batuqueiros com instrumentos de percussão, passistas e baianas que se organizam

²⁵⁹AUGRAS, Monique. “*História oral e subjetividade*”, In SIMSON, Olga Rodrigues Von(org.). Os desafios contemporâneos da história oral. Campinas, Área de publicações .CMU-UNICAMP(1997).

em alas preparam-se para o desfile. Em meio àquela “estranha forma de carnaval” alguns foliões perguntam-se o porquê daquelas pessoas fantasiadas. Será que essa “batucada” vai fazer uma participação dentro do Bloco do Magão? Era uma pergunta recorrente entre eles. Após alguns minutos, devido à organização em alas, os foliões começam a compreender que se tratava de uma Escola de Samba. Quatro horas e quarenta minutos. O puxador da escola ²⁶⁰: *Como uma fênix e pelo amor dos admiradores do samba, a Vila ressurgiu, exaltando um dos seus ilustres integrantes. Salve o samba! Salve Quinca de Biinha!*.²⁶¹

Esses versos citados por Miguel Dias, no carnaval de 2008, mais especificamente na Avenida Seridó, anunciam o retorno da Escola de Samba Unidos da Vila do Príncipe ao carnaval de Caicó. O discurso acima se propõe a exaltar o retorno da Escola utilizando a imagem do ex-carnavalesco Quinca de Biinha; procura instituir nesta homenagem um passado para a Vila do Príncipe. Passado a partir do qual a Vila do Príncipe tenta se constituir no presente. Passado que o músico tenta, através de seus sambas-enredo marcar os laços de continuidade com o presente através da Escola de Samba. Alguns *blogs* caicoenses noticiaram o retorno da Escola em suas *postagens*, a exemplo, do post intitulado: *Depois de 13 anos ausente famosa Escola de Samba está de volta ao carnaval de Caicó*, presente no blog Robson Pires onde o mesmo relata:

Depois de 13 anos ausente a bateria da Escola de Samba Unidos da Vila do Príncipe voltará a participar do carnaval de Caicó 2008. A bateria, que brilhou no *passado*, vai sair com 40 componentes e os ensaios já começaram. O samba enredo, de autoria de Miguel da SUCAM, vai homenagear “Quinca de Biinha? ex-sambista e ex-atleta de Caicó falecido recentemente. A bateria tem grandes nomes da vanguarda da cidade, entre eles, Chico Veras, Isqueiro, Rivadávia e outros... E espera engrandecer o carnaval da cidade. Sucesso prá rapaziada! O prefeito Bibi Costa deu uma ajuda importante para que a bateria estivesse de volta ao carnaval de Caicó.”²⁶²

²⁶⁰ Narrativa elaborada a partir da entrevista cedida pelo músico Miguel Dias em 07-07-2010, onde o mesmo elabora sua narração a partir dos horários e da afirmação constante de que o mesmo teria “olhado sempre no relógio, lembro daquele dia a partir das horas”.

²⁶¹ Fragmento do samba enredo do ano de 2008 intitulado: Conengudes, sinônimo de samba e alegria, de autoria de Miguel Dias.

²⁶² Notícia divulgada no blog : <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/diversao/escola-de-samba-de-volta-ao-carnaval-de-caico/> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

Outro blog, considerado de caráter informativo na cidade, produz outra narrativa semelhante à apresentada no blog de Robson Pires no intuito de divulgar o retorno da Vila do Príncipe:

Escola de samba de volta ao carnaval de Caicó - A Escola de Samba Unidos da Vila do Príncipe sairá às ruas de Caicó hoje. E é um das grandes *novidades* do carnaval deste ano. São 50 os componentes na bateria. O samba-enredo da Unidos da Vila foi feito em homenagem “Quica de Bínha? Carnavalesco já falecido e ex-jogador de futebol em Caicó. Depois de 13 anos a Escola está de volta ao carnaval do município. A Unidos sai hoje, amanhã e na terça-feira.”²⁶³

Desta forma, o desfile da Escola de Samba é anunciado como uma grande novidade, visto que, “*a população de Caicó sabe que existiu Escola de Samba na cidade, mais isso faz muito tempo, isso era antigamente*”²⁶⁴. O estranhamento causado pelo retorno da Escola ao carnaval de Caicó, exposto no início do capítulo, é exemplificado também a partir dos comentários presentes nos blogs. Dentre os presentes, destaco o postado no dia 3 de março de 2008:

1. Por Flora em mar 3, 2008

Uma coisa linda essa “escola”..... uma ruma de gente feia vestindo mulambos e adereços de papelão: UM LIXO!!!!²⁶⁵

Comentários como os de Flora são recorrentes nos blogs que noticiaram o retorno do bloco, sobretudo, no que diz respeito ao material utilizado na confecção das fantasias, em sua maioria, provenientes de material reciclado. Em entrevista o ex-membro da diretoria da Escola Nova Portela concorrente da Vila do Príncipe durante as décadas de

²⁶³ Notícia divulgada no blog : <http://correiodoserido.blogspot.com/2009/02/escola-de-samba-unidos-do-vila-do.html> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

²⁶⁴ Narrativa de Inaldo Silva. Aposentado. 52 anos. Entrevista cedida em 07 de Outubro de 2009.

²⁶⁵ Post divulgado no blog : <http://correiodoserido.blogspot.com/2009/02/escola-de-samba-unidos-do-vila-do.html> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

1980 e 1990 descreve o comportamento dos foliões durante o desfile de retorno ao carnaval de Caicó:

Por exemplo, a Vila do Príncipe, já vem a três anos tentando recuperar o samba, mais a cada ano eles passam por situações extremamente desagradáveis, do público que está indo para o Bloco do Magão, eles estão na concentração e esse público invade a escola a formação da escola e perturba e eles saem num amontoado de pessoas, é muito desagradável.²⁶⁶

O Diário de Natal publica uma matéria sobre o retorno da Escola sob o título de “*O anti-carnavalesco*” e a matéria informa que o diretor da Unidos da Vila do Príncipe está “*encarregado de comandar a produção de alegorias e fantasias e de conduzir o desfile na avenida*”, além de “*tocar um projeto pessoal e ambicioso*”, qual seja, o de “*mudar o jogo de poder da festa e acabar com o preconceito do qual se diz vítima*”. Sua briga seria contra as formas de brincar carnaval hoje, onde segundo a matéria: *o samba perdeu a cadencia e o passo*.²⁶⁷

Durante a pesquisa de campo, o carnavalesco Inaldo Silva, diretor da Vila do Príncipe, disponibilizou um vídeo sobre o desfile, quando a saída da escola em 2008 se deu em meio a um “amontoado de pessoas”. Estas imagens nos possibilitaram uma problematização em relação ao espaço do desfile e o comportamento dos foliões durante o trajeto. O desfile realizado em 2008 não possuía carros alegóricos, sendo composto por algumas alas: a primeira ala era formada por crianças, a segunda trazia o casal de mestre sala e porta bandeira, a terceira ala trazia em sua configuração um grupo de 10 baianas, às quais eram seguidas pela Rainha e a ala de bateria. Durante o desfile dessas alas, alguns foliões adentravam no desfile interrompendo, inclusive, a apresentação delas. Não há divisão entre foliões e os membros da Vila do Príncipe, o que propicia a entrada dos foliões no espaço destinado ao desfile.²⁶⁸

No enredo do ano de 2008, a exaltação a escola se dá na comparação da mesma feita a Fênix, como uma escola que apesar de todas as dificuldades financeiras e estruturais, é capaz de ressurgir na avenida. Enredo esse que fala de um passado, de uma Caicó que tinha em seu carnaval o samba como principal compasso das ruas. Esse enredo se constitui, portanto, na legitimação institucional do projeto de uma série de

²⁶⁶ Narrativa de Maguila. 48 anos. Funcionário Público. Entrevista realizada em 07 de junho de 2010.

²⁶⁷ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal em 12 de Fevereiro de 2008 intitulada “O anticarnavalesco”.

²⁶⁸ Vídeo caseiro produzido por um membro da escola, o vídeo possui duração de 5 minutos. A edição do desfile foi realizado a partir das suas alas, onde o tempo de filmagem de cada ala, corresponde de 30 a 60 segundos em média. Esta documentação se faz presente no arquivo privado de Inaldo Silva.

carnavalescos. Projeto este que se materializa no desfile da Escola Vila do Príncipe, no ano de 2008, que idealizado pelo presidente da Escola, Inaldo Silva, tentava restituir aquele passado no presente, por meio de discursos e práticas que a ele remetiam. Desta forma, recorro a análise que a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti realizou em seu livro sobre as Escolas de Samba cariocas. Neste livro, ao analisar os sambas-enredo no Rio de Janeiro, a autora atribui a estes o conceito de *performance*, pois há no cantar do samba uma organização:

O ideal de performance de um samba enredo é ser cantado, e dançado, por muitos ao mesmo tempo. O intérprete, acompanhado em sua parte-solo pelo pandeiro e cavaquinho, “puxa” um canto que deve, em seguida, ser memorizado e entoado por todos.²⁶⁹

Esta observação realizada pela antropóloga em sua pesquisa de campo é observada também em Caicó no discurso a seguir produzido pelo músico Miguel Dias em depoimento²⁷⁰: “*A escola retornou em 2008, foi quando eu fiz essa letra de samba, homenageando Biinha e a escola que estava completando 21 anos de fundação*”. Neste momento da entrevista o compositor pede licença para cantar o samba, pois para o músico o samba é música e música precisa ser cantada para que eu possa saber da letra:

Olha ela aí.
Está chegando a Nossa Escola
Mais uma vez
Vem pra avenida desfilar, desfilar
Trazendo o samba com muita alegria
Muita euforia, faz o meu povão vibrar
É a branca, verde e rosa
Nota dez em bateria
Homenageando “Conegundes”
Sinônimo de samba e alegria

Refrão:
Vila do Príncipe é de bambas
Ela é sua e ela minha
Salve a Vila, salve o samba
Salve “Quinca de Biinha”

Ela era um grande batuqueiro
Foi também grande goleiro
Um cara fenomenal!

²⁶⁹ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2006.

²⁷⁰ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

Esteve desde o primeiro ano
Com sua estrela brilhando
E alegrando o carnaval.²⁷¹

Durante toda a entrevista, o compositor Miguel Dias, faz referências às letras dos sambas-enredo das Escolas de Samba. Para ele a história da escola tem relação com os sambas-enredo e estes, por sua vez, procuram exaltar a cidade de Caicó.

Nos jornais pesquisados para a escrita desta dissertação, sobretudo o Diário de Natal e o Tribuna do Norte, faziam em suas matérias poucas referências à Escola de Samba Vila do Príncipe, desta forma, boa parte do capítulo será construído a partir das narrativas orais. Refletir sobre o tempo nas narrativas orais corresponde, a saber, lidar com as temporalidades da memória e suas persuasões imaginárias. Na tessitura da experiência narrada, os membros da Vila do Príncipe re-significam o passado e o tempo é marcado e usado, socialmente, atendendo necessidades do presente. Logo, como demonstra Portelli, para compreendê-lo, devemos perceber as significações das diferentes temporalidades e suas relações entre os processos históricos. É necessário, além disso, entender como estes carnavalescos significam, dividem e usam o tempo.²⁷²

Depois de cantar o samba-enredo que “*colocou a escola de samba na avenida*”, Miguel busca traçar um pequeno histórico da escola, mas sempre fazendo referência ao tempo presente:

A escola foi fundada em 1987, mais ai ela desfilou até 95, foi o ultimo ano, ai ficou parada por um tempo, retornou em 2008. Em 87 e 88, era um inicio muito devagar, praticamente não teve carro alegórico, não tinha nada, como esse ano também não teve esses últimos anos não teve. Com o tempo entre os anos de 90 e 91 foi que criaram alguns carros. Nós desfilamos com eles até 95 com esses carros, depois abandonaram e quando a gente voltou em 2008 não teve como recuperar esses carros, esse tempo todinho treze anos lá parado, o local que eles guardaram se desgastou com a chuva, com o tempo se desgastaram a madeira, ficou só as estruturas de ferro lá! Ninguém queria recuperar os carros, estão encostados lá.²⁷³

²⁷¹ Samba enredo: “Conegundes, sinônimo de samba e alegria da Escola Unidos da Vila do Príncipe, carnaval 2008, de autoria de Miguel Dias. Letra e Cd disponível no arquivo privado de Miguel Dias.

²⁷² PORTELLI, Alessandro. “*O momento da minha vida*”: *funções do tempo na história oral*. In: FENELON, Déa Ribeiro. Muitas memórias, outras histórias. Tradução Helen Hugles e Yara An Khoury. São Paulo: Olho D’água, 2004, P.296-313.

²⁷³ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

A organização da narrativa, realizada por Miguel, pode revelar as intencionalidades do narrador e estas contribuem para determinar os fatos e eventos considerados significativos a serem imersos no tempo. Desse modo, a maneira de narrar é relevante para a periodização estabelecida. Portanto, vincular um evento a uma temporalidade, ou seja, datá-lo, não corresponde simplesmente a sua inserção numa sequência cronológica e linear, mas estabelecer a qual sequência este evento é pertencente. Como são visíveis no relato acima, as demarcações temporais na memória são relacionadas às experiências vividas pelos sujeitos narradores por presenciarem um acontecimento ou, mesmo por reconstruírem, na memória, estes acontecimentos.²⁷⁴

Neste sentido, identificamos a construção de três marcações temporais utilizadas pelos carnavalescos da Unidos da Vila do Príncipe: a) 1987 representa a fundação da Escola, o primeiro desfile; b) 1995 emerge como o tempo em que a Escola encerra os seus desfiles na cidade e c) 2008 como o ano de retorno da escola, tempo este onde passado e presente são constantemente articulados. O compositor, então, narra sobre o tempo de fundação, sobre o que nas palavras dele seria o “começo de tudo”:

Em 87, a Escola começou com pouca gente, a bateria tinha em torno de 36 componentes mais ou menos. Eu lembro que tinha umas duas alas de criança, desfilava no máximo 100 pessoas, num dava ao todo umas 70 a 80 pessoas, incluído Alas e Bateria, aí quando foi lá para frente desfilou um número maior de gente, chegou a desfilarmos com 5, 6 alas. Cada uma tinha de 30 a 50 pessoas, teve carnaval da gente desfilarmos com 200 pessoas contando as que faziam parte das alas e da bateria. Nesse tempo a bateria já tinha 45 pessoas e foi lançada a primeira letra quem fez foi Jaime Paulo Figueira, que fez essa letra que conta a história de Caicó, da lenda, a primeira letra o samba enredo de 1987.²⁷⁵

O samba-enredo ao qual Miguel se refere traz em sua letra o mito de fundação da cidade e a lenda do Poço de Sant’Ana. Esta lenda também é evocada pelo Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana como visto no capítulo anterior. Quando rememorado, o tempo de fundação da escola, sempre é narrado como um tempo próspero para a Escola, onde havia, segundo o carnavalesco, “*uma cultura de samba na cidade de Caicó*”. Como os sambas-enredo fazem parte de uma estratégia de rememoração por parte do músico,

²⁷⁴ PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro. Muitas memórias, outras histórias. Tradução Helen Hugles e Yara An Khoury. São Paulo: Olho D’água, 2004, p.296-313.

²⁷⁵ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

ele folheia as páginas de um caderno e me apresenta a letra do samba, do primeiro desfile da escola:

São muitas lendas que envolve esta cidade
Da gruta da caridade até o rio Seridó
Vila do Príncipe foi o seu nome o primeiro
Torrão nobre, hospitaleiro consagrado Caicó

Lenda do boi farto e bravo que surgia
Vindo lá das cercanias alvas do algodão mocó
Trazendo a história de um vaqueiro aqui perdido
Que ergueu agradecido a matriz de Caicó

Lenda maior que atrai que engalana
Que vem do poço de santana diz assim essa versão
Uma bela jovem em serpente transformada
Pobre moça condenada a viver na solidão

E assim contando toda história colorida
Nossa escola na avenida mostra com muito calor
A esta cidade berço heróico e consagrado
No presente e no passado seu tributo maior²⁷⁶

Foi atrelando às lendas de fundação da cidade a fundação da Escola que a Unidos da Vila do Príncipe lança-se na avenida no ano de 1987. Segundo Miguel, toda a diretoria da Escola tem um importante papel de orientação na escolha do tema do ano, na medida em que, é a responsável pela confecção da sinopse (orientações gerais sobre o enredo do ano), podendo opinar a respeito das composições, dizendo se a mesma está “fora do tema” ou não. Outra observação realizada nesta experiência foi a necessidade de que as composições enquadrassem-se na sinopse fornecida pela diretoria da escola aos compositores. Ou seja, a letra tem que se relacionar com o tema escolhido para o carnaval do ano.²⁷⁷

Para a diretoria da Escola, bem como para seus compositores, as letras deveriam sempre remeter à cidade e os foliões deveriam, ao ouvir os sambas, lembrar algum fato ocorrido no passado e que marcou a cidade de Caicó. No entanto, nem todos os carnavalescos lembram as temáticas de todos os sambas-enredo, bem como, não possuem em seus arquivos privados as letras das músicas. É importante atentarmos para

²⁷⁶ Samba enredo do ano de 1987, intitulado: Lendas de Caicó, letra de Jaime Paulo Figueira, música de Miguel, Riva e Quinca.

²⁷⁷ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

o alcance da tradição oral e seu aspecto fragmentário visível nas narrativas como na expressão “*um pedaço dessa história*”. Dessa forma, pensar os pedaços das urdiduras que constituem a trama é reconhecer a dinamicidade do ato interpretativo de narrar e relembrar que o mesmo é sempre uma rememoração de algo que já não existe. Nesse sentido, os fragmentos compõem um conjunto de sentidos, o que demonstra um reconhecimento da não totalidade da rememoração.

O diretor da escola, Inaldo Silva, ajuda na urdidura sobre a fundação da Vila do Príncipe:

No início tinha um percurso na Avenida Seridó, hoje não existe mais isso. A gente desfilava, o pessoal ficava olhando a gente passar, hoje não existe mais isso. Tinha o concurso entre as escolas, o valor do prêmio não era muito não, as vezes era só bebida mesmo. O prêmio era para quem apresentasse a melhor fantasia e alegoria, tinha uma comissão julgadora, a mesa ficava no palanque. O povo gostava de ver Escola de Samba.²⁷⁸

As poucas e fragmentarias matérias sobre as Escolas de Samba em Caicó reiteram a colocação do carnavalesco Inaldo de que o “povo gostava de ver Escola de Samba”. As expectativas em torno da chegada do carnaval caicoense ocupavam durante a década de 1980 as páginas dos periódicos norte-rio-grandenses. Isto porque, os desfiles nomeados como, *luxuosos*, das escolas de samba, exigiam uma infra-estrutura adequada para as suas respectivas realizações: melhorias na iluminação pública, montagens de arquibancadas destinadas à platéia, adorno das ruas com enfeites e construções de coretos provisórios para as autoridades e convidados de honra, isto, pois eram algumas das medidas adotadas. Enfim, a parte central da cidade alterava-se significativamente com os preparativos da folia. O jornal Diário de Natal explicitava, por exemplo, a série de procedimentos adotados na véspera da data tão esperada:

O carnaval de rua de Caicó deste ano promete ser um dos mais contagiantes dos últimos tempos. Duas escolas desfilaram nas ruas da cidade. Uma comissão formada por representantes do poder municipal, da imprensa, blocos e escolas de samba, esteve reunida e definiu todo o esquema que será desenvolvido durante o período momesco. Ficou acertado que o carnaval será aberto oficialmente no sábado dia 13, as 8:00h da noite. Os desfiles dos blocos e escolas de samba serão

²⁷⁸ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

realizados no domingo, enquanto a escola de samba “Unidos da Nova Portela” abrirá o desfile do domingo, enquanto a escola de samba “Unidos da Vila do Príncipe” abrirá o desfile na terça-feira.²⁷⁹

O último aspecto da matéria do jornal acima citado acabava se tornado um dos itens mais importantes, na medida em que, os desfiles das Escolas de Samba faziam parte de um concurso de rua. Um dia posterior a notícia acima citada o “Tribuna do Norte” publica outra matéria sobre o concurso: *Uma comissão julgadora, ainda a ser escolhida, julgara as apresentações das escolas de samba a comissão julgadora obedecerá aos seguintes itens: Samba enredo, mestre-sala, estandarte, fantasia, bateria, animação, ritmo e coreografia.*²⁸⁰

As coberturas jornalísticas dos carnavais de Caicó, durante a década de 1980, nas cidades seridoenses, pouco se aprofundavam nas descrições dos carnavais de rua – tal postura, aliás, como foi visto no primeiro capítulo, remetia a um interesse das associações clubísticas de exaltação dos carnavais realizados nos salões do Corinthians e do Iate Club. Trechos sucintos e discretos estreitavam-se nas páginas dos impressos. Após uma extensa descrição dos bailes carnavalescos a serem realizados pelo Clube Corinthians, o jornal Diário de Natal limita-se a registrar no ano de 1989 que: *Em Caicó o carnaval merece destaque especial pelo fato do monumental desfile das agremiações carnavalescas com seus samba-enredos inspirados em temas da cidade. A exemplo dos anos anteriores haverá concurso oficial e premiação dos vencedores.*²⁸¹

Mesmo sem desvendar maiores detalhes, a narrativa transpassa a idéia a partir da adjetivação do carnaval de rua enquanto “*monumental desfile das agremiações carnavalescas*” e da cidade enquanto inspiração para as temáticas dos sambas-enredo, como descrito nos depoimentos cedidos pelos carnavalescos. Em entrevista, o carnavalesco Zé do Óleo faz um pequeno balanço dos acontecimentos protagonizados por sua geração, na Vila do Príncipe, entre os anos 1980/90, destacando aspectos do trabalho de equipe e apontando o cotidiano das Escolas nos dias de concurso:

Quando eu deixei a escola em 95, eu deixei a Escola cheia de carro alegórico. A escola de samba era como um time de futebol, um defendia

²⁷⁹ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 3 de fevereiro de 1989 intitulada “Carnaval em Caicó”.

²⁸⁰ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 02 de Fevereiro de 1989 intitulada “Concursos carnavalescos”.

²⁸¹ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 03 de Fevereiro de 1989 intitulada “Carnaval de Rua”

o outro, um ajudava o outro, porque tudo faz parte de uma grande criação, tinha que se criar o samba enredo, os carros, alegorias, melodias e bateria. Nos dias de desfile, dias de concurso, por exemplo, cada batuqueiro tinha uma roupa diferente, todo dia mudava a fantasia, eram três dias, então eram três camisas e três chapéus diferentes. Ai no dia do concurso era o seguinte, eles botavam um palanque no meio da rua, um palanque, onde as pessoas davam o seu voto, dava o prêmio a quem estivesse melhor nas categorias.²⁸²

Na cidade de Caicó, durante os anos de 2000 a 2003, foram desenvolvidas pesquisas sobre o carnaval de Caicó, para a elaboração dos trabalhos de conclusão de curso na UFRN-Caicó. Tive acesso ao primeiro trabalho intitulado *Reinado da Alegria: o carnaval caicoense no período de 1990 a 2000*, cuja autoria é da historiadora Elizabeth Maria Leite. Este estudo está disponibilizado em algumas instituições da cidade, bem como, em um site mantido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte²⁸³. O estudo é denominado pelas instituições que a possuem como a principal referência sobre os carnavais da cidade, seja qual for a temporalidade a investigar, como a principal referência presente no acervo, visto que, nas próprias palavras da bibliotecária “*essa pesquisa contém tudo, ela pesquisou toda a história do carnaval de Caicó*”.²⁸⁴

A monografia se divide em três capítulos, nos quais, segundo consta na introdução, a autora pretende investigar o carnaval da cidade no período que compreende 1990-2000, buscando a partir do recorte, compreender as transformações ocorridas no carnaval da cidade “*tendo em vista que outrora a festa era restrita a alguns grupos sociais de poder aquisitivo mais elevado*”. Para a autora a década de 1990, constitui uma temporalidade em que o carnaval caicoense tomou outra configuração, perdendo as características elitistas “*aglutinando parcelas da sociedade, antes excluídas do momento festivo*”.²⁸⁵ Em meio à investigação que se propõe sobre o Carnaval de Rua em Caicó, a autora dedica um ponto ao estudo das Escolas de Samba e, neste, Leite começa a traçar um histórico das escolas de samba que desfilaram na cidade.²⁸⁶

Na narrativa elaborada por Leite, os desfiles de Escolas de Samba na cidade de Caicó tiveram início na década de 1960, a partir da participação do carnavalesco Manoel

²⁸² Narrativa de Zé do Óleo. Taxista. 62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.

²⁸³ LEITE, Elizabeth Maria. *Reinado da Alegria: o carnaval caicoense (1990-2000)*. Caicó, Monografia (Licenciatura em História). UFRN, 2002. A presente monografia está disponível na Biblioteca Municipal Doutor Olegário Vale e no Departamento de História da UFRN-Caicó.

²⁸⁴ Durante a pesquisa em arquivos e bibliotecas municipais, as bibliotecárias descrevem a monografia como uma obra que abrange toda a história do carnaval de Caicó.

²⁸⁵ *Ibden* p.08

²⁸⁶ *Ibden* p.35.

de Neném, com a Escola de Samba denominada *Unidos da Folia*. Neste momento, a autora traça uma pequena biografia sobre o carnavalesco:

Manoel de Neném se destacara na cidade por ser proprietário de uma empresa de ônibus que fazia a linha Crato-Natal, passando por Caicó. Além de ser um homem de negócios, o carnavalesco era dotado de um gosto todo especial para festejos momescos. *Tanto que em sua época já sonhava com um grande carnaval na cidade de Caicó.*²⁸⁷

Para a autora, a morte do carnavalesco Manoel de Neném teria desencadeado um processo de enfraquecimento das escolas de samba que desaparecem do carnaval caicoense: *Por volta dos anos 70, as escolas de samba ressurgem, mais timidamente, ainda abaladas com o choque causado pela perda de seu maior incentivador-entusiasta.*²⁸⁸

A historiadora apóia-se em outra produção acadêmica para desenvolver o seu debate sobre as Escolas de Samba em Caicó na década de 1970. Utilizando de citação presente na monografia da historiadora Rubia Sales intitulada *Folia momesca: O ala ursa no carnaval de Caicó*, neste trecho Rubia:

Em 1976, nascem às escolas de samba, Vivaldinos do samba, organizada pelo mestre de bateria Firmino Paulo (Mestre Firmino) e a União da Folia, organizada pelo mestre de bateria conhecido pelo nome de Zé do Óleo. Estas entram em disputa no mesmo ano e a Vivaldinos do Samba sai vitoriosa e continua desfilando nos carnavais de Caicó nos anos 77 e 78, sem concorrentes, deixando de existir no ano de 78.²⁸⁹

Marcada pelas rupturas, as escolas de samba são apontadas na narrativa de Leite a partir das suas tentativas de emergir novamente na Avenida. Para a historiadora, o carnavalesco Manoel de Neném teria iniciado o sonho e projeto de inserir um carnaval popular, ou do povo, na cidade de Caicó; projeto este que, segundo Leite, só seria realizado plenamente após o surgimento da Ala Ursa do Poço de Sant'Ana.

Outra década, apontada por Leite, enquanto tentativa de revitalização das Escolas de Samba, seria a década de 1980. Nesta, a imagem das escolas de samba “Nova Portela e Unidos da Vila do Príncipe” começam a ser desenhadas e nomeadas por seus organizadores. As escolas continuaram realizando os seus desfiles durante meados da década de 1990 onde a historiadora marca a causa do término dos desfiles na cidade: *As*

²⁸⁷ Ibidem p.35.

²⁸⁸ Ibidem p.36.

²⁸⁹ Ibidem p.36.

*escolas de samba começaram a enfrentar crises econômicas e descaso, uma vez que o poder público local concedia uma ajuda irrisória para o custeio das despesas.*²⁹⁰

Assim, Leite dedica-se a narrar com maior intensidade a década de 1960 como um período áureo das escolas de samba em Caicó. Assim, também, fazem as memorialistas da cidade. A memorialista Maria Tereza de Araújo Ferreira em seu livro *CAICÓ, fatos que a memória gravou*, dedica um de seus textos em homenagem a Manoel de Neném, nesta memória intitulada: *A escola de samba que ninguém esquece* a autora:

Era carnaval em Caicó. O ruflar de tambores, o balanço ritmado e cadenciado surgia na avenida; um ritmo pra lá de exato, uma manifestação esplendorosa, trazia a “Unidos da Folia” aos olhos e a admiração de todos, a maior Escola de Samba do carnaval, desfilando a frente dela, o seu Sambista Maior, Manoel de Neném. Ele por inteiro! Ele elegância! Uma cadência ímpar, os trejeitos perfeitos ao matraquear aqueles maracás nas mãos, “uma figura de força que transmitia paixão aqueles que o cercavam e o assistiam, seduzindo os foliões e os expectadores pela simpatia e pelo envolvimento”²⁹¹

Para a memorialista, a Avenida Coronel Martiniano ficava estreita devido à quantidade de passistas e foliões que faziam parte dela. Para contar as histórias de e sobre Manoel de Neném, Ferreira recorre a um depoimento cedido pelo neto do carnavalesco apontando que, muitas de suas fantásticas *estórias* são conhecidas pelos caicoenses, mas que seria particularmente importante descrever esta história narrada pelo seu neto devido ao enredo inusitado e também poético:

Aconteceu no início dos anos 60, quando sua escola de samba (Unidos da Folia) era a expressão maior do carnaval caicoense. Ao aproximar-se o carnaval, o grupo reunia-se todas as noites para a realização dos ensaios que geralmente aconteciam na sede do Caicó Esporte Clube. Perto dali, na rua Olegário Vale onde morou Milton Tocha, residia um oficial do exército conhecido por “Tenente Pereira”. Este oficial sentindo-se incomodado com a harmoniosa batucada da escola de samba tentou impedir os ensaios. “Seu Mane” como não era besta, assim mesmo diria ele, respondeu a situação assim: Proibiram nosso ensaio por motivo qualquer/Mas a escola vai sair pra sambar se deus quiser/A nossa escola é independente vai sair para massacrar o orgulho dessa gente.²⁹²

²⁹⁰ Ibidem pp.36-37.

²⁹¹ FERREIRA, Maria Tereza de Araújo. *CAICÓ, fatos que a memória gravou*. Prefeitura Municipal de Caicó, 2001.p.10.

²⁹² FERREIRA, Maria Tereza de Araújo. *CAICÓ, fatos que a memória gravou*. Prefeitura Municipal de Caicó, 2001.p.09.

A escolha de apresentar ao leitor dessa dissertação as monografias e os relatos memorialistas sobre as Escolas de Samba em Caicó não foi feita de forma desinteressada, pelo contrário, implica na problemática que constituímos para essa pesquisa à medida que estas são produtos da constituição desta configuração histórica que começamos a descrever/analisar. Sua produção é contemporânea da “hegemonia” do bloco Ala Ursa e da estratégia e projeto que Magão e a prefeitura moviam para a cidade. Estratégia e projeto que tinham e têm como principal objetivo produzir a cidade como uma cidade vocacionada ao carnaval de rua.

Desta forma, esta historiografia e relatos memorialistas são gestados simultaneamente com a produção de inúmeros discursos, imagens e práticas que tentam instituir e inscrever a cidade de Caicó a partir de suas festas. Mesmo que, inconscientemente, da instituição e construção daquele regime de verdade para a cidade. Estão coladas ao efeito de real e de verdade produzidas por aquela formação discursiva, ou melhor, ela faz parte desta mesma formação discursiva que busca instituir Caicó enquanto carnavalesca. Pois, ela busca produzir a re-territorialização e o re-centramento histórico e temporal da cidade ao inventar um passado para a cidade que, não por coincidência, vai ser praticamente o mesmo que o apresentado pelo senso comum e pela maioria dos discursos institucionalizados pela sociedade local como sendo o período áureo da “História das Escolas de Samba”, a década de 1960, e este tempo foi perdido com a morte do carnavalesco Manoel de Neném.

Outro exemplo deste trabalho de silenciamento das narrativas sobre as outras Escolas de Samba que emergem na década de 1980, dar-se através da produção da Revista Carnavalesca²⁹³ organizada pelo carnavalesco Magão em parceria com alguns memorialistas da cidade de Caicó. Na revista, há uma série de relatos memorialistas sobre as manifestações carnavalescas na cidade. Para criar um efeito de verdade sobre o que está sendo narrado, os memorialistas lançam mão das descrições de algumas matérias publicadas em jornais sobre o carnaval de Caicó. Em meio aos festejos carnavalescos expostos, quando se narra sobre o tempo das escolas de samba, a imagem de Manoel de Neném é novamente evocada e desta vez tecida por outro memorialista, Lindomar Vale Lucena:

Aproximamo-nos do período momesco. Alegria! Alegria nas ruas e clubes da cidade. Gritos, pinga, frevo, samba, suor, cerveja, namoros e

²⁹³ Refiro-me a publicação da revista carnavalesca: Alegria também é arte... Ala-Ursa do Poço de Sant'Ana. Digitek Acessórios. Edição nº01, Caicó-RN, 2003.

brigas. Sorrisos e abraços. Extravasar! Esquecer! Eis o lema (se é que existe). Não! Caicó não poderá esquecer o seu sambista maior: Manuel de Neném. Com ele e sua escola de samba “Unidos da Folia” o carnaval desta cidade transcendia. Manifestação esplendorosa! Manuel de Neném, uma figura de força que transmitia paixão aqueles que o cercavam. Seduzia os foliões pela cadência e simpatia contagiantes. O Caicó Esporte Clube (a sede dos morenos) teve a honra de ser palco de sua habilidade. Nas avenidas o ruflar dos tambores, certamente, far-se-á mais uma vez neste carnaval. No entanto, olho e não vejo, mas sinto a sua ausência. Vazio maior. Espaço da saudade! Vi-o apenas uma vez, comandando a grande folia. Foi na minha adolescência. Não o esqueci jamais e o admiro até hoje.²⁹⁴

O discurso de Vale é emblemático, uma vez que, estabelece e apresenta em sua análise e articulação entre práticas discursivas e não discursivas na constituição do enunciado que diz “Caicó enquanto carnavalesca”. Discurso este que o autor acaba por reproduzir e atualizar. No entanto, ele é indicativo da emergência de um enunciado de forte regularidade nos discursos dos memorialistas locais e que ao longo dos anos serviu de base para a construção dos festejos da cidade e para a constituição das redes de poder que atravessam e articula a sociedade local, qual seja: o enunciado que diz que o Carnaval de Rua de Caicó faz tempo de um passado relativamente distante e que precisa ser esquecido para ser revivido no tempo presente através do Bloco do Magão. O autor para conferir legitimidade a sua narração lança mão de duas fotografias para acompanhar o texto e para apresentar ao leitor da revista a imagem de Manuel de Neném e do desfile da Unidos da Folia na década de 1960.

O ultimo trabalho que tematiza sobre as Escolas de Samba na cidade de Caicó é a monografia da historiadora Rúbia Sales²⁹⁵, onde a pesquisa de campo empreendida pela autora contou com a participação do seu primo o carnavalesco Ronaldo Batista Sales (Magão). O carnavalesco participa ativamente da pesquisa de campo, na escolha dos entrevistados, no trabalho com os documentos no arquivo, como relatado por ele em entrevista à rádio rural em 10 de fevereiro de 2009:

Vou falar um pouco sobre o carnaval, como começou o carnaval de Caicó, em 1925, minha prima Rúbia tava fazendo um trabalho na faculdade e *nós fizemos uma pesquisa* mais ou menos dos tempos remotos desde 1925 que a gente já ver falar sobre o carnaval de Caicó, quando saiu na página inteira de um jornal da época, tem uma parte desse jornal que nós publicamos, nós fizemos uma revista. Foi o

²⁹⁴ Ibidem p.09.

²⁹⁵ SALES, R. B. de. *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*. Caicó, Monografia (Licenciatura em História.UFRN,2000.

professor Lindomar, a professora Lidianne que a gente montou uma revista a Ala Ursa sobre o carnaval dos tempos remotos.²⁹⁶

E neste sentido, com a confluência destes interesses, práticas e discursos iam sendo forjados as condições de possibilidade para que o carnaval das escolas de samba fosse silenciado de forma definitiva ou, pelo menos, deixasse de ser objeto de discurso de praticamente todas as instituições da cidade como, por exemplo, dos principais veículos de comunicação locais.

Silenciar e esvaziar as Escolas de Samba constituía-se assim, a partir da gestação da Ala Ursa, numa estratégia definida por algumas instituições de comunicação da cidade. Primeiro, porque estas instituições não viam mais no carnaval das escolas de samba um evento que traduzisse o ideal da cidade que eles buscavam instituir; segundo, porque esta festa não refletia um grande evento, não se conectava e não se articulava ao projeto que visava e estava buscando transformar Caicó na cidade dos grandes eventos. E é justamente para se contrapor a este silêncio que este capítulo aborda as narrativas dos integrantes das escolas de samba. Consideramos a figura de Manoel de Neném importante na formação das outras escolas, visto que, muitos dos integrantes da Unidos da Vila do Príncipe e da Nova Portela, iniciaram as suas batucadas dentro do barracão da Unidos da Folia, no entanto, buscamos atentar para o uso do carnavalesco como estratégia para silenciamento de outros.

3.1.1. *A população se amontoava nas calçadas para ver os desfiles:* as narrativas sobre os desfiles da Escola de Samba.

Criou-se, criou na cabeça de todo mundo quase, na maioria do povo de Caicó, da população em geral e dos políticos e da prefeitura de tudo até da mídia e principalmente da mídia de que o carnaval a atração principal do carnaval é o Magão né? Só o Magão é quem faz o carnaval, sem Magão não existe carnaval.²⁹⁷

O discurso do senhor Miguel Dias é indicativo dos procedimentos acionados pela imprensa local, com exceção de alguns veículos, a exemplo dos *blogs*, e pelas

²⁹⁶ Em algumas páginas o carnavalesco descreve o cotidiano destes carnavais “remotos”, no entanto, boa parte da revista a começar pelo título da mesma, a descrever a trajetória do bloco Ala-Ursa do Poço de Sant’Ana, os outros blocos apenas figuram na revista para afirmar que Caicó possui um passado carnavalesco.

²⁹⁷ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

autoridades constituídas no intuito de silenciar o “carnaval das escolas de samba” da cidade, de desprestigiá-lo, de inviabilizá-lo ao longo da década de 1990, principalmente, após a recusa de custeio financeiro dos organizadores do Carnaval de Rua de Caicó para manutenção das Escolas de Samba.

A partir de 1993, as principais instituições de comunicação do Rio Grande do Norte como o Diário de Natal e a Tribuna do Norte deixam, praticamente, de publicar qualquer matéria que se refira à prática de Escolas de Samba da e na cidade. Ao longo de 11 anos, ou seja, do ano de 1993 ao ano de 2004, ambos os jornais publicam apenas 12 matérias sobre tais festejos, das quais apenas duas dão conta da programação do festejo; as 10 restantes ou reproduzem os discursos memorialistas produzidos a partir de 2000 sobre a imagem de Manuel de Neném, ou tentam demonstrar a decadência das Escolas.

No entanto, o discurso de Miguel Dias aponta para outra festa, para outra cidade que se apresentava paralela aos discursos e enunciados que a dizia como a cidade dos grandes eventos, cidade “vocacionada ao turismo de eventos”, uma cidade do Bloco do Magão. Uma cidade não tão espetacular, de pessoas sem nomes próprios, de eventos que não se constituíam como um grande espetáculo, mas que se destinava apenas à diversão dos seus participantes, constituída num espaço onde os mesmos pudessem brincar o carnaval, exercendo o direito de brincar nas ruas da cidade sem maiores cerceamentos ou constrangimentos, como, por exemplo, ter de fazer um evento condizente com determinados ideais e discursos. Evento condizente apenas com o interesse das comunidades e das pessoas que a produziam. E, neste sentido, esses grupos e pessoas construíam outras histórias, inventavam outros passados para a cidade e para as suas festas: *A população se amontoava nas calçadas para ver os desfiles das escolas, para ver a rivalidade entre as escolas, quem tinha o melhor figurino, o melhor samba enredo, a década de 90, até a metade dela, o samba tinha vez em Caicó.*²⁹⁸

No discurso do Sr. Rivadalvo, a versão da história dos carnavais de Caicó que ele apresenta, é constituída de lugares e territórios bem diversos dos apresentados pelos memorialistas na atualidade. Versão esta que apresenta lugares e territórios de outra Caicó, uma Caicó suburbana, produzida pelo suor de suas comunidades. História essa que apresenta um carnaval de práticas totalmente distintas das vivenciadas a partir do

²⁹⁸ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

desfile da Ala Ursa do Poço de Sant'Ana e das lembranças do carnavalesco Magão, um carnaval de Escolas de samba.

É um discurso que constitui outra cronologia, inventa outro passado para a cidade. Uma história na qual o Bloco do Magão é apresentado como um acontecimento negativo, como um evento perverso para o carnaval das Escolas de Samba. Um evento que impôs uma quebra nos festejos de carnaval, um evento apresentado sem a importância, sem a grandiosidade que lhe imprimem os discursos midiáticos, de seus organizadores. No discurso de Rivadalvo, o Bloco do Magão é apresentado como um evento outro qualquer, talvez, com menos importância que as Escolas de Samba.

São discursos que destoam, que cantam e dançam num ritmo diferente dos que instituem a festa de Caicó como um evento espetacular na e para a história da cidade, como um evento que confirma a sua vocação como produtora de festejos carnavalescos. Discursos como o do Sr.Miguel Dias:

A gente desfilou até 95 e a turma foi perdendo o interesse pelo negocio, não tinha incentivo dos políticos nem de ninguém, a prefeitura ajudava muito pouco, nos anos de 92 e 93 até que ajudaram no tempo de Dada, ele cobriu a parte da bateria e de roupa, os gastos ele cobria tudo, até nos carros alegóricos eles ajudaram a construir.Só que do ano de 1994 e 1995 foi um castigo danado, a gente desfilava já no sufoco e a ajuda vinda da gente mesmo, do comercio, fazendo promoções festas, feijoada, para arrecadar dinheiro.No ano de 95 a turma desmotivou-se não quiseram mais trabalhar pela escola. Em 93, 94 e 95 a gente já ficava aproveitando as fantasias de carnavais passados, apenas modificando elas.Quando acabava o desfile a gente guardava a fantasia, eu gritava: *“ei turma vamos tirar a fantasia para a gente guardar, vocês sabem a situação da escola, como ta difícil, próximo ano a gente vai tentar modificar, fazer uma fantasia diferente”*.Em 2008 a escola só saiu porque o que o presidente forçou a barra com o prefeito, ele trabalhava com Bibi Costa na prefeitura e forçou ele tentando colocar a escola, aí ele deu uma ajuda, uma boa ajuda que deu para comprar fantasia e tudo.Já esse ano de 2010, já saiu bem mais fraquinha, o dinheiro foi bem menor , talvez próximo ano não saia mais não, é muito difícil só se uma nova diretoria assumir.Eu já sai, o Rivadalvo disse que não vai mais participar, a turma fundadora os que a gente chama de antigos até o Juca da oficina, não ta querendo mais participar não. Agora ta só Inaldo e ele sozinho eu acho que não levanta mais não a escola é muito difícil.²⁹⁹

No entanto, eram estes discursos, estas práticas, estas outras histórias, estes outros passados, estas outras festas e carnavalescos que os discursos oficiais e midiáticos silenciavam. E eram, sobretudo, estes outros carnavais que estavam constituindo-se no

²⁹⁹ Narrativa de Miguel Dias.49 anos.Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe.Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

inominável, no indizível para boa parte da sociedade local, à medida que deixavam de ser objeto de discurso de praticamente todas as instituições de Caicó. As Escolas de Samba estavam sendo produzidas como o fora; estavam sendo colocadas para fora, à margem da sociedade pelos discursos que tentavam instituir o que era aceitável ou não por uma cidade vocacionada a produzir um grande carnaval. Evento excluído, dito pela negativa, indesejável, invisível, indizível a boa parte da sociedade local, como podemos observar na fala do Sr.Rivadalvo:

Ano passado em 2009, eu fiz um samba falando exclusivamente sobre as emissoras de rádio, era uma homenagem que a gente fez as emissoras, exatamente foi a volta da escola em 2008. Era esse samba aqui: samba é cultura, rádio é comunicação. Isso foi em 2009, 2008 foi a volta da escola, 2009 era quando ela estaria fazendo 21 anos de idade a gente criou esse samba em homenagem a escola, elogiando as emissoras de radio que seria a festa: A gente fala em todas as emissoras, mais as emissoras pouco falaram da escola de samba, a rural ainda chegou a falar , a Caicó aliais, mais as outras pouco falavam , ai depois desse samba eu conversando com Rivadalvo ai eu disse: Rivadalvo tem mais condições de a gente fazer carnaval em Caicó não tem, eu fiz um samba homenageando a escola e ao mesmo tempo das emissoras, falando mais das emissoras do que da escola, as emissoras nem sequer falaram no nome da gente, ai fica difícil, desestimulou.³⁰⁰

Há, nesse discurso, algumas particularidades que vale a pena destacar, sobretudo, no tocante às estratégias utilizadas pelos carnavalescos da Unidos da Vila do Príncipe para continuarem a realizar os seus desfiles na cidade de Caicó. Este período, nomeado pelos carnavalescos como “retorno” que compreende os anos de 2008 e 2009, é marcado por restrições intensas com relação à prática dos desfiles. Assim como Alessandro Portelli, não encaramos a História Oral como instrumento para fornecer informações sobre o passado; o que nos interessa é a subjetividade dos narradores. Não o resgatar da fala dos dominados ou dos dominadores, o ineditismo, ou mesmo o preenchimento de lacunas que nos interessa, mas sim, a recuperação do vivido segundo a concepção de quem o viveu. A subjetividade do expositor que fornece as fontes orais, o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. A História Oral, mais do que

³⁰⁰ Narrativa de Rivadalvo Dias.60 anos.Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe.Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

sobre eventos, fala sobre os significados; nela a aderência ao fato cede passagem à imaginação, ao simbolismo.³⁰¹

O carnavalesco continua sua narrativa sobre o Samba-Enredo produzido em homenagem à mídia apontando a sua decepção e refletindo sobre a sua atividade enquanto compositor:

Eu pelo menos, não participo mais não, posso até dar minha colaboração, fazer um samba, uma letra eu posso ajudar a fazer. Se o pessoal chegar aqui e falar “vamos criar aqui” eu dou até uma opinião, faço uma parte da letra. Agora me entregar de corpo e alma como eu me entregava faço mais não, perdendo noite de sono. Quando eu ia fazer um samba desse eu passava, um mês, dois meses durante a madrugada, que é a melhor hora que tem para a gente compor, criar alguma coisa de composição é na madrugada, eu acordava cedo e ficava pensando, o que eu ia mostrar de letra, rasgava papel, fazia de novo, passei muita noite acordado tentando fazer um samba. Ficava pensando num samba que agradasse, graças a Deus os que eu fiz agradou, pelo menos a maioria do povo gostou, mais ai no fim a gente não ganha nada, o que a gente quer é ver a escola bacana, aplaudida, receber recurso.³⁰²

Os blogs que noticiaram o desfile realizado no ano de 2009 foram o <http://www.robsonpiresxerife.com> e o <http://correiodoserido.blogspot.com>, os mesmos que compuseram as matérias no ano de 2008 sobre o retorno da Vila do Príncipe ao carnaval de Caicó. O blogueiro Robson Pires constrói a sua narrativa a partir de uma série de entrevistas realizadas por ele junto aos carnavalescos, antes do início do desfile; para iniciar a matéria, Robson cria um pequeno texto:

“Samba é cultura, rádio é comunicação”. Com este samba-enredo, a Escola de Samba Unidos do Vila do Príncipe, mais uma vez sairá nas ruas da cidade, no Carnaval de Caicó 2009. A Escola sairá no domingo, às 17h e na terça-feira, também às 17h, sendo que no domingo será uma prévia do que a Escola vai apresentar na terça-feira. A concentração será

³⁰¹ PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. Muitas memórias, outras histórias. Tradução Helen Hughes e Yara An Khoury. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 296-313.

³⁰² Narrativa de Rivaldo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

no arco do Triunfo, em frente à Catedral de Sant'Ana e percorrerá a Av. Seridó e Olegário Vale.³⁰³

Após a descrição dos horários de saída da Escola o blogueiro exalta a quantidade de batuqueiros presentes na bateria da Unidos da Vila do Príncipe e explicita para o seu leitor que a Escola saíra na avenida com 7 alas e cerca de 200 pessoas desfilando entre elas. Para uma melhor compreensão do samba enredo, Robson Pires lança mão de uma entrevista realizada por ele com o carnavalesco Jonas Linhares:

Estamos homenageando a comunicação e as rádios da cidade, os radialistas e as nossas baianas entrarão com uma fantasia nas ondas do rádio, que é o sub-tema do nosso enredo. A comissão de frente vai falar sobre a tecnologia e os primórdios da comunicação, através da astrologia e pessoas ilustres dos meios de comunicação serão homenageadas.³⁰⁴

Para o aumento do número de Alas, durante o desfile, os carnavalescos relatam que fizeram uma parceria com uma escola do município seridoense de São Fernando, onde as alunas da escola ajudaram a compor boa parte de uma ala, onde as mesmas vestiram fantasias que buscavam representar as vedetes e cantoras de rádio de décadas anteriores. Neste momento, o blogueiro lança mão de outro depoimento cedido pelo carnavalesco Jonas Linhares: *Estamos plantando sementes para colher bons frutos. Esperamos que em 2010 possamos sair com mais estrutura, com carros alegóricos e a cada ano a Escola cresça mais e mais. O Carnaval de Caicó sem a Unidos do Vila do Príncipe não é o mesmo.*³⁰⁵

Depoimentos como os de Jonas Linhares vão ser recorrentes nos discursos dos membros da Unidos da Vila do Príncipe onde a exaltação da Escola é uma constante. A

³⁰³ Notícia divulgada no blog : <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/diversao/escola-de-samba-de-volta-ao-carnaval-de-caico/> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

³⁰⁴ Notícia divulgada no blog : <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/diversao/escola-de-samba-de-volta-ao-carnaval-de-caico/> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

³⁰⁵ Narrativa de Jonas Linhares presente no site: <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/diversao/escola-de-samba-de-volta-ao-carnaval-de-caico/> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

escola tenta a cada depoimento cedido apontar para uma evolução da escola em relação ao carnaval passado apesar das dificuldades financeiras apontadas pelos mesmos. Frases como *“haverá uma grande apresentação nas avenidas da cidade”*, *“será uma melhor apresentação”*, fazem parte de todo um repertório discursivo mantido pelos carnavalescos para manterem-se na avenida.

Para uma melhor descrição do cotidiano da Vila do Príncipe, o blogueiro lança mão de algumas imagens da Escola. Como este capítulo propõe-se a analisar as narrativas sobre as Escolas de Samba na cidade de Caicó e considerando que as imagens são textos, reproduzimos abaixo a série de fotografias em sua ordem de disposição no blog conservando as suas legendas:



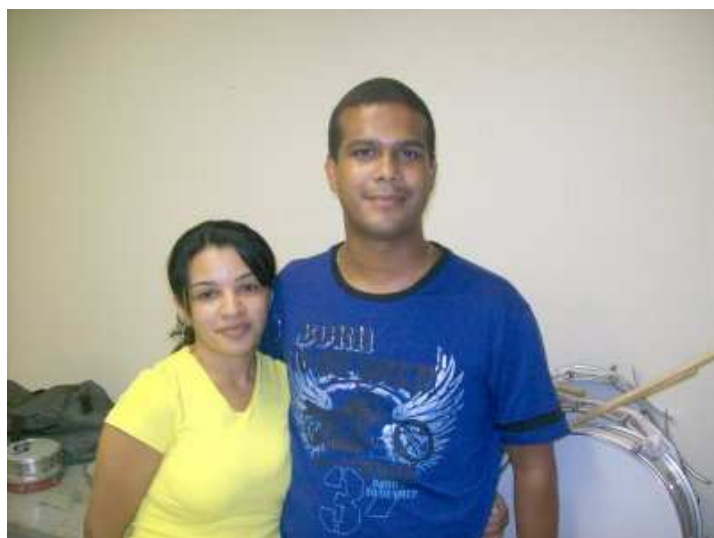
Jonas Linhares - Carnavalesco que esteve presente no último ensaio da Escola Unidos do Vila do Príncipe na Ilha de Sant'Ana, nesta terça-feira



Meninas de São Fernando e Caicó ensaiando na Escola Unidos do Vila do Príncipe



A bateria conta com mais de 50 componentes



Nova geração da Unidos do Vila do Príncipe



Inaldo Silva - Presidente e Miguel Dias - compositor e puxador da Escola



Velha guarda da Unidos do Vila do Príncipe - José Santos, Veras, Inaldo, Juca e Miguel



No entanto, quando os carnavalescos compuseram o samba em homenagem aos meios de comunicação, esperavam que o retorno, em forma de matérias de divulgação, da Escola fosse bem mais numeroso. Desta forma, para os discursos produzidos pela mídia, Caicó era uma cidade com um passado em Escolas de Samba distante. Uma memória que buscava estabelecer uma continuidade e um equilíbrio entre este passado

longínquo e o presente no intuito de garantir e controlar o futuro da cidade através da supressão, do esquecimento, por parte desta memória, do passado mais recente da cidade.

Os carnavalescos apontam em suas narrativas sobre a *fase áurea* da Escola que compreende o final da década de 1980 e início da década de 1990 a partir do espaço dos desfiles:

No começo quando começou o percurso era só na Coronel Martiniano, pegava lá em baixo, subia e vinha até o Banco do Brasil, isso nos anos de 1988 e 1989. A avenida era preparada para isso, ficava fechada, com policiamento, arrumava a avenida, desviava os carros, isso até 1990. Já em 91 nenhuma das duas escolas desfilou, quando foi no ano de 1992 a gente voltou aí já mudou o desfile, foi na época que criaram o carnaval ali, o carnaval era onde hoje é o centro administrativo, já mudaram a gente para a seridó, então a gente descia na seridó, daqui da frente da igreja e parava no açougue, terminava lá, aí foi até 95.³⁰⁶

Miguel interrompe a sua narrativa para tecer outra sobre o presente. Presente este marcado por uma nova forma de desfile e de configuração espacial, onde a figura do carnavalesco Magão e do seu bloco emergem como a impossibilidade de realização do desfile por parte dos membros da Escola de Samba:

Depois foi que Magão estorou! Hoje Magão cresceu demais! Nos anos de 1996 e 1997 ele cresceu muito, também nesse tempo que ele cresceu a gente não desfilou mais, também se você desfilar, tinha que arranjar outro lugar. Em 2008 a gente voltou a desfilar aí mais já com um acordo entre Magão e escola de samba para um horário que não atrapalhasse a saída dele, o que a gente fez, a gente saía às 4 e meia quatro e meia da tarde no máximo. A gente marcava esse horário porque as vezes acontece de ter atraso. Na arrumação das alas demora um pouco a sair. Em 2008 eu me lembro que eu olhei no relógio era 4 e 20, marcou de 4 mais só deu para sair de 4 e 20, demorou para limpar a avenida cheia de gente. Em 2009, do mesmo jeito. Isso era de acordo com Magão, Magão ficava segurando para sair depois, a escola saía, dava uma distância boa do bloco dele.³⁰⁷

A escola que, em seus desfiles na década de 1980 e 1990, tinha que pedir licença por meio de ofícios às autoridades locais, no ano de 2008, os carnavalescos da Vila do

³⁰⁶ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

³⁰⁷ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

Príncipe dirigiram-se e negociaram sobre o espaço do desfile com o carnavalesco Magão, o que gerou insatisfação por parte dos mesmos:

Magão saia atrás, até nisso a gente não concordava, se a escola voltou se vai ter desfile da escola, a prefeitura que organizasse um local, um local que não atrapalhasse Magão. Eu achei um negócio meio desorganizado, até mesmo porque na hora da saída era gente demais, a avenida cheia de gente, aquela galera que fica bebendo com carro de som parado, paredão de som da moléstia parado. Para a escola passar foi um reboiço maior do mundo, o policiamento era pouco e apesar da gente ir lá ter falado que a gente ia desfilar tal hora, a gente ter conversado, pedido policiamento, chegou bem pouquinho se tivesse uns 10 soldados tinha muito. Então imagina esses 10 policiais para afastar essa multidão para a gente descer, precisou ir uma turma mesmo da escola lá na frente, afastando o pessoal. Porque em 2008 o pessoal estava desacostumado com o desfile da escola. A escola voltou agora, mais não ficaram acostumado não, ano passado era do mesmo jeito, o pessoal não tava nem aí, a gente chegando se arrumando, se preparando, preparando as alas de baianas, as baianas se arrumando lá, povo não saía do meio não, achava que ali eram algumas pessoas que vinham enfeitar de baiana, para sair no Magão mesmo, aí quando eles viram toda a escola, perceberam que era outra coisa, diferente de Magão.³⁰⁸

Os carnavalescos da Vila do Príncipe reivindicam um local para o desfile, próprio para a Escola de Samba, pois para os carnavalescos o desfile das Escolas junto ao Bloco do Magão traria uma série de impedimentos a começar pelo comportamento dos foliões durante o desfile. Lembremos as considerações de Portelli ao refletir sobre a relação entre a temporalidade e o poder da narrativa. De acordo com seus escritos, o narrador não reconstrói o passado tal qual aconteceu, mas o representa, elabora uma imagem. Da mesma forma, constrói uma representação de si mesmo. O ato de contar uma história identifica o narrador com uma temporalidade e, de igual modo, preserva-o do esquecimento, projetando-o no legado narrado. Portanto, narrar uma história corresponde a tomar as armas contra a ameaça do tempo, resisti-lo ou o controlar.³⁰⁹

Desta forma, os carnavalescos narram suas experiências passadas a partir dos anseios do tempo presente. No entremeio dos sentidos processados e logo re-significados na memória social do cotidiano carnavalesco estudado percebemos, nitidamente, que as

³⁰⁸ Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

³⁰⁹ PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

narrativas apresentadas designam divergências embora estejam imersas em enredos coerentes de sentidos validados socialmente. Ao que nos parece, os aspectos que foram incorporados às narrativas foram articulados consciente e inconscientemente. Por tratarmos com a tradição oral, enquanto fonte, e principalmente, objeto de estudo, optamos por compreender como os narradores re-construíram as experiências carnavalescas visto que, como demonstra Portelli, enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, no sentido de compreendê-lo, os narradores buscam projetar uma imagem. Nessa orientação, estabelecem retratos de outrora a partir de conjuntos de sentidos, relacionamentos e temas transcritos no vivido, como se o passado estivesse vivo no condicionamento do presente.³¹⁰

Logo, o esforço de nossa análise passa, portanto, pela dimensão do fato concebido pelos carnavalescos. Em outras palavras, para a dimensão da memória como ação, e, por conseguinte, construtora de fatos.³¹¹ Exercitando essa perspectiva sobre o passado, que também faz emanar o presente, procuramos compreender os focos narrativos envolvidos na afirmação das vozes, entendendo-os como processadores e disseminadores de “verdades” entre os narradores. Portanto, o que destacamos é a ação de constituição da legitimidade das memórias. Num primeiro momento, o que podemos denotar é o valor da tradição como legitimador do sentido verídico que recobria as narrativas. Ou seja, o apego ao antigo: a validade da experiência dos mais velhos.

3.1.2. Entre tramas e sensibilidades: a trajetória da Unidos da Vila do Príncipe nas vozes dos mais velhos.

A infância e a experiência são narradas por alguns carnavalescos como sinônimos de maior conhecimento do carnaval, geralmente, os carnavalescos atribuem para si um passado em outras Escolas de Samba. Partindo desta perspectiva, vislumbramos inicialmente as narrativas de Zé do Óleo. Já velhinho, recuperando-se de um AVC, sentado em sua cama na sala da residência, local onde recebia as visitas de seus amigos, familiares e vizinhos, Zé do Óleo nos concedeu uma entrevista perante a sua esposa que em alguns momentos interferiu, facilitando a conversa. Vejamos seu enredo narrativo:

³¹⁰ PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

³¹¹ ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 36.

Eu não sei nem como começar, conversar com você. Quando a gente tem alguma lembrança na cabeça e ninguém pergunta dessa lembrança, parece que na cabeça tem uma caixa que guarda a lembrança e fecha com chave. Eu comecei a desfilar jovem em 59, na Escola de Manoel de Neném. Essa escola era um batuque de 30 homens batendo e fantasiado. Naquela época se tinha umas condições melhores. Manoel de Neném tocava tudo sozinho, ele comprava as camisas para a gente, comprava tudo, a gente não gastava nada.³¹²

Um dos primeiros aspectos que nos chama a atenção é a construção do enredo que, embora possua recorrência a termos já expressos, segue como uma história marcada a partir da imagem do carnavalesco Manoel de Neném. Suas expressões ao narrá-lo, com longas pausas e em alguns instantes com frases rápidas, demonstram sua maneira de narrar histórias populares, pois, a entonação da voz, os silêncios e gestos podem expressar emoções e intencionalidades. Estando ao lado do ouvinte, as encenações do corpo do narrador são reveladoras da construção do enredo narrativo. Comumente, as mãos fazem encenações que dão sustentação à narração e prendem a atenção do ouvinte como se dessem asas aos elementos principiados pela entonação da voz. “*A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana*”.³¹³ Assim, como foi visto, a figura de Manoel de Neném emerge como possibilidade de primeira escola de samba da cidade, no entanto, depoimentos como os de Zé do Óleo, permitem-nos conhecer outras escolas, saber de outras histórias que são constantemente silenciadas pela mídia.

Segundo a narrativa, o carnavalesco Manoel de Neném, emerge como um homem rico, que *tocava tudo sozinho*, que possuía recursos financeiros para custeio da Escola de Samba, não recebendo desta forma, segundo o depoente, nenhuma ajuda financeira. A narrativa denuncia também alguns dos aspectos presentes nas memórias analisadas, mais precisamente, nas reflexões sobre as percepções do passado das Escolas de Samba no que se refere às estruturas das mesmas. Neste caso, da Escola de Manoel de Neném aparece, segundo as narrativas e imagens vinculadas pela mídia na atualidade, como um batuque, não havia na mesma a disposição dos foliões em Alas, não havia baianas, passistas, carros alegóricos, ou seja, em sua estrutura ela não poderia ser caracterizada como uma

³¹² Narrativa de Zé do Óleo. Taxista. 62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.

³¹³ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 13ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 418.

Escola de Samba. Na trilha dos enredos, buscamos perceber as referências dos narradores sobre o passado, isto é, dos focos das origens das narrativas e seus modos de emergência.

No caso de Zé do Óleo, percebemos a construção da narratividade associada à figura de Manoel de Neném, como homem que o levou para a Avenida e que o fez a gostar e entender de samba. No entanto, ao contrário das versões que tematizam sobre o carnavalesco, que enterram junto com o corpo do mesmo, qualquer possibilidade de festejos em Escolas de Samba na cidade, o carnavalesco Zé do Óleo aponta para outro direcionamento:

Quando acabou a Escola de Manoel de Neném, eu entrei na Unidos da Vila do Príncipe, quem organizava essa escola era eu e Antonio Paulo Freire. Paulo deixou a escola foi morar no Pará. Antônio Paulo disse: Eu vou ter que deixar e você vai ter que tomar conta, só que hoje em dia eu estou assim (*choro*), eu tou quase morrendo aqui, mais se não tivesse eu dava uma força, eu estava por ai na Avenida.³¹⁴

Devido à saúde instável do carnavalesco Zé do Óleo e a sua emotividade ao narrar sobre as suas experiências carnavalescas, a entrevista teve que ser interrompida inúmeras vezes o que dificultou o processo de rememoração do mesmo. Nesta rememoração constantemente interrompida pelo cansaço físico, o carnavalesco descreve da seguinte forma a Vila do Príncipe:

A escola não era de ninguém, não, era para se divertir! A escola tinha tudo, agora não tem nenhuma baqueta para bater. Eles ainda continuam saindo mais não chega perto do que foi a escola antigamente. A gente desfilava na Avenida Seridó e na Coronel Martiniano, a gente desfilava os três dias, hoje eles só desfilam um dia.³¹⁵

O carnavalesco considera algumas hierarquias na escola marcadas, sobretudo, na figura do presidente da escola. No entanto, elas diziam respeito apenas, segundo Zé do Óleo, a uma questão organizacional, sobretudo, para dividir as tarefas. *O fato da escola não ser de ninguém* para utilizar as palavras do carnavalesco, foi o que tornou a Escola conhecida pelos moradores de Caicó como Unidos da Vila do Príncipe, não passando a ser nomeada de outra forma.

³¹⁴ Narrativa de Zé do Óleo. Taxista. 62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.

³¹⁵ Narrativa de Zé do Óleo. Taxista. 62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.

Assim como Zé do Óleo narra as suas experiências na Escola de Samba a partir da infância e adolescência, outro carnavalesco também o faz; trata-se de Inaldo Silva, presidente da Unidos da Vila do Príncipe:

De bloco eu comecei com 10 anos de idade, eu já participava assim, tinha um bloco aqui e acolá. Eu saía e acompanhava, não era como componente, era brincando no bloco. Ai meu pai já fazia parte do bloco antigamente, e eu nasci assim como se diz com o carnaval nas veias.³¹⁶

É a partir da imagem do pai que o carnavalesco institui o lugar de autoridade no samba, marcado por um passado que é atravessado por inúmeras experiências carnavalescas que atravessam o seu relato. Passado de uma simples brincadeira infantil de sair correndo atrás das Escolas até o encontro com a Escola de Samba de Manoel de Neném que possibilitou a profissionalização do mesmo enquanto carnavalesco:

Comecei mais ou menos com 10 anos no samba, eu era o mais novo que tinha na Escola de Manoel de Neném, depois de alguns anos a escola acabou. Nessa época tinha 3 escolas de samba: Os Garotos na Folia, Os Cara no Samba e a Unidos da Folia que era a de Manoel de Neném que eu participava disso nas décadas de 1960 e 1970. Tinha um percurso na Avenida Seridó hoje não existe mais isso. A gente desfilava e o pessoal ia para ver, hoje não existe mais isso.³¹⁷

As narrativas elaboradas por Inaldo, bem como, a de outros carnavalescos por mais que se refiram às suas primeiras experiências na avenida, sempre retornam ao tempo presente. A comparação é uma constante nos relatos, desta forma, Inaldo continua a narrativa sobre o seu início nas escolas de samba remetendo a imagem da sua casa e do seu pai:

No tempo do carnaval do meu pai, de primeiro usava o lança perfume, eu me lembro muito bem, eu com 13 ou 14 anos. Ele comprava umas 5 caixas de lança perfume e deixava em cima do guarda roupa, o lança perfume era para brincar, os meninos saiam com ela, molhando os outros ficava um cheiro bom. Hoje em dia eles usam um negócio de loló, um negócio perigoso e é escondido da policia porque se a policia vê ela toma.³¹⁸

³¹⁶ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009

³¹⁷ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009

³¹⁸ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009

Lembremos que as experiências sociais transmitidas pela tradição oral não são imutáveis. Como a forma de transmissão é oral e sua reconstrução é articulada a partir da escuta, os cenários sócio-culturais influenciam no tecer das palavras, pois, o momento da narração muitas vezes determina como e para que algo é narrado.³¹⁹ Nesse sentido, as diferentes narrativas tornam-se significativas na medida em que são entendidas como construções e re-elaboraões interpretativas que, por sua vez, são articuladas a partir do ato da escuta. Assim sendo, as circunstâncias em que as narrativas emergiam no passar dos tempos, como a participação dos ouvintes na narração, com interrupções e perguntas; o silêncio de alguns narradores; seu posicionamento político, afetivo e social; sua posição na hierarquia familiar, entre outros, refletem na tradição oral uma complexidade que caracterizava as narrativas sobre as Escolas de Samba: sua multiplicidade de detalhes, ancorada nos enredos citados. Dessa forma, eles associam invenção e improvisação, rememoração e repetição.³²⁰ Logo, as narrativas aparecem como um processo trabalhado e re-inventado e não como texto acabado, pois, como dizia o carnavalesco Rivaldo dos Santos “*se você viesse aqui em outro tempo, talvez eu contasse essa história de outro jeito*”. Rivaldo tece a sua participação no samba da seguinte forma:

Em primeiro lugar eu tenho que dizer o seguinte que eu fui convidado ainda muito jovem, doze anos, primeira escola de samba que eu participei foi Manoel de Neném, só que não foi um período muito longo, também ele já estava também chegando quase ao fim, a animação dele com a escola, mais mesmo assim tive uma boa participação, e quando acabou a escola de samba teve aquele intervalo longo, não tinha escola de samba, quando foi nos anos 78, 79 ressurgiu a gente se reuniu com o pessoal e achamos por bem colocar uma escola de samba na avenida, já tinha uma outra que é de um companheiro da gente que é a Nova Portela, aí com a entrada da Unidos da Vila do Príncipe, tinha duas escolas, elas tinham uma rivaldade muito boa.³²¹

Assim, como no depoimento dos outros carnavalescos, o Senhor Rivaldo narra sobre o carnavalesco Manoel de Neném apontando a especificidade da sua Escola de Samba:

Na época de Manoel de Neném era diferente, não tinha ajuda do poder público, mas ele era um empresário, ele era um homem que era

³¹⁹ ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004 p. 17.

³²⁰ ALBERTI, 2004, p. 20.

³²¹ Narrativa de Rivaldo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

empresário, que tinha uma empresa de ônibus, ele conseguia patrocínio com os amigos dele, colega dele, amigo de empresa sempre colocava umas lambretas novas no sorteio do bingo. Ele sustentava a escola de samba, mas como não era uma escola de samba mesmo, era só uma bateria, 25 pessoas eram bem mais fácil, somente 25 pessoas que fazia parte da bateria, um porta estandarte e uma porta bandeira, só isso! Mais hoje você não pode sair na rua com um trabalho desse tipo porque a televisão está mostrando. Naquela época nós não tínhamos televisão, tudo quanto fosse feito aqui era bonito era bem feito, mais hoje você não pode mais fazer um trabalho desse porque a televisão está mostrando, porque o povo vê uma Escola como no Rio de Janeiro, e não admite ter uma aqui, entendeu? Querem uma Escola do jeito da do Rio de Janeiro, mesmo sem ajudarem, aí fica difícil.³²²

Na narrativa de Rivaldo podemos perceber a diferenciação entre o “*tempo do hoje*” e o “*tempo dos mais velhos*”, temporalidades vivenciadas pelo narrador. O contexto temporal “do hoje” é apresentado como um momento no qual boa parte dos seus contemporâneos já faleceu restando, portanto, apenas alguns como remanescente desse passado. Na narrativa, o carnavalesco associa as temporalidades da infância e da juventude quando aborda o tempo em que ainda era criança. Isso nos fez repensar a divisão social do tempo. Imerso na temporalidade do “*eu era jovem*”, emanou também seu desenvolvimento juvenil. Identificamos na divisão elaborada semelhanças com as reflexões de Ecléa Bosi quando discute as lembranças de velhos. Ambas demonstram uma infância longa e a uma clara aporia para transpor esse período a juventude.

Essa comparação temporal, no entanto, não se estende a narrar apenas o passado dos carnavalescos, mas marca uma insatisfação nas falas dos depoentes sobre a perda da tradição de uma cultura de samba na cidade de Caicó. O presente é narrado por estes carnavalescos, por uma juventude desinteressada por Escolas de Samba, sendo estas mais afeitas à fluidez dos blocos carnavalescos de rua, a exemplo, de Magão.

Nesse sentido, as memórias analisadas comumente constroem uma nostalgia do passado, elaborações que representam saudades dos tempos antigos, o que demonstrava também uma melancolia no presente, aspectos marcantes em lembranças de velhos. Na ocasião em que a narrativa oral do Senhor Rivaldo era reconstruída ele passou a caracterizar esse momento:

³²² Narrativa de Rivaldo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

A escola de samba é aquela coisa formal, se organiza bem organizado, tudo bem vestido, os trajes típicos de uma escola de samba, e o bloco ALA URSA, como usa aqui o nome, tem as camisas tem, mais você vai de todo jeito, você vai sem camisa, vai de pé descalço, vai de chapéu, vai sem chapéu, tá no meio tá na brincadeira. A escola de samba não, tem que ser uma coisa bem feita, bem organizada, fica muito difícil você manter uma escola de samba, esse meu primo Inaldo, eu sempre digo a ele Inaldo, bote na sua cabeça Inaldo que não adianta remar contra a maré, escola de samba é coisa do passado, não adianta mais, eu gosto, você gosta, meia dúzia de popular vai para assistir, mais a maioria não gosta, então você ir contra a maioria é perder tempo, muita gente vai ver, mais aí vem um bloco arrastando tudo, levando tudo, aí a gente fica ali até para sair para se organizar, lá na avenida é uma dificuldade muito grande, para se organizar, o povo passando para lá e para cá, não tem uma organização que deixe um cordão de isolamento nada, é no peito e na raça.³²³

Para Rivaldalvo, a própria organização da Escola em alas, as fantasias, a concentração, os ensaios caracterizariam a escola de samba como *coisa do passado*, em contrapartida ao Bloco Ala Ursa que se apresentaria para os jovens como a dinamicidade e a liberdade, pois, os foliões que participam dele não precisam utilizar nenhum tipo de fantasia que os identifiquem como parte daquele bloco. Desta forma, mesmo considerando a presença das camisas no Bloco, os foliões não necessitam da mesma para fazer parte do bloco neste momento da rememoração; o carnavalesco retorna a década de 1980:

A Escola de Samba na minha época era atração, o povo ia para a cidade, para o centro da cidade assistir as Escolas de Samba. Não aí olhar bloco não, ia para assistir Escola de Samba, hoje é ao contrário, vão para olhar o bloco.³²⁴

Esta falta de participação dos jovens nas Escolas de Samba não se constitui para o carnavalesco a partir da falta de conhecimento musical, visto que, no seu depoimento o carnavalesco relata que existem na cidade cerca de 40 a 60 bandas marciais nas Escolas e outras associações caicoenses, no entanto, mesmo contendo um expressivo número de músicos na cidade:

³²³ Narrativa de Rivaldalvo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

³²⁴ Narrativa de Rivaldalvo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

Ninguém consegue um menino um rapaz desse que queira participar de uma bateria de escola de samba, muitos preferem aquela liberdade que eles tem, paga o ano todinho a mensalidade chega próximo ao carnaval tem aquele dinheiro que eles pagaram tem direito a bermuda a camiseta. Eles fazem o churrasco e tem muita bebida e aquela coisa vai no dia que quer para o carnaval, vai bêbado de qualquer jeito. Em escola de samba a gente não pode fazer isso, tem que ter uma certa moralidade, não vai sair na escola com o povo caindo, mais nos blocos vai porque é muita gente, eu disse a Inaldo, hoje fazer escola de samba em Caicó o problema maior vai ser você conseguir batuqueiro pessoas para compor a bateria, porque nos ainda temos ai uns 50 que resta mais a cada ano vai diminuindo porque a juventude não quer, eles gostam das coisas bem liberal, pagou ta lá, a escola de samba dá de tudo e eles não querem.³²⁵

E é a esta certa *moralidade* citada por Rivadalvo que se constitui como principal impedimento para que a Escola possa seduzir a juventude caicoense, fruto ainda desse silenciamento em torno das Escolas de Samba, que faz com que a juventude nas palavras do carnavalesco não se interesse por estas manifestações, pois, a maioria não conhece a sua história. Para um carnavalesco participar de um desfile de Escola de Samba em Caicó era necessário uma preparação quase que ritualística. Esse ritual seguido por Rivadalvo durante a sua infância e adolescência foi aprendido a partir dos ensinamentos transmitidos pelo pai:

A gente de Escola de Samba fica muito preso e eu acho que é por isso que a juventude não gosta. Eu que sempre fui uma pessoa que nasci dentro do carnaval, meus pais sempre foram carnavalescos, foliões. Ai na Escola de Samba eu praticamente não saia de casa, porque saia duas vezes domingo e terça, no sábado eu me reunia aqui com os meninos, fazia um churrasquinho, ai no domingo ia até três horas da tarde em casa, concentrado, para sair de 4 horas, na segunda-feira eu ficava concentrado para a terça, ou seja, em Escola de Samba você perde um pedaço do carnaval.³²⁶

Essa liberdade, proporcionada pelos outros blocos de rua da cidade de Caicó, é narrada por outro carnavalesco, Inaldo da Silva, diretor da Vila do Príncipe, traça outra explicação para esta desmotivação dos foliões para com a escola:

³²⁵ Narrativa de Rivadalvo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

³²⁶ Narrativa de Rivadalvo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

Nós não temos condição de sair todo dia como Magão, porque os instrumentos da gente é muito pesado e a gente não sai em carro. Magão sai em cima de um reboque, de um trator, a gente sai a pé, os instrumentos da gente é diferente, o grupo deles é de 20 pessoas, o da gente é cinquenta só da bateria, é mais complicado por que a gente tem samba enredo, que demora a ser feito e depois que é feito tem que cair na graça do povo. Isso tudo a gente vai fazendo para ver se dar certo é meio complicado, aí tem que ser dois, três, puxador, três cavaquinho, maestro de bateria. Eu mesmo se fosse para tomar conta, queria tomar conta de cinco bloco desse do Magão, que ficava mais fácil para mim, do que tomar conta de escola dessa, muito mais difícil. Tudo que você fizer na escola tem que fazer um negocio bonito, se você fizer um negocio feio não destaca, principalmente para a gente que deveria desfilar de noite mais desfila de dia, mais não tem iluminação nas ruas né? Tem que sair de dia. E tudo que a gente vai fazer na escola é mais caro, para começar os brilhos, o tecido, tudo tem que ser bonito para realçar na avenida. Magão não! Você vai numa parte daquela, você vai de camiseta, bermuda e de tênis e pronto, você faz o carnaval, assim é muito bom, o da gente é mais difícil é mais complicado.³²⁷

Neste sentido, esta memória eivada de enunciados e comparações com o Bloco do Magão, permite aos membros das Escolas de Samba recompor aspectos da *batalha*, da guerra que vinham perdendo há tempos ou onde já haviam sido derrotados efetivamente, transpondo-as, deslocando-as para outros campos, o da memória, lutando-se neste para derrotar os adversários com a construção de versões que punham em xeque a situação presente do confronto e que as recolocavam enquanto vitoriosas. Em grande medida, a invenção desta memória buscava possibilitar a estes carnavalescos continuarem como centros de catalisação de força e transmissores de uma tradição que a mídia noticiava morta. É por isto que relembrar os carnavais das Escolas de Samba não se constituía num ato politicamente vazio, inócuo. Mas, representava a crítica de um grupo social ao tempo presente, à configuração histórica na qual estava imerso. E isto era efetivado por meio de um discurso memorialístico que remetia, sobretudo, a um tempo em que a cidade e sua sociedade teriam vivenciados seus carnavais em outra cadência, com os olhos voltados para a Avenida.

Por isto, o tempo e o espaço a que este discurso remete são o de uma Caicó de costumes e valores outros, onde a concentração em casa não parecia um fardo, e sim uma atitude ritualística e de respeito à Escola. Uma cidade que se organizava em torno dos desfiles produzidos pelas Escolas, onde a grande preocupação era com o desfile e não com as notícias vinculadas na mídia no dia posterior. Um tempo que para alguns

³²⁷ Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009

carnavalescos, a exemplo de Rivadalvo, pode retornar como narrado no término da entrevista que se encerra segundo as palavras do carnavalesco “*na forma de um conselho de um folião antigo e cansado de brigar com a mídia e com a política*”, e prossegue:

Nós somos uma gota d’água no oceano. Quem tem seus instrumentos que guarde, faça como o Mestre Firmino, que espera o tempo das Escolas de Samba voltar. Quando a mídia quiser, decidir falar sobre Vila do Príncipe, nós vamos ter vez novamente no carnaval. O povo de Caicó vai saber o que é Escola de Samba.³²⁸

3.2 - *Remexo nessa caixa de bagunças, bagunças das minhas memórias*: as narrativas sobre a Escola de Samba Nova Portela.

Ecoou lá na catinga
No torrão do Seridó
Uma prece do vaqueiro
E assim nasceu Caicó.

Sob o manto de Sant’Ana
A padroeira do Sertão
Surgiu a linda cabloca
Que conquistou meu coração

Eh!Caicó
Rainha desse majestoso chão
Da sereia encantada
Do negro e do índio reduzido a escravidão

EH!Caicó
Da liberdade tão sonhada
Da passista apaixonada
E o capoeira sempre alado

Eh!Caicó
Chapéu de Biinha faz muita jogada
É o chute estufado
E a galera dá o grito outra vez³²⁹

³²⁸ Narrativa de Rivadalvo Dias.60 anos.Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe.Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.

³²⁹ Enredo da Escola Nova Portela intitulado: Caicó, ontem e hoje, de autoria dos carnavalescos: Bosco, Ronaldo e Tony, 1977. O enredo está disponível no arquivo privado do carnavalesco Mestre Firmino.

Embalados ao som da canção “*Caicó ontem e hoje*” composta pelos músicos Bosco, Ronaldo e Tony, centenas de foliões tomaram as ruas e avenidas do centro de Caicó no ano de 1977 para brincar a folia de momo. Em entrevista, concedida ao Jornal Diário de Natal, naquele momento, o carnavalesco Mestre Firmino, um dos fundadores do Vivaldinos do Samba, revelou que a Escola propunha *criar uma tradição de samba na cidade*³³⁰. Num contexto marcado por inúmeras incertezas ao Carnaval de Rua de Caicó, um grupo de moradores tomou para si o espírito de renovação cantado na música supracitada. Ao elegerem a música “*Caicó ontem e hoje*” como musa inspiradora de seu carnaval revelaram, embora que embrionariamente, a tendência de homenagear a cidade que atravessaria a proposta efetiva do grupo.

Os versos da canção operam como diretrizes da animação. Explicativos desde o princípio souberam cantar a cidade de Caicó de tal modo que, os sentidos das palavras viessem a revelar as leituras que os compositores fizeram da cidade. O modo saudosista de cantar os sambas-enredo logo se mostrou uma importante ferramenta para conquistar a atenção do público que se dirigia a avenida para assistir o desfile.

E foi assim que, no carnaval de 1977, os foliões que, doravante vão ser nomeados como participantes da Nova Portela, apropriam-se das Avenidas, transformando-se em passarelas para o seu desfile. Nos lábios dos festeiros, a voz saltitante e desafiadora do puxador cantarolava o refrão:

E a bateria fez o meu corpo soltar
Batendo forte no meu peito a vibrar
Com a simpatia de um samba popular
Pela alegria de cantar

E o esplendor do trabalho
Fez desta voz um retrato de poesia
Transmitindo a alegria- dia e noite, noite e dia³³¹

Certamente não pretendiam que aquela letra fosse a única a fazer menção a cidade de Caicó. Embora estivessem falando sobre o carnaval, inclusive utilizando termos próprios da festividade momesca, a canção “*Caicó ontem e hoje*” foi apenas a primeira composta pelos músicos da Nova Portela desse gênero. A Escola era composta em sua

³³⁰ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 02 de fevereiro de 1977 intitulada “Homenagem a cidade”.

³³¹ Enredo da Escola Nova Portela intitulado: Caicó, ontem e hoje, de autoria dos carnavalescos: Bosco, Ronaldo e Tony, 1977. O enredo está disponível no arquivo privado do carnavalesco Mestre Firmino.

maioria por jovens que não possuíam nenhuma experiência com o barracão ou com desfiles, sendo estes introduzidos na arte do samba pelos ensinamentos dos mais velhos. O carnavalesco Maguila relata sobre as temáticas escolhidas pela Escola Nova Portela:

Nesses anos a gente focou, a temática da Escola de Samba na própria história da cidade, teve um ano que a gente trabalhou a questão dos negros aqui na região do Seridó, a questão do seu sincretismo religioso e da sua comida, no ano seguinte a gente trabalhou as sete maravilhas do mundo mais focando o lugar Caicó, como beleza natural, como lugar digno da beleza que estaria em seu povo, costumes, culinária e acolhimento, a gente transformou isso num samba enredo. Teve outro ano que a gente contou a história da cidade mesmo através da lenda do vaqueiro que perde o seu boi e quando encontra esse boi está bravo e ataca esse vaqueiro e esse vaqueiro faz uma prece que se conseguir se livrar daquele boi bravio ele constrói uma capela para Sant'Ana e aí a gente conta esta história, e no ano seguinte a gente trabalha o amor pela escola, era uma tentativa já aí porque a gente já sentia a pressão de fora.³³²

Para compreendermos as narrativas construídas sobre a Nova Portela, recorreremos à análise empreendida pela historiadora Rubia Batista de Sales³³³ sobre as Escolas de Samba em Caicó, onde especificamente sobre o período que compreende a década de 1970 a autora diz que

Em 1976, nascem as escolas de samba, 'Vivaldinos do Samba', organizada pelo mestre de bateria Firmino Paulo (Mestre Firmino) e a 'União da Folia', organizada pelo mestre de bateria conhecido pelo nome de Zé do Óleo. Estas entram em disputa no mesmo ano e a 'Vivaldinos do Samba' sai vitoriosa, que continua desfilando nos carnavais de Caicó nos anos 77 e 78, sem concorrentes, deixando de existir no ano de 78.³³⁴

A autora inicia a narrativa sobre as Escolas de Samba na década de 1970, após fazer uma pequena biografia do carnavalesco Manoel de Neném e da sua Escola de Samba. Dentre as escolas citadas por Sales que, emergem na cidade em meados da década de 1970, gostaríamos de destacar a Vivaldinos do Samba, organizada por Mestre Firmino. Pois, diferentemente da marcação temporal estabelecida por Sales em seu estudo sobre as Escolas de Samba de Caicó, no tempo re-construído nas narrativas orais, esse intervalo temporal, ou término da Escola apontado pela autora, não emerge. Na elaboração deste

³³² Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

³³³ SALES, R. B. de. *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*. Caicó. Monografia (Licenciatura em História). Departamento de Estudos Sociais e Educacionais da URFN, 2000.

³³⁴ Ibidem p.06

início ou emergência, tão recorrentes nas entrevistas realizadas com os membros e ex-membros das Escolas de Samba, as mudanças são apresentadas apenas nas mudanças dos nomes, o que para os carnavalescos não sinalizavam para um fim da Escola, mais apenas uma mudança de nomenclatura, que no caso da Vivaldinos do Samba, assim como descrito no texto de apresentação do Estatuto da Escola:

Capítulo I - Da sociedade e seus fins, tempo de duração, sede e foro.
Artº1-O Grêmio recreativo Escola de Samba “Unidos da Nova Portela”, fundado em 1976, com a denominação, até 1981, de VIVALDINOS DO SAMBA, nesta cidade de Caicó-RN, onde tem foro e sede-provisória a rua Comandante Ezequiel-507-Bairro Paraíba, é uma sociedade carnavalesca, recreativa, cultural e esportiva, constituída por um número ilimitado de associados, sem distinção do sexo, cor, credo religioso e-ou político.³³⁵

Orientada pela imagem que desejava consolidar e perpetuar, a historiadora convida o carnavalesco Magão para empreender uma pesquisa sobre o carnaval da cidade de Caicó. Nesta, eles realizam um trabalho de enquadramento da memória das manifestações carnavalescas que, na acepção de Michel Pollak, compreende um conjunto de operações de seleção, organização e interpretação do passado.³³⁶

Nos discursos veiculados por Rúbia Batista de Sales e Magão, sobre a monografia, o trabalho de investigação junto aos carnavalescos e com uso das fontes presentes em arquivos privados tem a função de conferir veracidade ao estudo. A referência constante na mídia e a promessa de revelar algo inédito que até, então, fora ocultado, são os mecanismos fundamentais utilizados por Magão e Sales.³³⁷

Nas páginas introdutórias da monografia, Sales busca legitimidade para a sua escrita na condição de historiadora deixando nas entrelinhas a idéia que o enredo narrado foi confidenciado pelos próprios depoentes. Com essa assertiva, a historiadora expõe a crença na existência de uma essência na trajetória dos indivíduos, de um cerne que caracterizaria os seus discursos.

A escolha do título *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*, elaborado a partir da letra de um frevo tocado no Bloco do Magão, já prenuncia as intenções da

³³⁵ Estatuto da Escola de Samba Nova Portela.

³³⁶ POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, nº3. p.03-15. 1989.

³³⁷ SALES, R. B. de. *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*. Caicó. Monografia (Licenciatura em História). Departamento de Estudos Sociais e Educacionais da URFN, 2000.

autora. Antevemos, assim, que a construção de um modelo para o Carnaval de Rua de Caicó é o pressuposto fundamental do empreendimento de Sales.³³⁸

Desta forma, é num terreno escorregadio e lacunar que as Escolas de Samba, bem como, seus carnavalescos, são apresentados pela autora. Neste sentido, existiria a partir da narrativa elaborada por Sales uma predisposição ao fracasso por parte das Escolas de Samba, visto que, seu período áureo localizou-se na década de 1960 como já foi exposto anteriormente.

Os acontecimentos do período que compreende as décadas de 1970-1980 são os menos detalhados do capítulo correspondendo àqueles que são silenciados ou ressignificados na escrita e ocultados na mídia. Vamos acompanhar a narrativa para conhecer as estratégias de composição dos fatos e personagens atentando para os mecanismos de tomadas de decisões e atitudes que vão delineando a trajetória da Escola de Samba Unidos da Nova Portela:

Em 1986, o mestre de bateria Firmino Paulo organizou outra escola de samba com o nome de “Nova Portela” que desfilou na Avenida Coronel Martiniano. No ano seguinte, surgiu uma concorrente, a escola de samba “Unidos da Vila do Príncipe”, organizada pelo senhor Antônio Paulo. Na disputa pelo título, a “Nova Portela” saiu vitoriosa. Os desfiles das escolas de samba continuaram, nas avenidas de Caicó, nos anos de 88 a 90. Entretanto, as escolas de samba começaram a enfrentar crises econômicas e descaso, uma vez que o poder público local concedia uma ajuda irrisória para o custeio das despesas “Desaparecendo para não mais existir”. Segundo comentários do mestre Firmino: “a falta de patrocínio e apoio da prefeitura local, como também, a falta de sambistas interessados em colocar a escola nas avenidas de Caicó”.³³⁹

A interpretação da autora volta-se para os marcos que ela institui como fundamentais para a compreensão do processo de crise que as Escolas de Samba, em Caicó, passaram a vivenciar após a morte do carnavalesco Manoel de Neném. Da forma como são narrados, esses episódios são fundamentais para construir a imagem do bloco carnavalesco que a historiadora deseja perpetuar. Dentre as narrativas orais, colhidas por Sales, durante a pesquisa de campo, a historiadora escolhe a frase de despedida e o lamento pronunciado por Mestre Firmino, diretor e carnavalesco da Nova Portela, discurso este produzido por Firmino e que legitima a sua teoria sobre o desaparecimento

³³⁸ Ibidem.p.9.

³³⁹ Ibidem.p10.

das Escolas de Samba e do carnaval de rua que só volta a emergir com o aparecimento do Bloco Ala Ursa e do carnavalesco Magão.

No ano de 2007, a revista carnavalesca “Ala Ursa do Poço de Sant’Ana” dedica uma de suas páginas para traçar um pequeno histórico sobre a Nova Portela e o seu Diretor Firmino Paulo da Silva mais conhecido na cidade como Mestre Firmino:

Ele é natural da zona rural de Caicó, começou brincando nos Negros do Rosário de 1955 a 1957, parando em seguida. No período militar, foi da banda de música e, ao sair, passou a fazer parte da Banda Recreio Caicoense. Depois participou da Escola de Manoel de Neném, não se dando muito bem por lá, saiu e fundou os Vivaldinos no Samba, hoje Nova Portela. Ama a Escola “que está sem sair mas não está morta”.O instrumental está em dia, faltando apenas entusiasmo, segundo Firmino, acreditando que a Escola sairá na avenida no futuro.³⁴⁰

Esta revista, organizada pelo carnavalesco Magão, também faz parte de um projeto que visa a monumentalização do Bloco Ala Ursa do Poço de Sant’Ana. A revista ao narrar sobre Mestre Firmino, destaca-o a partir dos seus relatos saudosistas em relação à Escola de Samba. Reconhecemos que o lamento e a saudade³⁴¹ perpassam todas as falas dos carnavalescos ligados direta ou indiretamente às Escolas de Samba, no entanto, vamos lançar mão de algumas fontes no intuito de compreender um pouco sobre a Nova Portela. Deste modo, o nosso intuito é fazer uma reflexão sobre o(s) sentido(s) do carnaval para os foliões que participavam destes outros festejos silenciados pelas narrativas memorialistas e a mídia. E ainda como esse(s) sentido(s) motivava(m) e atribuía(m) limites e possibilidades para suas atuações.

Esta opção importa dizer, é tributária da necessidade apontada por Chartier de se atentar para as condições e os processos por meio dos quais os sujeitos históricos produzem sentidos para tudo o que os cerca, compreendendo:

Em oposição á antiga história intelectual, que nem as idéias nem as interpretações são descarnadas, e que contrariamente ao que colocam os pensamentos universalistas, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filológicas, devem ser pensadas em função da descontinuidade das trajetórias históricas.³⁴²

³⁴⁰ Revista *Alegria também é arte... Ala-Ursa do Poço de Sant’Ana*. Digitek Acessórios. Edição nº01, Caicó-RN, 2003.

³⁴¹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: SP: EDUSC, 2007.

³⁴² CHARTIER, Roger. “*Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*.” In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FVG, vol.08, nº16, 1995, p.184.

A opção de não definir a Nova Portela, e sim historiar o(s) sentido(s) que a ela lhe atribuem uma série de agentes, tenciona, ainda, ser uma rota de fuga da armadilha de elaborar um cenário ou lugar estático sobre o qual se sobreponha o desenrolar da história que se quer contar. Ou seja, um esforço para se reconstruir sentidos da Escola de Samba por meio dos fragmentos das experiências contidos nas fontes pesquisadas, num exercício de interpretação gotejado pelo diálogo com obras acadêmicas relevantes sobre os assuntos abordados.

Nos periódicos rio-grandenses, algumas matérias noticiam a Nova Portela durante os anos de 1989 a 1992. Sobretudo, na coluna “Gentes e Fatos do Seridó”, do jornal a “Tribuna do Norte”, e em 17 de fevereiro de 1990 o jornal publica:

Bal Masquê-Esta noite no clube Atlético Corinthians de Caicó, e escola de samba nova Portela realizam o Bal Masquê com desfile de 15 fantasias de luxo e originalidade vindas de varias partes do Nordeste, especialmente de Natal, Campina Grande e Mossoró. Com atrações, veremos o desfile da rainha do carnaval 90; Sheila Costa e do Rei Momo, Jocenildo, além do Show especial com a bateria da Nova Portela, e mais passistas e evoluções da porta bandeira e mestre sala da escola bi campeã do carnaval caicoense. A promoção será animada pela banda Show Scala e premiara com valiosos prêmios. O bal Masque abre oficialmente o carnaval da Capital do Seridó.³⁴³

Estas notícias, vinculadas no jornal “Tribuna do Norte”, são indícios de outras possibilidades de festejos nos clubes, que diferem da imagem rigorosa e elitista, representada por alguns periódicos que buscavam marcar espaços de distinção social durante o reinado de momo, como foi exposto no primeiro capítulo. Nas matérias que noticiaram a Nova Portela, durante a década de 1980 e 1990, a escola aparece em sua maioria atrelada a imagem do “Atlético Clube Corinthians”, sobre esta participação no carnaval em clubes o carnavalesco Maguila:

A Escola de Samba realizazou o Bal Masque, esse Bal Masque ele escolhia a melhor mascara, escolhia a mais bela fantasia original e a mais bela fantasia luxuosa e além disso a escola participou de aberturas de carnaval tocando no carnaval do Corinthians. A Escola levava as suas passistas, sua rainha do carnaval e assim durante a existência da escola, a escola teve essa participação, além dos concursos que o próprio Corinthians promovia a Escola estava lá com o seu Rei Momo, com a sua

³⁴³Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 17 de fevereiro de 1990 intitulada “Noite Carnavalesca”.

candidata a rainha do carnaval com a sua candidata a garota sex do carnaval, com o candidato a papangu do carnaval, era uma forma também da escola conseguir retorno financeiro porque ela cobrava para que a sua bateria fosse tocar, então no Baile Preto e Branco, no intervalo de uma banda para outra a escola de samba entrava com as passistas a escola ficava mantendo o carnaval. Teve sempre uma parceria com o Corinthians.³⁴⁴

Esta parceria entre o Clube e a Escola é enfatizada em matéria publicada no mesmo dia, em outro jornal: *A escola de samba Nova Portela bi campeã do carnaval caicoense promoverá, no clube Atlético corinthians o tradicional Bal Masque, que reuniu na passarela cerca de 15 fantasias de luxo e originalidade. Muita gente colunável esteve na comissão julgadora.*³⁴⁵

Os jornais buscavam exaltar em suas matérias o Bal Maquê como uma grande atração do carnaval caicoense, onde se atraía um público local e turístico para a cidade, mediante a organização do evento, como as duas notícias que compõem o “Jornal Tribuna do Norte”:

Caicó entra hoje, em ritmo de carnaval com a festa da escolha da rainha do carnaval -90 no clube corinthians. O Bal Masquê de caicó, com o desfile de fantasias de luxo e originalidade, verá sábado, no clube corinthians.

Caicó – O clube Atlético Corinthians de Caicó, promove no próximo sábado, o Bal Masquê que vem sendo realizado há anos com um enorme sucesso. A festa é considerada uma das melhores que antecedem o carnaval com o desfile de fantasias de luxo e originalidade vinda de Natal e outras partes do Nordeste. Os vencedores receberam prêmios em dinheiro e troféus. O carnaval no Corinthians será animado pela banda Phobus e Roda de Samba da Nova Portela, não havendo, portanto intervalo. A festa do momo este ano em caicó, será abrilhantada por 50 blocos de elite, 3 Ala Ursa e 2 escolas de Samba. O Iate Clube começa sua movimentação no dia 23, com o baile verde e amarelo.³⁴⁶

³⁴⁴ Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

³⁴⁵ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 17 de fevereiro de 1990 intitulada “Carnaval Animação”.

³⁴⁶ Notícia divulgada no Jornal Tribuna do Norte. Natal em 11 de fevereiro de 1991 intitulada “Falta pouco”

Mesmo sendo noticiadas ininterruptamente entre os anos de 1988 a 1995 nos periódicos norte-rio-grandenses, as narrativas orais dos carnavalescos produzidas no tempo presente, remontam a este período como um passado distante e silencioso.

Mestre Firmino, diretor da Escola, nos primeiros contatos³⁴⁷ que tivemos se limitou a falar muito vagamente como se pouco tivesse a acrescentar, além da repetição das manifestações carnavalescas, vividas na atualidade. Em muitos momentos, Firmino silenciou afirmando que esquecia constantemente do passado:

Eu não me lembro, de muita coisa, até do ultimo ano que a minha escola desfilou, as escolas aqui em Caicó vem de um tempo antigo, faz um tempo que eu fiz o meu ultimo desfile, ai eu não me lembro...as vezes eu pejo para contar e não me lembro da contagem, eu sempre me esqueço.³⁴⁸

Perguntados sobre o período de término dos desfiles das escolas de samba, os integrantes mais idosos, comumente, davam respostas semelhantes às de Mestre Firmino. No entanto, eu estava atenta ao conteúdo que falavam, mas compreendia que o “*não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação, são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato*”³⁴⁹, como alerta Daniele Voldman.

Afirmando que, não há como precisar o período, pois o desfile das escolas de samba remete a uma prática de “*um tempo antigo*”, Firmino lhe atribui à condição de uma tradição imemorial que, por isso mesmo, não necessitaria de muita justificativa. Nesse momento o depoente questiona se pode começar a falar do bloco, a partir do que “*vem aparecendo na cabeça dele*”, neste momento, Firmino inicia sua narrativa a partir dos espaços de desfile das escolas de samba:

A gente começava na Praça Doutor José Augusto, hoje chamada praça da alimentação, começava ali, naquela lateral ali, descia e entrava na coronel Martiniano e descia e quando chegava lá no cruzamento da Seridó com a coronel Martiniano, ai a gente descia na Seridó porque não podia descer direto por conta da maternidade Mãe Dininha que ficava lá embaixo, a gente fazia isso.

³⁴⁷ Refiro-me duas entrevistas realizadas em 2007 e 2008, em seu barracão.

³⁴⁸ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

³⁴⁹ VOLDMAN, Daniele. “*Definições e usos*”, in AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p.38.1996.

Ao término da fala sobre os espaços de desfile, o carnavalesco silencia e olha para os instrumentos percussivos que se encontram atrás dele, levanta e procura alguma coisa dentro de uma mala antiga de madeira.³⁵⁰ Fica absorto em meio a alguns objetos e retorna a cadeira ao lado da minha, onde anteriormente cedia a entrevista, com um envelope e algumas pastas na mão. Aqui, importa lembrar, a máxima cunhada pelo historiador Alessandro Porteli: "*Fontes orais são fontes orais*".³⁵¹ Em outras palavras, a fonte oral é uma construção feita na e da oralidade. Essa prerrogativa faz com que a riqueza e o poder de comunicação sobre a experiência histórica de quem depõe sofra grandes perdas quando de sua transposição para o texto escrito. Em sua formatação escrita, uma fonte oral deixa para trás elementos importantes, expressos na fala, nos gestos, nas expressões e na entonação da voz.

Uma segunda e, importante característica da fonte oral, diz respeito à conversa que precede e constitui a relação entrevistador-entrevistado conduzida, metodicamente, pelo primeiro, configurando interesses e múltiplas possibilidades de indagação da memória que, seguramente, não são possíveis de reproduzir em papel e tinta senão a custa de uma radical e profunda dilaceração.³⁵² Por fim, importa ter a compreensão de que a memória, matéria prima das fontes orais, não é um arquivo de dados precisos, mas, outrossim, um mecanismo social dinâmico que lembra, mas também esquece.

Com base nesses paradigmas que depoimentos, como os de Mestre Firmino, serão abordados. Após algum tempo, Firmino retoma as suas falas sobre os espaços de desfile da Escola de Samba:

Depois eu mudei o trajeto e fui desfilar na Seridó, porque a Seridó é uma rua de boa largura e ela é subindo de lá para cá, ela é subindo, mais é uma subida lenta. Porque a Coronel Martiniano, ela é perigosa, porque

³⁵⁰ Nas duas entrevistas cedidas por Mestre Firmino entre os anos de 2007 e 2008, os objetos presente no seu barracão foram importantes no processo de rememoração, o carnavalesco ao esquecer de algo que estava sendo narrado sempre recorria aos objetos presentes em sua mala, intitulada por ele como "caixa de bagunças, bagunças das minhas memórias", ou ainda aos instrumentos presentes no barracão. Desta forma nas entrevistas realizadas com Firmino, consideramos as ponderações de Proust em O Tempo redescoberto, não apenas como narrativa literária que serviria de alegoria para o texto, mais como possibilidade metodológica para o historiador que trabalha com a memória.

³⁵¹ PORTELLI, Alessandro. "*O que faz a história oral diferente*". In Projeto História nº14. São Paulo: PUC-SP, 1997. P.26.

³⁵² NEVES, Frederico de Castro. "*As mil e uma voltas do Seu Muriçoca*": migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar". In: Revista Trajetos: Dossiê História, memória e oralidade. Vol.2, nº03, Fortaleza: UFC, 2002, pp.55-58.

ela é descendo, quer dizer se um carro alegórico desgovernasse, podia fazer uma grande tragédia, passar por cima de muita gente e eu tinha medo disso. Meu carro era grande, carro com 6 metros de comprimento com 4 de largura, eu via aquelas coisas do Rio de Janeiro e achava que podia fazer também...ainda fiz dois desfiles na Seridó.³⁵³

Para a mudança e autorização do desfile da Escola de Samba, Firmino relata as estratégias³⁵⁴ de manutenção do bloco, sobretudo, em relação às proibições policiais, sobre isso Firmino: *As vezes eles diziam: “Vocês tem que desfilar mais cedo”. Ai eu inventava que o carro da gente tinha quebrado, e eu ia ajeitar e era um carro de luxo, ai só desfilava na hora que a gente queria.*

Através das vivências nas vias públicas, muitas foram as estratégias intentadas pela Nova Portela, para manter-se na avenida no horário e locais desejados, sobretudo, numa sociedade onde os festejos carnavalescos mais bem vistos tinham suas sedes funcionando no centro. Desta forma, para compreender os caminhos escolhidos pelos carnavalescos para estarem na Avenida, devemos pensar o espaço humano como uma construção social, como o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar.³⁵⁵ Em outras palavras, os espaços são construídos e desconstruídos pelas ações dos sujeitos históricos que os vivenciam.³⁵⁶

Firmino agenciou uma serie de estratégias para a manutenção da Escola de Samba, dentre elas, uma série de pedidos de autorização para o desfile compõe boa parte da documentação presente em seu arquivo privado. Parte dessa documentação, segundo o carnavalesco, foi perdida durante a mudança da sua residência para o barracão da Nova Portela, no entanto, mesmo contendo muitas lacunas, esta documentação nos permite inferir sobre as formas de negociações implementadas por Firmino junto aos órgãos repressores.

A série de ofícios para autorização do desfile e para pedidos de material junto à prefeitura de Caicó e o governo do Rio Grande do Norte, presentes no arquivo de Firmino, diz respeito às décadas de 1980 e 1990. A escrita desses ofícios ocorre em regra nas reuniões ordinárias do conselho realizadas, mensalmente, porém, pode, em casos

³⁵³ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

³⁵⁴ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 2ªed., Petrópolis: Vozes, 1996, p.25.

³⁵⁵ Ibidem p.202.

³⁵⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2ªed., São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.324.

mais urgentes, dar-se em reuniões extraordinárias, convocadas para este fim. A reunião que apreciou o caso de pedido de policiamento e proibição de tráfego, realizada na noite de 15 de fevereiro de 1988, foi deste segundo tipo:

Devido a proximidade dos festejos e com o objetivo de resguardar a segurança dos moradores do Bairro Paraíba, durante os festejos carnavalescos de rua, solicito a V.S^a a possibilidade de proibir o tráfego na rua Coronel Ezequiel entre as ruas Marinheiro Inácio e José Hermínio, e a colocação de dois policiais militares, para garantir a ordem.³⁵⁷

O caráter estratégico³⁵⁸ desses ofícios tornar-se ainda mais claro quando lembramos da localização geográfica da sede da Escola de Samba: o bairro Paraíba. O Paraíba tem sua origem vinculada a construção do Abrigo Dispensário Professor Pedro Gurgel, visto que, as primeiras casas foram surgindo nas proximidades do abrigo. Os moradores destas casas procuravam ajuda do abrigo que fazia doações de roupas e alimentos.

A historiadora caicoense Ione Rodrigues Diniz Moraes, em seu livro “*Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*” traça um perfil sobre o bairro Paraíba e utilizando de relatos orais descreve a partir do relato da freira Irmã Lucia Vieira a origem do nome do bairro:

Para a irmã Lúcia Vieira, a origem do nome do bairro apresenta duas versões. Uma delas, a do Mons. Antenor Salvino, fala da área entorno do abrigo era considerada muito distante do centro da cidade (na época a Matriz de Sant’Ana). Ao pretender dirigir-se a esse local, falava-se em “ir lá na Paraíba”, e devido a distância, se fazia alusão ao vizinho estado da Paraíba. A outra versão diz que a identificação desse nome para o bairro surgiu em função de uma família originária do Estado paraibano que veio ali se estabelecer, desenvolvendo atividades de criação e matança de bodes. Devido a atividade desenvolvida, os moradores do centro da cidade, quando queriam comprar *carne de bode* diziam: “Vamos comprar no Paraíba”, referindo-se ao Sr. Silvino Pereira da Costa, também conhecido como Silvino Bodeiro.³⁵⁹

³⁵⁷ Ofício dirigido ao Capitão José Humberto de Lima, visando a proibição do tráfego de veículos para o desfile da Escola de Samba Nova Portela, redigido em 15 de fevereiro de 1988.

³⁵⁸ Os termos estratégicos e estratégia são utilizados nesse trabalho na acepção que lhe deu Michel de Certeau ao afirmar: “chamo estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível a ser circunscrito como algo próprio a ser a base onde pode gerir as relações com uma exterioridade de alvo ou ameaças”. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.99.

³⁵⁹ MORAIS, I. R. D. *Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1999.

A primeira versão representa algo muito recorrente, pois, mesmo se tratando de uma área urbana, o bairro não parece ter emergido e integrado à cidade. Sua integração data dos anos 1960 devido ao crescimento da cidade e do próprio bairro. Por alguns anos, segundo a historiadora, o Paraíba pareceu esquecido pelas políticas públicas, tendo melhorias na sua infra-estrutura em meados da década de 1980. Esse esquecimento, apontado por Rodrigues, desemboca segundo os relatos orais, em um preconceito para com os moradores da Paraíba. E sobre isso Firmino afirma que

Existia uma rivalidade com a outra escola porque a outra escola era a Vila do Príncipe, aí existia uma rivalidade muito grande porque a outra escola era mais do centro da cidade, e a minha era daqui,daqui da Paraíba e eles juntava muita gente de poder, de poderio, as famílias boas, eles ensaiavam lá no centro, ali do açougue para baixo, ali na outra rua, e eles tinham muita discriminação com a gente.³⁶⁰

Assim, como ocorriam em outros municípios seridoenses, Caicó implementou planejamentos no que toca ao transcorrer dessas atividades carnavalescas. Determinações oficiais como *“a entrada e saída de automóveis e carros alegóricos serão permitidas nas ruas e avenidas, mediante licença prévia dos fiscais da delegacia”* procuravam organizar sistematicamente o trânsito de veículos adornados. Muitos mais do que racionalizar uma prática que, realmente merecia maiores cuidados por parte dos poderes públicos, haja vista que, as circulações de automóveis exigiam uma legislação específica, não se pode negligenciar o caráter segregador da atividade das Escolas de Samba, visto que, as autorizações dos membros da delegacia contemplariam, muitas das vezes, aquelas famílias tidas como confiáveis para desfilarem na rua.

Outra série de ofícios de autorização compõe o arquivo privado de Mestre Firmino, esta, utilizada como estratégia de manutenção do bloco, refere-se aos pedidos de dispensa de serviço de dois militares que eram sócios da Escola de Samba:

A escola de samba Unidos da Nova Portela, festejando o período momesco em nossa cidade, desfila na terça feira a noite nas avenidas, tornando, ainda relevante o nosso carnaval. A referida escola engaja em suas alas inúmeros elementos que por sua habilidade abrilhantavam mais a estrutura, dentre os quais se encontram o cabo Erivonaldo Cincinato de Oliveira e o SD. José Ricardo de Lima, pertencentes ao quadro desta ilustrada companhia independente de policia militar, o que nos força a

³⁶⁰ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

recorrer a V.S.pedindo dispensa dos referidos militares na terça feira a noite, para maior brilhantismo da Bateria da Escola de Samba.³⁶¹

O grêmio recreativo escola de samba unidos da nova portela, com sede em Caicó-RN, com objetivos sociais e culturais, vem, muito respeitadamente, perante a V.s.requerer ajuda financeira para completar suas fantasias, alegorias, e adereços, cujas inspirações tiveram como fonte o folclore dos Estados Nordestinos.Testemunhamos o espírito patriótico e clarividente, voltado, principalmente, a cultura do nosso povo.³⁶²

Ressaltando constantemente a sua relevância para o carnaval de Caicó, a Escola de Samba, investe-se do poder de representação de uma cultura do povo seridoense. A própria composição da Escola, – compreendida enquanto espaço de relações³⁶³ -, vale destacar, a capacidade que possuem de imprimir sua marca nos indivíduos. A questão das identidades dos adeptos das Escolas de Samba pode ser também percebida na própria materialidade física das sedes. Tais locais emblemáticos conseguiam suscitar sentimentos de pertencimento, bem como, demarcar territorialmente os espaços simbólicos de recriações carnavalescas. Muitos desses significados coletivos, ao serem construídos no interior das próprias sedes, por si só apontavam para os laços identitários tecidos entre os membros integrantes: nomes qualitativos como: *barraco*, *barracão* ou *deposito* eram atributos bastante comuns, numa clara alusão de que esses recintos consistiam em uso exclusivo dos seus foliões.

No espaço do barracão são travadas disputas, negociações e ali é estabelecida uma hierarquia, pautada na representatividade, na detenção do capital simbólico. A hierarquia é negociada e instituída no grupo contanto que assegure a defesa dos interesses da maior parte dos membros como a legitimidade enquanto grupo de especialistas da memória da Escola.

A imagem do barracão possui valor supremo de poder. Representando um monumento da Escola. Tuan salienta que “*uma pátria tem seus referenciais, que podem ser marcos de grande visibilidade e de importância pública, como monumentos, templos, campos de batalha sagrados ou cemitérios.*” Estes sinais visíveis servem para aumentar

³⁶¹ Ofício dirigido ao Capitão José Humberto de Lima, visando a dispensa de dois militares para desfilar em no carnaval, redigido em 07 de fevereiro de 1989.

³⁶² Ofício dirigido a Prefeitura Municipal de Caicó, no qual se requeria ajuda financeira para o custeio das despesas para o desfile da Escola de Samba Nova Portela, redigido em 01 de fevereiro de 1990.

³⁶³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.137.

o sentimento de identidade das pessoas; incentivam a consciência e a lealdade para com o lugar.³⁶⁴

Um dos passos necessários ao reconhecimento da Escola de Samba como associação carnavalesca consistia na aprovação dos seus respectivos estatutos. Estes documentos materializavam os principais referenciais a serem seguidos pelos sócios além de formalizarem a existência da própria instituição. O estatuto, registrado na década de 1980, foi elaborado a partir de uma série de regras e deveres para com os seus organizadores e sócios, intitulando-se a partir do Estatuto como sociedade carnavalesca. A Nova Portela traça os objetivos da Escola:

- I - Proporcionar aos associados e a sociedade carnavalesca, e a comunidade caicoense os festejos carnavalescos e a participação nos carnavais de rua, com bloco representativo e grêmio.
- II - Proporcionar entre os associados e as suas respectivas famílias, festas de caráter social, recreativo, programas de divulgação culturais e educativos.
- III - Proporcionar aos associados a prática de esportes em geral, educação física, principalmente carnavalescos.³⁶⁵

Afirmando a sua flexibilidade no que diz respeito à ilimitada quantidade de sócios que compunham as alas da escola e as diferentes classes sociais dos seus sócios, outras documentações reiteram esta aceitação, a exemplo, da lista da diretoria onde constam as profissões exercidas por seus membros, profissões como: chapeleiro, pintor, pedreiro de calçamento e funcionário público compõem a lista destas profissões que são exaltadas por Firmino nos relatos orais e no livro de notas presentes em seu arquivo³⁶⁶.

A aceitação de prováveis pretendentes variava conforme os regulamentos internos, porém, havia uma espécie de procedimento usual nessas situações: o interessado deveria ser apresentado por um sócio que já frequentasse as dependências da escola, explicitando na oportunidade detalhando informações pessoais, tais como: idade, profissão, residência e preferências culturais. Na sequência do processo, as propostas encaminhadas eram votadas, necessitando da maioria dos sócios para incorporação do novo sócio. A título de uma melhor exemplificação, eis as condições básicas elaboradas

³⁶⁴ TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: perspectiva da experiência: São Paulo: Difel, 1983. p. 176.

³⁶⁵ Estatuto da Escola de Samba Nova Portela.p.02.

³⁶⁶ O livro de notas que Firmino guarda em seu arquivo possui em uma de suas partes a seção intitulada:Sobre os sócios onde constam informações pessoais destes, dentre as informações conta a profissão de cada um deles.

pela Nova Portela para admissão de novos associados: *CAPITULO III-DA ADMISSÃO DE SÓCIOS. Art.6-A admissão dos sócios será mediante proposta assinada por um sócio, em pleno gozo de seus direitos sociais e retificada pela diretoria.*³⁶⁷

As categorias de sócios contemplavam diferentes classificações às quais poderiam variar entre os seguintes escopos: os *contribuintes* eram aqueles que pagavam as mensalidades regularmente; já os *beneméritos* consistiam nos integrantes que tivessem prestado relevantes serviços ou efetuados valiosos donativos de maneira não compulsória; enquanto os *honorários* residiam nos indivíduos que, eventualmente, participaram de maneira destacada para o crescimento de determinado clube. Porém, a dinâmica interna das associações não se limitava a essa simples divisão geral; havia todo um corpo organizativo, cujas características remetiam às instituições tipicamente burocráticas da época. Dentre a série de cargos ocupados pelos foliões dessas sociedades, destacavam-se cinco em meio às hierarquias estabelecidas: *secretário geral*, que administrava a publicação dos jornais carnavalescos; *tesoureiro*, o qual geria as receitas e despesas da instituição; *diretor fiscal*, a quem competia pela indicação das pessoas aptas a desfilar nos préstitos; *diretor técnico*, este o grande responsável pelo funcionamento geral desses grupos citadinos; e *presidente*, cujas ações poderiam preponderar sobre qualquer cargo anteriormente sumarizado. Enfim, nota-se um forte viés hierarquizado entre os membros dos clubes, tendo no papel da diretoria a expressão máxima dessa concentração de poder.³⁶⁸

Além disso, importa registrar os estatutos das associações carnavalescas como expressões das vontades de se conceber uma festa autorizada. Detentores de práticas que se pretendiam fazer legalmente reconhecida, tais fontes transmitem os esforços das Escolas de Samba em mostrarem-se homogêneos e consensuais. Contudo, torna-se válido investigar em até que ponto esse aspecto vigorava, haja vista que, os conflitos internos emergiam nas sociabilidades tecidas entre os diferentes membros. A referida constatação ancora-se a partir do entrecruzamento das fontes inventariadas para o desenvolvimento da presente dissertação; tal prática é por de mais necessária, uma vez que, cada tipologia de documento contém em si mesmo seus respectivos limites. Diante da incapacidade de remontar-se toda a multiplicidade de sentidos presentes nos carnavais caicoenses, as

³⁶⁷ Estatuto da Escola de Samba Nova Portela.p.02.

³⁶⁸ Estatuto da Escola de Samba Nova Portela.p.03.

tentativas de mesclar os diversificados fragmentos daquelas ‘realidades’ podem ser um caminho interessante para ouvir os ecos de uma folia que já ocupou vivamente as ruas da capital caicoense.

Desta forma, por mais que tivesse um apego à imagem do barracão e estivessem amparados legalmente por pedidos de autorizações e artigos presentes no estatuto da Escola, eram nas ruas que os carnavalescos narravam as suas histórias.

3.2.1-*Eu quero muito ver, antes de eu morrer, minha Escola de Samba na Avenida!*

Imbricado nas vozes dos narradores, o silêncio também se fez presente na tradição oral da Escola de Samba Nova Portela. Isso parece contrapor-se às variadas vozes elucidadas anteriormente pelos carnavalescos da Vila do Príncipe. A despeito disto, não estamos suscitando-o apenas em alguns momentos, quando tomou a cena das narrativas, mas, principalmente, o silenciamento desencadeado no cotidiano em decorrência ao desaparecimento da Nova Portela dos desfiles carnavalescos, evento ocorrido por volta de 1995 e já abordado sucintamente no início deste trabalho. Se em outrora o barulho dos instrumentos percussivos permeava o cotidiano dos carnavalescos, na contemporaneidade, após o termino dos desfiles, o silêncio demonstrou as conseqüências da mudança ocorrida. Nesse caso, vale problematizá-lo, visto que, quando provocado, também é revelador da complexidade da tradição oral.

Segundo os carnavalescos, não se ouve mais os ecos do passado distante e das vozes enfáticas e berrantes dos puxadores que de longe anunciavam que a Escola adentraria na Avenida. Os barulhos dos foliões nas calçadas cantando o samba-enredo, elegendo uma campeã, já não são despertados nas memórias constantemente como antes e tampouco vividos assiduamente em suas práticas cotidianas. Tudo mudou. *“Tudo acabou, mais antes, todo mundo gritava ia para os ensaios e quando a gente ia para a avenida o povo já sabia o samba enredo”*, afirmou Mestre Firmino. Nessa contextura, o silêncio projeta-nos para a compreensão da noção de agressão aos festejos, aos desfiles e ao cotidiano dos carnavalescos que reiterava os significados ancorados na espacialidade e na Avenida.³⁶⁹

Entre as vozes dos carnavalescos, a Escola foi arrancada sem pudor. Arrancar, nessa textura, denuncia o sentido de forçar o rompimento e a quebra de uma experiência

³⁶⁹ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

carnavalesca, processada pelos ancestrais dos narradores, portanto, esteios do passado carnavalesco e da continuidade do vivido no presente. Por conseguinte, a agressão envolve também a desvalorização da memória da tradição.

Segundo Mestre Firmino, o término dos desfiles deu-se devido a uma magia, realizada por uma passista após o desfile de 1995, imobilizando, desta forma, o funcionamento da Escola. Assim, o carnavalesco está à espera do retorno da Escola, pois, é algo que não depende apenas de sua vontade:

Estou esperando agora o retorno da Escola na Avenida, porque eu fiz um bocado de obrigação que uma Mãe de Santo me pediu. Eu fiz as obrigações, aí ela me disse que estava tudo certo, e que de agora para frente ela ia começar a fazer os trabalhos da Escola. Eu estou muito tranquilo.³⁷⁰

Tal percepção narrada permite-nos compreender a religiosidade latente que permeia o cotidiano do carnavalesco. Nesse contexto, os carnavalescos narradores expressaram termos que revelam suas percepções sobre o fim dos desfiles. Conforme Mestre Firmino, a Escola não deixa a Avenida apenas por falta de investimento público, motivo que se faz presente em quase todas as narrativas sobre a Vila do Príncipe, como exposto anteriormente. No seu entendimento, fazer as obrigações, pedir aos santos, constitui-se como a única possibilidade de “*reviver aquela samba*”. Após a morte da esposa no ano de 2006, o carnavalesco passa a morar no depósito da Escola de Samba, lugar onde foram cedidas as entrevistas. Em meio a inúmeras lembranças destes antigos carnavais, o carnavalesco descreve a sua mudança para o depósito:

Eu quero muito ver a minha escola de samba na avenida, antes de eu morrer, eu quero ver isso. Porque a diversão que eu tenho, eu deixei de morar lá em casa, eu deixei a minha casa, dei tudo aos meus filhos, tome conta disso tudo, que é de vocês. E disse a eles: Eu vou me voltar lá, para o depósito que é o lugar da escola de samba. Eu me sinto muito bem lá, lá eu tenho tudo, tem o quadro do meu orixá, o quarto da jurema, aqui atrás da porta eu tenho um exu também.³⁷¹

Protegido pelas entidades presentes em seu depósito, Firmino repete incessantemente a história da maldição da passista que impede o retorno da Escola à Avenida.

³⁷⁰ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

³⁷¹ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

Essa mulher arrumou uma confusão no desfile, e foram dizer a ela que eu a partir daquele dia proibia ela de sair na Escola. Ela ficou insatisfeita, e o pior que eu não disse nada, da minha boca não saiu nada. Então ela pronunciou essas palavras no meio da avenida: *“Ele não quer que eu desfile não? Então a escola dele não vai mais fazer desfile”*. E eu sabia que ela trazia gente de qualquer canto, ela mandava buscar um pai de santo para fazer o serviço e ela fez.

Na tessitura do cotidiano, o conjunto de relações sociais que permite a evocação e a reconstrução das memórias, projetadas para o cerne da tradição, exerce um poder de atração uma sobre outras e, simultaneamente, desempenham uma força de incorporação e manutenção de rituais em meio à dinamicidade da vida social. Desta forma, as práticas interpretativas, vividas e transmitidas se misturam na composição da memória social. Chamamos os rituais, tidos como mecanismos de lembranças, de teias mnemônicas.

Essa categoria discursiva é bastante elucidativa à compreensão da tradição oral. Acreditamos que como uma teia que permeia trajetórias, a evocação do passado através de rituais simbólicos fortalece sua presença memorável em narrativas orais. Viver uma experiência que possui necessidade prática no momento presente e, no mesmo contexto, reconstruir na memória lembranças do passado vivido ou elaborado na imaginação, através da escuta, desencadeia elos que prendem os sujeitos aos retratos sociais de um tempo passado que, como fios de urdiduras das memórias, percorrem veredas imaginárias transcendendo as gerações. Portanto, se podemos dizer que o primeiro aspecto das teias mnemônicas é o elo com o passado e sua evocação, o segundo concerne ao seu poder de transcender gerações. Como práticas sociais transmitidas nas relações familiares e afetivas dos sujeitos, o conjunto de ações que reforçam seus elos ao pretérito são transmitidas na medida em que são vivenciadas.

Consequentemente são apreendidas por meio dos olhares sensíveis dos filhos no acompanhamento dos seus pais nos rituais; dos ouvidos que captaram os sons marcantes da tradição e dos passos que seguiam os ensinamentos vividos.³⁷² Dessa maneira, como atitudes que permeiam a vida social, por necessidade cotidiana e vivência simbólica, elas são transmitidas às diferentes gerações de uma mesma comunidade permanecendo, evidentemente, enquanto forem necessárias e significativas. Mesmo considerando a Escola fechada por um trabalho espiritual, Firmino após o carnaval de 1995, tenta reativar a escola:

³⁷² Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

No ano de 2000, eu fiz outra batucada, fazia o ensaio aqui na frente do depósito, fiz uma batucada com 70 batuqueiros, lotou esses instrumentos aqui atrás, só que quando foi se aproximando do carnaval, esses meninos começaram a perguntar: “Seu Firmino quanto a gente vai ganhar? Quanto o senhor vai pagar a gente?” Ai eu tive que fazer uma reunião e dizer a eles que não iam ganhar nada, porque eu não ganhava também, que aquilo era apenas uma brincadeira de apresentação, uma tradição para o povo, ai foi saindo um por um, e faltando duas semanas para o carnaval, eu estava sozinho dinovo. Carnaval agora só quando fizer as obrigações, porque a escola ainda está sob feitiço.³⁷³

Outras narrativas sobre o fim da Escola de Samba permeiam as vozes dos carnavalescos que a representam de outra forma, a exemplo, do depoimento do carnavalesco Maguila:

A gente se afasta da Escola no momento em que a escola ganha uma certa visibilidade, e ai os interesses da própria comunidade e setores da política e de setores que tinham interesse no carnaval começaram a influenciar a diretoria e as relações dentro da diretoria para a elaboração do carnaval foram ficando complicadas, porque envolviam questões financeiras, envolviam sonhos muito altos que foram saindo das perspectivas que a gente tinha de criar uma carnaval dentro das possibilidades da comunidade que a gente já vivenciava ali.³⁷⁴

A reflexão que o narrador teceu ao caracterizar o término das escolas de Samba foi estabelecida a partir da inserção de grupos políticos que passaram a frequentar os espaços destinados aos membros da Escola de Samba que modificou, consideravelmente, o cotidiano dos seus sócios. Nesse sentido, o carnavalesco estabelece a contradição entre os interesses das comunidades e os interesses dos grupos políticos sobre a Escola de Samba:

Porque a gente durante o ano inteiro a gente promovia eventos, festas e a gente ia comprando o material para atender as necessidades do desfile da Escola, as fantasias a gente desenhava e os componentes compravam o material, trazia para o barracão e a gente confeccionava.³⁷⁵

³⁷³ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

³⁷⁴ Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

³⁷⁵ Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

Como vimos na narrativa, alguns elementos foram recordados demonstrando o sentimento de pertencimento à escola, a exemplo, das festas para arrecadação de material e a elaboração de fantasias para o desfile. Lembrança emergida de um rascunho de uma fantasia do carnaval de 1995, presente em seu arquivo privado. Também toma como referência o som das máquinas costurando as fantasias, atrelado ao cantarolar dos carnavalescos no barracão. Isso nos faz lembrar o trabalho de construção da memória, reelaborada nesse caso a partir das sensibilidades despertadas no corpo: dos cheiros, sons e imagens vislumbradas na memória.³⁷⁶

Outro fator que impossibilitaria a continuidade dos desfiles na Nova Portela, na avenida, seria a própria desorganização do Carnaval de Rua na década de 1990. Sobre esta questão estrutural, Maguila diz que

O ultimo carnaval que a gente participa é o carnaval de 1995, a gente montou um carnaval muito bonito, teve muitos problemas por conta da própria organização do carnaval de Caicó que não tinha um lugar acertado para a Escola de Samba desfilar e não tinha organização da população, e naquele tempo atraia público, a avenida ficava de um lado a outro lotada de pessoas e era um espetáculo bonito, mas tinha problemas sérios de estruturação, os próprios carros da escola quebravam na avenida e isso atrasava o desfile, teve uma vez que o desfile estava marcado para 9 da noite e começou de 1 da manhã, por conta do carro da escola de samba tinha quebrado.³⁷⁷

A grande quantidade de foliões e o sucesso dos desfiles da Escola de Samba fazem parte das matérias que noticiam o desfile, ao qual Maguila se refere:

O Pronav de Caicó e Iate clube promoveram o melhor e mais animado carnaval de rua de todos os tempos, tendo como tema “Frevo na rua e Paz na Terra.” O grande destaque da folia momesca foi sem dúvida, a escola de Samba “nova Portela” que saiu este ano com 500 componentes e teve como samba enredo. “As maravilhas do Mundo.” Cerca de dois mil foliões compareceram todos os dias na Avenida Coronel Martiniano, onde ocorreu o desfile oficial. Também foi transformado no QG da folia, o hotel Villa do Príncipe, cujos apartamentos de frente foram transformados em verdadeiros, destacando os mais animados, o do presidente o Iate clube, Josias Medeiros. Foi uma inovação que deu certo no carnaval Caicoense, graças do Pronav local.³⁷⁸

³⁷⁶ POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

³⁷⁷ Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

³⁷⁸ Notícia divulgada no Jornal Diário de Natal. Natal em 19 de fevereiro de 1991 intitulada “Animação no carnaval”.

Mesmo considerando a falta de estrutura das escolas de samba e do Carnaval de Rua de Caicó na década de 1990, o carnavalesco exalta a grandiosidade dos desfiles e enfatiza a participação da comunidade assistindo ao desfile:

As ruas não ofereciam condições de um carro com o peso, com pessoas em cima de desfilar. Mas foi um evento que teve uma proporção muito boa, de você ver 10 mil pessoas na rua esperando a Escola de Samba passar, esperar mesmo ela estando atrasada ela entrar uma hora da noite e a gente formou uma certa cultura disso a gente tinha uma equipe de barracão com artesões coordenados por um carnavalesco que definia o tema que desenhava todas as fantasias, todos os carros, estes artesões usavam papelão, a garrafa pet, jornal a gente usava muito papel machê para construir as figuras e a escola de samba era isso mesmo, a gente costumava dizer que pegava o lixo e transformava em luxo.³⁷⁹

Neste momento da narrativa, Maguila volta a relatar sobre a questão política, enfatizando a participação de grupos políticos locais, na organização dos desfiles da Escola:

Talvez seu Firmino não tivesse percebido tanto o quanto a dimensão do carnaval da Escola de Samba dele estava crescendo, ele não percebia. Ele tinha conflitos porque os lados opostos da política queria tomar conta da escola apareciam com dinheiro, queriam determinar as coisas dentro da escola, queriam determinar a cor das fantasias, porque no ano político era favorável que as fantasias tivessem a cor verde ou a cor vermelha ou da cor azul, para favorecer partido A, partido B. E isso foi criando um constrangimento entre a gente da equipe que elaborava o carnaval independente desse pensamento, a gente construía uma estética a partir do tema e também a presença desses próprios setores dentro das reuniões aparecendo e querendo marcar presença isso foi chateando muita gente.³⁸⁰

Após esta intervenção de setores políticos na organização da Escola de Samba, os membros da diretoria e os demais sócios, segundo a narrativa produzida por Maguila, afastaram-se da Escola inviabilizando, desta forma, os seus desfiles. Algumas tentativas

³⁷⁹ Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

³⁸⁰ Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

de reativar a Escola no carnaval de Caicó foram realizadas por alguns membros, como afirma o carnavalesco:

E a gente sempre teve uma enorme vontade de fazer ela voltar, depois que tinha parado a gente tentou varias vezes nos reunirmos para reorganizar a escola, mais a gente não tem conseguido um número suficiente de sócios. A escola ela é toda documentada graças a Manoel Dias que foi um advogado que passou a ser membro do conselho da Escola de Samba e ele regulamentou toda a nossa Escola, a escola era reconhecida de utilidade pública na cidade, já era encaminhada para ser reconhecida de utilidade pública a nível estadual, mais ai ele veio a falecer e esse processo ai parou, ele conseguiu deixar a escola toda regulamentada. A gente uma saudade em seu Firmino, pela ausência desse carnaval e ele era uma grande mestre mesmo, porque ele tinha a habilidade de conquistar artistas, de conquistar músicos de trazer o povo para dentro da escola o que estragou foram essas pessoas que vieram e não entenderam o processo da escola não atenderam a esse acolhimento que ele fazia.

Esta impossibilidade do retorno ao carnaval de Caicó é marcado para o carnavalesco devido às transformações ocorridas no carnaval de Caicó, a partir do aparecimento do Bloco do Magão:

Nesta mesma época surge o crescimento do Bloco Ala Ursa do Poço de Sant'Ana, que é o Bloco do Magão, e o Bloco do Magão com a ausência do desfile das Escolas de Samba esse bloco cresce a dinâmica do bloco é bem mais rápida do que as Escolas de Samba porque o bloco são os bonecos é a orquestra de música, não se tem a preocupação de se trabalhar o ano inteiro. Magão trabalha o ano inteiro também, só que é mais fácil do que a Escola. Construir um bloco envolve menos recurso, a Escola de Samba a demanda é muito maior financeiramente. O Bloco do Magão cresce e fica difícil dentro dessa dinâmica se manter fazendo carnaval na cidade. O carnaval de rua de Caicó passa a ter de voltar a Escola de Samba, porque ta todo mundo querendo fazer seu bloco para ir para o meio da rua, todo mundo querendo ir para o bloco do Magão, e ninguém quer perder tempo com desfile de Escola de Samba que você tem que passar a tarde se maquiando, se produzindo, vestir fantasia, esperar três a quatro horas numa concentração. Perdeu-se a dinâmica da escola de Samba.³⁸¹

Mediante a perda da tradição das Escolas de Samba na cidade de Caicó, Maguila traça algumas possibilidades para o retorno da Nova Portela para a avenida:

³⁸¹ Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

Para existir esse carnaval novamente precisaria determinar um lugar específico para o desfile dessa escola de samba que não fosse, nesse foco aqui do carnaval e meio que esse desfile fosse pensado de forma organizacional por uma instituição que envolvesse representantes das escolas de samba eu acho que é a única forma. O poder público deveria pensar em recursos, em política pública para esse carnaval, pensar em ir atrás do ministério da cultura, dos recursos da lei de incentivo a cultura, para conseguir dinheiro. E aí começar a trabalhar com crianças, para ir construindo uma cultura novamente, eu acho que não é fácil retomar esse carnaval.³⁸²

O silêncio da mídia e da comunidade para com o carnaval de Caicó explica-se na fala de alguns carnavalescos devido à nova configuração dos festejos na cidade. Decerto, o esquecer está inerente à tradição oral, na mesma proporção que a improvisação do que é narrado, no exato momento em que o narrador é indagado ou, espontaneamente, despertado a narrar. No entanto, não estamos aludindo-o no tocante aos detalhes no enredo do narrador ou mesmo o inextrincável esquecimento em virtude da idade já avançada. Aqui, projetamos a reflexão para a profundidade elucidada pelo perigo de um esquecimento de uma tradição, entendida como parte vital da vida dos seus carnavalescos, como vislumbrados do viver o modo de ser-no-mundo. Num primeiro momento, já principiamos o entendimento da perda do simbólico como fator provedor da des-ritualização do carnaval das Escolas de Samba e, assim, consequentemente, também do esquecer. Resta-nos agora compreender um segundo fator emergido nas narrativas: o uso diário da tradição, ou seja, seu valor pragmático, sua praticidade na vida social. Como afirmou Mestre Firmino, em setembro de 2008,

O povo tão esquecendo mais. Aqui, qualquer fim de semana era uma festa, tinha um batuque, os meninos eram tudo doido por um instrumento. Agora ninguém vê falar mais não. Tirou as Escolas da Avenida, o povo perdeu o gosto, perdeu-se a tradição.

Nesse contexto, como não mais existe a grandeza do valor no espaço, sobre ele aos poucos foram deixando de ocorrer os tradicionais desfiles processados desde o término das Escolas de Samba.³⁸³

Assim, no antigo espaço carnavalesco, o desuso da tradição, no âmago das redes de relações estabelecidas entre os foliões, renegara-se as práticas sociais antes presentes.

³⁸² Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.

³⁸³ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

Em outras palavras, a ausência das manifestações do corpo e da voz em rituais coletivos, e também individuais, que possuíam valores significativos e que eram utilizadas no cotidiano social com frequência, passou a corresponder a ameaça para a continuidade da experiência social. Desse modo, recaímos novamente no des-fecho do silêncio. Seguindo esse raciocínio, o silêncio é provocador do esquecimento. Na tradição oral estudada, percebemos que, como já não há uma força que fazia rememorar, possibilitando a manutenção dos rituais e usos sociais da memória à maneira herdada, força esta representada pelas teias mnemônicas, a tradição tornou-se maleável ao esquecimento, pois, deixara de ser praticada cotidianamente e, assim, firmada a cada momento. O passado foi ganhando cada vez mais distanciamento do convívio presente dos carnavalescos das Escolas de Samba.

**Apoteose?
ou
Considerações Finais?**

A imagem da cidade de Caicó que se compõem a partir das discursividades que emergem na década de 1990 e do entrecruzamento entre elas é um enorme painel de colagens justapostas. Frente à memória que se torna provisória e indefinida, o movimento das narrativas produzidas na cidade caminha do sentido de diluir a heterogeneidade das práticas carnavalescas e estabelecer um cenário harmônico e ausente de conflitos. Podemos dizer que estes discursos pretendem construir pontos de apoio nos quais a memória possa se fundamentar. Para além disso a memória é tomada como instrumento que permite restabelecer a identidade carnavalesca da cidade de Caicó nesse momento em que outros grupos reivindicam para si um lugar na festa.

Apesar de pretenderem descrever o “novo” bloco de rua que passa a colorir as ruas no Reinado de Momo, estes discursos não rompem com a tradição e com a idéia de uma história linear. A multiplicidade se põe, mas apenas para apresentar as “evoluções do carnaval de rua”. Assim, a diversificação do carnaval de rua é em algumas vezes exaustivamente descrita, mas, após a descrição, é colocada no espaço que lhe cabe: o passado. Esse novo quadro é, na verdade, visto como continuidade e evolução dos velhos carnavais de rua, então, travestido de Bloco do Magão. Nesse sentido, o bloco no presente não é definido apenas como ruptura com o passado, mas como continuidade, como ponto de culminância de algo preestabelecido outrora. Por isso, o Bloco do Magão como promessa cumprida e potencial desabrochado, é diluído em diferentes fatores, ou seja, no elogio aos novos investimentos na cidade, na reformulação dos antigos, na glorificação do povo e do carnaval caicoense.

O novo bloco delineado por estes discursos deslumbra um trabalho de enquadramento da memória, e através das memórias por eles compostas, é fixado no cotidiano da cidade e das pessoas como algo imanente a terra e ao povo caicoense. Nesse caso, a memória carnavalesca, constituída pelos discursos, vê-se mergulhada em uma tradição coletiva que se dobrando desde os tempos em que Caicó tinha o seu carnaval marcado por festejos em clubes é sempre reinvestida de significados inéditos. Estabelecendo uma linha de continuidade do passado ao presente.

Falando em presente, ele perpassou todo este escrito, não só nos depoimentos orais, que como já foi dito a rememoração parti de experiências do presente, bem como nas demais fontes, a exemplo, dos blogs que reformulam as suas matérias constantemente, como também, a própria proximidade temporal deste estudo que se situa entre 1980 a 2009, ficando a esta historiadora a difícil tarefa de por um fim a esta história que se encontra em movimento.

Assumindo o inacabado na história, gostaríamos de chamar para nossa discussão Françoise Bédarida que segundo este autor, não é um problema fazer uma história que não se justifique por ter um fim, mas que a grande validade deste tipo de narrativa historiográfica é justamente o fato de não o ter, de ser escrita nas bordas dos eventos em discussão:

Sabemos que a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada, uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós, e sendo portanto objeto de uma renovação sem fim. Aliás, a história por si mesma não pode terminar. Eis porque devemos afirmar em alto e bom som – ao contrario daquela teoria tão em voga que pretende nos convencer de que chegamos a uma era de estabilidade e a um estagio de completa realização- que a história não tem um fim, salvo se ouiver uma catastrofe cósmica.³⁸⁴

Caicó, neste ano, 2010, adquire outro título: a de cidade com o terceiro maior carnaval do Brasil, anunciada desta forma por todos os veículos de comunicação do Rio Grande do Norte. Como a cidade ganhou um novo título construído a partir da urdidura diária de inúmeros discursos sobre Caicó e o seu carnaval, a imagem de Magão também foi reformulada pela mídia, se nos anos anteriores a imagem que simbolizava o seu bloco

³⁸⁴ BEDARIDA, Françoise. *Tempo presente e presente na história*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. (orgs) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.229.

era um desenho onde aparecia o carnavalesco dirigindo um trator, em 2010, Magão assume a sua forma humana através de uma foto do mesmo, montado em uma burrinha do carnaval, anunciando em seus galopes o carnaval que se aproxima. Imagem esta que se torna um poderoso efeito de real e de verdade que, como vimos mostrando, impregna praticamente todos os setores da sociedade local, articulando boa parte dos discursos que circulam na cidade e que a tomam como objeto de discurso. Desde o discurso midiático passando pelas instituições que o re-produzem no discurso historiográfico que se pretende mais crítico e cético em relação a estas construções e invenções discursivas. E isto se exacerba e se explicita de forma sensível na imagem vinculada na mídia para a publicização do carnaval de Caicó.



Efeito de real e de verdade que ganha densidade e materialidade ao ser apropriado por políticos, intelectuais, governantes, jornalistas, instituições etc. em prol da efetivação dos seus interesses e desejos. Efeito de real e de verdade que carrega sua positividade, à medida que, produz e é produzido por discursos que inventa(ria)m a cidade, que possibilitam deslocamentos de lugares sociais, que abrem espaços de movimentação política, que ajudam a mover estratégias, que conectam, desconectam e re-conectam fios às redes de poder que se estendem entre e articulam a sociedade local. Efeito de real e de verdade que diz Caicó (como) Carnavalesca e que a colocam como o principal objeto dos discursos de praticamente todos os segmentos da sociedade local, que agencia práticas e mais práticas na tecelagem e na remodelação desta imagem da cidade, que acolhe em seus lugares de enunciação determinados sujeitos e excluem outros, que inclui determinadas práticas e excluem outras. Efeito de real e de verdade que se constitui numa máquina de captura que tenta, constantemente, (in)formar a cidade e sua sociedade.

Nessa nova imagem produzida sobre o carnaval de Caicó e sobre Magão emerge outro bloco carnavalesco o “Treme Treme”; bloco este que se apresenta em trio elétrico dentro do Complexo Turístico Ilha de Sant’Ana que foi construído no ano de 2008 para abrigar em sua estrutura os eventos da cidade. Existiria desta forma um outro bloco que é

visibilizado na cidade pela diferença ao Bloco do Magão; no site “O minuto” publica-se uma matéria sobre o carnaval de 2010 onde marca essa diferenciação:

Nas ruas da cidade a festa é comandada pelos blocos Ala Ursa do Poço de Santana e o Treme-treme, com estilos variados. Enquanto o Ala Ursa, criado pelo artista plástico Ronaldo Batista de Sales (o Magão), enfoca mais o resgate dos antigos carnavais com prioridade para o frevo e as marchinhas, o Treme-treme em seu segundo ano nasceu da idéia de oferecer mais uma opção de participação popular, e seus organizadores apostaram na participação de dois trio-elétricos com DJs e bandas da cidade animando os foliões com músicas de axé. E partindo do princípio de que no carnaval de Caicó tem espaço para todos, as troças do Caldo e do Ferreirinha também fazem suas festas. "A grande marca do Carnaval de Caicó é a espontaneidade. É um carnaval de rua e do povo. Quem gosta de cultura se sente em casa", destacou José Rangel, da Troça do Caldo. Já para Clóvis Pereira o clima de harmonia entre as troças é o diferencial. "Não sei se todo mundo que faz carnaval tem planejamento, mas as Troças têm!" Com isso conseguimos ser auto-sustentáveis afirma o carnavalesco Pituleira.³⁸⁵

Alem do bloco “Treme Treme”, no carnaval de 2010, emergem outras troças de rua que se autodenominam como auto-sustentáveis e populares e que começam a atrair uma série de foliões nas ruas de Caicó. Movimento que nos permite vislumbrar que o evento de carnaval em Caicó cresce e a cidade não acompanha esse crescimento, desta forma, a prefeitura que pretendia harmonizar a festa, figurando-a apenas a imagem de Magão e seu Bloco, construindo, assim, uma espécie de fronteira intransponível, a partir de 2010, começa a investir na diversidade do carnaval, fazendo com que as pessoas transitem em outros espaços e conheçam outras possibilidades de festejos.

Em meio a esta recente diversidade do carnaval de rua publicizada pela Prefeitura Municipal de Caicó, a Vila do Príncipe sai na avenida mais uma vez; seu samba-enredo tematiza o espaço turístico da Ilha de Sant’Ana, ainda numa tentativa de trazer os olhares da prefeitura para a Escola de Samba:

Em meio a toda euforia, dessa festa tão profana
Exaltamos com alegria, nossa ilha de Sant’Ana
É palco de grandes festas, para a nossa juventude
Tem as sessões de ginásticas, que propiciam saúde
Ginásio poliesportivo, pistas para as caminhadas
Teatro e parque infantil, pra festa da criançada

³⁸⁵ Notícia divulgada no blog <http://www.nominuto.com> acessado em 09 de Fevereiro de 2008.

Em meio a toda euforia, desta festa tão profana
Exaltamos com alegria, nossa Ilha de Sant'Ana
Esse monumento essa escultura, sobre o rio Seridó
É atração maior pras pessoas, que visitam Caicó
Esse cenário de beleza que a nossa cidade engalana
É um complexo turístico, nossa ilha de Sant'Ana.³⁸⁶

No entanto, o comportamento dos foliões ainda foi agressivo, pois os mesmos, segundo os relatos dos carnavalescos, invadiram novamente a Escola, o que nos faz retomar as falas de Maguila sobre a importância de uma “*cultura de samba na cidade*”. A Nova Portela não realiza carnaval no ano de 2010 e, segundo Firmino: “*A Escola ainda não está pronta, ainda está fechada*”, o carnavalesco, ao terminar essa afirmação, aponta para os instrumentos e pede para que eu olhe para os instrumentos empilhados em seu depósito e encerra a entrevista com uma colocação que julgo pertinente para encerrar o texto:

Estou aqui eu e meus instrumentos, eles não enferrujaram todo esse tempo, o samba também não enferrujou. Assim acontece com a tradição, ela pode até ficar parada um tempo, as tradições vão e vem, um dia a tradição das escolas vão voltar e estes instrumentos vão sair daqui, vão tomar as ruas.³⁸⁷



³⁸⁶ Samba enredo do carnaval de 2010 da Escola de Samba Unidos da Vila do Príncipe: Ilha de Sant'Ana, é festa, esporte e saúde de autoria Miguel Dias.

³⁸⁷ Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.

I-Arquivos:

a)Arquivo público do estado do Rio Grande do Norte

Periódicos

- Diário de Natal: 1975 a 2010 (Jan. a Março).
- Tribuna do Norte: 1975 a 2010 (Jan. a Março).
- Tribuna do Seridó:1975 a 2010 (Jan. a Março).

b)Arquivo da Prefeitura Municipal de Caicó

- Prefeitura Municipal de Caicó, Lei N° 3.702.10 de Outubro de 1997.
- Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte. Natal, 6 de maio de 2009.
- Governo do Rio Grande do Norte. Plano de desenvolvimento Sustentável do Seridó. Volume 2, Caicó RN, 30 de setembro de 2000. p.12.

c)Arquivo privado de Ronaldo Batista Sales (Magão).

Periódicos

- Folha de Caicó: 1975 a 2010 (Jan. a Março).
- Jornal do Seridó: 1975 a 2010 (Jan. a Março).

Atas e Estatuto.

- Ata de reunião para a diretoria e sócios efetivos, realizada em 06 de agosto de 2002.
- Estatuto Social da Ala Ursa do Poço de Sant'Ana, Caicó-RN, 2001.

Revistas.

- Revista carnavalesca *Diga X*. Ano I. Caicó-RN, 2007.
- Revista *Alegria também é arte... Ala-Ursa do Poço de Sant'Ana*. Digitek Acessórios. Edição nº01, Caicó-RN, 2003.

d)Arquivo Privado de Firmino Paulo da Silva.

- Livro de notas da Escola de Samba Nova Portela.
- Ofício dirigido ao Capitão José Humberto de Lima, redigido por sócios da Nova Portela em 07 de fevereiro de 1989.
- Ofício dirigida a Prefeitura Municipal de Caicó, redigido por sócios da Nova Portela em 01 de fevereiro de 1990.
- Estatuto da Escola de Samba Nova Portela. 1980.

e) Depoimentos

- Narrativa de Mestre Firmino. Aposentado e Carnavalesco. 65 anos. Entrevista cedida em 02 de março de 2007.
- Narrativa de Maguila. Funcionário Público e Carnavalesco. 49 anos. Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2009.
- Narrativa de Inaldo Silva. 52 anos. Diretor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009
- Narrativa de Rivaldo Dias. 60 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.
- Narrativa de Zé do Óleo. Taxista. 62 anos. Entrevista realizada em 10 de Outubro de 2009.
- Narrativa de Miguel Dias. 49 anos. Músico e compositor da Unidos da Vila do Príncipe. Entrevista realizada em 07 de Junho de 2009.
- Narrativa de Silvino Guerra Filho. Músico. 50 anos. Entrevista cedida a autora em 10 de fevereiro de 2009.

- Narrativa de Djalma Alves da Mota. Músico e radialista. 42 anos. Entrevista cedida em 13 de junho de 2007.
- Narrativa de Ronaldo Batista Sales (Magão). Artesão e carnavalesco. 42 anos. Entrevista cedida em 07 de janeiro de 2008.

f) Depoimentos outros:

- Narrativa de Jonas Linhares presente no site: <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/diversao/escola-de-samba-de-volta-ao-carnaval-de-caico/>
- Entrevista cedida por Ronaldo Batista Sales ao Programa Rural na Folia, 24-02-2010.
- Entrevista cedida pelo carnavalesco Ronaldo Batista Sales ao RN TV, em 24 de março de 2002.

e) Músicas:

- Samba Enredo da Escola Nova Portela intitulado: *Caicó, ontem e hoje*, de autoria dos carnavalescos: Bosco, Ronaldo e Tony, 1977.
- Samba Enredo: *Conegundes, sinônimo de samba e alegria* da Escola Unidos da Vila do Príncipe, carnaval 2008, de autoria de Miguel Dias.
- Samba Enredo: *Samba é cultura e rádio é comunicação*, carnaval de 2009, de autoria de Miguel Dias.
- Samba Enredo: *Ilha de Sant'Ana, é festa, esporte e saúde*, carnaval de 2010, de autoria de Miguel Dias.
- Samba Enredo: *Lendas de Caicó*, carnaval de 1980, de autoria de Miguel Dias.

f) Monografias e dissertações:

- GOLOVATY, Ricardo Vidal. *Cultura Popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945-2002* Dissertação (mestrado em História), Uberlândia/MG: UFU, 2005.
- LEITE, Elizabeth Maria. *Reinado da Alegria: O carnaval caicoense no período de 1990 a 2000*. Caicó. Monografia. Graduação em História. UFRN, 2000. p.03.

- RUBIÃO, Fernanda Pires. Os negros do Rosário: memórias, identidades e tradições no congado de Oliveira (1950-2009). Niterói, Dissertação (Mestrado em História). UFF, 2010.
- SALES, R. B. de. *Folia Momesca: o Ala Ursa no carnaval de Caicó*. Caicó: 2000 mimeo (Licenciatura em Geografia), Departamento de Estudos Sociais e Educacionais da UFRN.
- SANTOS, Nilton Silva dos. *A gente faz para ser destruído!* : carnavalesco, individualidade e mediação cultural. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Antropologia). UFRJ, 2006.
- SILVA, A. V. *Diversão e Resistência: o caso da sede dos Morenos em Caicó*. Caicó: 2000, mimeo (Bacharelado em História) Departamento de História e Geografia, UFRN.

g) Sites:

<http://www.carnavalemcaico.com.br>

<http://www.robsonpiresxerife.com/blog/diversao/escola-de-samba-de-volta-ao-carnaval-de-caico/>

<http://correiodoserido.blogspot.com/2009/02/escola-de-samba-unidos-do-vila-do.html>

<http://tvserido.com>

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1998. ARRIGUCCI

AUGRAS, Monique. *História oral e subjetividade*, In SIMSON, Olga Rodrigues Von(org.). Os desafios contemporâneos da história oral. Campinas, Área de publicações .CMU-UNICAMP(1997).

ALBERTI, Verena. *Tradição oral e usos da memória: o caso do tribunal de Waitanqi*, Nova Zelândia. In: Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 26, n. 14, p. 19-37, 2007.

_____. *Histórias dentro da história*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes históricas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-202.

_____. *Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras*. In: Revista História Oral, v. 8, n. 1, p. 11-28, 2005.

_____. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru: EDUSC, 2007.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Massagana; São Paulo: Cortez, 1999.

ANTIÉRRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, nº21, p.11.1998

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. Tradução Luiz Alberto Monjardim et al. 8ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ARAÚJO, E. B. de. *Caicó ontem, como li*. Brasília: [s.n.], p.22-26, 1999.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barboza de. *Carnaval do Recife: a alegria guerreira*. Estudos Avançados, São Paulo, vol.11, nº29, pp.203-216, 1997

ARAÚJO, Lidiane ou Maria Augusta (org). *O bloco do lixo* In: Rastos Caicoenses. Caicó: Coleção Mossoroense, 1982.

ARAÚJO, Lidiane ou Maria Augusta (org). *Prefacio* In: Rastos Caicoenses. Caicó: Coleção Mossoroense, 1982

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília, São Paulo: HUCITEC, 1993

BEDARIDA, François. *Tempo presente e presente na história*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 10ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. *A imagem de Proust*, In: Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense. 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomáz. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A identidade e a representação*. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região”, In: O Poder Simbólico. Rio de Janeiro-Lisboa, Bertrand-Brasil- Difel, p.113(1989).

_____. *A ilusão biográfica*, in FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina(org), Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p.184.1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução Alda Porto. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *Bricolagem das tradições*. Folha de São Paulo. São Paulo, 18 de março de 2001, p.11.

_____. *O que é história cultural?* Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

KHUORY, Yara. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 116-138.

CALLIGARIS, Contardo. *Verdades biográficas e diários íntimos*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.11, p.43-58, 1998.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Funarte-UFRJ, 1994.

_____. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 13ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. 2ª. ed. Campinas: Papirus, 1995.

Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine. *Caicó*. Fundação José Augusto, Natal-RN. 1999. p.59.

CUNHA, Arizela. *Quem me dera ser poeta ou...como se constrói cultura*. In: ARAÚJO, L. Rastros Caicoenses. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado da ESAM, 1987. pp.14-15.

_____. *Caicó Esporte Clube, a sede dos morenos*. In: ARAÚJO, L. Rastros Caicoenses. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado da ESAM, 1987. p.113.

Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre, EDUFRGS, 2002. P.61-79.

_____. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FVG, vol.08,nº16,1995,p.184

CRUIKSHANK, Julie. *Tradição oral e história oral: revendo algumas questões*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da história oral. Tradução Luiz Alberto Monjardim. 8ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 149-164.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zará, 1989.

DINIZ, Pedro. *Os bailes do Caicó Antigo*. In: ARAÚJO, L. Rastros Caicoenses. Mossoró: Gráfica Tércio Rosado da ESAM, 1987.

FERREIRA, Maria Tereza de Araújo. *CAICÓ, fatos que a memória gravou*. Prefeitura Municipal de Caicó, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Uma estética da existência*, In: Ditos e Escritos IV, Paris, Gallimard, p.733.

_____. *A escrita de si*, In: O que é um autor? Portugal, Veja, p.150.

_____. *Outros espaços* In: Ditos e Escritos III, 2 ed. Forense Universitária, 2006

_____. *Microfísica do Poder*. 2.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1979. p.212.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p.07.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola. 1996.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo, SESC, Annablume, p.70.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Verdade e memória do passado*. Projeto História. São Paulo, nº17 p.214-215.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Prefácio - Walter Benjamin ou a história aberta*, In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, p.10. 1994.

Guatarri e Suely Rolnik, *Micropolítica : a cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GOLDWASSER, Maria Júlia. *O Palácio do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975;

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Tradução Celina C. Cavalcante. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, nº24, p.69.1996.

JÚNIOR, Davi. *Móvil da memória*, In: Enigma e Escritos: Graciliano Ramos e Silvino Santiago. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. *História dos conceitos e história social*. In: Futuro e Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, Contraponto; PUC-Rio, 2006. p.97-118.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978;

LIMA, Elizabeth Cristina de Andrade. *A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*. Campina Grande, EDUEFCG, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe. B. (Org.). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

MENESES, Upiano. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, nº 21, p.96-97.1998

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.324.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência*. Caicó: Edição do Autor, 2005. p.328.

_____. *Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1999. p.259.

MONTENEGRO, Antônio Torres. et al (Org.). *História: cultura e sentimento; outras histórias do Brasil*. Recife: UFPE; Cuiabá: UFMT, 2008.

_____. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.

NEVES, Frederico de Castro. *As mil e uma voltas do Seu Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar*. In: Revista Trajetos: Dossiê História, memória e oralidade. Vol.2, nº03, Fortaleza: UFC, 2002, p.55

NORA, Pierre. *Entre memórias e histórias : a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, nº 10, p.18.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado: imagens do tempo em Deleuze*. São Paulo, Perspectiva; FAPESP, 1998

PEREIRA, Leonardo. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal*. Natal, RN: EDUFRN- Editora da UFRN, 2005.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

_____. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *O momento da minha vida: funções do tempo na história oral*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. Muitas memórias, outras histórias. Tradução Helen Hughes e Yara Aun Khoury. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 296-313.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. In Projeto História nº14. São Paulo: PUC-SP, 1997. P.26.

_____. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In: Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997. 223

_____. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro- o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade. Luce Fabri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, P.299.2001

RIBEIRO, Renato Janiene. *Memórias de si ,ou....* Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, nº21, p.35.1998

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. p. 176.

THONSOM, Alistair. *Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História oral*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Casa de O. Cruz; CEPDOC; FGV, 2000, p. 47-65.

_____. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: Projeto História, São Paulo, n.15, p. 51-84, 1997.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*, e Foucault revoluciona a história. 4ª. ed. Brasília: UnB, 1998.

VOLDMAN, Daniele. *Definições e usos*, in AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, p.38.1996